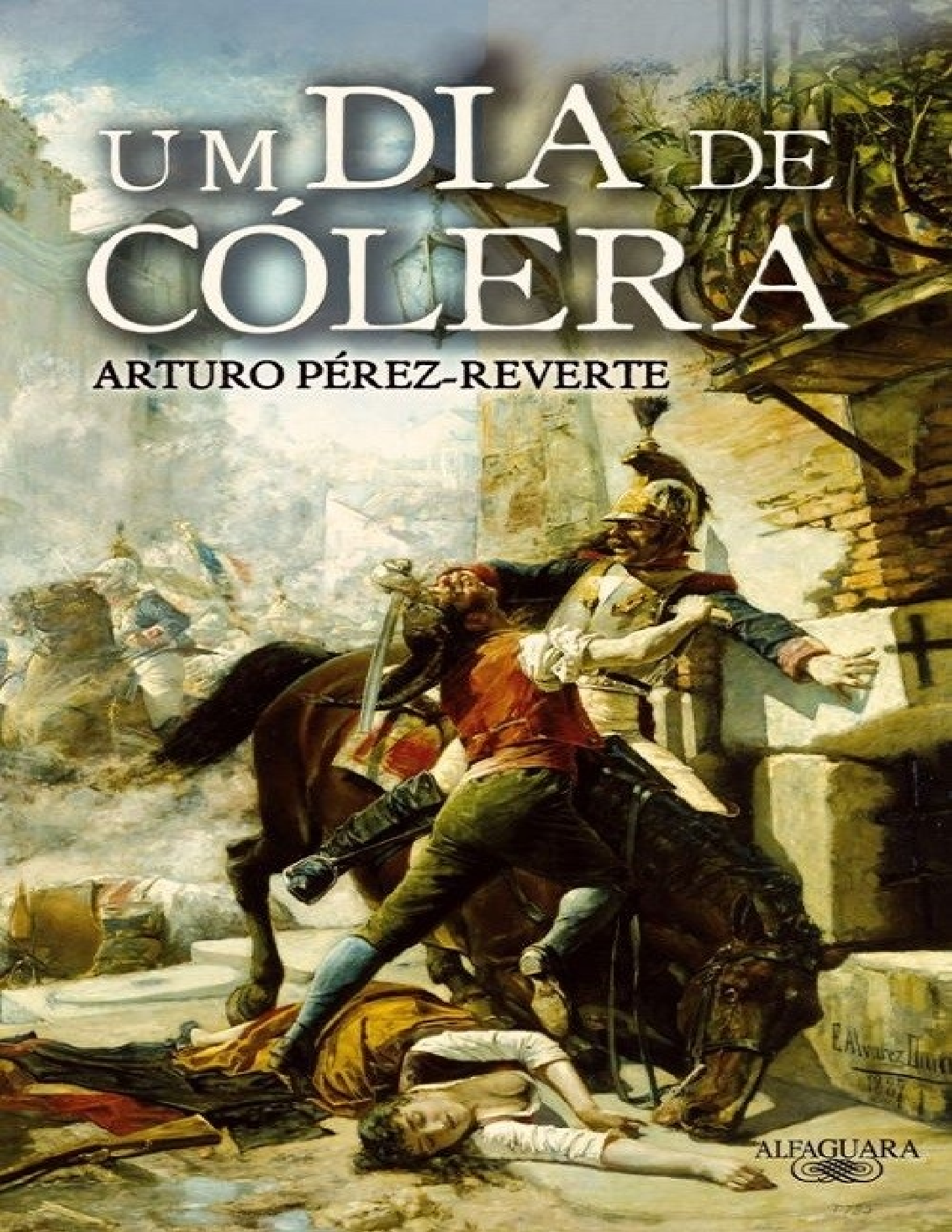
UM DIA DE CÓLERA

ARTURO PÉREZ-REVERTE



ALFAGUARA

UM DIA DE CÓLERA

ARTURO PÉREZ-REVERTE

ASA LITERATURA

Digitalização e Revisão: Agostinho Costa

Traduzido do Espanhol por Helena Pitta

Título Original: “UN DÍA DE CÓLERA”

2007, Arturo Perez-Reverte

Composto por GSamagaio, Porto
Impresso e acabado por EIGAL
1ª edição: Novembro de 2008
Edições ASA, S.A.
Uma chancela do Grupo Leya
E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Este relato não é ficção nem livro de História. Também não tem um protagonista concreto, pois foram inúmeros os homens e mulheres envolvidos nos acontecimentos do 2 de Maio de 1808 em Madrid. Heróis e cobardes, vítimas e verdugos, a História reteve os nomes de boa parte deles: as relações de mortos e feridos, os relatórios militares, as memórias escritas por actores principais ou secundários da tragédia fornecem dados rigorosos ao historiador e estabelecem limites à imaginação do romancista. Todas as pessoas e locais que aqui aparecem são autênticos, bem como os acontecimentos narrados e muitas das palavras que se pronunciam. O autor limita-se a reunir, numa história colectiva, meio milhar de pequenas e obscuras histórias particulares registadas em arquivos e livros. A imaginação, por isso, limita-se à humilde argamassa narrativa que une as peças. Com as liberdades que a palavra romance justifica, estas páginas pretendem devolver a vida àqueles que, durante duzentos anos, foram apenas personagens anónimas em gravuras e telas contemporâneas, ou concisa relação de vítimas nos documentos oficiais.

Desdenharam os seus interesses ocupando-se apenas da injúria recebida. Indignaram-se com a afronta e sublevaram-se perante a nossa força, recorrendo às armas. Os Espanhóis em massa comportaram-se como um homem de honra.
Napoleão Bonaparte, citado por Les Cases Memorial de Santa Helena

Tenho por inimigo uma nação de doze milhões de almas, indescritivelmente enfurecidas. Tudo o que aqui se fez a 2 de Maio foi odioso. Não, Sire. Estais enganado.
A Vossa glória afundar-se-á em Espanha.
Carta de José Bonaparte ao seu irmão, o imperador

Os que deram a cara não foram na verdade os doutos. Esses deixaram-se contagiar pelo sarampo napoleónico e, em nome das ideias novas, ter-se-iam deixado rapar como maçaricos e impor o uniforme imperial. Os que salvaram Espanha foram os ignorantes, os que não sabiam ler nem escrever... O único papel decoroso que Espanha desempenhou na política europeia foi representado por esse povo ignorante que um artista tão ignorante e genial como ele, Goya, simbolizou naquele homem ou fera que, com os braços abertos, o peito saído, desafiando com os olhos, ruge diante das balas que o assediam.
Ángel Ganivet Granada La bella

Para Étienne de Montety, gabacho(1).

(1) Gabacho: nome depreciativo pelo qual os Franceses eram conhecidos em Espanha. (N. da T.)

1.

Sete da manhã e oito graus nos termómetros de Madrid, escala Réaumur. O sol está há duas horas acima do horizonte e, na outra extremidade da cidade, recortando torres e campanários, ilumina a fachada de pedra branca do Palácio Real. Choveu à noite e vêem-se ainda charcos na praça, sob as rodas e os cascos dos cavalos de três carruagens de viagem, vazias, que acabam de se colocar diante da puerta del Príncipe. O conde Selvático, com a grã-cruz de Carlos III sobre o casaco cortesão, gentil-homem florentino ao serviço da rainha da Etrúria —viúva, filha dos velhos reis Carlos IV e Maria Luísa—,espreita por momentos, observa as carruagens e entra de novo.

Alguns madrileños desocupados, na sua maior parte mulheres, olham com curiosidade. Não chegam a uma dúzia e todos mantêm silêncio. Uma das sentinelas da porta está apoiada na sua espingarda com a baioneta calada, junto à guarita, indolente. Na realidade, essa baioneta é a sua única arma efectiva; por ordens superiores, a sua cartucheira está vazia. Ao ouvir as badaladas da vizinha igreja de Santa Maria, o soldado observa de esguelha o seu companheiro, que boceja. Resta-lhes uma hora para terminarem a guarda.

Em quase toda a cidade o ambiente é tranquilo. Abrem as lojas madrugadoras, e os vendedores montam nas praças os seus postos de mercadorias. Mas essa aparente normalidade rareia nas proximidades da puerta del Sol: por San Felipe e pela calle de Postas, por Montera, pela igreja do Buen Suceso e diante das montras das livrarias da calle Carretas, ainda fechadas, formam-se pequenos grupos de cidadãos que convergem em direcção à porta do edifício dos Correios. E, à medida que a cidade acorda e se espreguiça, vê-se mais gente debruçada nas janelas e varandas. Circulam rumores de que Murat, grão-duque de Berg e lugar-tenente de Napoleão em Espanha, quer levar hoje para França a rainha da Etrúria e o infante dom Francisco de Paula, para os reunir com os velhos reis e com o seu filho Fernando VII, que já lá estão.

A ausência de notícias do jovem rei é o que mais inquieta. Dois correios de Baiona que eram esperados não chegaram ainda e as pessoas murmuram. Interceptaram-nos, é o rumor. Também se diz que o imperador quer reunir toda a família real para a manipular mais comodamente e que o jovem Fernando, que se opõe a isso, enviou instruções secretas à Junta Governativa, presidida pelo seu tio, o infante dom António. "Não me usurparão a coroa" dizem que afirmou "senão com a vida".

Enquanto as três carruagens vazias aguardam diante do Palácio, na outra

extremidade da calle Mayor, na puerta del Sol, apoiado no gradeamento de ferro da varanda principal dos Correios, o alferes de fragata Manuel Maria Esquivel observa os agrupamentos de pessoas. São, na sua maior parte, habitantes das casas próximas, criados enviados em busca de notícias, vendedores, artesãos e subalternos, não faltando chisperos(1) e manolos(2) característicos do Barquillo, Lavapiés e dos bairros duros do sul. Não escapam ao olhar atento de Esquivel pequenos grupos isolados de três ou quatro homens de aspecto forasteiro que se mantêm silenciosos e à distância.

Aparentam não se conhecer entre si, mas todos têm em comum serem jovens e vigorosos. Contam-se sem dúvida entre os que chegaram no dia anterior, domingo, de Aranjuez e das povoações vizinhas e que, por alguma razão—nenhuma delas pode ser boa, deduz o alferes de fragata—ainda não saíram da cidade. Também se vêem mulheres, pois costumam ser madrugadoras: a maior parte traz a canastra do mercado no braço e mexerica, repetindo os rumores e bisbilhotices que circulam nos últimos dias, agravados pela tensão do dia anterior, quando Murat foi assobiado enquanto fazia uma revista militar no Prado. Os seus batedores incomodavam as pessoas para abrirem caminho e ele teve de fazer o circuito com escolta de cavalaria e quatro canhões, com a populaça cantando-lhe: Por pragmática sanção foi mandado publicar que ao vaso de cagar se chame Napoleão.

(1) Chispero: nome pelo qual eram conhecidos os moradores dos bairros altos de Madrid: Maravillas, San Antón, Barquillo. (N. da T.) (2) Manolo: morador dos bairros baixos de Madrid: Rastro, Lavapiés, Puente e Calle de Toledo. (N. da T.)

Esquivel, ao comando do pelotão de granadeiros da Marinha encarregado da guarnição dos Correios desde o meio-dia do dia anterior, é um oficial prudente. Além disso, a disciplina tradicional da Armada compensa a sua juventude. As ordens são para evitar problemas. Os Franceses estão prontos para o combate e receia-se que estejam só à espera de um pretexto sério para dar um escarmento que apazigúe a cidade. Comentou isso mesmo ontem à noite no corpo da guarda, por volta das onze, o tenente-general dom José de Sexti: um italiano ao serviço de Espanha, homem pouco simpático que preside, pela parte espanhola, à comissão mista para resolver os incidentes—cada vez mais numerosos—entre madrileños e soldados franceses.

— Estão com vontade de lutar, como digo—contava Sexti.—Os imperiais

quase não me deixam passar à frente do quartel do Prado Nuevo, e isto é vestindo uniforme...

Tudo tem um aspecto infame, garanto.

— E não há nenhuma instrução concreta?

— Concreta?... Não seja pacóvio, homem. Ajunta Governativa parece um curral com a raposa lá dentro.

Durante a conversa, os dois militares ouviram um ruído de cavalos e foram até à porta, a tempo de verem um grupo numeroso de militares franceses que se dirigia a galope na direcção do Buen Retiro, sob a chuva, para se reunir com os dois mil homens que aí acampam com várias peças de artilharia. Ao ver aquilo, Sexti saiu a toda a pressa sem se despedir e Esquivel enviou outro mensageiro aos seus superiores pedindo instruções, sem receber resposta. Em resultado disso, colocou os homens em estado de alerta e aumentou

a vigilância durante o resto da noite, que se tornou longa. Passado algum tempo, quando os populares começaram a congregar-se na puerta del Sol, mandou um cabo e quatro soldados pedir às pessoas que se afastassem; mas ninguém obedece e os grupinhos engrossam a cada minuto que passa. Não é possível fazer mais nada, de modo que o alferes de fragata acaba de ordenar ao cabo e aos soldados que se retirem e às sentinelas de guarda que, ao mais pequeno incidente, venham para dentro e fechem as portas. Nem sequer no caso de explodir uma zaragata os granadeiros poderão fazer alguma coisa, num sentido ou noutro. Nem eles, nem ninguém. Por ordem da Junta Governativa e de dom Francisco Javier Negrete, capitão-general de Madrid e de Castela-a-Nova, e para agradar a Murat, foram retiradas as munições às tropas espanholas.

Com dez mil soldados imperiais dentro da cidade, vinte mil estacionados nos arredores e outros vinte mil a apenas um dia de marcha, os três mil e quinhentos soldados da guarnição local estão indefesos perante os Franceses.

" Tal como a generosidade deste povo para com os estrangeiros não tem limites, a sua vingança é terrível quando é traído."

Jean-Baptiste Antoine Marcellin Marbot, filho e irmão de militares, futuro general, barão, par de França e herói das guerras do Império, que esta manhã é um simples capitão de vinte e seis anos destacado para o Estado-Maior do grão-duque de Berg, fecha o livro que tem nas mãos—As Aventuras do Último Abencerage, do visconde de Chateaubriand—e olha para o relógio de bolso pousado na mesa-de-cabeceira. Hoje não entra ao serviço até às dez e meia no Palácio Grimaldi, com os restantes ajudantes militares de Murat, de modo que se levanta sem pressas, acaba o pequeno-almoço que um criado da casa onde se

aloja lhe serviu no quarto e começa a barbear-se ao pé da janela, olhando para a rua deserta. O sol que atravessa os vidros ilumina, espalhado sobre um sofá e uma cadeira, o seu elegante uniforme de oficial ajudante-de-campo do grão-duque: casaca branca, calças carmesim, botas hanoverianas e barretina de pele à hussardo. Apesar da sua juventude, Marbot é veterano de Marengo, Austerlitz, Iena, Eylau e Friedland. Ou seja, tem experiência. É, além disso, um militar ilustrado: lê livros. Isso situa a sua visão dos acontecimentos acima da de muitos companheiros de armas, partidários de resolver tudo a golpes de sabre.

O jovem capitão continua a barbear-se. Uma chusma de aldeões embrutecidos e ignorantes, governada por padres. Foi assim que o imperador qualificou há pouco tempo os Espanhóis, que despreza—com razão—pelo comportamento infame dos seus reis, pela incompetência dos seus ministros e Conselhos, pela falta de cultura e desinteresse do povo pelos assuntos públicos. Ao capitão Marbot, no entanto, quatro meses em Espanha levam-no a concluir—pelo menos é o que afirmará quarenta anos mais tarde, nas suas memórias—que a empresa não é tão fácil como alguns julgam. Os rumores que circulam sobre o projecto do imperador de varrer a estirpe corrupta dos Bourbon, reter toda a família real em Baiona e dar a coroa a um dos seus irmãos, Luciano ou José, ou ao duque de Berg, contribuem para tornar mais opressivo o ambiente. De acordo com os indícios, Napoleão considera o momento actual favorável aos seus planos. Tem a certeza de que os Espanhóis, fartos da Inquisição, dos padres e do mau governo, empurrados por compatriotas ilustrados que têm os olhos postos em França, se atirarão nos seus braços ou nos de uma nova dinastia que abra as portas à razão e ao progresso. Mas, além de conversas mantidas com alguns oficiais e personagens locais favoráveis às ideias francesas—afrancesados chamam-nos aqui e não propriamente para os elogiar—,à medida que as tropas imperiais descem os Pirenéus, penetrando no país com o pretexto de ajudar Espanha contra Inglaterra, em Portugal e na Andaluzia, o que Marcellin Marbot vê nos olhos das pessoas não é esperança de um futuro melhor mas rancor e desconfiança. A simpatia com que ao princípio foram acolhidos os exércitos imperiais transformou-se em receio, sobretudo desde a ocupação da cidadela de Pamplona, das fortalezas de Barcelona e do castelo de Figueras, com manhas consideradas insidiosas até pelos franceses que se dizem imparciais, como o próprio Marbot. Manobras que aos Espanhóis, sem distinção de militares e civis, mesmo aos partidários de uma aliança estreita com o imperador, caíram como um soco no estômago.

"A sua vingança é terrível quando é traído."

As palavras escritas por Chateaubriand dão voltas na cabeça do capitão francês, que continua a barbear-se com o esmero que compete a um elegante oficial do Estado-Maior.

A palavra vingança, conclui sombrio, aplica-se bem àqueles olhos escuros e hostis que sente cravados nele cada vez que sai à rua; às navalhas de dois palmos que espreitam metidas nas faixas, sob as capas que todos usam; aos homens de rosto moreno e de grandes patilhas que falam em voz baixa e cospem para o chão; às mulheres desabridas que insultam sem rebuço aqueles a quem chamam franciús, mossiús e gabachos sem baixar a voz, ou que passeiam descaradas, abanando-se envoltas nas suas mantilhas, diante das bocas dos canhões franceses colocados no Prado. Traição e vingança, repete Marbot para si próprio, incomodado. O pensamento leva-o a distrair-se um instante e, por isso, faz um corte na face direita, no meio do sabão que a cobre. Quando pragueja e sacode a mão, uma gota vermelha desliza pelo fio da navalha de cabo de marfim e cai na toalha branca que está estendida na mesa, diante do espelho.

É o primeiro sangue derramado a 2 de Maio de 1808.

— Lembra-te sempre de que nascemos espanhóis.

O tenente de artilharia Rafael de Arango desce devagar os degraus de casa, que rangem sob as botas bem engraxadas, e detém-se na entrada, pensativo, abotoando a casaca azul anil com vermelhos vivos. As palavras que acaba de lhe dirigir o seu irmão José, intendente honorário do Exército, provocam-lhe particular desassossego.

Ou talvez não sejam as palavras, mas o forte aperto de mão e o abraço com que se despediu dele no corredor da casa familiar, ao saber que se preparava para ir receber as ordens do dia, antes de comparecer no seu posto do parque de Monteleón.

— Bom-dia, meu tenente—cumprimenta-o o porteiro, que varre o umbral.— Como vão as coisas?

— Dir-te-ei quando voltar, Tomás.

— Vêem-se gabachos rua abaixo, junto da padaria. Um piquete dentro da hospedaria, desde a noite de ontem. Mas não deitam a cabeça de fora.

— Não te preocupes com isso. São nossos aliados.

— Se o senhor o diz, meu tenente...

Inquieto, Arango coloca o chapéu negro de dois bicos com roseta vermelha, pega no sabre e olha para um lado e para o outro da rua enquanto puxa as últimas fumaças do charuto que fumega entre os seus dedos. Embora só tenha vinte anos, fumar tabaco de folha é nele um hábito antigo. Nascido em Havana

numa família nobre e de origem vascongada, desde que se alistou como cadete teve tempo de servir em Cuba, no Ferrol, e também de ser capturado pelos Ingleses, que o trocaram em Setembro do ano anterior. Sério, capaz e com valor militar reconhecido na sua folha de serviços, o jovem oficial é, há um mês, ajudante do comandante da artilharia de Madrid, coronel Navarro Falcón; e para receber as ordens relativas ao seu cargo se dirige, perguntando a si próprio se as tensões do dia anterior—manifestações contra Murat e acaloradas tertúlias de rua — aumentarão, ou se as autoridades controlarão uma situação que, pouco a pouco, parece fugir-lhes das mãos. A Junta Governativa cresce em debilidade enquanto Murat e as suas tropas crescem em insolência. Na noite anterior, antes de Arango voltar para casa, corria o boato pelo Círculo Militar de que na pensão de Genieys os capitães de artilharia Daoiz, Cônsul e Córdoba—Arango conhece os três e Daoiz é o seu chefe imediato—tinham estado prestes a bater-se em duelo com outros tantos oficiais franceses e que só a intervenção enérgica de chefes e companheiros de uns e de outros impediu uma desgraça.

— Daoiz, que sabem como é moderado, estava como um louco — contou o tenente José Ontoria, referindo-se a testemunhas do sucedido.—Cônsul e Pepe Córdoba apoiavam-no. Queriam ir os três para a calle de la Reina bater-se com os franceses e entre todos impediram-nos, com muita dificuldade... Vá-se lá saber as impertinências ditas pelos outros.

O nome do capitão Daoiz faz Arango franzir o sobrolho. Trata-se, como disse Ontoria e o próprio Arango o pode confirmar, de um militar frio e íntegro, a quem dificilmente a mostarda sobe ao nariz; muito diferente do exaltado Pedro Velarde, outro capitão de artilharia que, esse sim, anda há dias pelas salas de bandeiras apregoando sangue e morte. Luis Daoiz, pelo contrário, um sevilhano distinto, com provas dadas em combate, tem uma excelente folha de serviços e enorme prestígio no Corpo, onde os artilheiros, devido ao seu carácter sereno, idade e prudência, o apelidam de O Avô.

Mas o comentário definitivo, a chave de ouro do assunto, foi dada na noite anterior por Ontoria, resumindo:—Se Daoiz perde a paciência com os Franceses, isso significa que qualquer um pode perdê-la.

A caminho do gabinete do governador militar da praça, Arango passa diante da padaria e da casa de pasto a que o porteiro se referiu, lança uma olhadela de esguelha mas só consegue ver a silhueta de uma sentinela sob o arco da entrada. Os Franceses devem ter-se plantado ali durante a noite, pois na tarde anterior o local estava vazio. Não é bom sinal e o jovem afasta-se, preocupado. Algumas ruas estão desertas mas, nas que vão dar ao centro da cidade, pequenos grupos de

pessoas vão-se formando diante de botequins e de lojas, onde os comerciantes dão mais atenção à conversa em grupinhos que aos seus negócios. A Fontana de Oro, o café da carrera de San Jerónimo que até ao dia anterior era frequentado a toda a hora por militares franceses e espanhóis, está vazio. Ao ver a farda de Arango com a dragona de tenente, vários transeuntes aproximam-se, interrogando-o sobre a situação. Mas ele limita-se a sorrir, levando a mão a um bico do chapéu, e a continuar o seu caminho. Isto não pressagia nada de bom, de modo que estuga o passo. As últimas horas foram tensas, com o infante dom António e os membros da Junta Governativa cheios de paninhos quentes, os Franceses desconfiados e Madrid a zumbir como uma colmeia perigosa. Diz-se que há gente reunida a favor do rei dom Fernando e que ontem, com o pretexto de haver mercado, entrou muito forasteiro das povoações dos arredores e dos Reais Sítios(1). Gente jovem e rude que não vinha vender. Também se sabe que certos artilheiros andam a conspirar: o inevitável Velarde e alguns íntimos, entre eles Juan Cônsul, um dos protagonistas do incidente da pensão de Genieys. Há quem mencione também Daoiz, mas Arango, capaz de compreender que este discuta e queira bater-se com oficiais franceses, não imagina o frio capitão, disciplinado e sério até aos cabelos, a embarcar, ele também, numa conspiração formal. De qualquer maneira, com Daoiz ou sem ele, se Velarde e os amigos preparam alguma coisa, a verdade é que mantêm à margem os oficiais que não são da confiança deles, como o próprio Arango. Quanto ao seu comandante em Madrid, o plácido coronel Navarro Falcón, homem de bem mas obrigado a navegar entre duas águas, os Franceses por cima e os seus oficiais por baixo, prefere fazer de conta que não sabe de nada. E cada vez que Arango, com tacto e a título de ajudante, tenta sondá-lo a esse respeito, o outro põe-se com devaneios, refugiando-se no regulamento.

(1) Reais Sítios: locais, geralmente nos arredores de Madrid, onde se situavam palácios reais, residências de Verão ou de Inverno da família real, mosteiros e serviços da Corte.

— Disciplina, jovem. E não lhe dê mais voltas. Com franceses, com ingleses ou com o raio que o parta... Disciplina e boca fechada, para não entrarem moscas.

Três homens endomingados apesar de ser segunda-feira, ataviados com chapéus de abas, jaqueta curta bordada chamada marselhês, capote com gola grená e navalhas metidas na faixa, cruzam-se com o tenente Arango quando este

passa em busca da ordem do dia para o seu coronel, perto do Governo Militar. Dois são irmãos: o mais velho chama-se Leandro Rejón e tem trinta e três anos e o outro, Julián, vinte e quatro. Leandro tem mulher—chama-se Victoria Madrid—e dois filhos; quanto a Julián, acaba de se casar na sua aldeia com uma jovem chamada Pascuala Macias. Os irmãos são naturais de Leganés, nos arredores, e chegaram à cidade no dia anterior, convocados por um amigo de confiança que já acompanharam há um mês e meio aquando dos acontecimentos que, em Aranjuez, derrubaram o ministro Godoy. O tal amigo pertence à casa do conde de Montijo, de quem se diz que, por lealdade ao jovem rei Fernando VII, fomenta outra sublevação em seu nome. Mas é o que se diz e nada mais. A única coisa que os Rejón sabem ao certo é que, com algum viático para a viagem e gastos de taberna, trazem instruções para se manterem atentos no caso de vir a ser preciso armar confusão. Coisa que não desgosta em absoluto os dois irmãos, moços buliçosos e em pleno vigor dos seus anos, fartos de sofrer impertinências dos gabachos, que acham já ser tempo de que homens de barba rija—isso é o que diz Leandro, o mais velho—demonstrem quem é o verdadeiro rei de Espanha, apesar de Napoleão Bonaparte e da puta que o pariu.

O terceiro homem, que caminha ao lado dos Rejón, chama-se Mateo González Menéndez e também chegou ontem a Madrid, vindo de Colmenar de Oreja, a sua aldeia, obedecendo a instruções que alguns compadres puseram a correr entre os opositores à presença francesa e partidários do rei Fernando. É caçador, feito ao campo e às armas, calejado e forte e, sob o capote que o cobre até aos joelhos, esconde um pistolão carregado. Embora caminhe ao lado dos Rejón como se não os conhecesse, na noite anterior os três fizeram parte do grupo que, com guitarras e bandurras, apesar da água que caía, fez uma ruidosa serenata à base de cançonetas picantes, com muito insulto e muita troça, ao peralvilho Murat, sob as varandas do palácio onde este se hospeda, na plaza de Dona Maria de Aragón, desaparecendo ao serem dispersados pelas rondas e reaparecendo pouco tempo depois para continuar a charanga. Isto, depois de terem assobiado bem o francês, de manhã, quando este voltava da revista no Prado: Dizem que mossiú Murat está acostumado ao fogo. Ora se terá costume quem cozinheiro já foi!

— Pode pisar com força, jóia, que este passeio está empedrado—diz Leandro Rejón a uma bonita mulher que, de vasquinha de franjas, mantilha de lã e cesta das compras ao braço, atravessa um

rectângulo de sol.

Passa adiante a mulher, desdenhosa e ao mesmo tempo lisonjeada pelo

piropo—o mais velho dos Rejón é moço bem-apessoado—,e Mateo González, que ouve o comentário, segue-a com o olhar antes de se voltar para os irmãos e, piscando-lhes um olho, continuar a andar junto deles ao mesmo passo. Agora sorriem os três, gingões, a caminhar com aprumo masculino. São jovens, fortes, estão vivos e saudáveis e a visão de uma mulher bonita alegra-lhes o dia. É, afirma o mais novo dos Rejón, um bom começo.

Para o celebrarem, tira de debaixo do capote uma bota com tinto de Valdemoro, que a longa noite e a chincalhada a Murat deixaram a menos de metade.

— Molhamos o bico?

— Nem se pergunta—olhar falsamente casual de Leandro Rejón a Mateo González—...Você candidata-se, paisano?

— Com muito gosto.

— Pois tome lá, se deseja.

Estes três homens que caminham sem pressas, fazendo circular a bota enquanto se dirigem para a puerta del Sol, parando para lançar a cabeça para trás e apontar, com pulso experiente, um jorro de vinho, estão bem longe de imaginar que, dentro de três dias, réus de sublevação, dois deles, os irmãos Rejón, serão arrancados de rastos das suas casas em Leganés e fuzilados pelos Franceses, e que Mateo González morrerá semanas depois em consequência de um golpe de sabre, no Hospital del Buen Suceso. Mas, a esta hora e de bota na mão, não pensam nisso nem se preocupam. Antes que se esconda o sol que acaba de sair, as três navalhas de Albacete que trazem metidas nas faixas ficarão manchadas de sangue francês. No dia que começa—após a chuva, sol, disse o mais velho dos Rejón, olhando para o céu, e voltará a chover à noite—,essas três futuras mortes, tal como tantas outras que se avizinham, serão sobejamente vingadas, de antemão. E mesmo depois, e durante anos, uma nação inteira continuará a vingá-las.

Durante o pequeno-almoço, Leandro Fernández de Moratín queima a língua com o chocolate, mas reprime a blasfémia que lhe sai dos lábios. Não por ser homem temente a Deus; são os homens que o assustam, não Deus. E ele é pouco amigo de sacristias e de água benta. Acontece que a moderação e a prudência são características marcantes do seu carácter, com alguma timidez que lhe provém do facto de, aos quatro anos, ter ficado com o rosto desfigurado pela varíola. Talvez por isso continue solteiro, apesar de ter feito os quarenta e oito há dois meses. Quanto ao resto é homem educado, culto e calmo, como costumam ser os protagonistas das obras que lhe deram a fama, contestada por numerosos

adversários, de principal dramaturgo do seu tempo. A estreia de El si de Las ninas ainda é recordada como o mais importante e discutido acontecimento cénico desse tempo e essas coisas, em Espanha, trazem consigo pouco mel e muitos amargos de boca, devido às infinitas invejas. Esta é a razão de, nas circunstâncias actuais, o receio do mundo e das suas vilezas

estar presente nos pensamentos do homem que, vestido de roupão e pantufas, bebe agora, em pequenos goles, o seu chocolate. Ser autor de renome, favorecido além do mais pelo primeiro-ministro Godoy (mais tarde caído em desgraça, preso e acolhido finalmente em França por Napoleão), causa alguns incómodos a Moratín, que, no mundo das letras, tem inimigos mortais. Sobretudo desde que, por gostos pessoais e ideias mais artísticas que políticas—carece destas em absoluto, excepto ser amigo do poder instituído, seja ele qual for—,se lhe atribui, não sem razão, a classificação de afrancesado, que, nos tempos conturbados que correm, se tornou perigosa.

Desde a pateada do dia anterior ao duque de Berg e das concentrações de moradores a gritar contra os Franceses, Moratín teme pela sua vida. Os amigos de tertúlia da casa de pasto de San Esteban aconselharam-no a não sair de casa—número 6 da calle Fuencarral, entre as esquinas de San Onofre e Desengano —,mas isso também não garante nada. Às desgraças que nos últimos tempos lhe caem em cima, acrescenta-se a vizinhança de uma pastora zarolha que faz a sua venda de leite na entrada da frente, mulher bisbilhoteira e de língua viperina que anda há dias a incitar os vizinhos a darem um escarmento ao Moratín aí da frente, protegido de Godoy—a pastora refere-se ao ministro caído pela alcunha popular de Chouriceiro—e da gente de polaina: os afrancesados que venderam Espanha e o bom rei D. Fernando, que Deus guarde, ao maldito Napoleão.

Pousando a malga de porcelana no seu pires, Moratín levanta-se e dá alguns passos até à varanda. Aliviado, sem afastar completamente as cortinas, verifica que a banca da leiteira está fechada. Talvez ande longe, com as pessoas que se congregam na puerta del Sol. Madrid inteira é um fervedouro de perplexidades, boatos e ódios e isso não pode acabar bem para ninguém. Oxalá, diz o literato para consigo, que nem a Junta Governativa nem os Franceses—confia mais nestes que na Junta, de qualquer maneira—percam o controlo da situação. A lembrança dos horrores populares de 1792, que viveu de perto em Paris, fá-lo estremecer. O seu carácter de homem culto, viajado, cortês e prudente acobarda-se diante dos excessos do povo sem freio, que receia porque os conhece: a calúnia torna duvidosa a reputação mais firme, a crueldade adopta a máscara da virtude, a vingança usurpa a balança da Justiça e a celebridade, situada num

lugar ambíguo acarreta, amiúde, consequências funestas. Se tudo isso foi possível numa França moderada pelas ideias iluministas e pela razão, a Moratín amedronta-o o que uma explosão popular pode desencadear em Espanha, onde as pessoas analfabetas, rústicas, são levadas mais pelo coração que pela cabeça. Já na noite de 19 de Março, quando a sublevação de Aranjuez fez cair o seu protector Godoy, Moratín teve oportunidade de ouvir, sob a janela, o seu próprio nome nos gritos dos amotinados que o fizeram recear ver-se fora de casa, arrastado pelas ruas. A certeza de como o populacho sem freio exerce a soberania quando se apodera dela, aterroriza-o. E esta manhã o pesadelo parece prestes a repetir-se, enquanto ele permanece imóvel atrás das cortinas, com a testa gelada e o coração a pulsar-lhe, inquieto. À espera.

O dramaturgo Moratín não é o único que desconfia do povo e das suas paixões. À mesma hora, no Palácio, na sala do conselho da Junta Governativa, os próceres encarregados do bem-estar da nação espanhola na ausência do rei Fernando VII, retido em Baiona pelo imperador Napoleão, continuam a discutir, abatidos e perplexos, com as marcas da noite que passaram em branco estampadas na cara, as roupas com vincos, as barbas a despontar nos rostos marcados pelas olheiras que reclamam a navalha de um barbeiro.

Só o infante dom António, presidente da Junta, irmão do velho rei Carlos IV e tio do jovem Fernando VII, utilizou o privilégio do seu sangue real para se retirar, indo dormir um pouco depois da última entrevista com o embaixador de França, monsieur Laforest, e não voltando a aparecer. Os restantes continuam ali, aguentando-se como podem, espalhados pelas poltronas e sofás sob os imponentes lustres do tecto, de cotovelos apoiados na grande mesa coberta de chávenas sujas de café e de cinzeiros a transbordar de grossas beatas de charutos, com as fontes apoiadas nos punhos fechados.

— O que aconteceu ontem levou-nos ao extremo, senhores—afirma o secretário da Junta, conde de Casa Valência.—Assobiar Murat já é uma insolência; mas chamá-lo talo de couve na cara e apedrejá-lo depois até o cavalo se encabritar no meio da apupada geral, isso ele não perdoará nunca... Para cúmulo do escárnio, depois disso deram todos vivas ao infante dom António, quando este passava de carro pelo mesmo sítio...

A ralé acabará por nos pôr, a todos, a corda ao pescoço.

— Feia metáfora essa—insinua Francisco Gil de Lemus, ministro da Marinha, entre dois bocejos.—Refiro-me a isso da corda.

— Pois chame-lhe como lhe apetecer.

Além de Casa Valência e Gil de Lemus, que representa a pouca Armada

espanhola que resta depois de Trafalgar, na sala estão presentes, entre outros, dom António Árias Mon, velho governador do Conselho; Miguel José de Azanza, ministro da inexistente Fazenda espanhola; Sebastián Piíiuela, por uma Graça e Justiça(1) da qual os Franceses se riem e na qual os Espanhóis não confiam; e o general Gonzalo CFarril como fraco representante de um Exército confuso, indefeso e irritado face à invasão estrangeira.

Durante toda a noite, convocados também os dignitários dos Conselhos e Tribunais Supremos, discutiram todos até enrouquecerem, pois têm sobre a mesa um ultimato de Murat, a quem o incidente do dia anterior deixou fora de si: caso não obtenha a colaboração incondicional da Junta, diz, ficará com a chefia desta, pois tem força suficiente para tratar Espanha como país conquistado.

— Nem sempre é o número que vence—sugeria, de madrugada, o fiscal Manuel Torres Cônsul.—Lembrem-se de que Alexandre derrotou trezentos mil persas com vinte mil macedónios. Já sabem: Audaces fortuna iuvat e tudo isso.

O impulso patriótico de Torres Cônsul, de uma energia inusitada àquelas horas, fez com que vários conselheiros, que dormitavam nas suas cadeiras, levantassem as cabeças, sobressaltados. Sobretudo os que sabiam latim.

— Sim, claro—respondeu o governador do Conselho, Árias Mon, resumindo o sentimento geral.—E qual de nós é Alexandre?

Todos olharam para o ministro da Guerra, que, alheio a tudo, como se não estivesse a ouvir a conversa, acendia um charuto cubano.

— O que acha, OTarril?

— Acho que este havano puxa muito mal.

(1) Ministério da Graça e Justiça: antiga designação do Ministério da Justiça, que tutelava, além da administração da Justiça, os assuntos eclesiásticos e da fé. (N. do E.)

E assim vão as coisas, com o dia já despontado. Assustados, indecisos—há muito tempo que assinam os seus tímidos éditos e decretos em nome do rei, sem especificar se se trata de Carlos IV ou de Fernando VII—,a paralisia da Junta alimenta-se da falta de notícias. Os correios de Baiona não chegaram e os ministros e conselheiros carecem de instruções do jovem monarca, de quem ignoram se continua lá por vontade própria ou como prisioneiro do imperador. Mas uma coisa é evidente: a sombra da mudança de dinastia paira sobre Espanha. O povo ruge, ofendido, e os imperais reforçam-se, arrogantes. Depois de ter levado a família real e Go-doy, Murat pretende fazer o mesmo—executa-o

nesse preciso momento—com a rainha viúva da Etrúria e com o infante dom Francisco de Paula, que tem apenas catorze anos. A rainha da Etrúria é amiga de França e vai com muito gosto, mas o pequeno infante é outra coisa. De qualquer forma, depois de resistir com alguma decência a esta última imposição, a Junta teve de se submeter a Murat, aceitando o inevitável. Com as tropas espanholas afastadas da capital, a escassa guarnição aquartelada e sem meios, a única força que pode opor-se a semelhantes desígnios é uma revolta popular. Mas, na opinião dos que estão ali reunidos, isso justificaria a brutalidade francesa, dando ao lugar-tenente de Napoleão o pretexto para esmagar Madrid com uma vitória fácil, expondo-a ao saque e à escravidão.

— Não temos outro remédio senão ser pacientes—acaba por dizer, cauteloso como sempre, o general OTarril.—Não podemos deixar de acalmar os ânimos, de prevenir as inquietações populares e de contê-las, se for caso disso, com as nossas próprias forças.

Ao ouvir isto, o ministro da Marinha, Gil de Lemus, dá um salto na cadeira.

— A que se refere?

— Às nossas tropas, meu senhor. Não sei se me expliquei.

— Receio que se tenha explicado bem de mais.

Alguns conselheiros entreolham-se significativamente. Gonzalo OTarril dá-se muitíssimo bem com os Franceses—por isso é ministro da Guerra, apesar do que está a acontecer—,facto que a História confirmará pela sua actuação no dia que hoje começa e pelos seus serviços posteriores ao rei José Bonaparte. Entre os membros da Junta, só alguns partilham das suas ideias. Embora, tal como andam as coisas, quase todos evitem os comentários. Só o contumaz Gil de Lemus volta à carga:—É só o que nos faltava, cavalheiros. Fazer o trabalho sujo dos Franceses.

— Se o fizerem eles, será mais sujo ainda—contrapõe OTarril.—E mais sangrento.

— E com que forças quer você conter a população de Madrid?... Se os soldados não se juntarem ao populacho já é bem bom.

O ministro da Guerra ergue um dedo admonitório, marcial, e enfia nele um aro de fumo havanês.

— Responsabilizo-me, não se preocupem. Recordo-lhes que toda a tropa está aquartelada com ordens estritas. E sem munições, como sabem.

— Nesse caso, como pretende que contenham o povo?—interessa-se, trocista, Gil de Lemus.—À bofetada?

Um silêncio incómodo instala-se após as palavras do ministro da Marinha.

Apesar dos éditos publicados pela Junta e pelo duque de Berg, fixando horas de encerramento para tabernas, rondas de vigilância e responsabilidades de patrões e pais de família em relação a empregados, filhos e criados que incomodem os Franceses, os incidentes abundam nas seis semanas decorridas desde a chegada de Murat a Madrid: no dia seguinte, 24 de Março, davam já entrada no Hospital General três soldados franceses gravemente feridos em rixas com civis devido aos excessos e abusos que, a partir dessa altura, incluíram crimes por roubo, exacções diversas, violações, ofensas em igrejas e o famigerado assassinato do comerciante Manuel Vidal na calle del Candil pelo general príncipe de Salm-Isemburg e dois dos seus ajudantes-de-campo.

Em resposta, a luta surda de navalhas contra baionetas é já impossível de parar: tabernas, bairros humildes e locais de prostituição frequentados pela tropa francesa, com a sua perigosa mistura de mulheres, rufias, aguardente e punhaladas, transformaram-se em focos de conflito; mas também em sítios respeitáveis da cidade o dia nasce com franceses degolados por se terem excedido com a filha, irmã, sobrinha ou neta de alguém. Sem contar com os presumíveis desertores, assim declarados pelo comando imperial, na realidade desaparecidos em poços ou enterrados discretamente em pátios ou caves. O registo do Hospital General, para não falar de outros da cidade, é suficiente para dar conta da situação: a 25 de Março registaram-se os casos de um mameluco da Guarda Imperial, ferido, um artilheiro da Guarda, morto, e outro soldado do batalhão da Vestefália que faleceu pouco depois. Dois franceses espancados e três mortos, um deles por um balázio, foram registados nos dias seguintes. E, entre 29 de Março e 4 de Abril, verificaram-se as mortes de três soldados da Guarda, um do batalhão da Irlanda, dois granadeiros e um artilheiro. Desde essa altura, o número de soldados imperiais, feridos ou mortos, que deu entrada no Hospital General foi de quarenta e cinco e, em toda a cidade de Madrid, de cento e setenta e quatro. Também não escasseiam as vítimas espanholas. A comissão militar hispano-francesa que tem de controlar estes incidentes inclui, além do general Sexti, o general-de-divisão Emmanuel Grouchy; mas Sexti costuma abster-se a favor do seu colega francês, fazendo com que quase todos os conflitos provocados pelos soldados imperiais fiquem impunes. Em situações como a do presbítero de Carabanchel dom Andrés López, que há dias matou a tiro um capitão francês chamado Michel Mote, a Justiça, pelo contrário, não só é rigorosa, como os próprios soldados imperiais a fazem pelas suas mãos, saqueando, como foi o caso, a casa do sacerdote homicida e maltratando criados e vizinhos. De qualquer forma, convencida da sua própria impotência, a Junta

Governativa, que nominalmente ainda rege Espanha nesta manhã de segunda-feira 2 de Maio, tomou, mesmo contra a opinião dos seus membros mais indecisos, uma decisão com assomos de galhardia que salva para a História algumas franjas da sua honra. Ao mesmo tempo que cede ao desejo do duque de Berg de transferir para Baiona os últimos membros da família real espanhola e ordena que as tropas permaneçam nos seus quartéis sem que se lhes permita "juntar-se à população civil", a proposta do ministro da Marinha nomeia, também, uma nova Junta fora de Madrid, na contingência de que a actual "fique privada de liberdade no exercício das suas funções". E a essa Junta paralela, composta exclusivamente por militares, outorga poderes para se estabelecer livremente onde quer que seja possível, embora o local de reunião recomendado seja uma cidade espanhola ainda livre de tropas francesas: Saragoça.

A caminho da puerta del Sol, dom Ignacio Pérez Hernández, presbítero da paróquia de Fuencarral, cruza-se com um batedor imperial quando desce pela calle Montera.

O francês, um caçador a cavalo, parece ter pressa e afasta-se rua acima, a galope e com muita desconsideração, quase atropelando os vendedores que acabam de montar as suas bancas na rede de San Luis(1). Embora alguns gritos e insultos o sigam na cavalgada, dom Ignacio não abre a boca, ainda que os seus olhos negros e vivos—tem vinte e sete anos—trespassem o cavaleiro, como se pretendessem que a ira de Deus o fulminasse ali mesmo juntamente com a sua montada e com as ordens que leva na pasta. O clérigo cerra os punhos dentro dos amplos bolsos da sotaina que traz vestida. No direito esmaga um folheto acabado de imprimir que o amigo em cuja casa passou a noite, pároco de San Ildefonso, lhe deu esta manhã: Carta de um oficial retirado a um dos seus antigos companheiros. No esquerdo—dom Ignacio é canhoto—aperta o cabo de uma navalha que, apesar das ordens que ostenta, traz consigo desde que no dia anterior compareceu em Madrid na companhia de um grupo de paroquianos para fazer número contra os Franceses e a favor de Fernando VII A navalha é como a que qualquer espanhol das classes populares usa para cortar pão, para ajudar nas refeições ou para picar tabaco. Pelo menos é a desculpa que o sacerdote, no debate íntimo que às vezes o angustia um pouco, apresenta à sua consciência. Mas a verdade é que nunca a tinha usado no bolso, como agora.

Dom Ignacio não é um homem fanático. Até ao dia anterior, tal como a maior parte dos eclesiásticos espanhóis, manteve um silêncio prudente, de acordo com instruções recebidas do seu pároco, e este do bispo correspondente, acerca dos assuntos turvos da família real e da presença francesa em Espanha.

Nem sequer durante a queda de Godoy ou durante o assunto do Escorial o jovem clérigo abriu a boca. Mas um mês de humilhações por parte das tropas imperiais acampadas em Fuencarral enche já o seu copo de paciência cristã. A última gota de fel fê-lo transbordar há uma semana, quando um pobre pastor de cabras foi espancado diante da igreja por vários soldados franceses para roubarem os animais. E quando dom Ignacio acorreu para os deter, deparou com uma baioneta diante dos olhos. Para terminar a lida, os franceses entretiveram-se a urinar, entre risotas, nos degraus do recinto sagrado. De modo que, quando no dia anterior correu a notícia de que em Madrid se anunciava alvoroço, dom Ignacio não pensou duas vezes. Depois da missa das oito, sem dizer uma palavra ao seu pároco, veio até à cidade encabeçando uma dúzia de paroquianos com vontade de refrega. E, depois de passar o dia rouco de tanto apupar Murat, aplaudir o infante dom António e dar vivas ao rei, dormindo depois cada um onde pôde, ficou de se encontrar com eles por esta hora, para averiguar se tinham chegado os mensageiros de Baiona.

(1) Rede de San Luís: é a confluência das ruas Montera, Gran Via, Fuencarral e Hortaleza. (N. da T.)

Navalha à parte, o conteúdo do outro bolso da sotaina também não amansa a disposição do jovem clérigo, que repete, consecutivamente e de cor, um dos seus parágrafos mais infames: "A conveniência nacional de mudar a rançosa dinastia dos já gastos Bourbon pela nova dos Napoleões, bastante enérgicos." A fúria de dom Ignacio seria maior se soubesse—como se averiguará tempos depois—que o autor do escrito não é nenhum oficial retirado, como afirma o título, mas o eclesiástico José Marchena, personagem complexa e famosa nos círculos ilustrados espanhóis: um antigo clérigo renegado de religião e pátria, pago pela França. Antigo jacobino e conhecido de Marat, Robespierre e madame de Staél, temido até pelos próprios afrancesados, Marchena coloca o seu talento oportunista, a sua prosa ácida e a sua bílis abundante ao serviço da propaganda imperial. E nesses turbulentos dias madrileños, face às classes superiores receosas ou indecisas e a um povo indignado até à exasperação, a letra impressa, com a sua cascata de pasquins, libelos, folhetos e jornais lidos em cafés, restaurantes, botequins e mercados para um auditório inculto e frequentemente analfabeto, também é uma arma de guerra eficaz, tanto nas mãos de Napoleão e do duque de Berg—que instalou a sua própria tipografia no palácio Grimaldi—como nas da Junta Governativa, nas dos partidários de Fernando VII e nas do

próprio, a partir de Baiona.

— Já cá está dom Ignacio.

— Bom-dia, meus filhos.

— Viva o rei Fernando!

— Está bem, homem, está bem. Que viva e que Deus o abençoe. Mas mantenhamo-nos tranquilos, a ver o que acontece.

O grupo de Fuencarral—capas de baeta, bordões de nós nas mãos jovens e fortes, carapuças à banda e chapéus de abas caídas—aguarda o seu presbítero junto da fuente de La Mariblanca. Falta pouco para que o ponteiro do Buen Suceso marque as oito e, na puerta del Sol, congregam-se cerca de mil pessoas. Apesar de o ambiente estar cada vez mais carregado, as atitudes são pacíficas. Circulam rumores disparatados: que Fernando VII está prestes a chegar a Madrid, finalmente libertado; que, para enganar os Franceses, vai casar-se com uma irmã de Bonaparte. Não faltam mulheres que vão e vêm, atiçando os grupinhos, forasteiros e gente de diversos bairros de Madrid, embora predomine o popular: cbisperos do Barquillo, manolos do Rastro e Lavapiés, empregados, mesteirais, aprendizes, pequenos funcionários, carregadores, criados e mendigos. Vêem-se poucos cavalheiros bem vestidos e nenhuma senhora que abone o tratamento: as pessoas acomodadas, desafectas aos sobressaltos, permanecem em casa. Também se vêem alguns estudantes e algumas crianças, miúdos da rua quase todos. Muitos moradores da praça e das ruas adjacentes estão à entrada das casas e debruçados nas varandas e janelas. Não há militares à vista, nem franceses nem espanhóis, excepto as sentinelas da porta dos Correios e um oficial na varanda gradeada do edifício. De grupinho em grupinho circulam rumores peregrinos e exageros.

— Já se sabe alguma coisa de Baiona?

— Ainda nada. Mas dizem que o rei Fernando fugiu para Inglaterra.

— Nem pensar. É para Saragoça que se dirige.

— Não diga barbaridades.

— Barbaridades?... Sei-o de fonte segura. Tenho um cunhado porteiro no Palácio de los Consejos.

Ao longe, entre as pessoas, dom Ignacio consegue avistar outro sacerdote de batina e tonsura. Devem ser os únicos clérigos presentes na puerta del Sol a essas horas, conclui. Isso fá-lo sorrir. Mesmo dois são de mais, tendo em conta a calculadíssima ambiguidade que a Igreja espanhola põe em prática nesta crise da pátria. Se nobres e ilustrados, opostos uns aos Franceses e os outros partidários deles, coincidem em desprezar os arrebatamentos e a ignorância do povo,

também a Igreja mantém, desde a guerra com a Convenção, um nadar cuidadoso entre duas águas, combinando o receio do contágio das ideias revolucionárias com a sua habilidade tradicional—nestes dias posta à prova—para estar com o poder instituído, seja ele qual for. Nas últimas semanas, os bispos multiplicam as exortações à calma e à obediência, receosos de uma anarquia que os assusta mais que a invasão francesa. Excepto alguns patriotas acérrimos ou fanáticos que vêem o Diabo debaixo de cada águia imperial, o episcopado espanhol e grande parte dos clérigos e religiosos estão dispostos a aspergir com água benta qualquer um que respeite os bens eclesiásticos, favoreça o culto e garanta a ordem pública. Certos bispos de bom olfacto colocam-se já sem dissimulação ao serviço dos novos amos franceses, justificando as suas intenções com piruetas teológicas. E só mais à frente, quando a insurreição geral se confirmar em toda a Espanha como um furacão de sangue, ajustes de contas e brutalidade, a maior parte dos bispos se irá declarando do lado da rebelião, os párocos apelarão dos seus púlpitos à luta contra os Franceses e o poeta Bernardo López Garcia poderá escrever, simplificando o assunto para a posteridade: Guerra!, exclamou do altar o sacerdote com ira. Guerra!, repetiu a lira com indómito cantar.

De qualquer forma—futuros poemas e mitos patrióticos à parte—,de nada disso pode suspeitar ainda o jovem presbítero dom Ignacio. Muito menos a tão frescas horas do dia de hoje. Só sabe que num bolso da sotaina leva o enrugado folheto traidor ou gabacho, tanto faz, cujo tacto lhe faz ferver o sangue e, no outro, a navalha, por mais que procure afastar da sua cabeça a palavra violência cada vez que esta lhe roça a mente. E .sente um calorzinho singular que se aproxima do pecado do orgulho—terá de o resolver com um confessor, pensa, quando tudo isto acabar. Uma sensação grata, picante, completamente nova, que o faz erguer-se, satisfeito, entre o grupo de paroquianos de Fuencarral quando as pessoas em volta olham para eles, sussurrando: olha, repara, estes são encabeçados por um padre. No fim de contas, conclui, se as coisas fossem hoje por maus caminhos, ninguém poderia dizer que todos os clérigos de Madrid estiveram a salvo atrás dos seus altares e claustros.

Esvoaçam as aves, sobressaltadas, em redor das torres e campanários da cidade. São oito em ponto e as badaladas das igrejas fazem concerto com o som do tambor do render da guarda nos quartéis. A essa mesma hora, na sua casa da calle de La Temera, número 12, o capitão de artilharia Luis Daoiz y Torres acaba de vestir o uniforme e prepara-se para comparecer no posto a que foi destinado na Junta de Artilharia, situada na calle de San Bernando. Oficial de carácter tranquilo, prestígio profissional e extraordinária competência, conhecedor das

línguas francesa, inglesa e italiana, inteligente e ilustrado, Daoiz está há quatro meses colocado em Madrid. Nascido em Sevilha há quarenta e um anos, comprometido recentemente com uma menina andaluza de boas famílias, o capitão é homem de aspecto esmerado e agradável, embora de baixa estatura, pois mede menos de cinco pés. O seu semblante é moreno claro, usa patilhas à moda e, nos lóbulos das orelhas acaba de colocar, para sair à rua, os dois brincos de ouro que, por vaidade militar, usa desde o tempo em que serviu como artilheiro a bordo de navios da Armada. A sua folha de vinte e um anos de serviço, onde a coragem figura há muito tempo como reputada, é um reflexo rigoroso da história militar da sua pátria e da sua época: defesas de Ceuta e Orán, campanha do Rossilhão contra a República Francesa, defesa de Cádis contra a esquadra do almirante Nelson e duas viagens à América no navio San Ildefonso.

Ao pegar no sabre, passa-lhe pela mente, como uma nuvem sombria, a lembrança do desafio de ontem à tarde na pensão de Genieys: três oficiais franceses, arrogantes e obtusos, gritando inconveniências acerca de Espanha e dos Espanhóis, sem se aperceberem de que os militares da mesa vizinha compreendiam a sua língua. De qualquer forma, não quer pensar nisso. Detesta perder as estribeiras, ele que tem fama de homem sereno, mas ontem esteve quase a acontecer. É difícil não se deixar contagiar pelo ambiente geral. Vivem todos com os nervos à flor da pele, as ruas andam inquietas e o dia que se apresenta pela frente também não vai ser fácil. De modo que mais vale manter a cabeça fria, o bom senso no sítio e o sabre na bainha.

Enquanto desce os dois lanços de escadas, Daoiz pensa no seu companheiro Pedro Velarde. Há uns dois dias, na última vez que estiveram com o tenente-coronel Francisco Novella e com outros oficiais amigos em casa de Manuel Almira, escriturário de artilharia, Velarde, contra toda a lógica, continuava a revelar-se partidário de pegar em armas contra os Franceses.

— Já são senhores de todas as fortalezas na Catalunha e no Norte -- argumentava, exasperado.—Açambarcam as provisões alimentares e de guerra, quartéis, hospitais, transportes, montadas e abastecimentos... Impõem-nos vexames contínuos, intoleráveis. Tratam-nos como animais e desprezam-nos como se fossemos bárbaros.

— Talvez com o tempo mudem de maneiras—insinuou Novella, sem grande convicção.

— Eles vão lá mudar! Conheço-os bem. Não foi em vão que convivi em Buitrago com Murat e com os seus figurões do Estado-Maior... Uma canalha!

— É preciso, pelo menos, reconhecer-lhes superioridade.

— Isso é um mito. A Revolução anulou-lhes a superioridade teórica e só as suas campanhas contínuas aumentaram a sua superioridade prática. Não têm outra superioridade além da sua arrogância.

— Exageras, Pedro—contradisse-o Daoiz.—São o melhor exército do mundo. Admitamo-lo.

— O melhor exército do mundo é um espanhol chateado de espingarda na mão.

Aquela foi uma de muitas discussões inúteis e intermináveis. Não serviu de nada recordar ao exaltado Velarde que a conspiração que os artilheiros preparavam—dezanove mil espingardas para começar e Espanha a postos—tinha fracassado, que toda a gente os deixava sós e que o próprio Velarde condenou o projecto ao contar ao general OTarril os pormenores do plano. Além disso, nem sequer é claro o que pretende o rei Fernando. Para alguns, aquele jovem é só ambiguidades e indecisões; para outros, hesita entre uma sublevação em seu nome ou motins calculados numa espera prudente.

— Espera, para quê?—insistia, impaciente, Velarde, quase aos gritos.—Já não se trata de se sublevar pelo rei ou coisa parecida. Trata-se de nós! Da nossa dignidade e da nossa vergonha!

De nada valeram as razões expostas, entre outros, pelo próprio Daoiz. Velarde continuava na sua.

— É preciso bater-se!—repetia—Bater-se, bater-se e bater-se! Disse-o repetidamente, como que enlouquecido, e com estas palavras acabou por se levantar e desaparecer escadas abaixo, a caminho de casa ou sabe Deus de onde, enquanto os restantes se entreolhavam melancólicos e, encolhendo os ombros, se retiravam, cada macaco para o seu galho.

— Não há nada a fazer—foi a despedida do bom Almira, abanando a cabeça com tristeza.

Daoiz, com uma dor no coração, mostrou-se de acordo. E esta manhã continua a estar. No entanto, o plano não era mau. Já se tinham verificado tentativas anteriores, como a de José Palafox entre Baiona e Saragoça, e o objectivo de criar nas montanhas de Santander um exército de resistência formado por tropas ligeiras. Mas Palafox foi descoberto e teve de se esconder—prepara agora uma sublevação em Aragão—,e o outro projecto acabou nas mãos do ministro da Guerra, sendo arquivado sem qualquer consideração.

— Façam o favor de não me complicarem a vida—foi o comentário com que o general OTarril, fiel ao seu estilo, enterrou o assunto.

Apesar de tudo, das dificuldades e do desinteresse da Junta Governativa,

uma terceira conspiração, a dos artilheiros, foi para a frente até há poucos dias. O plano, forjado em reuniões secretas na chocolataria do arco de San Ginés, na Fontana de Oro e na casa que o escrevente Almira possui no número 31 da calle Preciados, nunca pretendeu uma vitória militar, impossível contra os Franceses, mas ser apenas a faísca que ateasse uma vasta insurreição nacional. Há já algum tempo que, graças ao facto de o coronel Navarro Falcón favorecer os conspiradores não se dando por achado, no parque de Monteleón se trabalhava secretamente no fabrico de cartuchos de espingarda, balas e metralha para canhões, recuperando peças de artilharia e escondendo a última remessa de espingardas enviada de Plasencia para evitar que fosse parar a mãos francesas, como as anteriores; embora, nos últimos dias, alertado o quartel-general de Murat e com ordens do Ministério da Guerra espanhol para suspender essas actividades, os artilheiros tenham transferido, em segredo, a oficina de cartuchame para uma casa particular. Também continuaram a manter contactos em quase todos os departamentos militares de Espanha e combinaram, instigados por Pedro Velarte, pontos de concentração para tropas e futuras milícias, para os respectivos comandos, depósitos de material e locais onde seriam interceptados os correios franceses e cortadas as suas comunicações. Mas levar tudo isso à prática exigia recursos superiores aos do Corpo, por isso Velarde, sempre impetuoso, decidiu por sua conta e risco pedir ajuda ajunta Governativa. De modo que, sem consultar ninguém, foi encontrar-se com o general OTarril e contou-lhe o plano.

Enquanto atravessa a plaza de Santo Domingo em direcção à calle de San Bernardo, Luis Daoiz revive a angústia com que ouviu o seu companheiro contar os pormenores da conversa com o ministro da Guerra. Velarde vinha excitado, ingénuo e exultante, convencido de que tinha o ministro do seu lado. Mas enquanto se referia à entrevista, Daoiz, perspicaz em assuntos da natureza humana, compreendeu que a conspiração estava condenada. De modo que, evitando censuras que de nada serviam, se limitou a ouvir em silêncio, tristemente e a abanar a cabeça quando o outro terminou.

— Acabou-se—disse. Velarde empalideceu.

— Acabou, como?

— Acabou. Esquece... Perdemos.

— Estás louco?—o amigo, impulsivo como sempre, agarrava-o pela manga da casaca.—OTarril prometeu ajudar-nos!

— Ele?... Estaremos com sorte se não nos meter a todos num castelo.

Daoiz acertou em cheio e as consequências da indiscrição fizeram-se sentir

de imediato: mudanças de destino para os artilheiros, movimentações tácticas das tropas imperiais e um piquete de franceses dentro do parque de artilharia. A lembrança da visita do rei Fernando a Monteleón no início de Abril, apresentando-se quatro dias antes de sair para Baiona sem outra escolta além de um escudeiro, e as aclamações que lhe dedicaram os artilheiros enquanto visitava o recinto, aumentam agora a tristeza do capitão. "Sois meus. Em vós posso fiar-me, porque defendereis a minha coroa", chegou a dizer o jovem rei em voz alta, elogiando-os, a ele e aos seus companheiros. Mas nesta primeira segunda-feira de Maio, atormentados com as ordens, a desconfiança ou a cautela dos seus superiores, os artilheiros não são do rei nem de ninguém. Nem sequer podem confiar uns nos outros. O conjurado de maior patente é Francisco Novella, que é apenas tenente-coronel e que, além disso, não está bem de saúde. Os restantes são capitães e tenentes. As tentativas pessoais de Daoiz para implicar o corpo de Alabardeiros, os Voluntários do Estado do quartel de Mejorada e os Carabineiros Reais da plaza de La Cebada também não deram fruto. Excepto os Guardas de Corpo e um ou outro oficial de patente inferior, ninguém fora do pequeno grupo de amigos ousa revoltar-se contra a autoridade. De modo que, por prudência, e apesar das reticências de Pedro Velarde, de Juan Cônsul e de mais um ou outro, os conspiradores adiaram a tentativa para outra oportunidade. Muito poucos os seguiriam, menos ainda depois das últimas disposições que confinam os militares aos quartéis e os privam de munições. Não serve de nada—assim se manifestou Daoiz na última reunião, antes de Velarde sair a bater com a porta—deixar-se matar como pardais, com todo o exército a olhar de braços cruzados, sem esperança e sem glória, ou acabar no calabouço de uma prisão militar.

Estas são, em resumo, as lembranças mais recentes e os amargos pensamentos que esta manhã, a caminho do posto a que está destinado na Junta Superior de Artilharia, acompanham o capitão Luis Daoiz; ignorando que, antes de acabar o dia, um acumular de acasos e coincidências—dos quais nem sequer ele próprio terá consciência—vão inscrever o seu nome, para sempre, na História do seu século e da sua pátria. E enquanto o ainda obscuro oficial caminha pelo passeio esquerdo da calle de San Bernardo, observando com preocupação os grupos de pessoas que se formam espaçadamente e se dirigem para a puerta del Sol, interroga-se, inquieto, o que estará Pedro Velarde a fazer a estas horas.

Como todas as manhãs antes de comparecer no posto a que está destinado na Junta de Artilharia, o capitão Pedro Velarde y Santillán, nascido em Santander e com vinte e oito anos de idade—metade deles vestindo uniforme, pois ingressou

como cadete aos catorze—,faz um desvio e, em vez de ir directamente da sua casa, na calle Jacometrezo, a San Bernardo, mete pela corredera de San Pablo e passa pela calle del Escorial. Hoje leva no bolso uma carta para a sua noiva—Concha, com quem está comprometido—,que deitará mais tarde nos Correios. No entanto, ao passar sob certa varanda de um quarto andar da calle del Escorial, onde uma mulher enlutada e ainda bonita rega os vasos, Velarde, também como todas as manhãs, tira o chapéu e cumprimenta enquanto ela permanece imóvel, observando-o de cima, até o ver dobrar a esquina e afastar-se. Essa mulher, cujo nome ficará registado na letra pequena do dia que hoje começa, é e será para sempre um mistério na biografia de Velarde. Chama-se Maria Beano, é mãe de quatro filhos ainda menores, um varão e três raparigas, e viúva de um capitão de artilharia. Vive, conforme declararão mais tarde os vizinhos, "isenta de suspeitas desfavoráveis" com a sua modesta pensão de viuvez. Mas todas as manhãs, sem falhar um único dia, o oficial passa diante da sua varanda, e todas as tardes a visita em sua casa.

Pedro Velarde veste a casaca verde do Estado-Maior de Artilharia em vez da azul comum. Mede cinco pés e duas polegadas, é magro e de feições atraentes. Trata-se de um oficial inquieto, ambicioso, inteligente, com boa formação científica e prestígio entre os seus companheiros, que desempenhou trabalhos técnicos de relevância, estudos sobre artilharia e comissões diplomáticas importantes embora, excepto uma intervenção quase testemunhal na guerra com Portugal, careça de experiência de combate e na secção coragem da sua folha de serviços figurem as palavras sem experiência. Mas conhece bem os Franceses. Por ordem do hoje caído ministro Godoy, fez parte da comissão enviada para cumprimentar Murat aquando da entrada dos soldados imperais em Espanha. Isso proporcionou-lhe um conhecimento exacto da situação, reforçado pelo contacto em Madrid, em consequência do seu cargo de secretário da Junta Superior da Arma, com o duque de Berg e com o seu Estado-Maior, em especial com o comandante da artilharia francesa, general Le Riboisière, e os seus ajudantes. Dessa forma, observando de tão privilegiada posição as intenções francesas, Velarde, com sentimentos idênticos aos do seu amigo Luis Daoiz, viu transformar-se a antiga admiração quase fraternal que, de artilheiro para artilheiro, sentia por Napoleão Bonaparte, no rancor de quem sabe a sua pátria indefesa nas mãos de um tirano e dos seus exércitos.

Na esquina de San Bernardo, Velarde detém-se a observar de longe quatro soldados franceses que tomam o pequeno-almoço em redor de uma mesa, colocada à porta de uma casa de pasto. Pelo uniforme deduz que pertencem à 3.a

divisão de infantaria, dividida entre Chamartín e Fuencarral, com elementos do 9.o regimento provisório instalados naquele bairro. Os soldados são muito jovens e não trazem outras armas além das baionetas nas suas bainhas do correame: rapazes de apenas dezanove anos que o impiedoso recrutamento imperial, ávido de sangue jovem para as guerras da Europa, arranca às suas casas e famílias; mas invasores, apesar de tudo. Madrid está cheio deles, alojados em quartéis, pousadas e casas particulares, e as suas atitudes vão desde a daqueles que se comportam com a timidez de viajantes num local desconhecido, esforçando-se por dizer algumas palavras na língua local, sorrindo educados para as mulheres, até à arrogância daqueles que actuam reflectindo o que são: tropas em local conquistado sem disparar um único tiro. Os da casa de pasto trazem as casacas desabotoadas e um deles, habituado sem dúvida a climas setentrionais, está em mangas de camisa, desfrutando os tímidos raios de sol que aquecem aquele ângulo da rua. Riem-se alto, brincando com a rapariga que os atende. Têm ar de ser verdes, confirma Velarde. Com o grosso dos seus exércitos ocupado em duras campanhas europeias, Napoleão não acha necessário enviar para Espanha, submetida de antemão e onde não espera sobressaltos, mais do que algumas unidades de elite acompanhadas por gente sem experiência e por recrutas das levas de 1807 e 1808, estes últimos com apenas dois meses de serviço. Em Madrid, no entanto, têm forças com qualidade suficiente para garantir o trabalho de Murat. Dos dez mil franceses que ocupam a cidade e dos vinte mil colocados nos arredores, uma quarta parte são tropas habituadas ao fogo, com excelentes oficiais, e cada divisão tem, pelo menos, um batalhão experiente—os da Vestefália, Irlanda e Prússia—que a enquadra e dá consistência. Sem contar com os granadeiros, marinheiros e cavaleiros da Guarda Imperial e com os dois mil dragões e couraceiros acampados no Buen Retiro, na Casa de Campo e nos Carabancheles.

— Porcos gabachos—diz uma voz junto a Velarde.

O capitão volta-se para o homem que está ao seu lado. É um sapateiro remendão, com o avental posto, que acaba de retirar as tábuas da porta do seu cubículo, na entrada do prédio que faz esquina.

— Olhe para eles—acrescenta o sapateiro.—É como se estivessem em casa.

Velarde observa-o. Deve rondar os cinquenta anos, calvo, com o cabelo ralo e uns olhos claros e aquosos, que destilam desprezo. Olha para os franceses como se desejasse que o prédio se desmoronasse sobre as cabeças deles.

— O que tem contra eles?—pergunta-lhe Velarde.

A expressão do outro transforma-se. Aproximou-se do oficial, revelando-lhe

o seu pensamento, sem dúvida porque o uniforme espanhol lhe inspirava confiança. Agora parece prestes a retroceder um passo enquanto o observa, desconfiado.

— Tenho o que tenho de ter—acaba por dizer, entre dentes, carrancudo.

Velarde, apesar do mau humor que o aflige há dias, não pode evitar um sorriso.

— E por que não vai até lá e lhes diz?

O sapateiro examina-o com receio, de cima a baixo, detendo-se nas divisas de capitão e nas granadas de artilharia na gola da casaca de Estado-Maior. De que lado estará este militar filho de uma cadela, parece interrogar-se.

— Talvez o faça—murmura.

Velarde concorda, distraído, e mais não diz. Ainda permanece alguns instantes junto do sapateiro, observando os da casa de pasto. Depois, sem se despedir, põe-se a andar rua acima.

— Cobardes—ouve dizer atrás de si, calculando que isso não é dirigido aos franceses. Nessa altura roda sobre os calcanhares. O sapateiro continua na esquina, com as mãos nas ancas, olhando-o.

— O que disse?—pergunta Velarde, que sente o sangue afluir-lhe à cara.

O outro desvia o olhar e desloca-se até à protecção da entrada, sem responder, assustado com as suas próprias palavras. O capitão abre a boca para o insultar. Maquinalmente, pousou uma mão no punho do sabre e luta contra a tentação de castigar a insolência. Finalmente impõe-se o bom senso, cerra os dentes e permanece imóvel sem dizer nada, agora um labirinto de fúria, até que o sapateiro agacha a cabeça e desaparece no seu cubículo. Velarde volta as costas e afasta-se, alterado, em passadas largas.

Vestido com um chapéu à inglesa, casaca com lapelas e colete acima do umbigo, o literato e engenheiro reformado da Armada José Mor de Fuentes passeia-se pela calle Mayor, com o guarda-chuva debaixo do braço. Está em Madrid com cartas de recomendação do duque de Frias, solicitando a direcção do canal de Aragão, a sua terra.

Como muitos ociosos, acaba de passar pela administração dos Correios em busca de notícias dos reis retidos em Baiona, mas ninguém sabe nada. De modo que, depois de comer uma refeição ligeira num café da carrera de San Jerónimo, decide dar uma vista de olhos à zona do Palácio. As pessoas com quem se cruza parecem agitadas, dirigindo-se em grupos para a puerta del Sol. Um ourives, a quem encontra a abrir a loja, pergunta-lhe se é verdade que se prevêem distúrbios.

— Não devem ser grandes—responde Mor de Fuentes muito calmo.—Já sabe, cão que ladra não morde.

Os joalheiros da puerta de Guadalajara não parecem partilhar dessa tranquilidade: muitas ourivesarias permanecem fechadas e noutras os donos estão na rua a observar, inquietos, as idas e vindas. Pela Plaza Mayor e San Miguel há grupos de vendedoras de hortaliças e mulheres de cesta ao braço que tagarelam em grupos agitados, enquanto dos bairros populares de Lavapiés e de La Paloma sobe em magotes gente brava, valentona, fazendo algazarra e pedindo fígados de gabacbo para o pequeno-almoço. Isso não incomoda Mor de Fuentes —ele próprio tem o seu quê de fantasioso e a sua costela de fanfarrão—,antes o diverte. Numas curtas memórias ou descrição sumária da sua vida que publicará anos mais tarde, ao referir-se ao dia que hoje começa, mencionará um plano de defesa de Espanha que ele próprio propusera à Junta, conversas patrióticas com o capitão de artilharia Pedro Velarde e mesmo duas tentativas de tomada de armas, hoje, contra os Franceses: armas das quais, durante todo o dia,—e não por falta de oportunidades em Madrid—se manterá bem longe.

— Para onde vai, Mor de Fuentes, se há um alvoroço tão grande?

O aragonês tira o chapéu. Na esquina do Palácio de los Consejos acaba de encontrar a condessa de Giraldeli, uma dama do Palácio que conhece.

— O alvoroço, já o vejo. Mas duvido que passe disto.

— Acha?... Pois no Palácio os Franceses querem levar o infante D. Francisco.

— Que me diz?

— Isso mesmo, Mor.

A condessa de Giraldeli vai-se embora, sobressaltada e muito angustiada, e o literato estuga o passo em direcção ao arco de Palácio. Hoje está aí de serviço um dos seus conhecidos, o capitão da Guarda Espanhola Manuel Jáuregui, de quem pretende obter informações. O dia depara-se interessante, pensa. E, possivelmente, vindicativo.

Os gritos que se proferem contra França, contra os afrancesados e contra os amigos de Godoy, suscitam em Mor de Fuentes um prazer secreto e acrescido. A sua ambição artística—acaba de publicar a terceira edição da sua medíocre Serafina—e o círculo de amizades literárias onde se move, com Cienfuegos e os outros, levam-no a detestar com toda a sua alma Leandro Fernandéz de Moratín, protegido do deposto Príncipe da Paz. Mortifica Mor de Fuentes, e muito, o público dos teatros, em jeito de recua ou de piara, demonstrar deferência pelos apartes, palavrinhas soltas, sensaboria hipócrita e gostos do Engenho de

Engenhos e de outras estrangeirices, junto de quem todos os outros—Mor de Fuentes incluído—são encarados como anõezinhos alheios ao talento, à prosa e ao verso castelhanos. Por isso o aragonês se consola com os gritos que, misturados com os incitamentos contra os Franceses, aludem a Godoy e à gente de polaina(1), Moratín incluído. Aproveitando o barulho, Mor de Fuentes não desdenharia que dessem hoje um bom escarmento ao novo Molière, mimado das musas.

Quando Blas Molina Soriano, serralheiro de profissão, chega à plaza de Palácio, resta apenas uma carruagem das três que esperavam diante da puerta del Príncipe.

(1) Gente de polaina: os afrancesados. (N. da T.)

As outras afastam-se pela calledel Tesoro. Ao lado da que continua imóvel e vazia vê-se pouca gente, à excepção do cocheiro e do postilhão: três mulheres com xailes sobre os ombros e cabazes de compras e cinco moradores. Há mais alguns curiosos na praça ampla, observando à distância. Para averiguar quem ocupa as carruagens, Molina apanha a capa de burel e corre atrás delas, embora não consiga apanhá-las.

— Quem vai naquelas carruagens?—pergunta ao regressar.

— A rainha da Etrúria—responde uma das mulheres, alta e bem-parecida.

Ainda sem fôlego, o serralheiro fica de boca aberta.

— Tem a certeza?

— Claro que sim. Vi-a sair com os filhos, acompanhada por um ministro, ou por um general... Alguém com chapéu de muitas plumas, que lhe dava o braço. Entrou depressa e desapareceu num ai... Não é verdade, comadre?

Outra mulher assente, confirmando-o:

— Cobria-se com uma mantilha. Mas que o guisado se queime se não era Maria Luísa em pessoa.

— Saiu mais alguém?

— Que eu saiba, não. Dizem que irá também o pequeno infante dom Francisco de Paula, a criança. Mas só vimos a irmã.

Sombrio, repleto de pressentimentos funestos, Molina dirige-se ao cocheiro.

— Para quem é a carruagem?

O outro, sentado na boleia, encolhe os ombros sem responder. Picado, Molina olha em volta. Além das sentinelas da porta—hoje calha Guarda Espanhola na do Príncipe e Guarda Valona na do Tesoro—,não se vê qualquer

escolta. É inimaginável uma mudança dessa importância sem precauções, diz para consigo. Embora talvez o que pretendam seja não chamar a atenção.

— Apareceram gabachos?—pergunta a um dos curiosos.

— Não vi nenhum. Só uma sentinela ao longe, em San Nicolás.

Pensativo, Molina coça o queixo que esta manhã não teve tempo de barbear. San Nicolás, junto da igreja desse nome, é o aquartelamento de franceses mais próximo e é estranho estarem assim tão tranquilos. Ou parecerem. Ele acaba de passar pela puerta del Sol e ali também não há rasto deles, embora o local esteja cheio de moradores que andam esquentados. No entanto, ninguém diante do Palácio.

As carruagens que partiram e esta outra preparada e vazia não auguram nada de bom. Um clarim de alarme ecoa no seu íntimo.

— Estão-nos a lixar pela medida grande—conclui.

As suas palavras fazem José Mor de Fuentes voltar a cabeça. O literato aragonês está por ali, depois de vir em passeio desde o arco de Palácio. Não o deixaram ver o amigo, o capitão Jáuregui. Blas Molina conhece-o de vista, porque arranjou a fechadura da casa dele há duas semanas.

— E nós aqui—comenta Molina, exasperado.—Quatro gatos-pingados e sem armas.

— Pois aí está a Armaria Real—responde Mor de Fuentes trocista, apontando para o edifício.

O serralheiro passa a mão pelo pescoço, pensativo. Levou a brincadeira à letra.

— Não o diga duas vezes. Se as pessoas se entusiasmam, arrombo a porta. É o meu ofício.

O outro observa-o fixamente para perceber se fala a sério. Depois olha para um lado e para o outro, incomodado, abana a cabeça e afasta-se, com o guarda-chuva debaixo do braço, enquanto o serralheiro fica a dar voltas ao assunto da Armaria Real. É melhor esquecer isso por agora, conclui. De qualquer forma, com armas ou sem elas, Blas Molina Soriano, aos seus quarenta e oito anos, é o mais fervoroso partidário que o rei de Espanha tem em Madrid. As razões do culto exaltado que professa à monarquia são complexas e a ele próprio lhe escapam. Mais tarde, num memorial pormenorizado dirigido ao rei sobre a sua participação nos acontecimentos do 2 de Maio, definir-se-á como "cego apaixonado de V.M. e da Família Real". Filho de um ex-soldado de cavalaria servidor do infante dom Gabriel, a Casa Real custeou-lhe o exame de serralheiro. Desde essa altura, a gratidão de Molina leva-o ao extremo de ser visto, com

demonstrações de extrema devoção, em cada aparição pública dos Bourbon.

Sobretudo junto de Fernando VII, a quem adora com lealdade canina: foi visto a correr a pé junto do seu cavalo pelo Prado, pela Casa de Campo e pelo Buen Retiro, levando um recipiente com água fresca para o caso de o jovem rei querer beber. Molina viveu o momento mais feliz da sua existência no início de Abril, quando teve a dita de indicar a Fernando VII o caminho para o parque de Monteleón, que o monarca procurava sem outra escolta além de um criado. Aí, aproveitando a conjuntura, o serralheiro juntou-se a eles com muito descaramento, acompanhando a pessoa do rei, e pôde admirar o depósito de canhões, armas e munições do parque de artilharia. Isto sem suspeitar que a lembrança dessa visita casual está hoje prestes a ter uma importância decisiva—literalmente de vida e morte—na história de Blas Molina e de muitos outros madrileños.

Com semelhantes antecedentes, ninguém que conheça o apaixonado serralheiro ficaria surpreendido por encontrá-lo esta manhã na plaza de Palácio, tal como foi visto durante o motim de Aranjuez à frente de um grupo de amotinados que pediam a cabeça de Godoy, ou durante os acontecimentos de ontem, domingo, quer assobiando Murat à saída da missa e na revista do Prado, quer aplaudindo, com outras dez mil pessoas, o infante dom António à sua passagem pela puerta del Sol. Segundo o que Molina contou aos amigos, anda com o credo na boca desde que os gabachos infernais estão em Madrid e está disposto a fazer tudo o que esteja na sua mão para defender a família real das intenções francesas. Para esse efeito, passou uma boa parte da noite postado numa esquina da calle Nueva, a vigiar por sua conta os correios que entravam e saíam da residência de Murat na plaza de Dona Maria de Aragón, e levando depois, diligentemente, essas informações à Junta Governativa, sem desanimar, embora ninguém fizesse caso dele e, de cada uma das vezes, o porteiro o mandasse dar uma volta. Agora, após dormitar um pouco no seu domicílio e deixando a mulher assustada e chorosa por vê-lo em semelhantes andanças, o inquieto serralheiro acaba de confirmar as suas apreensões. No que a ele diz respeito, a rainha viúva da Etrúria pode ir para onde lhe apetecer. Todos sabem que é afrancesada e que quer estar com os pais em Baiona, de modo que se entenda como quiser com os gabachos.

Mas arrebatar o pequeno infante, último da família que resta em Espanha, juntamente com o seu tio dom António, é crime de lesa-pátria. De modo que, junto à carruagem vazia que aguarda diante da puerta del Príncipe, que tanta espécie lhe causa, o humilde serralheiro, cabecilha espontâneo da monarquia

espanhola, decide impedi-lo, mesmo sozinho e desarmado—nem sequer traz navalha porque a mulher, com bastante bom senso, lha tirou antes de sair —,enquanto lhe restar uma gota de sangue nas veias.

Assim, sem pensar duas vezes, Blas Molina engole em seco, pigarreia, dá alguns passos na direcção do centro da praça e começa a gritar: "Traição! Levam o infante!

Traição!", com toda a força dos seus pulmões.

2.

Ainda não são nove da manhã quando o tenente Rafael de Arango chega ao parque de Monteleón, levando num bolso da casaca as duas ordens do dia. Recolheu uma delas no Governo Militar e outra na Junta Superior de Artilharia e ambas concordam em determinar que as tropas continuem confinadas aos seus quartéis e se evite, a todo o custo, confraternizar com os populares. Ao texto escrito da última, o coronel Navarro Falcón acrescentou, oralmente, algumas instruções complementares.

— Mão de veludo com os Franceses, pelo amor de Deus... Quanto a decisões por sua conta e risco, que isso nem lhe passe pela cabeça. E, ao mais pequeno problema, avise-me a correr para que lhe mande alguém.

A meia centena de populares concentrada diante do parque não é ainda um problema, mas pode vir a sê-lo. A possibilidade preocupa o jovem tenente que, apesar da sua baixa patente, está prestes a assumir até chegar alguém de patente superior—Arango foi o primeiro oficial que se apresentou esta manhã na Junta —,a responsabilidade do principal depósito de artilharia de Madrid. De modo que procura adoptar uma expressão impassível enquanto, disfarçando a inquietação, caminha por entre os grupos que se afastam à sua passagem. Felizmente, a atitude destes é razoável. São, na sua maior parte, moradores do bairro Maravillas, artesãos, pequenos comerciantes e criados das casas vizinhas e, entre eles, vêem-se algumas mulheres e parentes dos soldados do parque, antigo palácio dos duques de Monteleón, cedido para uso militar. Em volta do oficial sucedem-se os comentários exaltados ou impacientes, alguns vivas à arma de artilharia e uma ou outra aclamação mais forte, secundada por todos, ao rei Fernando VII. Também não faltam insultos aos Franceses. Alguns dos populares congregados pedem armas, mas ninguém faz coro. Ainda.

— Bom-dia, mesié le capitén.

— Bonjour, lieutenant.

Assim que passa sob o arco de tijolo, telhas e ferro forjado da entrada principal, Arango depara com o capitão francês que dirige o destacamento de setenta e cinco soldados do trem de artilharia imperial, um tambor e quatro subalternos, que estão de vigia à porta, ao quartel, às cavalariças, ao pavilhão da guarda e ao depósito de armamento. O espanhol leva a mão ao bico do chapéu e o outro responde com uma displicência irritada. Está nervoso e os seus homens ainda mais. Esses aí fora, diz a Arango, estão a insultá-los há algum tempo, de modo que está disposto a dispersá-los aos tiros.

— Se não se van emboga da pogta, ordonne les tirer dessus... Pum, pum... Comprenez?

Arango compreende bem de mais. Aquilo ultrapassa as instruções que lhe deu o coronel. Desolado, olha em volta e observa as expressões preocupadas nos rostos da escassa tropa espanhola que tem às suas ordens: dezasseis artilheiros entre sargentos, cabos e soldados. Nem sequer estão armados, pois até as espingardas que há na sala de armas estão sem munições e sem as pedras-de-fogo nas chaves. Indefesos, todos, diante daqueles franceses com a pulga atrás da orelha e armados até aos dentes.

— Vou ver o que se pode fazer—diz ao capitão dos soldados imperiais.

— Je vous donne quinze minutos. Pas plus.

Afastando-se do francês, Arango reúne os seus homens à parte. Estão confusos e ele tenta tranquilizá-los. Felizmente está entre eles o cabo Eusebio Alonso, um veterano sereno, disciplinado e de fiar, que já conhece. De modo que o manda para a porta com instruções de acalmar os populares e tentar que as sentinelas francesas não cometam uma barbaridade. Nesse caso não poderia responder pela gente que está lá fora nem pelos seus homens.

Diante do Palácio, as coisas complicaram-se. Um gentil-homem da Corte, que, de baixo, ninguém consegue identificar, acaba de assomar a uma das varandas do edifício para juntar os seus gritos aos do serralheiro Blas Molina. "Levam o infante!", gritou, confirmando os receios das pessoas, que agora passam já das sessenta ou setenta e que se congregam em volta da carruagem vazia. Molina não precisou de mais para dar o passo seguinte. Fora de si, seguido por alguns dos mais exaltados e pela mulher alta e bem-parecida, que agita um lenço branco para que as sentinelas não disparem, o serralheiro precipita-se na direcção da porta mais próxima, a do Príncipe, onde os soldados da Guarda Espanhola, perplexos, não lhe impedem a passagem. Surpreendido com o sucesso da sua iniciativa, Molina encoraja aqueles que o seguem a continuar em frente, dá dois vivas à família real, torna a gritar "traição, traição" com uma voz atroadora e, destemido ao verificar que muitos gritam em coro as suas palavras de ordem, sobe pelas primeiras escadas que encontra, deparando apenas com a oposição de um elemento fardado, o exento(1) da Guarda de Corpo Pedro de Toisos, que lhe barra o caminho.

— Pelo amor de Deus!... Estejam quietos, que já temos quem nos guarde as costas!

— O caraças!—grita Molina, afastando-o.—As costas guardamo-las nós próprios!... Morte aos Franceses!

Inesperadamente, enquanto o serralheiro avança seguido dos seus incondicionais, no patamar da escada aparece um rapazinho de catorze anos, vestido de corte e acompanhado por um gentil-homem e por quatro guardas de Corpo. A mulher alta, que segue atrás de Molina, dá um grito: "O infante dom Francisco!", e o serralheiro pára de repente, desconcertado, ao ver-se diante da criança. Depois, refazendo-se e com o seu desembaraço habitual, apoia um joelho nos degraus da escada e grita: "Viva o infante! Viva a família real!", acompanhado em coro pelos seus seguidores. O rapazinho, que tinha empalidecido ao ver o tumulto, recupera a cor e sorri um pouco, o que aviva o entusiasmo de Molina e da sua gente.

(1) Exento: oficial desta guarda, com patente imediatamente inferior ao alferes. (N. da T.)

— Avante, avante!—gritam—A ver o infante dom António!... Daqui ninguém sai!

E assim, em tropel salpicado de vivas a e mortes a, Molina e os que o seguem precipitam-se para beijar as mãos do menino, quase o levando em bolandas, com a sua escolta, até à porta do gabinete do seu tio dom António. Aí chegados, respondendo a algumas palavras que o gentil-homem que o acompanha lhe sussurra ao ouvido, o rapaz, com uma serenidade admirável para os seus poucos anos, agradece a Molina e aos outros os seus desvelos, garante que não viajará para Baiona ou para qualquer outro sítio, roga-lhes que regressem à praça para tranquilizar as pessoas e promete que, dentro de momentos, irá a uma das varandas para os satisfazer a todos. O serralheiro hesita por instantes mas compreende que é arriscado ir mais além, sobretudo porque na escada ecoam já os passos de um piquete da Guarda Espanhola, que sobe a toda a pressa para resolver a situação. De modo que, satisfeito e decidido a não tentar mais a sorte, convence aqueles que o seguem de que isso é o mais razoável, despede-se do infante com muitos vivas e reverências, desce as escadas com o seu séquito, saltando os degraus de quatro em quatro, e regressa à praça, triunfante e feliz, como se levasse a banda de capitão-general, justamente quando dom Francisco de Paula, que cumpre a palavra como um jovem cavalheiro, surge à varanda que faz ângulo recto na esquina do Palácio, entre grandes aplausos, cumprimentando com a cabeça em sinal de gratidão e com muitos agradecimentos ao povo ali congregado, que ultrapassa já as trezentas pessoas, entre elas alguns soldados isolados do regimento de Voluntários de

Aragão, com mais pessoas a aproximar-se vindas das casas vizinhas e outras debruçadas nas varandas.

Nesse momento torna tudo a complicar-se. Muito perto do serralheiro Molina, José Lueco, morador em Madrid e fabricante de chocolate, está junto da carruagem que continua parada na puerta del Príncipe, ocupada apenas pelo cocheiro e pelo postilhão. Aproveitando o tumulto, e enquanto o infante assomava à varanda, Lueco corta com a navalha as rédeas do tiro da carruagem, ajudado por Juan Velázquez, Silvestre Álvarez e Toribio Rodríguez—o primeiro deles moço de mulas e os outros moços de cavalariça do conde de Altamira e do embaixador de Portugal.

— Nesta não o levam!—abespinha-se Lueco.

— Antes mortos...—insinua Velázquez.

— ...que escravos—reforça Rodríguez.

As pessoas aplaudem-nos como heróis. Alguns tentam, mesmo, cortar o jarrete às mulas. Nesse mesmo instante, e ainda antes de fecharem as navalhas, por entre a multidão aparecem dois uniformes franceses, um de soldado de infantaria ligeira e outro branco e carmesim com muitos cordões e galões, vestido pelo chefe de esquadrão Armand La Grange, ajudante do duque de Berg, que, ao ver a agitação do terraço da sua residência no Palácio Grimaldi, o envia com um intérprete para ver o que está a acontecer.

E dá-se a circunstância de La Grange, veterano apesar da sua juventude e homem de susceptibilidade aristocrática que, por temperamento, detesta a chusma, abrir caminho aos empurrões em direcção à puerta del Príncipe, com muita coragem ou muito desprezo. Com muito maus modos, em suma, e com a soberba de quem se move em terreno próprio.

Até que depara, para seu infortúnio, com José Lueco e seus companheiros.

— Vai empurrar—diz-lhe este—a porca gabacba que te pariu.

O ajudante-de-campo de Murat não sabe uma palavra de espanhol, mas o intérprete traduz-lhe. Além disso, as navalhas abertas e as caras daqueles que as empunham falam por si. De modo que dá um passo atrás e deita a mão ao sabre de cavalaria que traz ao cinto. O soldado imita-o, as pessoas abrem um círculo, a farejar refrega, e nisto aparece o serralheiro Molina, que, à vista dos uniformes, renova os seus gritos:—Matem-nos! Matem-nos!... Que nenhum francês passe! Em menos do que tarda em dizê-lo, precipitam-se todos sobre La Grange e o seu intérprete, sacodem-nos, rasgam-lhes a roupa e teriam sido esquartejados ali mesmo caso o aspirante da Guarda de Corpo Pedro de Toisos não se interpusesse.

Com muita presença de espírito, Toisos chega a correr e consegue afastar o ajudante de Murat e o soldado, fazendo-os embainhar os sabres enquanto ordena a Lueco e aos outros,que guardem as navalhas.

— Não derramemos sangue!... Pensem no infante dom Francisco, pelo amor de Deus!... Não desonremos este sítio!

O seu uniforme e a sua autoridade refreiam um pouco os ânimos, dando tempo a que um piquete de vinte franceses, que vem a toda a pressa pela calle Nueva, ponha a bom recato os seus compatriotas, retirando-se com eles entre um círculo de baionetas. Isto enfurece Blas Molina, que vê a presa escapar-se e grita, incitando as pessoas a não os deixarem ir. Nesse momento aparece na porta do Palácio o ministro da Guerra, OTarril, que sai para dar uma vista de olhos. E como o serralheiro lhe grita sem qualquer respeito diante do nariz, o ministro, alterado, dá-lhe um empurrão, querendo afastá-lo dali.

— Retirem-se estes insurrectos para as suas casas, que ninguém precisa deles!

— Vossa Senhoria e outros pícaros vendem Espanha e desgraçam-nos a todos!—agita-se o serralheiro sem se amedrontar.

— Fora daqui ou mando abrir fogo!

— Fogo?... Contra o povo?

As pessoas amontoam-se, ameaçadoras, secundando Molina. Um soldado jovem dos Voluntários de Aragão põe a mão no punho do seu sabre, censurando OTarril até que este, prudentemente, volta a entrar. Nesse instante ouvem-se novos gritos. "Um francês! Um francês!", vociferam vários, correndo em direcção à esquina do Tesoro. Molina, que procura cegamente em quem descarregar a sua cólera, abre caminho à cotovelada, a tempo de ver como um assustado marinheiro da Guarda Imperial—um mensageiro que tentava fugir em direcção a San Gil—é desarmado diante do corpo de guarda pelo capitão da Guarda Valona Alejandro Coupigny, filho do general Coupigny, que lhe tira o sabre e o arrasta para o interior para o salvar da turba furiosa. Molina, desfigurado pela perda dessa segunda presa, arrebata das mãos de um morador um grosso bastão de nós e ergue-o ao alto.

— Vamos todos procurar franceses!—grita até deslocar o maxilar.—Vamos matá-los!... Vamos matá-los!

E, dando o exemplo, seguido pelo soldado dos Voluntários de Aragão, pelo chocolateiro Lueco, pelos moços de cavalariça e por mais alguns, entre os quais não faltam várias mulheres, desata a correr na direcção das ruas vizinhas ao Palácio, procurando em quem saciar a sede de sangue; objectivo que atinge a

poucos passos, porque, assim que dobram a esquina, descobrem um militar imperial, sem dúvida outro mensageiro que se dirige para o aquartelamento de San Nicolás. Com urros de júbilo, o serralheiro e o soldado lançam-se em perseguição do francês, que corre desesperado, até Mo-lina o atacar à bordoada na esquina da escola que existe em frente a San Juan. Aí mesmo lhe bate repetidamente na cabeça, sem piedade, até o infeliz cair ao chão, onde o soldado o trespassa com o sabre.

Joaquín Fernández de Córdoba, marquês de Malpica e grande de Espanha, está debruçado na varanda da sua casa, perto do Palácio Real e diante da igreja de Santa Maria, observando as idas e vindas das pessoas. Em vista da última gritaria e desordens, inquieto e espicaçado pela curiosidade, o marquês decide dar uma vista de olhos de perto. Para não se comprometer—é capitão do regimento de infantaria de Málaga, embora esteja dispensado do serviço—,põe de parte o uniforme e veste-se com um chapéu de aba curta, casaca parda, calças de anta e botas polacas. Agarra depois numa bengala de estoque, mete uma pistoleta escorvada e carregada com uma bala num dos bolsos e sai, acompanhado por um servente de confiança. Malpica não é homem em quem as revoltas populares despertem simpatias mas, como militar e espanhol, a presença francesa incomoda-o. Inicialmente partidário, como tantos membros da nobreza, da autoridade napoleónica que pôs cobro aos desmandos revolucionários que ensanguentaram o país vizinho, admirador como militar das proezas bélicas de Bonaparte, o marquês trocou essa complacência, nos últimos tempos, pela irritação de quem vê a sua terra em mãos estrangeiras. Também se inclui entre aqueles que aplaudiram a queda de Godoy, a abdicação dos velhos reis e a subida ao trono de Fernando VII. Na forma de ser do jovem monarca, Malpica deposita muitas esperanças embora, como militar e homem discreto, nunca se tenha pronunciado publicamente a favor ou contra a situação vivida pela sua pátria e reserve as opiniões para a família e para o círculo dos seus íntimos.

Na companhia do criado, chamado Olmos, que foi soldado e seu ordenança em Málaga, o marquês pretende dar uma vista de olhos àquela parte do bairro e depois subir até ao Palácio. De modo que, passando por trás de Santa Maria, percorre a calle de La Almudena até à plaza de los Consejos e, depois de trocar impressões com um encadernador de livros que conhece—o homem, preocupado, hesita em abrir ou não a sua oficina—,vira à esquerda pela calle del Factor para se dirigir ao Palácio. Essa rua está deserta. Não se vê vivalma, e varandas e galerias envidraçadas estão vazias. De modo que o instinto militar do marquês se inquieta com tão estranho silêncio.

— Isto não me agrada nada, Olmos.

— A mim também não.

— Nesse caso, voltemos. Iremos pelo arco de Palácio. Custos rerum prudentia, etc... Não achas?

— Eu acho o que Vossa Senhoria disser.

Um rufar de tambor deixa-os petrificados. O som aumenta atrás da esquina da calle del Biombo, acompanhado pelo som ritmado de solas sobre o empedrado: passos numerosos que avançam com rapidez. O marquês e o seu criado colam-se à fachada da casa mais próxima, procurando resguardo na entrada. Daí vêem como uma companhia completa de infantaria com as espingardas preparadas, os seus oficiais à frente e de sabre na mão, aparece a dobrar a esquina e se dirige para o Palácio a passos largos.

As tropas francesas saem de San Nicolás.

A primeira força francesa que desemboca no largo, um pouco antes das dez da manhã, é composta por oitenta e sete homens do batalhão de granadeiros da Guarda Imperial que protege a residência do duque de Berg no Palácio Grimaldi. Blas Molina, que regressou à praça depois de matar o soldado francês junto a San Juan, vê chegar a coluna compacta de uniformes azuis com peitilho branco e barretinas pretas. Estes, compreende imediatamente, não são recrutas mas tropas de elite. Tal como as restantes pessoas entre as quais se encontra, o estado de espírito do serralheiro oscila entre o estupor e a cólera, devido à atitude ameaçadora dos recém-chegados. O trajecto desde a vizinha plaza de Dona Maria de Aragón foi percorrido em poucos minutos pelos franceses, que, ao chegarem ao largo, se vêem reforçados por dois tiros de cavalos arrastando canhões de vinte e quatro libras e pela restante infantaria que abandona San Nicolás. Estas forças convergem para a puerta del Príncipe e dispõem-se numa manobra impecável. O oficial no comando tem ordens directas de Murat: repetir a acção punitiva que tão bons resultados deu a Napoleão no Cairo, em Milão, em Roma e, ultimamente, ao marechal Junot em Lisboa. De modo que, com a eficácia profissional que corresponde ao melhor exército do mundo, as ordens sucedem-se com rigor militar, os artilheiros desengancham os reparos do canhão dos seus tiros e põem-nos em bateria, carregando-os com metralha, e os granadeiros alinham-se, colocando as espingardas de frente para o meio milhar de pessoas reunido diante do edifício.

— Vai cair saraivada—diz alguém junto a Molina. Não há advertência nem intimação prévia. Assim que os canhões ficam em bateria e os granadeiros em duas filas, a primeira de joelho no chão e a segunda em pé, de espingardas

apontadas, um oficial ergue o seu sabre e manda abrir fogo sem mais formalidades: uma primeira descarga alta, sobre as cabeças das pessoas que se apinham assustadas e uma segunda directa, a matar, com metralha dos canhões, que retumbam com duplo estampido, lançam fumo e clarões e, num instante, regam o largo de balas e estilhaços. Desta vez não há gritos patrióticos, nem insultos aos Franceses, nem outra coisa além do alarido de pânico que sai de centenas de gargantas enquanto a multidão, surpreendida com tão brutal contundência, corre, dispersando-se por todas as direcções, pisando os feridos que se contorcem em charcos vermelhos, as mulheres que tropeçam, aqueles que caem por toda a parte, atingidos pelas descargas da fuzilaria que os Franceses mantêm agora com uma cadência implacável, enquanto as balas e a metralha zumbem, rasgam, quebram, mutilam e matam.

A eficácia do fogo francês sobre o gentio inerme e apavorado é letal. Não é possível calcular-se o número exacto de vítimas diante do Palácio Real. A História reterá, entre outros, os nomes dos moradores António Garcia, Blasa Grimaldo Iglesias, Esteban Milán, Rosa Ramírez e Tomás Castillón. Há mesmo mortos entre o pessoal palatino: o médico de Sua Majestade Manuel Pereira, o cerieiro real Cosme Miel, o camareiro Francisco Merlo, o cocheiro real José Méndez Álvarez, o lacaio das Cavalariças Reais Luis Román e o faroleiro do Palácio Matías Rodríguez. Entre aqueles que poderão contar a história, o porteiro de correntes(1) mais antigo do edifício, José Rodrigo de Porras, recebe uma ferida de metralha na cara e outra de ricochete de bala na cabeça; Joaquín Maria de Mártola, aposentador-mor honorário do rei, que está na carruagem a que José Lueco e os seus amigos cortaram os tirantes dos cavalos, recebe um impacto que lhe parte um braço; e ao mordomo da semana Rodrigo López de Ayala, debruçado numa das janelas do palácio, saltam para a cara os vidros partidos por uma bala que o atinge no peito e de cuja ferida morrerá dois meses mais tarde.

(1) Porteiro do palácio com a função de abrir as correntes da entrada exterior, permitindo a passagem às pessoas autorizadas. (N. da T.)

Ao crepitar a fuzilada e encher-se a praça de fumo e sangue, Blas Molina corre aterrorizado, agachando a cabeça. No meio do tumulto, enquanto perde a capa e a procura, vê cair, ferido, outro serralheiro que conhece, o asturiano Manuel Armayor. Também julga identificar, numa mulher que está no chão com a cabeça aberta por um balázio, a mulher alta e bem-parecida que entrou atrás

dele no Palácio, agitando um lenço branco. Parando por instantes, Molina tenta socorrer o colega caído, mas o fogo francês é intenso, de modo que desiste e corre como todos os outros, tentando pôr-se a salvo. Quanto a Manuel Armayor, atingido pelas primeiras descargas, consegue finalmente levantar-se e, cambaleando, corre até cair desmaiado nos braços de um grupo de fugitivos. Entre todos levam-no aos arrastões até à sua casa da calle Segovia; esvaindo-se em sangue porque, enquanto o levam, recebe mais três disparos.

— Isto são tiros—diz o cabo José Montaíio.

No parque de Monteleón, tal como todos os seus homens, o tenente Rafael de Arango fica imóvel e atento. O que soa à distância parecem disparos, com efeito, mas isolados e longínquos. Os artilheiros entreolham-se. Também os franceses ouviram, porque Arango vê o capitão discutir com um dos suboficiais e voltar-se depois na sua direcção, como se exigisse explicações.

— No fim vai haver confusão—murmura alguém.

— Ou já houve—diz outro.

— Silêncio!—ordena Arango.

Sente um desejo enorme de se sentar num canto afastado, fechar os olhos e desinteressar-se de tudo. Mas não pode fazer isso. Depois de reflectir um pouco, encarrega discretamente o cabo Montaíio

e outros três artilheiros de entrarem dissimuladamente na sala de armas e porem pedreneiras nas espingardas.

— Mais vale estarmos prevenidos—insinua, como se não lhe desse importância.—Porque nunca se sabe.

— E o que é feito dos cartuchos, meu tenente?

Arango hesita um pouco. As ordens especificam que a tropa deve permanecer sem munição. Mas ele não sabe o que está a acontecer. Os rostos desorientados dos seus homens, que olham para ele com respeitosa confiança, embora alguns deles tenham a idade do seu pai—parece mentira o que impõe uma dragona no ombro direito—,obrigam-no a decidir-se. Estão à sua responsabilidade, conclui, e não pode deixá-los indefesos entre os Franceses. Não a esse ponto.

— Escondidas sob o armeiro do barracão há oito caixas. Abram uma sem chamar a atenção e que cada um dos nossos agarre num punhado e o meta nos bolsos... Mas não quero nem uma espingarda carregada, entendido?

Enquanto Montano e os outros vão cumprir as ordens, Arango toma algumas disposições adicionais, como colocar outros dois artilheiros na porta para que ajudem o cabo Alonso, pois as pessoas de fora, que sem dúvida ouvem a

algazarra, aumentam os gritos e pedem armas. Além disso, encarrega o sargento Rosendo de La Lastra de não tirar os olhos dos Franceses e de o informar até das suas idas às latrinas. Como última disposição, despacha o soldado José Portales para a Junta de Artilharia, na calle de San Bernardo, com a mensagem verbal para o coronel Navarro Falcón de que envie com urgência um oficial de patente superior que tome conta da situação.

Depois respira fundo, enche os pulmões de ar como se fosse mergulhar e vai à procura do capitão francês, para o convencer de que está tudo em ordem.

— Armas! Armas!... Precisamos de armas!

Correm as pessoas, furiosas e desaforadas, pelas ruas próximas do Palácio, mostrando as mãos nuas, as roupas manchadas de sangue, metendo feridos nas entradas das casas. Nas varandas, as mulheres gritam, choram. Alguns moradores correm a esconder-se, outros saem exaltados e exigem vingança e morte, enquanto uma loucura colectiva inflama as ruas. "Morte aos gabachos" é o grito geral. E diante de quem alega a falta de armas, circula a palavra de ordem "temos paus e facas". Na plaza de La Cruz Verde, um sargento da cavalaria polaca, que está aí alojado, é atacado por um grupo de rapazolas quando sai para se dirigir ao seu posto, morto à pedrada e à navalhada e dependurado pelos pés, nu, num candeeiro da esquina da calle del Rollo. E à medida que se difunde a notícia da matança no Palácio, de bairro em bairro começa a caça generalizada ao francês.

— Estão à procura de gabachos por Madrid inteira!... Às armas!... Às armas!

A multidão corre de um lado para outro, exaltada, procurando em quem vingar-se. O centro da cidade é um fervedouro de ódio. Da varanda dos Correios, o alferes de fragata Esquivel vê como o gentio da puerta del Sol apedreja um dragão que passa a galope, inclinado sobre a crina do seu cavalo, em direcção à carrera de San Jerónimo.

Por toda a parte se ouvem gritos convocando às armas e à batida aos Franceses e o populacho começa a atirar-se a eles quando os encontra isolados, surpreendidos na porta dos seus alojamentos ou a caminho dos quartéis. Muitos oficiais, suboficiais e soldados perdem assim a vida, esfaqueados ao porem o pé na rua. Nos primeiros instantes, além do sargento da cavalaria polaca, dois militares imperiais são assassinados diante do Teatro de los Canos del Peral, três morrem degolados na plaza del Conde de Barajas e dois apunhalados com tesouras de alfaiate junto da taberna do arco de Botoneras. E a outro polaco, dos que montam guarda na plazuela del Ángel, diante do Palácio de Ariza— residência do general Grouchy—,descarregam-lhe um bacamarte nas costas.

Muita gente dada à rapina e à navalha sai para pescar em rio revolto, e o resultado é que os cadáveres franceses são despojados de carteiras, anéis, peças de roupa e todos os objectos de valor que trazem consigo.

Não são poucas as mulheres que intervêm na desordem. Depois de os ecos do tumulto a lançarem à rua, Ramona Esquilino Onate, de vinte anos, solteira, que vive no número 5 da calle de La Flor, dirige-se com a mãe para a esquina de San Bernardo, incitando a vizinhança a enfrentar os Franceses.

— Hereges sem Deus e sem vergonha!—define-os a mãe.

E deparando ali com um oficial imperial que sai de uma casa onde se hospeda, assaltam-no ambas, arrebatando-lhe a espada e fazendo-lhe com ela várias feridas. E tê-lo-iam matado se não acudissem em seu socorro vários soldados franceses que, à coronhada e a golpes de baioneta, deixam as duas mulheres em mau estado e desfalecidas.

Dos bairros mais rudes, a que vão chegando notícias de varanda em varanda e de boca em boca, convergem em direcção às ruas centrais grupos de chisperos, manolos e gentalha encolerizada, com o encorajamento de numerosas mulheres que os acompanham e atiçam, para atacar qualquer francês com que deparem. Não há soldado imperial a pé ou montado que não sofra pauladas, navalhadas, pedradas, golpes de telhas, tijolos ou vasos. Um destes, atirado de uma varanda da calle del Barquillo, mata o filho do general Legrand—que foi pajem pessoal do imperador—,derrubando-o do cavalo perante a consternação dos seus companheiros. Ali perto, José Muniz Cueto, asturiano de vinte e oito anos, que trabalha como criado na estalagem da plazuela de Matute e que vem do Palácio apavorado com tudo o que acaba de viver, junta-se a outros jovens na perseguição de um francês que descobrem a fugir, até que este se mete no colégio de Loreto, onde algumas freiras vêm defendê-lo, acolhendo-o no seu interior. De volta à estalagem, o asturiano encontra o seu irmão Miguel e outros três criados—Salvador Martínez, António Arango e Luis López—a armarem-se para, juntamente com o dono do negócio, José Fernández Villamil, saírem à procura de franceses. Na cozinha ouve-se o pranto da estalajadeira e das criadas.

— Vens?—pergunta o patrão.

— A dúvida ofende. Sobretudo indo também o meu irmão.

Lançam-se os seis à rua, em colete e mangas de camisa arregaçadas, sérios, determinados. Levam todos as suas navalhas, a que juntaram grandes facas de cozinha, o machado de partir lenha, um chuço oxidado, um espeto de assados e uma caçadeira que o estalajadeiro tira da parede. Na calle de Las Huertas, onde se lhes juntam o aprendiz de uma alfaiataria próxima e um ourives da calle de La

Gorguera, há um enorme charco de sangue no chão, mas não vêem ninguém morto ou ferido, espanhol ou francês. Alguém diz, de uma janela, que um mossiú se defendeu: o do chão é sangue madrileños.

Algumas mulheres gritam ou lamentam-se nas varandas; outras, ao ver o estalajadeiro e os criados, aplaudem e pedem vingança. Pelo caminho, enquanto a partida engrossa com novas incorporações—um empregado de botica, um gesseiro, um moço de fretes e um mendigo que costuma pedir em Antón Martin —,comerciantes fecham as portas e põem tapumes nas montras. Alguns encorajam o grupo armado e os miúdos da rua abandonam o jogo do osso e do pião para correrem atrás deles.

— Ao Palácio!... Ao Palácio!—grita o mendigo—Que não fique um franciú vivo!

Assim, começam a formar-se por toda a cidade partidas espontâneas, que horas depois terão um papel relevante, quando os distúrbios se transformarem em insurreição massiva e rios de sangue correrem pelas ruas. A História registará a existência de, pelo menos, quinze destas partidas organizadas, só cinco delas dirigidas por indivíduos com preparação militar. Tal como o bando capitaneado pelo estalajadeiro Fernández Villamil, na plazuela de Matute, onde figuram os criados José Muniz e o irmão Miguel, quase todos os outros são formados por gente do povo miúdo, operários, artesãos, funcionários humildes e pequenos comerciantes, com pouca presença das classes abastadas e só num dos casos dirigido por alguém pertencente à nobreza. Um desses grupos constitui-se num botequim da carrera de San Jerónimo; outro forma-se na calle de La Bola, entre os lacaios do conde de Altamira e do embaixador de Portugal; outro sai da corredera de San Pablo, dirigido pelo armazenista de carvão Cosme de Mora; outro é organizado na calle de Atocha pelo ourives Julián Tejedor de La Torre juntamente com o amigo, o correeiro Lorenzo Domínguez, os seus oficiais e aprendizes; e outro, o mais ilustrado dos que hoje combaterão nas ruas de Madrid, é organizado pelo arquitecto e académico de San Fernando, dom Alfonso Sánchez na sua casa da paróquia de San Ginés, onde arma os seus criados, alguns vizinhos e os seus colegas Bartolomé Tejada, professor de Arquitectura, e José Alarcón, professor de Ciências na academia de cadetes da Guarda Espanhola. Cavalheiros que, de acordo com todos os testemunhos, lutaram durante o dia, apesar da sua posição, idade e interesses, com muita coragem e decência.

Nem toda a gente persegue os Franceses. É verdade que nos bairros mais baixos ou populares e nas proximidades do Palácio, zonas quentes após a

matança efectuada pela Guarda Imperial, os moradores se assanham contra todos aqueles que lhes caem nas mãos; mas muitas famílias protegem os que se hospedam em domicílios particulares e põem-nos a salvo do furor de quem pretende assassiná-los. Nem sempre se trata de caridade cristã: para muitos madrileños, sobretudo gente acomodada, empregados do Estado, altos funcionários e nobres, as coisas não parecem ser claras. A família real está em Baiona, o povo revoltado não é fiável nos seus fervores e ódios, e os Franceses —único poder incontestável no dia de hoje, sem um verdadeiro Governo e com o Exército espanhol paralisado—representam alguma garantia face à arruaça, que pode tornar-se, nas mãos de cabecilhas revoltosos, descontrolada e temível. De qualquer forma, por uma razão ou por outra, a verdade é que não falta nas ruas quem se interponha entre o povo e os franceses sós ou desarmados, como o morador que na plazuela de La Leria salva um cabo de esquadra gritando às pessoas: "Os Espanhóis não matam gente indefesa." Ou como as mulheres que, em frente a San Justo, se opõem a quem pretende acabar com a vida de um soldado ferido, e o metem na igreja.

Não são estes os únicos exemplos de piedade. Durante toda a manhã, mesmo nas horas terríveis que estão por chegar, abundarão os casos em que se respeita a vida dos que abandonam as armas e pedem clemência, prendendo-os em caves e sótãos ou conduzindo-os a lugares seguros. Embora o rigor seja impiedoso com aqueles que tentam chegar em grupos aos seus quartéis ou abrem fogo. Apesar das muitas mortes na rua, o historiador francês Thiers reconhecerá mais tarde que não poucos soldados franceses devem hoje a vida "a humanidade da classe média, que os escondeu nas suas casas". Inúmeros testemunhos darão disso fé. Um deles será exposto nas suas memórias, anos mais tarde, pelo jovem de dezanove anos que neste momento observa os incidentes da porta da sua casa, situada na calle del Barco, diante da calle de La Puebla: chama-se António Alcalá Galiano e é filho do brigadeiro da Armada Dionisio Alcalá Galiano, morto há três anos ao comando do navio Montanés no combate naval de Trafalgar. Descendo pela calle del Pez, o jovem vê três franceses que, de braço dado, vão pelo meio da rua evitando os passeios "compasso firme e ar normal, se não sereno, digno, ameaçados por uma morte cruel e tendo de suportar serem o alvo de insultos atrozes". Os três dirigem-se, sem dúvida, para o seu quartel, seguidos por uma vintena de madrileños que os acossam, embora não se decidam ainda a atacá-los. E já no limite, quando a turba está prestes a deitar-lhes a mão, um homem bem vestido, que se interpõe, acaba por salvar os franceses, convencendo as pessoas a deixá-los ir sãos e salvos com o argumento

de que "não deve utilizar-se a fúria espanhola em homens assim desarmados e isolados".

Também há lugar para a compaixão militar. Perto da puerta de Fuencarral, os capitães Labloissiere e Legriel, que levam ordens do general Moncey para o quartel do conde-duque, salvam-se de uns moradores que pretendem esquartejá-los, graças à intervenção de dois oficiais espanhóis dos Voluntários do Estado, que os metem no seu quartel. E na puerta del Sol, o alferes de fragata Esquivel, que colocou os seus granadeiros da Marinha em prevenção embora continuem sem cartuchos, vê oito ou dez soldados imperiais que, na esquina da calle del Correo, querem passar entre as pessoas que os rodeiam e insultam. Antes que aconteça alguma desgraça, desce a toda a pressa com alguns dos seus homens, consegue desarmar os franceses e mete-os nos calabouços do edifício.

O comandante Vantil de Carrère, agregado do Corpo de Observação do general Dupont, é um dos mil novecentos e oito doentes franceses—a maior parte deles com doenças venéreas e sarna, que infestam o exército imperial—que deram entrada no Hospital General, situado na confluência da calle de Atocha com o paseo del Prado. Ao ouvir gritos e pancadas, Carrère levanta-se da sua cama no pavilhão de oficiais, veste-se conforme pode e acorre para ver o que está a acontecer. Na porta, cuja cancela acaba de fechar-se diante de uma multidão de populares enfurecidos que atiram pedras e que pretendem entrar no edifício para massacrar os franceses, um capitão da Guarda Espanhola tenta, com alguns soldados e com risco de vida, conter a populaça. Rogando-lhe que aguente mais um pouco, o comandante francês organiza com toda a urgência a defesa, mobilizando trinta e seis oficiais admitidos no hospital e todos os soldados que conseguem manter-se de pé. Depois de bloquear a porta com uma barricada feita de camas metálicas, aberto o depósito de armas disposto numa sala do hospital, Carrère reúne um batalhão de novecentos homens, vestidos com as suas camisas puídas e pretas de doentes, que distribui pelo edifício para guarnecer as entradas de Atocha e do Prado. Mesmo assim, o capitão da Guarda Espanhola tem de se empenhar a fundo para subjugar uma tentativa dos criados das cozinhas de se apoderarem das armas dentro do hospital e degolarem todos os doentes. No tumulto dos corredores, onde chegam a ser disparados alguns tiros, um ajudante de cozinha espanhol de constituição robusta, dois cozinheiros e dois enfermeiros são trancados nas cozinhas, mas nenhum francês fica ferido. A situação é solucionada, finalmente, por uma companhia de infantaria imperial que acorre a passo ligeiro, dispersa a multidão da rua e estabelece um cordão em redor do edifício. Quando o comandante Carrère procura o capitão espanhol para

agradecer e saber o seu nome, este já se tinha retirado com os seus homens para o quartel.

Outros não têm a sorte dos doentes do Hospital General. Um ordenança francês de dezanove anos que leva uma mensagem para o piquete de prevenção da Plaza Mayor é assassinado pelos moradores na calle de Cofreros; e um pelotão que, alheio ao tumulto, passa pelo callejón de La Zarza transportando lenha, é atacado com pedras e paus até todos os soldados imperiais ficarem feridos ou serem mortos e os atacantes se apoderarem das armas. Mais ou menos à mesma hora, o presbítero dom Ignacio Pérez Hernández, que permanece na puerta del Sol com o seu grupo de paroquianos de Fuencarral, vê chegar pela calle de Alcalá, junto à igreja do Buen Suceso, dois mamelucos da Guarda, que galopam desenfreados com documentos que—depressa averiguará o seu conteúdo, pois cairão nas próprias mãos do sacerdote—são do general Grouchy para o duque de Berg.

— Mouros!... São mouros!—gritam as pessoas ao verem os turbantes, os bigodes ferozes e as roupas coloridas—Que não escapem!

Os dois cavaleiros egípcios atiram os documentos para salvar a vida e tentam abrir caminho entre a turba que lhes agarra nas rédeas dos cavalos. Ao chegar à calle Montera esporeiam as montadas e lançam-nas através do gentio, disparando as pistolas de arção à esquerda e à direita. Enfurecida, a multidão corre atrás deles, alcançando um na rede de San Luis e derrubando-o com um tiro, e outro na calle de La Luna, de onde o traz aos arrastões, encarniçando-se contra ele até o matar.

No edifício dos Correios, de cuja varanda presenciou tudo, o alferes de fragata Esquivel envia uma mensagem urgente ao Governo Militar, comunicando ao governador dom Fernando de La Vera y Pantoja que a situação está a piorar, que a puerta del Sol está cheia de gente exaltada, que há várias mortes e que ele não pode fazer nada porque os seus homens continuam sem cartuchos devido a ordens superiores. Passado pouco tempo chega a resposta do governador: que se arranje como puder e se não tem cartuchos que os peça ao seu quartel. Com poucas esperanças, Esquivel manda outro mensageiro com esse pedido, mas os cartuchos nunca chegarão. Desanimado, acaba por dizer aos seus homens que fechem a porta com tranca e, no caso de a multidão acabar por forçá-la e invadir o edifício, que abram o calabouço onde estão os prisioneiros franceses e os deixem fugir pela porta de trás. Depois volta à varanda para observar o tumulto e verifica que muitas das pessoas que enchiam a praça e que a tinham abandonado, dirigindo-se para o Palácio pelas calles Mayor e Arenal, regressam em

debandada. Os gabachos, gritam, estão a metralhar todos os que se aproximam, sem piedade.

Preocupado com as descargas que ouve retumbar na direcção do Palácio, o capitão Marcellin Marbot acaba de se vestir a toda a pressa, agarra no sabre, lança-se pelas escadas abaixo e pede ao mordomo espanhol do local onde se hospeda—um pequeno palacete próximo da plaza de Santo Domingo—que lhe selem o cavalo que está na cavalariça e que o levem para o pátio interior. Já se dispõe a montá-lo e a sair a galope para ocupar o seu posto junto do duque de Berg, no vizinho Palácio Grimaldi, quando aparece dom António Hernández, conselheiro do Tribunal das índias e proprietário da casa. O espanhol veste à antiga: colete com fraldas dianteiras e casaca de abas armadas, embora leve o cabelo grisalho por empoar. Ao ver o jovem oficial alterado e prestes a lançar-se à rua de qualquer maneira, agarra-o por um braço com uma solicitude amistosa.

— Se sair, vão matá-lo... Os do seu bando dispararam sobre as pessoas. Há revoltosos lá fora, atacando qualquer francês que encontram.

Amargurado, Marbot pensa nos soldados imperiais doentes e indefesos, nos oficiais alojados em casas particulares por Madrid inteira.

— Atacam homens desagmados?

— Receio que sim.

— Cobagdes!

— Não diga isso. Cada qual tem os seus motivos, ou julga tê-los, para fazer o que faz.

Marbot não está com disposição para apreciar os motivos de ninguém. E não se deixa convencer a ficar. O seu posto é junto de Murat e a sua honra de oficial está em jogo, diz, decidido, a dom António. Não consegue permanecer escondido como um rato, de modo que tentará abrir caminho a golpes de sabre. O conselheiro abana a cabeça e convida-o a segui-lo até ao portão, de onde se vê a rua.

— Veja. Vêem-se pelo menos trinta revoltosos com bacamartes, paus e facas... Você não tem qualquer possibilidade.

O capitão retorce as mãos, desesperado. Sabe que dom António tem razão. Mesmo assim, a sua juventude e coragem empurram-no para a frente. Com os olhos perdidos, despede-se do seu anfitrião, agradecendo-lhe a hospitalidade e delicadezas. Depois exige novamente o cavalo e empunha o sabre.

— Deixe aqui o cavalo, embainhe isso e venha comigo—diz dom António, depois de reflectir um pouco.—A pé tem mais possibilidades que montado.

E, silenciosamente, suplicando-lhe que vista o capote para esconder o

uniforme garrido, o digno conselheiro conduz Marbot ao jardim, fá-lo passar por uma portinhola do muro, sob o roseiral e,

fazendo um desvio por ruas estreitas, guia-o ele próprio, caminhando alguns passos à frente para verificar se o caminho está livre, até à esquina da calle del Reloj, junto do Palácio Grimaldi, onde o deixa a salvo num posto de guarda francês.

— Espanha é um lugar perigoso—diz-lhe ao despedir-se com um aperto de mão.—E hoje muito mais.

Cinco minutos depois, o capitão Marbot entra no Palácio Grimaldi. O quartel-general de Sua Alteza Imperial o grão-duque de Berg está em ebulição: há uma algazarra dos diabos, os salões estão cheios de chefes e de oficiais e por toda a parte entram e saem batedores com ordens, num ambiente de nervosismo e de extrema agitação.

Na biblioteca do rés-do-chão, onde se amontoaram móveis e livros a um canto para deixar espaço livre aos mapas e arquivos militares, Marbot encontra Murat vestido de ponto em branco, botas hanoverianas, casaca de hussardo, alamares, bordados e caracóis por toda a parte, resplandecente como de costume mas de sobrolho franzido, rodeado do seu Estado-Maior: Moncey, Lefevbre, Harispe, Belliard, ajudantes-de-campo, auxiliares e outros. A fina flor. Não foi em vão que a República e a guerra deram ao Império os generais mais competentes, os oficiais mais leais e os soldados mais valentes da Europa. O próprio Murat—sargento em 1792, general-de-divisão passados sete anos—é disso uma prova magnífica. No entanto, embora eficaz e com coragem de sobra, o grão-duque não é um prodígio de habilidade diplomática nem de cortesia.

— Já iam sendo horas, Marbot!... Onde diacho estava?

O jovem capitão perfila-se, balbucia uma desculpa vaga e ininteligível e depois permanece de boca fechada, poupando explicações que, na realidade, a ninguém interessam.

À primeira vista verificou que Sua Alteza está com um humor dos diabos.

— Alguém sabe onde se meteu Friederiehs?

O coronel Friederiehs, comandante do 1.o regimento de granadeiros da Guarda Imperial, entra nesse instante, quase empurrando Marbot. Vem com chapéu redondo, casaquinha de trazer por casa e trajado à civil, porque o tumulto o surpreendeu no banho e não teve tempo de vestir o uniforme. Traz numa mão o sabre de um corneteiro de caçadores a cavalo, morto pela populaça diante da porta da casa onde está alojado. Murat ainda se enfurece mais ao ouvir o seu relatório.

— E o que faz Grouchy, raios o partam?... Já devia estar a trazer a cavalaria do Buen Retiro!

— Não sabemos onde está o general Grouchy, Alteza.

— Nesse caso procurem Prive.

— Também não aparece.

— Então Daumesnil!... Quem quer que seja!

O duque de Berg está fora de si. O que previa ser uma repressão brutal, rápida e eficaz está-lhe a fugir ao controlo. A todo o momento entram mensageiros com comunicações sobre incidentes na cidade e franceses atacados pelas pessoas. A lista das suas baixas aumenta sem cessar. Acaba de confirmar-se a morte do filho do general Legrand—um jovem e promissor tenente dos couraceiros, liquidado por um vaso que lhe atiraram à cabeça, comentam com estupor—,o ferimento grave do coronel Jacquin, da Gendarmaria Imperial, confirmando-se também que o general La Riboisière, comandante de artilharia do Estado-Maior, tal como meia centena de chefes e oficiais, está bloqueado pela multidão no seu alojamento, sem poder sair.

— Quero os marinheiros da Guarda a proteger esta casa, e os meus caçadores bascos em Santo Domingo. Você, Friederichs, proteja com os seus dois batalhões de granadeiros e fuzileiros a plaza de Palácio e a entrada para a Almudena e para a Platería... A tropa que dispare sem compaixão. Sem perdoar a vida de ninguém, qualquer que seja a idade ou sexo. Percebeu?... De ninguém.

Debruçado sobre uma planta de Madrid estendida na mesa—espanhola, reconhece o jovem Marbot, desenhada há vinte e três anos por Tomás López —,Murat repete as suas ordens aos recém-chegados. O dispositivo, previsto há alguns dias, consiste em trazer para a cidade os vinte mil homens acampados nos arredores e, com os dez mil que já estão no interior, ocupar todas as grandes avenidas e controlar as principais praças e pontos-chave, para evitar as movimentações e as comunicações entre um bairro e outro.

— Seis eixos de progressão, compreendido?... Uma coluna de; infantaria virá do Prado por San Bernardino, outra da Casa de Campo pela ponte e pela calle de Segovia passando por Puerta Cerrada, outra por Embajadores e outra pela calle de Atocha... Os dragões, os mamelucos, os caçadores a cavalo e os granadeiros montados do Buen Retiro avançarão pela calle de Alcalá e pela carrera de San Jerónimo, enquanto a cavalaria pesada sobe com o general Rigaud desde os Carabancheles pela puerta e calle de Toledo... Estas forças irão cortando as avenidas, isolando quartéis, e confluirão na Plaza Mayor e na puerta del Sol... Se for preciso para controlar a zona norte da cidade, deslocaremos mais duas

colunas: a restante infantaria do quartel do conde-duque e a que está acampada entre Chamartín, Fuencarral e fuente de La Reina... Fiz-me entender? Então despachem-se. Mas antes olhem para este relógio, cavalheiros. Dentro de uma hora, ou seja, às onze e meia, o mais tardar ao meio-dia, tudo tem de estar terminado. Mexam-se. E você, Marbot, fique atento. Já haverá alguma coisa para si.

— Não tenho cavalo, Alteza.

— Não tem o quê?... Desapareça da minha frente, maldição!... Trate deste inútil, Belliard!

Desolado, receando ter caído em desgraça, Marbot perfila-se diante do general Belliard, chefe do Estado-Maior, que o manda procurar imediatamente um cavalo, seu ou de quem quer que seja, ou dê um tiro em si próprio. Também o manda distribuir alguns granadeiros em redor do Palácio Grimaldi, para eliminar os atiradores inimigos que começam a disparar das açoteias e telhados.

— Disparam mal, meu general—argumenta Marbot, armando-se em esperto.

Belliard fulmina-o com o olhar e aponta para o vidro partido de uma janela, sobre um charco de sangue no soalho.

— Por pior que o façam, feriram-nos aqui dois homens.

"Hoje não é o meu dia", pensa Marbot, que já se imagina degradado por inepto e linguarudo. Para se reabilitar, executa zelosamente a tarefa encomendada. Aproveitando a ocasião, coloca um piquete sob o seu comando pessoal, afugenta com descargas cerradas os vadios e limpa a rua até ao palacete de dom António Hernández. Onde consegue, por fim, para alívio da sua maltratada reputação, recuperar o cavalo.

Enquanto o capitão Marbot avança com o seu piquete entre a plaza de Dona Maria de Aragón e a de Santo Domingo, madrileños armados com bacamartes, mosquetes e espingardas de caça tentam regressar ao Palácio Real ou, da puerta del Sol, descer até aí.

Mas encontram o caminho ocupado pelos canhões e pelos granadeiros do coronel Friederichs, que envia pelotões para as ruas vizinhas. De modo que estes grupos são metralhados sem compaixão assim que surgem na Almudena e San Gil, cobertas a todo o comprimento pelos canhões imperiais. Morre assim Francisco Sánchez Rodríguez, de cinquenta e dois anos, oficial da loja de carruagens do mestre Alpedrete, a quem uma saraivada francesa atinge em cheio quando dobra a esquina da calle del Factor na companhia dos soldados dos Voluntários de Aragão Manuel Agrela e Manuel López Esteba—os dois caem também gravemente feridos e falecerão dias depois—,e do carteiro José Garcia

Somano, que escapa à descarga mas que encontrará a morte meia hora mais tarde, atingido por uma bala de mosquete na plazuela de San Martin.

Das janelas altas do Palácio, onde alabardeiros e guardas se proveram de munições e trancaram as portas, decididos a defender o recinto se os Franceses tentassem meter-se lá dentro, o capitão da Guarda Valona Alejandro Coupigny vê, impotente, como os populares são repelidos e correm, perseguidos por cavaleiros polacos vindos do Palácio Grimaldi, que acabam com eles a golpes de sabre.

Aqueles que fogem das balas francesas dividem-se em grupos. Muitos percorrem a cidade pedindo armas aos gritos e outros procuram vingança e ficam pelas imediações, à espera de ajustar contas. É o caso de Manuel Antolín Ferrer, ajudante do jardineiro do real sítio da Florida, que, unindo-se ao oficial reformado de embaixadas(1) Nicolás Canal e a outro morador chamado Miguel Gómez Morales, enfrenta à navalhada um piquete de granadeiros da Guarda Imperial na esquina da calle del Viento com a calle del Factor, atacando-os a partir de uma entrada. Dessa forma matam dois franceses, fugindo depois para a açoteia da própria casa, com o azar de se verem num beco sem saída. Embora Canal consiga evadir-se pelo telhado vizinho, Antolín e Gómez Morales são presos, moídos à coronhada e conduzidos a um calabouço. Serão ambos fuzilados no dia seguinte, de madrugada, na montanha do Príncipe Pio.

(1) Administrativos das legações diplomáticas. (N. da T.)

Entre esses fuzilados estará também José Lonet Riesco, dono de uma retrosaria da plaza de Santo Domingo, que, depois de lutar perto do Palácio, é preso por um piquete enquanto foge, com uma pistola descarregada numa mão e uma faca na outra, pela calle de La Inquisición.

Mais sorte tem o notário eclesiástico dos reinos António Varea, um dos poucos indivíduos de posição que luta hoje nas ruas de Madrid. Depois de ter acorrido à puerta del Sol na companhia do seu tio Cláudio Sanz, escrivão de câmara, e mais tarde ao largo do Palácio, decidido a bater-se, o notário Varea participa nos confrontos até que, perseguindo alguns franceses em retirada, recebe um balázio dos granadeiros da Guarda, perto do Palácio de los Consejos. Transportado pelo tio e pelo oficial de inspecção das Milícias dom Pedro de La Câmara para a sua casa da calle de Toledo, junto dos portales de Panos, conseguirá refugiar-se aí, ser curado e salvar a vida.

Outros têm menos sorte. Por todo o bairro, exasperados pela matança

perpetrada contra os seus camaradas, os imperiais disparam contra quem se aproxima e tentam caçar os fugitivos. É desta forma que caem feridos Julián Martin Jiménez, morador em Aranjuez, e o tecelão de Vigo Pedro Cavano Blanco, de vinte e quatro anos. Assim morre também José Rodríguez, lacaio do conselheiro de Castela dom António Izquierdo: ferido diante da casa dos patrões, na calle de La Almudena, bate desesperadamente à porta mas, antes que a abram, é apanhado por dois soldados franceses. Um deles assesta-lhe um golpe de sabre na cabeça e o outro acaba com ele dando-lhe um tiro no peito. Na mesma rua, a pouca distância dali, um rapazinho de doze anos, Manuel Núfiez Gascón, que esteve a atirar pedras e que tenta pôr-se a salvo, perseguido por um francês, é morto a golpes de baioneta diante dos olhos apavorados da mãe, que presencia tudo da varanda.

No outro lado da Almudena, refugiado numa entrada próxima do Palácio de los Consejos com o seu criado Olmos, Joaquín Fernández de Córdoba, marquês de Malpica, vê passar a galope vários batedores imperiais que vêm da plaza de Dona Maria de Aragón. A sua preparação militar permite-lhe ter uma ideia aproximada da situação. A cidade tem cinco portas principais e todas as avenidas que saem de cada uma delas encontram-se na puerta del Sol, como os raios de uma roda. Madrid não é uma praça fortificada e nenhuma resistência interna é possível se o centro dessa roda e os seus raios forem controlados pelo adversário. O marquês de Malpica sabe onde estão acampadas as forças inimigas dos arredores—nesta altura vão sendo horas de pensar nos Franceses como inimigos—e pode prever os seus movimentos para sufocar a insurreição: as portas da cidade e as grandes avenidas serão o seu primeiro objectivo. Observando os grupos de civis mal armados que correm desorientados de um lado para outro, sem preparação nem chefes, Malpica conclui que a única maneira de se oporem aos Franceses é fustigando-os nessas portas, antes que as suas colunas invadam as ruas largas.

— A cavalaria, Olmos. Aí está a chave da questão... Compreendes?

— Não, mas é indiferente. Vossa senhoria mande e ponto. Saindo da entrada, Malpica pára um grupo de moradores que vem em retirada, pois conhece de vista o homem que o encabeça. Este, um estribeiro do Palácio, reconhece-o por sua vez e tira o chapéu. Traz um bacamarte, a capa traçada ao ombro, e vem acompanhado por meia dúzia de homens, um rapaz e uma mulher de avental e machado de carniceiro nas mãos.

— Atiraram sobre nós, senhor marquês. Não há maneira de chegar à praça... Agora as pessoas dispersas lutam onde podem.

— Vão continuar a lutar?

— Isso nem se pergunta.

Malpica explica as suas intenções. A cavalaria, muito útil para pôr fim aos motins, será o principal perigo com que se defrontarão aqueles que lutam nas ruas. Os dois núcleos principais estão aquartelados no Buen Retiro e nos Carabancheles. O Retiro fica longe e aí nada pode fazer-se; mas os outros entrarão pela puerta de Toledo. Trata-se de organizar uma partida disposta a estorvá-los aí.

— Conto convosco?

Todos concordam, e a mulher do machado de carniceiro chama aos gritos outras pessoas que correm, afastando-se do Palácio. Assim reúnem uma vintena, entre as quais se destaca o uniforme amarelo de um dragão da Lusitânia que ia para o seu quartel e quatro soldados da Guarda Valona que desertaram do Tesoro com as suas espingardas, atirando-se das janelas, e que vêm a correr das cavalariças baixas para se juntarem aos que lutam. O dragão tem vinte e quatro anos e chama-se Manuel Ruiz Garcia. Os da Guarda Valona, vestidos com o seu uniforme azul com canhões das mangas vermelhas e polainas brancas, são um alsaciano de dezanove anos chamado Franz Weller, um polaco de vinte e sete, Lorenz Leleka, e dois húngaros: Gregor Franzmann, de vinte e sete anos, e Paul Monsak, de trinta e sete. O resto do grupo é composto por jardineiros, criados das cavalariças próximas, um empregado de botica, um aguadeiro de quinze anos, que traz um lenço ensanguentado em volta da cabeça, um funcionário do Palácio de los Consejos e um manolo de Lavapiés, carpinteiro de profissão, de peito à mostra e ar fanfarrão—redezinha no cabelo, casaquinho de alamares e navalha de dois palmos metida na faixa—,que tem por nome Miguel Cubas Saldaña. O manolo, que vem na companhia de outro sujeito de aspecto patibular, vestido com capote pardo e chapéu de Calañas(1), oferece-se com grande desembaraço para alistar no seu bairro, de caminho, uma boa leva de compadres. De modo que, depois de parar junto do Palácio de Malpica para que Olmos traga o reforço de três criados jovens, duas carabinas e quatro espingardas de caça, o marquês, escolhendo as ruas menos frequentadas para evitar os Franceses, dirige os seus voluntários para a puerta de Toledo.

(*1) Chapéu de Calanas: tipo de chapéu usado pela gente do povo e pela malandragem de algumas zonas, com a aba virada para cima e copa em forma de cone truncado. (N. da T.)*

O marquês de Malpica não foi o único a pensar cortar o caminho às tropas francesas. Na zona noroeste da cidade, um grupo numeroso e armado com espingardas de caça e carabinas, no qual se contam Nicolás Rey Canillas, de trinta e dois anos, recruta da Guarda de Corpo e antigo soldado de cavalaria, Ramón González de La Cruz, criado do marechal-de-campo dom José Jenaro Salazar, o cozinheiro José Fernández Virias, o biscainho Ildefonso Ardoy Chavarri, o sapateiro de vinte anos Juan Mallo, o azeiteiro de vinte e seis Juan Gómez Garcia e o soldado dos Dragões de Pavia António Martínez Sánchez, decide impedir a saída da tropa francesa que ocupa o quartel do conde-duque, junto a San Bernardino, e coloca-se nas proximidades. O primeiro a morrer é Nicolás Rey, que traz duas pistolas carregadas à cintura e que, ao deparar com uma sentinela, a quem dá um tiro à queima-roupa, é atingido por um balázio. Desde essa altura, tomando posições nas casas vizinhas e atrás dos muros, os sublevados abrem fogo e generaliza-se um combate que será breve devido à desproporção das forças: quinhentos franceses face a vinte e poucos madrileños.

Os marinheiros da Guarda Imperial, saindo do quartel, dirigem um fogo ininterrupto eficaz que obriga os atacantes a dispersar. Na retirada, parando de vez em quando para dispararem enquanto saltam muros e hortas para se porem a salvo, morrerão González de La Cruz, Juan Mallo, Ardoy, Fernández Virias e o soldado Martínez Sánchez.

Não morrem apenas os combatentes. Exasperados com o acosso dos madrileños, os piquetes franceses começam a abrir fogo contra os moradores que surgem às janelas e varandas, ou contra grupos de curiosos. O antigo sacerdote José Blanco White, sevilhano de trinta e dois anos, sai para ver o que se passa quando ouve o tumulto, na casa que habita há dois meses, no número 8 da calle Silva.

— Os Franceses disparam contra o povo!—avisa-o um vizinho.

Na realidade, José Blanco White ainda não se chama assim. Este nome—proveniente da sua ascendência irlandesa—adoptá-lo-á mais tarde, britanizando o seu nome original de José Maria Blanco y Crespo quando, exilado em Inglaterra, escrever umas Cartas de Espana fundamentais para compreender o tempo que lhe calhou viver.

Agora, para Blanco White, o Pepe Crespo das tertúlias sevilhanas e dos cafés madrileños, amigo do poeta Quintana e ao mesmo tempo admirador do teatro de Moratín, homem ilustrado, lúcido, cujas ideias de liberdade e de progresso estão mais perto das estrangeiras que do ambiente fechado de teias de aranha e sacristia que tanto o desgosta na sua pátria—é leitor pertinaz de Feijoo,

Rousseau e Voltaire—,a notícia das represálias francesas parece-lhe inconcebível, uma atrocidade enorme e impolítica. De modo que se apressa a confirmá-lo com os seus próprios olhos. Assim, chega à plaza de Santo Domingo, onde convergem quatro grandes ruas, uma das quais vem directamente do Palácio. Por ela ecoa o rufar de um tambor, e Blanco White pára junto de um grupo de gente pacífica, transeuntes bem vestidos e mesteirais do bairro. Nessa altura aparece na extremidade da rua uma tropa francesa em passo apressado, com as espingardas em posição. Enquanto Blanco White espera para os ver de perto, sem desconfiar de qualquer perigo, repara que os imperiais se detêm a vinte passos e apontam as suas armas.

— Cuidado!... Vão disparar!... Cuidado!

A descarga chega inesperada, brutal, e um homem cai morto à entrada da rua por onde fogem todos a correr. Com o coração a pular-lhe no peito, aterrado com o que acaba de presenciar e sem fôlego, Blanco White corre de regresso a casa, sobe as escadas e fecha a porta. Aí, indeciso, bastante perturbado, abre a janela, ouve mais disparos e volta a fechá-la a toda a pressa. Depois, sem saber o que fazer, tira de uma arca uma caçadeira e, com ela nas mãos, passeia-se pelo quarto, sobressaltando-se a cada tiroteio próximo. É um acto suicida, diz para consigo, lançar-se à rua de qualquer maneira, sem saber para quê. Com quem ou contra quem. Para se acalmar, enquanto toma uma decisão, agarra numa caixa de pólvora e chumbos e põe-se a fazer cartuchos para a espingarda. No fim, sentindo-se ridículo, devolve a espingarda à arca e vai sentar-se ao pé da janela, estremecendo com o crepitar do tiroteio que se espalha pelos bairros próximos, intercalado pelo retumbar do canhão.

Quando o capitão Marbot regressa ao Palácio Grimaldi, encontra o duque de Berg a sair a cavalo com todo o seu Estado-Maior, escoltado por meio esquadrão de cavaleiros polacos e por uma companhia de fuzileiros da Guarda Imperial. Como a situação se complica e receia ficar ali isolado, Murat decidiu transferir o seu quartel-general para perto das cavalariças altas do Palácio Real, na cuesta de San Vicente, por onde está prevista a chegada da infantaria acampada em El Pardo, enquanto outra coluna o fará da Casa de Campo pela ponte de Segovia. Uma vantagem táctica do local, embora ninguém comente isso em voz alta, é que daí Murat poderia, com todo o seu quartel-general, fazer um rodeio pelo norte e retroceder até Chamartín se a cidade ficasse bloqueada e as coisas descarrilassem.

— A cavalaria já deveria estar na puerta Del Sol a esfaquear essa chusma! E Godinot e Aubrée a avançar por trás com a sua infantaria!... O que se passa no

Buen Retiro?

O duque de Berg dá puxões furiosos às rédeas do cavalo. O seu humor piorou e não lhe faltam motivos. Acaba de saber que mais de metade dos correios enviados às tropas foram interceptados. Essa é pelo menos a palavra utilizada pelo general Belliard. O capitão Marbot, que se aproxima sobre a sua montada enquanto o grupo rutilante do Estado-Maior entra pela calle Nueva a caminho do Campo de Guardas, contorce a boca ao ouvir o eufemismo. É uma maneira como outra qualquer, pensa, de descrever cavaleiros apedrejados das casas e esquinas, encurralados pelas pessoas, derrubados dos seus cavalos e apunhalados em ruas e praças.

— Aí tem um envelope com ordens, Marbot. Faça o favor de o levar ao Buen Retiro. À desfilada.

— A quem o entrego, Alteza?

— Ao general Grouchy. E, se não o encontrar, a qualquer um que esteja no comando... Mexa-se!

O jovem capitão recebe o sobrescrito selado, leva a mão à barretina e mete esporas em direcção a Santa Maria e à calle Mayor, deixando para trás o escoltadíssimo duque de Berg. Devido à importância da sua missão, o general Belliard tomou a precaução de lhe atribuir uma escolta de quatro dragões. Enquanto cavalga precedendo-os pela calle de La Encarnación, Marbot inclina a cabeça sobre a crina do cavalo e cerra os dentes, esperando a pancada de uma telha, de um vaso ou o tiro de uma espingarda que o derrube da sela. É um militar profissional e com experiência, mas isso não o impede de lamentar a sua pouca sorte. Não há tarefa mais perigosa que levar uma mensagem através de uma cidade em estado de insurreição; e a sua missão consiste em chegar ao Buen Retiro, onde estão acampadas a cavalaria da Guarda Imperial e uma divisão de dragões, num total de três mil cavaleiros. A distância não é grande, mas o itinerário inclui a calle Mayor, a puerta Del Sol e as calles de Alcalá ou de San Jerónimo, que neste momento, para um francês, são os piores lugares de Madrid. Marbot não deixa de se aperceber que Murat, consciente do perigo do encargo, o escolheu a ele, jovem oficial agregado ao seu Estado-Maior, em vez de escolher ajudantes-de-campo titulares, que prefere manter por perto e a salvo.

Marbot e os seus quatro dragões ainda não perderam de vista o Palácio Grimaldi quando, de uma varanda, lhes disparam um tiro de espingarda, que evitam sem consequências.

À sua passagem soam ainda vários tiros—felizmente não são militares quem dispara, mas civis com espingardas de caça e pistolas—e alguns objectos caem

de varandas e janelas. Acompanhados pelo som dos cascos das suas montadas, os cinco cavaleiros avançam a galope pelas ruas, em grupo compacto, obrigando as pessoas a deixá-los passar. Dessa forma entram pela calle Mayor e chegam à puerta Del Sol, onde a multidão é tanta e tão ameaçadora que Marbot sente fraquejar-lhe a coragem. Se vacilarmos, conclui, acaba-se tudo aqui.

— Não se detenham!—grita para os seus homens.—Ou seremos homens mortos!

E assim, receando ser desmontado e feito aos pedaços a cada passada do cavalo, o capitão crava esporas, ordena aos dragões que se juntem bem uns aos outros e os cinco cavalgam em direcção à entrada de San Jerónimo sem que aqueles que se afastam à sua passagem, tentando alguns atrevidos opor-se ou agarrá-los pelas rédeas—o próprio Marbot atropela com o cavalo dois exaltados —,possam fazer outra coisa além de insultá-los, atirar-lhes pedras e paus e vê-los passar, impotentes. No entanto, entre a calle Del Lobo e o Hospital de los Italianos, a corrida é interrompida: um homem envolto numa capa dispara à queima-roupa uma pistola contra o cavalo de um dos dragões, que cai de focinho no chão e derruba o cavaleiro. Imediatamente sai das casas vizinhas um grupo numeroso que tenta degolar o dragão caído; mas Marbot e os outros puxam pelas rédeas, voltam as garupas e vão em socorro do camarada, impondo-se a golpes de sabre sobre as navalhas e punhais manejados pelos atacantes, quase todos jovens e esfarrapados, dos quais três ficam no chão enquanto os restantes fogem. Não sem que os dragões sofram ferimentos ligeiros e Marbot receba uma forte punhalada, que, apesar de não penetrar na carne, rasga uma manga da sua casaca. No fim, dando a mão ao dragão desmontado para que se agarre às selas e corra entre dois cavalos, os cinco homens prosseguem a marcha a toda a pressa, carrera de San Jerónimo abaixo, até às cavalariças do Buen Retiro.

Enquanto isto acontece, o serralheiro Blas Molina Soriano também corre junto aos muros do convento de Santa Clara, fugindo do tiroteio francês. Pretende descer até à calle Mayor e à puerta Del Sol para se juntar aos que aí estão, mas ouvem-se tiroteio e gritos de gente em debandada em direcção à Platería, de modo que se detém na plazuela de Herradores juntamente com outros fugitivos que, tal como ele, vêm a correr desde o Palácio. Entre eles encontra-se o grupo do chocolateiro José Lueco e outro pequeno bando formado por um velho de barba branca, que traz na mão uma espada antiga cheia de ferrugem, e três jovens armados com pontas de lança oxidadas; armas, todas elas com mais de um século e que, dizem, foram buscar à loja de um ferro-velho. Duas mulheres e um morador saem para lhes trazer água e perguntar-lhes como

estão as coisas, embora haja mais gente em cima, nas janelas, olhando sem se comprometer. Molina, que tem uma sede atroz, bebe um gole e passa a caneca.

— Se tivéssemos espingardas!—lamenta-se o velho da barba branca.

— E você que o diga, vizinho—comenta um dos jovens.—Hoje veríamos coisas grandes.

Nesse momento o serralheiro tem uma inspiração. A lembrança da sua visita ao parque de Monteleón, escoltando o jovem Fernando VII, ilumina-o de súbito. A sua memória registou fielmente os canhões colocados no pátio, as espingardas alinhadas nos seus armários. E agora dá a si próprio uma sonora palmada na testa.

— Como sou estúpido!—exclama.

Os outros olham para ele, surpreendidos. Nessa altura explica-se. No parque de artilharia há armas, pólvora e munições. Com tudo isso em seu poder, os madrileños poderiam tratar os Franceses de homem para homem, como deve ser, em vez de se deixarem metralhar pelas ruas, indefesos.

— Olho por olho—insinua, feroz.

À medida que explica o seu plano, Molina vê animarem-se os rostos de todos os que o rodeiam: olhares de esperança e desejo de vingança substituem a fadiga. Por fim, levanta ao alto a bengala

de nós com que espancou o soldado francês e põe-se a andar, decidido, até à calle de Las Hileras.

— Quem quiser lutar que me siga! E vocês, vizinhas, passem palavra... Há espingardas no parque de Monteleón!

3.

No parque de Monteleón, com enorme alívio, o tenente Rafael de Arango viu abrirem-se um pouco as portas e entrar tranquilamente o capitão Luis Daoiz.

— O que temos aqui?—pergunta o recém-chegado, com muito sangue-frio.

Arango, que tem de se conter para não abraçar o seu superior e manter as aparências, põe-no ao corrente, mesmo da colocação das pedreneiras nas espingardas e da obtenção de alguns cartuchos, precauções que Daoiz aprova.

— É fazer um pouco de contrabando—diz com um breve sorriso.—Mas encaramos isso como um avanço, por via das dúvidas.

A situação, informa-o o tenente, é difícil, com o capitão francês e o seu pessoal muito nervosos e o gentio lá fora cada vez mais compacto. Enquanto se ouvem tiros na direcção do centro da cidade, novos grupos de agitadores confluem das ruas próximas para as de San José e San Pedro, situadas diante do parque. Os moradores, entre eles muitas mulheres exaltadas, unem-se a eles e batem nas portas exigindo armas. Segundo o cabo Alonso, que continua à entrada, e o mestre-mor Juan Pardo, que vive em frente e vai e vem com notícias da rua, tudo se complica por momentos. O próprio Daoiz pôde comprová-lo quando se dirigia para aqui, enviado pelo coronel Navarro Falcón.

— Com efeito—diz o capitão com a mesma voz calma.—Mas creio que podemos controlar as coisas, para já... Como estão os homens?

— Preocupados, mas mantendo a disciplina—Arango baixa o tom de voz.—Imagino que ao vê-lo aqui se sentirão mais confortados. Alguns vieram dizer-me que, se houver necessidade de lutar, posso contar com eles.

Daoiz sorri, tranquilizador.

— Não chegaremos a isso. As ordens que trago são exactamente as contrárias: calma absoluta e nem um só artilheiro fora do parque.

— E quanto a dar armas ao povo?

— Ainda menos. Seria um disparate, tal como estão os ânimos... Onde estão os franceses?

Arango aponta para o centro do pátio, onde o capitão imperial e os seus subalternos formam um grupo que observa, preocupado, os oficiais espanhóis. A restante tropa, excepto os poucos que estão de vigia à porta, permanece agrupada à sua vontade, a vinte passos de distância. Alguns homens estão sentados no chão.

— Há bocado, o capitão andava muito arrogante. Mas à medida que as pessoas se concentravam lá fora, foi-se encolhendo... Agora está nervoso e creio

que tem medo.

— Vou falar com ele. Um homem nervoso e assustado é mais perigoso que um sereno.

Nesse momento aproxima-se o cabo Alonso, que vem da porta. Três oficiais de artilharia pedem para entrar. Daoiz, que não parece surpreendido, diz que os deixem passar e, pouco tempo depois, aparecem no pátio com ar casual, de uniforme e sabre à cintura, o capitão Juan Cônsul e os tenentes Gabriel de Torres e Felipe Carpegna. Os três cumprimentam Daoiz de uma forma tão séria e circunspecta que leva Arango a pensar não ser a primeira vez que se encontram esta manhã. Juan Cônsul é amigo íntimo de Daoiz e o seu nome, juntamente com o do capitão Velarde e o de outros, circula estes dias entre rumores de conspiração. Também é um dos que ontem o acompanhava no frustrado desafio da pensão de Genieys.

"Está a cozinhar-se alguma coisa aqui" pensa o jovem tenente.

Às dez e meia, nas dependências da Junta de Artilharia, no número 68 da calle de San Bernardo, em frente do Noviciado, o coronel Navarro Falcón discute com o capitão Pedro Velarde, que

está sentado atrás da sua secretária, junto à do seu superior e chefe imediato. Navarro Falcón viu o capitão chegar bastante alterado, inflamado e excitado, pedindo para ir ao parque de Monteleón. O coronel, que aprecia sinceramente Velarde, recusa-lhe o pedido com tacto e afectuosa firmeza. Daoiz arranjar-se-á sozinho, diz, e eu preciso de você aqui.

— É preciso lutar, meu coronel!... Não há alternativa!... Daoiz terá de o fazer e nós também!

— Peço-lhe que não diga disparates e que se acalme.

— Acalmar-me, diz?... Não ouviu os tiros? Estão a metralhar o povo!

— Eu tenho as minhas instruções e você tem as suas—Navarro Falcón começa a exasperar-se.—Faça o favor de não complicar mais as coisas. Limite-se a cumprir o seu dever.

— O meu dever está ali fora, na rua!

— O seu dever é obedecer às minhas ordens! E ponto!

O coronel, que acaba de dar um murro na mesa, lamenta ter perdido a compostura. É um velho soldado que lutou no Brasil em Santa Catarina, contra os Ingleses no Rio da Prata, na colónia de Sacramento, no assédio de Gibraltar e durante toda a guerra com a República Francesa. Agora olha incomodado para o escrevente Manuel Almira e para os que estão na sala contígua a ouvir, e volta a observar Velarde, que, aborrecido, molha a pena no tinteiro e escrevinha rabiscos

sem sentido nos papéis que tem à frente. Por fim, o coronel levanta-se e deixa na mesa de Velarde a ordem transmitida pelo general Vera y Pantoja, governador da praça, determinando que as tropas se mantenham nos quartéis e à margem de tudo o que aconteça.

— Somos soldados, Pedro.

Não costuma chamá-lo, a ele ou a qualquer outro oficial, pelo nome próprio e Velarde sabe-o. Mas, alheio à demonstração de afecto, abana a cabeça numa negativa, pondo de lado com desdém a ordem do governador.

— O que somos é espanhóis, meu coronel.

— Oiça, se a guarnição se pusesse ao lado dos revoltosos, Murat faria marchar sobre Madrid o corpo do general Dupont, que está apenas a um dia de caminho... Você quer que caiam sobre esta cidade cinquenta mil franceses?

— Bem podiam ser cem mil. Seríamos um exemplo para toda a Espanha e para o mundo.

Farto da discussão, Navarro Falcón volta para a sua secretária.

— Não quero ouvir nem mais uma palavra!... Fui claro?

O coronel senta-se e aparenta mergulhar na papelada. E assim, fingindo que não ouve Velarde murmurar baixinho, como que alheado, "Lutar, lutar... Morrer por Espanha", enquanto continua a escrevinhar rabiscos sem sentido, pensa que oxalá Luis Daoiz, lá em Monteleón, consiga manter a cabeça fria, e ele próprio, aqui, seja capaz de manter Velarde preso à sua mesa. Deixar que o exaltado capitão se aproximasse hoje do parque de Monteleón seria aproximar um rastilho aceso de um barril de pólvora.

Apesar dos seus excessos e do seu apaixonado patriotismo, o serralheiro Molina não tem nada de tonto. Sabe que se conduzir as pessoas até ao parque por ruas largas chamará muito a atenção e que, mais cedo ou mais tarde, os Franceses lhes cortarão o caminho. De modo que recomenda silêncio à vintena de voluntários que o segue—número que aumenta durante a marcha com novas incorporações—e, depois de se separar daqueles que procuram o caminho mais curto, conduz o seu bando pelo postigo de San Martin e pela calle de Hita à calle de Tudescos, em direcção à corredera de San Pablo.

— Sem fazer algazarra, eh?... Teremos tempo para isso. O que interessa é arranjar espingardas.

A essa mesma hora, outros grupos que não os incitados por Blas Molina, ou encaminhados para Monteleón por iniciativa espontânea, sobem pelos Canos e Santo Domingo em direcção à larga calle de San Bernardo, e da puerta Del Sol pela rede de San Luis até à calle Fuencarral. Alguns conseguirão chegar durante

a hora seguinte; mas outros, confirmando os receios de Molina, serão aniquilados ou dispersos ao depararem com destacamentos franceses. E o caso do bando formado pelo chocolateiro José Lueco, que, com os moços de mulas e cavalariças Juan Velázquez, Silvestre Álvarez e Toríbio Rodríguez, decide ir por sua conta, encurtando caminho por San Bernardo.

Mas na calle de La Bola, quando já perfazem uma trintena de indivíduos por se terem juntado os criados de uma estalagem e de uma casa de pasto próxima, um dourador, dois aprendizes de carpinteiro, um compositor tipógrafo e vários criados de casas particulares, o grupo, que dispõe de algumas carabinas, bacamartes e espingardas, depara com um pelotão de fuzileiros da Guarda Imperial. O choque é brutal, à queima-roupa, e após as primeiras navalhadas e disparos, os madrileños entrincheiram-se nas esquinas de Puebla e Santo Domingo. Durante um bom bocado, e com bastante atrevimento, travam ali um combate obstinado que causa baixas aos Franceses, sendo ajudados na refrega por gente da vizinhança, que atira vasos e objectos das varandas. Por fim, prestes a serem cercados por tropas de reforço que chegam das ruas adjacentes, o bando dissolve-se, deixando vários mortos no terreno. José Lueco, ferido na cara por um sabre e no ombro por um balázio, consegue refugiar-se numa casa próxima— à terceira tentativa, porque as duas primeiras portas onde bate não se abrem —,onde permanecerá escondido o resto do dia.

Tal como o do chocolateiro José Lueco, outros grupos mal chegam a formar-se ou duram o pouco tempo que as tropas francesas demoram a dar com eles e a dispersá-los.

Isso acontece ao pequeno grupo armado de paus e navalhas que os Franceses põem em debandada a tiros de canhão na esquina da calle Del Pozo com San Bernardo, ferindo José Ugarte, cirurgião da Casa Real, e Maria Oriate Fernández, de quarenta e três anos, natural de Santander. O mesmo acontece na calle Del Sacramento com um bando encabeçado pelo presbítero dom Cayetano Miguel Manchón, que, armado com uma carabina e ao comando de alguns jovens decididos, tenta chegar ao parque da artilharia.

Uma patrulha de cavaleiros polacos cai sobre eles de surpresa, o presbítero acaba ferido por um sabre que lhe deixa os miolos à vista e a sua gente, aterrada, dispersa-se num instante.

Também não chegará ao seu destino o grupo dirigido por dom José Albarrán, médico da família real, que, depois de presenciar a matança do Palácio, recruta um grupo de populares armados com paus, facas e algumas espingardas, a quem tenta levar através de San Bernardo.

Detidos pela metralha que os Franceses disparam com dois canhões colocados em bateria diante da casa do duque de Montemar, têm de se refugiar na calle de San Benito, ficando aí entre dois fogos quando outra força francesa, que vem de Santo Domingo, dispara contra eles a partir da plaza Del Gato. O primeiro a morrer, com uma bala no ventre, é o gesseiro de cinquenta e quatro anos Nicolás Del Olmo Garcia. O grupo é desfeito e disperso e o doutor Albarrán, gravemente ferido e abandonado como morto—resgatado mais tarde por amigos, conseguirá sobreviver—,é despojado pelos soldados imperiais da sua levita, relógio e onze onças de ouro que traz consigo.

Ao seu lado, depois de ter lutado com um pequeno espadim de corte e uma pistola de bolso como únicas armas, morre Fausto Zapata y Zapata, de doze anos, cadete da Guarda Espanhola.

Numa casa da calle Del Olivo, o menino de quatro anos e meio Ramón de Mesonero Romanos—que tempos depois será um dos escritores mais populares e castiços de Madrid—acaba também como vítima acidental do tumulto. Ao correr com a família até à varanda para ver um grupo de populares que grita "Às armas! Viva Fernando VII e morram os Franceses!", o pequeno Ramón tropeça e abre a testa nos ferros do varandim. Passados muitos anos, nas suas Memórias de un setentón, Mesonero Romanos contará o episódio, descrevendo a mãe, dona Teresa, preocupada com a saúde do filho e com o que acontece na rua, acendendo lamparinas diante de uma imagem do Menino Jesus e rezando o terço com fervor, enquanto o pai—o homem de negócios Tomás Mesonero—conversa inquieto com os vizinhos. Nesse momento aparece lá em casa um amigo da família, o capitão de infantaria Fernando Butrón, para deixar a espada e a casaca do uniforme, de modo a evitar, segundo diz, que os grupos de populares que percorrem as ruas o obriguem a encabeçá-los, como já tentaram por três vezes.

— Andam por aí revoltosos e desorganizados, procurando quem os dirija—conta Butrón, ficando em vestia e mangas de camisa.—Mas todos os militares receberam ordens para ficar nos quartéis... Não há nada a fazer.

— E todos obedecem?—pergunta dona Teresa Romanos, que, sem deixar de passar as contas do rosário, lhe traz um copo de clarete fresco.

Butrón bebe o vinho sem respirar e experimenta o casaco inglês que lhe entrega o dono da casa. Fica um pouco curto de mangas, mas é melhor que nada.

— Eu, pelo menos, penso obedecer... Mas não sei o que acontecerá se esta loucura continuar.

— Jesus, Maria e José!

Dona Teresa contorce as mãos e começa a murmurar a vigésima ave-maria

da manhã. Deitado num canapé junto da imagem do Menino Jesus, com um emplastro de vinagre na testa, Ramoncito Mesonero Romanos chora baba e ranho. De vez em quando, ao longe, ouvem-se tiros.

Na puerta Del Sol estão reunidas dez mil pessoas e o gentio espalha-se pelas ruas próximas, desde Montera até à rede de San Luis, bem como pelas calles Del Arenal, Mayor e Postas, enquanto grupos armados com bacamartes, garrotes e facas patrulham os arredores, alertando para qualquer presença francesa. Da janela de sacada da sua casa, no número 15 da calle de Valverde, na esquina com a calle Desengano, Francisco de Goya y Lucientes, aragonês de sessenta e dois anos de idade, membro da Academia de San Fernando e pintor da Casa Real com cinquenta mil reais de renda, olha para tudo com uma expressão melancólica. Por duas vezes mandou embora a sua mulher, Josefa Bayeu, quando ela lhe pediu que baixasse a persiana e viesse para dentro. Em colete, com o colarinho da camisa aberto e os braços cruzados sobre o peito, um pouco inclinada a cabeça poderosa, que ainda ostenta cabelo espesso e crespo com patilhas grisalhas, o pintor vivo mais famoso de Espanha permanece assomado, obstinado, contemplando o espectáculo que vê na rua. Dos gritos do gentio e dos disparos isolados, longínquos, chegam apenas aos seus ouvidos—surdos desde que uma doença os deteriorou há anos—alguns ruídos apagados que se confundem com os rumores do seu cérebro, sempre atormentado, tenso e vivo. Goya está à varanda desde que, há pouco mais de uma hora, o jovem de dezoito anos León Ortega y Villa, seu discípulo, veio da sua casa da calle Cantarranas pedir-lhe licença para não ir ao estúdio. "Se calhar temos de fazer frente aos Franceses", disse ao pintor, aproximando-se do seu ouvido inválido e levantando muito a voz, como de costume, antes de se ir embora com um sorriso juvenil e heróico, próprio dos seus poucos anos, sem ceder aos rogos de Josefa Bayeu, que o recriminava por correr riscos sem se preocupar com a angústia da sua família.

— Tens mãe, León. —E vergonha na cara, dona Josefa.

Agora Goya continua imóvel, olhando carrancudo para o denso formigueiro de gente que desce em direcção à puerta Del Sol ou que sobe por Fuencarral em direcção ao parque de artilharia. Homem genial, predestinado à glória das pinacotecas e da História da Arte, tenta viver e pintar para além da realidade de cada dia, apesar das suas ideias avançadas, dos seus amigos actores, artistas e literatos—entre eles Moratín, cujo destino preocupa hoje o pintor—,das suas boas relações com a Corte e com o seu rancor, nem sempre secreto, ao obscurantismo, aos frades e à Inquisição. Que durante séculos, em sua opinião, transformou os Espanhóis em escravos, incultos, delatores e cobardes. Mas

manter a sua obra longe de tudo isto é cada vez mais difícil. Já na série de gravuras Los caprichos, realizada há nove anos, o aragonês ridicularizou, quase sem disfarce, padres, inquisidores, juizes injustos, corrupção, embrutecimento do povo e outros vícios nacionais. Também esta manhã lhe é impossível abstrair-se dos negros presságios que ensombram Madrid. O vago rumor que chega aos tímpanos maltratados do velho pintor aumenta às vezes, subindo de tom, enquanto as cabeças da multidão se agitam em vagas, tal como o trigo por efeito do vento, ou o mar quando ameaça temporal. O aragonês é um homem enérgico que na sua juventude brigou à navalhada, foi toureiro e prófugo da Justiça; não se trata de um peralvilho nem de um fraco. No entanto, aquele gentio, para ele quase silencioso, que estremece e se agita perto, tem em si alguma coisa obscura que o inquieta para além do motim imediato ou dos distúrbios previsíveis. Nas bocas abertas e nos braços erguidos, nos grupos que passam trazendo ao alto paus e navalhas, gritando palavras sem som, que na cabeça de Goya soam tão terríveis como se conseguisse ouvi-las, o pintor pressente nuvens escuras e torrentes de sangue. Atrás de si, entre lápis, carvões e esfuminhos, na mesinha onde costuma trabalhar os seus esboços, aproveitando a claridade da janela ampla, está um rascunho que iniciou esta manhã, quando a luz era ainda cinzenta: um desenho a lápis onde se vê um homem com as roupas rasgadas, ajoelhado e com os braços em cruz, rodeado de sombras que o cercam como fantasmas de um pesadelo. E à margem da folha, com a sua letra forte, incontestável, Goya escreveu algumas palavras: Tristes pressentimentos do que há-de acontecer.

Jacinto Ruiz Mendoza sofre de asma e hoje acordou—como lhe acontece com frequência—com febre alta e uma profunda sensação de asfixia. Da cama onde se encontra prostrado ouve tiros dispersos e levanta-se com esforço. Tem o corpo empapado em suor, de modo que tira a camisa de dormir húmida, refresca um pouco a cara com a água de uma bacia e veste-se devagar, abotoando com dedos trôpegos os botões da nova casaca branca com lapelas e canhões da manga carmesins com que acaba de ser dotado o regimento de infantaria número 36 dos Voluntários do Estado, onde serve com a patente de tenente. Custa-lhe acabar de vestir-se, porque se sente fraco e o seu ajudante, um soldado que enviou em busca de notícias, ainda não voltou. Consegue, por fim, calçar as botas e, com passos indecisos, dirige-se para a porta.

Nascido em Ceuta há vinte e nove anos, Jacinto Ruiz é magro, de compleição fraca, mas voluntarioso e com muito brio militar. Tem um carácter tranquilo, quase tímido, um pouco retraído devido à doença respiratória de que

sofre desde criança. Quanto ao resto, é patriota, cumpridor fiel das suas obrigações, amante do Exército e da glória de Espanha e, como tantos outros camaradas, nos últimos tempos sofreu de forma indescritível devido à prostração nacional face ao poder napoleónico. Embora, não sendo homem exaltado, nunca tenha expressado opiniões políticas fora do círculo fechado dos amigos íntimos.

Nas escadas, Ruiz encontra um rapazola que sobe a correr e por quem se inteira de que os Franceses disparam contra o povo, enquanto grupos de civis se encaminham para os quartéis à procura de armas. Inquieto, Jacinto Ruiz vai até à rua e apressa o passo, sem responder às interpelações que vários vizinhos, vendo o seu uniforme, lhe fazem das varandas, tentando saber notícias. Segue, sem se deter, em direcção ao quartel de Mejorada, situado no fim da calle de San Bernardo, no número 83 e fazendo esquina com San Hermenegildo, um pouco acima do edifício da Junta de Artilharia. Dessa forma, o mais depressa que pode, embora sem alterar o passo para não causar má impressão, lutando contra a asfixia dos seus pulmões doentes e apesar da febre que lhe deixa a testa a arder sob o chapéu, o humilde tenente de infantaria, cujo nome não é mais do que uma simples linha no quadro do Exército, apressa-se a incorporar-se ao seu regimento sem desconfiar que, perto da rua por onde agora caminha, muitos anos depois deste longo dia que apenas começa, se erigirá um monumento de bronze em sua memória.

! O que se ouve à distância são tiros dispersos, mas não descargas. Isso tranquiliza um pouco António Alcalá Galiano, que percorre o bairro a observar a agitação das pessoas. Os seus dezanove anos não o impedem de dar conta do que é óbvio: os bandos estão tão ridiculamente armados que parece loucura desafiar os soldados franceses.

Mesmo assim, por impulsos da sua mocidade, o jovem acaba por juntar-se a um grupo que passa com grande alvoroço junto da igreja de San Ildefonso, mais pelas mulheres que olham das varandas que por outra coisa. Está apaixonado por uma madrilena e isso leva-o a querer contar algum acto heróico, embora mínimo. O bando, composto por rapazes, é dirigido por um com pinta de mestre artesão, que dá vivas ao rei Fernando. O jovem Alcalá Galiano segue-os até à calle Fuencarral, onde surge uma acalorada discussão sobre o caminho a seguir: uns querem ir até um quartel juntar-se à tropa e lutar em conjunto e em ordem, enquanto outros pretendem investir contra os Franceses onde quer que os encontrem, armando-lhes ciladas para se apoderarem das suas armas e continuar a agir por assaltos, em pequenos grupos, atacando e retirando-se por esquinas e açoteias. A disputa inflama-se, alguns estão prestes a chegar a vias de facto e um

dos mais exaltados, descamisado e com má pinta, acaba por se voltar para Alcalá Galiano:—E você o que acha, amigo?

O tratamento desempoeirado não agrada ao educado órfão do herói de Trafalgar que, além disso, pertence à Mestrança(1) de Cavalaria de Sevilha, embora esteja à paisana.

De modo que, desagradado mas com prudência e marcando distâncias, responde que não tem opinião formada a esse respeito.

— Mas quer matar franceses ou não?

— Claro que sim. Embora não pretenda que os mate a murro... Não trago armas.

— Nisso andamos. A procura delas.

Alcalá Galiano olha para os rostos pouco simpáticos que o rodeiam. Quase todos são rapazes de baixa condição e não faltam miúdos esfarrapados da rua. Também não lhe passam despercebidos os olhares receosos que dirigem à sua casaca e ao seu chapéu bordado. "Um janota", ouve um deles dizer. Estes, conclui inquieto, são mais de recear que os Franceses.

— Pois agora que me lembro—responde, o mais sereno que pode—,tenho armas em casa. De modo que vou buscá-las, pois vivo perto, e já volto.

O outro examina-o de cima a baixo, desconfiado e altivo.

— Vá então, homem de Deus.

Alcalá Galiano titubeia, picado pelo tom de voz, e nesse momento aproxima-se o que faz as vezes de chefe. É um moço de fretes de mãos fortes e calosas, que cheira a suor.

— Você—diz-lhe à queima-roupa—não nos serve para nada. O jovem sente um rubor na cara. Que diabo estou eu a fazer, conclui, com esta gente?

— Pois então, tenham um bom dia.

Ferido no seu amor-próprio mas aliviado quanto àquela inquietante quadrilha que deixa para trás, Alcalá Galiano dá meia-volta e encaminha-se para casa. Uma vez aí, pegando no chapéu com galão de prata e na espada e deixando a mãe inquieta e chorosa ao vê-lo arriscar-se de novo, sai à procura de melhor companhia, disposto a envolver-se na refrega junto de gente decente e ajuizada. Mas só encontra grupos de populares enfurecidos, quase todos gente da ralé, e um ou outro militar tentando contê-los. Na esquina da calle de La Luna com a calle Tudescos vê um oficial com bom aspecto, tenente da Guarda de Corpo, a quem pede conselho. O outro, julgando pelo galão do chapéu que é um dos seus guardas, pergunta-lhe o que faz na rua e se não conhece as ordens.

(1) Sociedade de cavaleiros e de manejo de armas a cavalo. (N. da T.)

— Sou da Mestrança, senhor tenente. De Sevilha.

— Pois volte imediatamente para sua casa. Eu vou a caminho do meu quartel e as ordens são para não nos mexermos. E, dando-se o caso, para dispararmos até acalmar o tumulto.

— Contra as pessoas?

— Tudo é possível. Está a ver como andam todos, raivosos e desenfreados. Há muitas mortes de franceses e começa a haver também de populares... Você parece ser de boas famílias. Que nem lhe passe pela cabeça juntar-se a essa gente exaltada.

— Mas... Realmente as nossas tropas não vão entrar em combate?

— Já lhe disse, diacho! Repito-lhe que vá para sua casa e não se misture com esta chusma.

Convencido e obediente, escarmentado pela experiência que teve, António Alcalá Galiano faz o caminho de volta para casa onde a mãe, que aguarda angustiada, o recebe com muitas súplicas de que não torne a sair. E por fim, confuso e desanimado por tudo o que viu, acede a ficar em casa.

Enquanto o jovem Alcalá Galiano renuncia a ser actor da jornada, grupos de madrileños continuam a tentar chegar ao parque de Monteleón em busca de armas. Fazendo um longo desvio, o serralheiro Blas Molina e os seus homens acabam detidos perto da corredera de San Pablo devido à presença de um piquete francês, que Molina, com o discernimento espevitado pela experiência do Palácio, decide não incomodar.

— Tudo se quer a seu tempo—sussurra—,e os nabos pelo Advento.

Outras partidas, no entanto, chegam depressa e sem novidades às portas do parque, engrossando o número dos que aí se concentram. É o caso do bando encabeçado pelo estudante asturiano José Gutiérrez, um jovem magro e enérgico a quem se juntam, com uma dúzia de indivíduos, o barbeiro Martin de Larrea e o seu mancebo Felipe Barrio. Também o morador da calle Del Príncipe, Cosme Martínez Del Corral, impressor e administrador de uma fábrica de papel e antigo soldado de artilharia, apesar de trazer consigo 7250 reais em cédulas retiradas esta manhã, comparece em Monteleón, apresentando-se aos seus antigos companheiros, caso se vejam na necessidade de lutar. Por outro lado, o armazenista de carvão Cosme de Mora, com loja na corredera de San Pablo, e o seu amigo porteiro de tribunal Félix Tordesillas, morador na calle Del Rubio, conseguem abrir caminho à frente de um grupo de moradores sem encontrar

franceses que os incomodem. A esta partida, uma das mais numerosas, juntam-se pelo caminho o oficial de obras Francisco Mata, o carpinteiro Pedro Navarro, o sangrador da calle Silva Jerónimo Moraza, o arrieiro leonês Rafael Canedo e José Rodríguez, vendedor de gelados e refrescos de San Jerónimo, que vem acompanhado pelo filho Rafael. Na calle Hortaleza juntam-se-lhes os irmãos António e Manuel Amador que, apesar da sua recusa e dos carolos que lhe dão, não conseguem evitar que Pepillo, o irmão de onze anos, os siga.

Outro bando que está prestes a chegar a Monteleón é o organizado por José Fernández Villamil, estalajadeiro da plazuela de Matute, a quem continuam a escoltar os criados ao seu serviço, alguns vizinhos e o mendigo da plaza Antón Martin. Irrompendo pelo depósito dos Inválidos de Las Casas Consistoriales, Fernández Villamil conseguiu apoderar-se, sem resistência por parte dos guardas —um juntou-se a eles—,de meia dúzia de espingardas, baionetas e munições correspondentes. Entre todos os populares sublevados hoje em Madrid, o estalajadeiro e a sua partida serão dos que mais peripécias irão viver. Conseguidas as espingardas, depois de se encaminharem para o Palácio pela calle Mayor, tiveram um encontro perto do Palácio de los Consejos com um pequeno destacamento da cavalaria imperial. Na escaramuça, derrubado com um tiro o oficial inimigo, o grupo viu-se obrigado a retroceder até às arcadas da Plaza Mayor, mantendo ali um breve tiroteio até que, vinda do Palácio uma guarda avançada da infantaria francesa, o estalajadeiro e os seus homens tiveram de se retirar, atravessando a descoberto e sob fogo intenso a puerta de Guadalajara em direcção à plaza de Las Descalzas, onde se lhes juntaram o mestre serralheiro Bernardo Morales e Juan António Martínez Del Álamo, empregado das Rendas Reais. Uma nova tentativa de irem até ao Palácio foi frustrada há pouco por uma descarga de metralha ao dobrar de uma esquina. De volta à plaza de Las Descalzas, enquanto paravam agrupados para recuperar o fôlego e discutir o que fazer, alguns moradores dizem-lhes das varandas que grupos de populares se dirigem para o parque de Monteleón. De modo que, após uma breve paragem para se refrescarem na taberna de San Martin e para arranjarem um odre de vinho de uma arroba para o caminho—em vista das espingardas, o taberneiro não quis cobrar-lhes—,Villamil e os seus homens, mendigo incluído, põem-se a caminho do parque a bom ritmo, desta vez sem que alguém grite "Morte aos Franceses!". Embora se cruzem com pequenos grupos que fazem alvoroço e pedem armas, ou moradores que os animam das entradas, varandas e janelas, o estalajadeiro e os seus acompanhantes, escarmentados, avançam de olhos bem abertos, colados às casas, com as armas preparadas, a

boca fechada e tentando não chamar a atenção.

Pelas janelas da Junta de Artilharia continua a ouvir-se o som de disparos ao longe—agora o tiroteio é contínuo—e gritos de gente isolada que passa a caminho de Monteleón. Às onze da manhã, o capitão Pedro Velarde, que para preocupação do seu coronel continua a escrevinhar gatafunhos num papel enquanto murmura entre dentes "vamos lutar, vamos lutar", atira a sua cadeira com violência para trás e levanta-se, apoiando ambas as mãos na mesa.

— Vamos morrer!—exclama.—Vamos vingar Espanha! Navarro Falcón levanta-se e tenta dominá-lo, mas Velarde está fora de si. Cada disparo que ouve vindo da rua, cada grito das pessoas que passam, parece corroer-lhe as entranhas. Com a expressão alterada, o rosto pálido, empurra o seu superior e, diante dos olhos apavorados de oficiais, soldados e escreventes que acorrem ao ouvir os gritos de ambos, precipita-se em direcção às escadas.

— Vamos lutar contra os Franceses!... Vamos defender a pátria! Entreolham-se todos, indecisos, enquanto o coronel levanta os braços, ordenando que permaneçam onde estão. Velarde, que parou uns instantes para ver se alguém o acompanha, dá meia-volta e lança-se à rua, arrebatando pelo caminho a espingarda a um dos ordenanças.

— Toda a gente quieta!—ordena Navarro Falcón.—Que ninguém o siga!

Da meia centena de homens que neste momento se encontra nas dependências, pátio e vestíbulo da Junta de Artilharia, só dois desobedecem a essa ordem: o escrevente de contabilidade Manuel Almira e o praticante Domingo Rojo Martínez. Levantando-se das suas mesas, deixam penas e tinteiros, cada um agarra numa espingarda e, sem dizer uma palavra, seguem Velarde.

Quase à mesma hora em que o capitão Velarde abandona a Junta de Artilharia, no outro lado da cidade, perto da fuente de Neptuno, o capitão Marcellin Marbot olha para a ladeira que desce do Buen Retiro, disposto a conduzir a guarda avançada da coluna de cavalaria que o general Grouchy envia em direcção à puerta Del Sol onde, segundo um correio que acaba de chegar—a galope com um braço partido por um tiro—tudo continua nas mãos da populaça. Voltado para olhar sobre a garupa do cavalo, firme erecto na sua sela, Marbot admira o aspecto imponente da máquina de guerra, imóvel atrás de si.

"Nada no mundo", diz para consigo com orgulho "pode deter isto".

E não lhe falta razão. Aquela é a nata das tropas imperiais. A melhor cavalaria do mundo. Ao longo do muro sul das cavalariças, escalonadas por esquadrões, as filas compactas de montada com os seus cavaleiros ocupam toda

a extensão da alameda até àl plaza Del Coliseo do antigo Palácio dos Áustrias, as pontas de lanças, capacetes e cordões dourados a cintilar sob o sol da manhã. A vanguarda é composta por uma centena de mamelucos e meia centena de dragões da imperatriz. Seguem-nos duzentos caçadores a cavalo e outros tantos granadeiros montados, pertencentes, todos eles, à Guarda Imperial, e quase mil dragões da brigada Prive. A missão dessa força de cavalaria é limpar a puerta Del Sol e a Plaza Mayor,[convergindo aí com a infantaria, que deverá chegar pelas calles Arenal e Mayor, e com a cavalaria pesada, que, dos Carabancheles, avançará pela calle de Toledo.

— Você dirá, Marbot.

O coronel veterano Daumesnil, encarregado de dirigir o primeiro ataque, chega junto do capitão. Vem montado num magnífico pigarço, com o seu vistoso uniforme de coronel de caçadores a cavalo da Guarda: a jaqueta verde, a pelica vermelha a balançar com garbo sobre o ombro, a barretina de pele de urso com o seu francalete a emoldurar os olhos vivos e o bigode. Reprimir motins de rapazolas e velhas, disse num tom depreciativo, é impróprio de um soldado. Mas ordens são ordens. Respeitosamente, Marbot recomenda a calle de Alcalá, que é larga e desimpedida.

— Tendo atenção às ruas secundárias da esquerda, meu coronel. Há muita gente emboscada.

Daumesnil, no entanto, mostra-se partidário de enviar a vanguarda por San Jerónimo, que é o caminho mais curto. O resto da força seguirá depois por Alcalá, desimpedindo assim ambas as avenidas.

— Que deitem o focinho de fora, se se atreverem... Antecipa-se no regresso para junto do grão-duque ou vem connosco?

— Tal como está a puerta Del Sol, prefiro acompanhá-los. Viu como chegou o último batedor e o que contam. Com a minha pequena escolta não conseguirei passar.

— Nesse caso, permaneça ao meu lado... Mustafá!

O bravo chefe dos mercenários egípcios, o mesmo que em Austerlitz esteve prestes a atingir o grão-duque Constantino da Rússia, avança com o seu cavalo, acariciando, solene, os bigodes desmedidos. É um tipo grande e forte vestido com bombachas vermelhas, colete e turbante, e ostentando à cintura a agomia curva e um longo alfange, tal como os restantes camaradas.

— Tu e os teus mamelucos vão à frente. Sem piedade.

No rosto moreno do egípcio brilha um sorriso feroz. "Iallah Bismillah", responde. E, voltando a garupa, dirige-se para a cabeça da sua colorida tropa.

Nessa altura o coronel Daumesnil volta-se para o seu corneteiro, soa um clarim, todos gritam "Viva o Imperador!" e a vanguarda da coluna põe-se em marcha.

Vinte minutos antes de a cavalaria da Guarda Imperial avançar a partir do Buen Retiro, o alferes de fragata Manuel Esquivel, o mais aliviado possível, viu chegar os seus substitutos ao edifício dos Correios da puerta Del Sol.

— Trazem munições?

O outro, um tenente de idade avançada que foi ascendendo desde os seus tempos de soldado, ar rude e inquieto, abana a cabeça numa negativa.

— Nem sequer para nós. Nem um mau cartucho.

Ao ouvir aquilo, Esquivel não faz alarde. Já o esperava. Terá de fazer todo o caminho de volta ao quartel com a tropa indefesa, através de uma cidade enlouquecida.

Malditos, pensa. Os seus chefes, os Franceses, a populaça e a mãe que os pariu a todos.

— Quais são as últimas instruções?

— Não se alteraram. Fechar-nos e não deitar a cabeça de fora.

— Ainda estamos assim?... Com o que se está a passar lá fora? O outro faz uma careta de desagrado.

— Quero lá saber. Eu cumpro ordens, como você.

— Ordens? Que ordens?... Aqui ninguém ordena nada.

O tenente não responde, limitando-se a olhá-lo como se o apressasse a ir embora de uma vez. Esquivel observa, angustiado, os seus vinte granadeiros da Marinha, que acabam de formar no pátio com os fuzis inúteis pendurados ao ombro. Como se não bastasse, verifica, o vistoso uniforme dessa tropa de elite, casaca azul com bandas vermelhas, correagem branca e barretina forrada de pele, pode confundir-se ao longe com o dos granadeiros imperiais.

— E o que é feito dos Franceses?

O tenente parece querer cuspir entre as botas, mas contém-se. Depois encolhe os ombros com indiferença.

— Preparam-se para marchar sobre o centro da cidade. Ou é o que se diz.

— Será uma matança. Pode ver como as pessoas estão exaltadas. Vi coisas...

— Esse é um problema dos gabachos, não acha?... Não é seu nem meu.

É evidente que ao recém-chegado tanta conversa começa a incomodar. E parece decidido a não complicar a vida. Agora dirige olhadelas impacientes à esquerda e à direita, visivelmente desejoso de que Esquivel desapareça para trancar as portas.

— Eu, no seu caso, ia-me embora a toda a pressa—sugere.

Esquivel concorda como se acabasse de ouvir o Evangelho.

— Nem pensarei duas vezes—conclui.—Boa sorte.

— Desejo-lhe o mesmo.

Fazendo das tripas coração, preocupado com o que vai encontrar lá fora, o alferes de fragata aproxima-se dos seus granadeiros, que o olham, confiantes e ao mesmo tempo inquietos. Do edifício dos Correios ao quartel da Marinha, situado no paseo Del Prado, o trajecto é longo. Mesmo que fiquem melhor aí, com o resto da companhia—sobretudo se acabarem por ordenar que saiam à rua para ajudar o povo ou para o reprimir—,o percurso apresenta-se cheio de obstáculos: a distância, as pessoas e os Franceses. Sobretudo estes últimos, que, vindo do Buen Retiro vão seguir, sem dúvida, o mesmo caminho que ele tem de tomar, em sentido contrário, para se dirigir ao quartel. E nem quer pensar no que acontecerá caso se encontrem.

— Calar baionetas.

"No mínimo", decide no seu íntimo "que não nos apanhem com as mãos nos bolsos".

— Preparados para sair. A minha ordem e sem se deterem. O que quer que vejam, o que quer que aconteça, ouvem-me só a mim... Prontos?

O sargento do piquete, com a sua cara curtida de veterano e as suas cicatrizes de Trafalgar, olha para ele como que a perguntar se sabe o que está a fazer. Para tranquilizar a tropa, Esquivel exibe um sorriso.

— Fuzil em alto arma. Passo ligeiro.

E depois de se benzer mentalmente, colocando-se à cabeça dos seus homens, o alferes de fragata abandona o edifício. Mal sai à rua, a sua primeira impressão é de que penetra num mar de gente. Ao reconhecer os uniformes da Marinha, a multidão abre alas, com respeito. Vê-se muito povinho, com muitas mulheres que vieram da zona sul da cidade, e as varandas e janelas estão apinhadas como se de uma festa se tratasse. Alguns sorriem, dão vivas ou aplaudem ao ver a tropa espanhola. Outros, mais carrancudos, incitam-nos a juntar-se a eles ou a entregar as espingardas. Impávido, sem prestar atenção a ninguém, Esquivel continua a sua marcha. Do lado de Santa Ana ouve tiros dispersos. Procurando não olhar para ninguém, com o sabre na bainha e suspenso na mão esquerda, os olhos fixos na entrada da carrera de San Jerónimo, o marinheiro dirige os seus granadeiros enquanto pede a Deus que lhes permita chegar a tempo e sem novidades ao paseo Del Prado.

— Mantenham o passo!... Olhos em frente!

A marcha, sempre em passo forçado, leva o piquete até ao Buen Suceso e

depois pela carrera de San Jerónimo abaixo, onde Esquivel verifica que os grupos de pessoas estão mais dispersos, se dissipam e acabam por ser pequenos bandos escondidos em entradas e esquinas com bacamartes, paus e facas. Por três vezes, ao passar pelas ruas secundárias que levam à plaza Antón Martin e à calle de Atocha, disparam-lhes alguns tiros de longe—não se sabe se franceses ou espanhóis—,que não provocam desgraças, embora causem alguns sobressaltos. Enquanto mantém o passo rápido, trotando com as botas a ressoar no chão, e à medida que o piquete se aproxima da confluência de San Jerónimo com o Prado, Esquivel sente desfalecer-lhe o coração quando vê a coluna rutilante e compacta da cavalaria francesa, que, devagar, estendendo-se na retaguarda até ao Buen Retiro, desce a encosta e avança em direcção contrária, ainda a umas cem varas de distância.

— Virgem santa!—exclama o sargento, atrás de si. Esquivel volta-se, com um rugido.

— Mantenham a formação!... Olhos em frente!... Cabeça, virar à esquerda!

E assim, apenas um pouco antes de a cavalaria francesa passar à frente da fuente de Neptuno, desfilando impassível a passo ligeiro diante dos espantados cavaleiros da vanguarda imperial, o pequeno destacamento espanhol, com todos os seus granadeiros a olhar para o vazio como se não vissem a massa ameaçadora de homens e cavalos, gira disciplinadamente na mesma esquina e afasta-se sob as árvores do paseo Del Prado, a salvo.

Por volta das onze e meia da manhã, quando a vanguarda da cavalaria avança por San Jerónimo em direcção à puerta Del Sol, o resto das tropas imperiais colocadas nos arredores de Madrid abandona os seus acampamentos e dirige-se para as portas da cidade, obedecendo às ordens de ocupar as grandes avenidas e convergir para o centro. Ao ver multiplicar-se a presença de franceses e verificando que as suas guardas avançadas abrem fogo sem aviso prévio contra qualquer grupo de civis que encontre pelo caminho, as pessoas que continuam na rua procuram armas desesperadamente. Às vezes obtêm-nas assaltando lojas, salas de esgrima, cutelarias, ou saqueando a Armaria Real, de onde alguns saem com couraças, alabardas, arcabuzes e espadas dos tempos de Carlos V. A essa mesma hora, pelo muro traseiro do quartel da Guarda Espanhola, um grupo de soldados passa fuzis e cartuchos à populaça que aí reclama, enquanto os oficiais olham para o lado, apesar das ordens recebidas. O coronel dom Ramón Marimón, que se apresentou mal começaram os distúrbios, chegou a tempo de impedir que a tropa, já formada para isso, fosse para a rua. Apesar de tudo, cinco soldados fardados, entre os quais se contam o sevilhano de vinte e cinco anos

Manuel Alonso Albis e o madrileños de vinte e quatro Eugênio Garcia Rodríguez, saltam o muro e juntam-se aos insurrectos. Assim, formam partida uma trintena de soldados e populares, entre os quais se encontram José Pena, sapateiro de dezanove anos; José Juan Bautista Montenegro, criado do marquês de Perales; Manuel Francisco González Rivas, natural de Toledo e morador na calle Del Olivar; o madrileños Juan Eusebio Martin e o mestre ferreiro de quarenta anos Julián Duque. Dirigem-se todos juntos para o paseo Del Prado, atravessando a horta de San Jerónimo e o Jardim Botânico, à procura de franceses. Aí combaterão, com uma dureza extraordinária e causando danos ao inimigo, contra destacamentos de cavalaria que descem do Buen Retiro e unidades de infantaria imperial que começam a subir do paseo de Las Delicias e da puerta de Atocha.

Enquanto os embates entre madrileños e guardas avançadas francesas se generalizam ao longo do Prado, o moço das Cavalariças Reais Gregorio Martínez de La Torre, de cinquenta anos, e José Doctor Cervantes, de trinta e dois, que se dirigiam para o quartel da Guarda Espanhola em busca de armas, dão meia-volta ao verem o caminho cortado por uma coluna de cavaleiros franceses. Daí a pouco encontram um conhecido chamado Gaudosio Calvillo, funcionário Guarda da Fazenda Real, que vai apressado levando quatro fuzis, dois sabres e um saco de cartuchos. Calvillo conta-lhes que bem perto, no portillo de Recoletos, os seus colegas da Alfândega estão dispostos a lutar, ou estão já a fazê-lo. De modo que cada um deles agarra num fuzil, decidido a segui-lo. Pelo caminho, ao vê-los armados e resolutos, juntam-se-lhes dois hortelãos da duquesa de Frias e do marquês de Perales Juan Fernández López, Juan José Postigo e Juan Toribio Arjona, levando Fernández López uma caçadeira de sua propriedade e providos os outros dois apenas de navalhas.

Arjona encarrega-se do fuzil que resta e chegam desta forma às imediações do postigo, justamente quando os alfandegários e alguns populares enfrentam guardas avançadas da infantaria francesa que se aventuram no local. Saltando muros, correndo agachados sob as árvores das hortas, os seis acabam por se juntar a um grupo numeroso formado, entre outros, pelos funcionários da Fazenda Real Anselmo Ramírez de Arellano, Francisco Requena José Avilés, António Martínez e Juan Serapio Lorenzo, a quem acompanham os oleiros da telheira de Alcalá António Colomo, Manuel Díaz Colmenar, os irmãos Miguel e Diego Manso Martin o filho deste. Entre todos conseguem encurralar alguns batedores franceses que avançam descuidados pela horta de San Felipe Neri. Após uma furiosa troca de tiros, caem-lhes em cima com navalhas, degolando e

provocando tão terrível carnificina que no fim, apavorados com a sua própria obra e prevendo as represálias inevitáveis, se dispersam e tratam de se esconder.

Os funcionários procuram asilo nas dependências da Alfândega do portillo de Recoletos e o hortelão Juan Fernández López, ainda com a sua espingarda, decide acompanhá-los, sem imaginar que daí a pouco, quando chegar o grosso das tropas inimigas querendo vingar os seus camaradas, esse local se transformará numa armadilha mortal.

No seu gabinete do Cárcere Real, o director não acredita nos seus ouvidos.

— Os presos solicitam o quê?

O porteiro-chefe, Félix Ángel, que acaba de colocar um papel manuscrito na mesa do seu superior, encolhe os ombros.

— Pedem-no respeitosamente, senhor director.

— E diz que solicitam o quê?

— Defender a pátria.

— Está a brincar comigo, Félix.

— Deus me livre.

Colocando os óculos, ainda incrédulo, o director lê a instância que o porteiro-chefe acaba de apresentar, transmitida pela via regulamentar: Avendo reparado na desordem que se nota no povo e que das varandas se arrojam armas e munissões para a defesa da Pátria e do Rei, o signatário Francisco Xavier Cayón suplica em seu nome e no dos seus companheiros, sob juramento de regreçarem todos à prisão, que sejam postos em liberdade para irem arriscar a vida contra os extranjeiros e a bem da Pátria.

Respeitosamente em Madrid a dois de Maio de mil oitossentos e oito.

Ainda estupefacto, o director olha para o porteiro-chefe.

— Quem é este Cayón?... O número quinze?

— O próprio, senhor director. Tem estudos, como pode ver. E boa letra.

— É de fiar?

— Dentro do possível.

O director coça as patilhas e suspira, dubitativo.

— Isto é irregular... E... Impossível. Mesmo nestas circunstâncias difíceis... Além disso, alguns são criminosos com delitos de sangue. Não podemos deixá-los à solta.

O porteiro-chefe aclara a garganta, olha para o chão e depois para o director.

— Dizem que se não acolher favoravelmente a solicitação, se amotinarão forçosamente.

— Ameaçam?—o director dá um salto.—Atrevem-se a isso, os canalhas?

— Bom... É uma maneira de ver. De qualquer forma já o fizeram... Estão reunidos no pátio e tiraram-me as chaves—o porteiro-chefe aponta para o papel pousado na mesa.—Na realidade este pedido é uma formalidade, uma demonstração de boa-fé.

— Estão armados?

— Bem, sim... O mesmo de sempre: ferros afiados, aguilhões, dardos... O normal. Também ameaçam pegar fogo à cadeia.

O director limpa a testa com um lenço.

— De boa-fé, diz.

— Eu não digo nada, senhor director. Isso da boa-fé são eles que o dizem.

— E deixou que lhe tirassem as chaves, a bem?

— Que remédio... Mas o senhor conhece-os. A bem é uma maneira de dizer.

O director levanta-se e dá umas voltas em redor da mesa. Depois vai até à janela, ouvindo, preocupado, os tiros lá fora.

— Acha que cumprirão a palavra?

— Não faço ideia.

— Responsabiliza-se?

— Acho-o com vontade de troçar, senhor director. Digo isto com todo o respeito.

Indeciso, o director volta a limpar a testa. Depois regressa para junto da mesa, agarra nos óculos e lê novamente o pedido.

— Quantos reclusos temos agora?

O porteiro-chefe tira um livrinho do bolso.

— De acordo com a contagem desta manhã, oitenta e nove sãos e cinco na enfermaria: noventa e quatro no total—fechando o livrinho, faz uma pausa significativa.

— Pelo menos eram estes que tínhamos há momentos.

— E todos eles querem sair?

— Só cinquenta e seis, segundo o tal Cayón. Os outros trinta e oito, se contarmos com os doentes, preferem ficar aqui quietos.

— É uma loucura, Félix. Mais que uma prisão, isto parece um manicómio.

— Um dia não são dias, senhor director. E depois há a pátria e tudo isso.

O director olha para o porteiro-chefe, desconfiado.

— O que se passa?... Também quer ir com eles?

— Eu?... Só se fosse doido.

Enquanto o director e o porteiro-chefe do Cárcere Real dão voltas ao escrito dos presos, uma carta de natureza diferente chega às mãos dos membros do

Conselho de Castela. É assinada pelo duque de Berg:

Desde este instante tem de cessar qualquer tipo de consideração. É preciso que a tranquilidade se restabeleça imediatamente ou que os habitantes de Madrid esperem ver cair sobre si todas as consequências da sua resolução. Todas as minhas tropas estão a reunir-se. Foram dadas ordens severas e irrevogáveis. Que se disperse qualquer ajuntamento, sob pena de serem exterminados. Que qualquer indivíduo que seja detido num desses ajuntamentos seja imediatamente passado pelas armas.

Como resposta à intimação de Murat, o vexado Conselho, com assinatura do governador dom António Árias Mon, limita-se a despachar um édito conciliador ao qual, numa cidade em armas e enlouquecida, ninguém dará atenção:

Que nenhum dos vassalos de S. M. maltrate por palavras ou obras os soldados franceses, dispensando-lhes, pelo contrário, todo o favor e ajuda.

Alheio a qualquer édito publicado ou por publicar, Andrés Rovira y Valdesoera, capitão do regimento das Milícias Provinciais de Santiago de Cuba, à cabeça de um pelotão de populares que pretende combater os Franceses, encontra o capitão Velarde quando este, seguido pelos escreventes Rojo e Almira, caminha por San Bernardo em direcção ao quartel de Mejorada, sede do regimento de Voluntários do Estado. Ao ver a atitude decidida de Velarde, Rovira, que o conhece, junta-se a ele com os seus homens. Desta forma chegam juntos ao quartel, onde encontram o regimento formado no pátio em atitude de defesa e o seu coronel, dom Esteban Giraldes Sanz y Merino—marquês de Casa Palácio, veterano das campanhas de França, Portugal e Inglaterra—,a discutir azedamente num aparte com os seus oficiais, que pretendem lançar-se à rua, aliar-se ao povo e intervir na luta. Giraldes recusa-se e ameaça prender todas as chefias de tenente para cima, mas a discussão agrava-se com a presença de chefes populares, moradores e conhecidos do pessoal do quartel, que se oferecem para deixar passar os soldados até ao parque vizinho de Monteleón, garantindo que o povo, necessitado de chefes, acatará qualquer ordem militar.

— Aqui a única disciplina é cumprir o que eu mando!—exige o coronel, prestes a perder as estribeiras.

A posição de Giraldes enfraquece com a chegada de Velarde, Rovira e dos homens que os seguem. O tenente Jacinto Ruiz, que, apesar da asma e da febre alta, conseguiu incorporar-se na sua unidade, ouve Velarde argumentar com veemência e verifica que as palavras exaltadas deste incendeiam ainda mais os ânimos, incluindo o seu.

— Não podemos ficar de braços cruzados enquanto assassinam o povo!—

grita o artilheiro.

O coronel continua na sua e a situação roça o motim. Face àqueles que afirmam que se o regimento for para a rua o seu exemplo encorajará as restantes tropas espanholas, Giraldes contrapõe, dizendo que isso propagaria a matança, tornando o conflito irreversível.

— É vergonhoso!—insiste Velarde, apoiado por oficiais e populares.—A honra obriga-nos a lutar acima de qualquer consideração!... Não ouve os tiros?

O coronel começa a hesitar e isso nota-se. A discussão sobe de tom. As vozes chegam até aos soldados formados no pátio, entre os quais começam a circular comentários inquietos.

— Permita-nos, ao menos—insiste Velarde—,reforçar os companheiros de Monteleón... Aí estão apenas alguns artilheiros com o capitão Daoiz e os Franceses têm dentro do parque uma força muito superior... O senhor será responsável, meu coronel, se atacarem os nossos.

— Não admito que fale comigo nesse tom! Velarde não se encolhe minimamente.

— Com este tom ou sem ele, o senhor será responsável perante a pátria e perante a História!

Subiu o tom de voz o suficiente para que os soldados das filas próximas ouvissem à vontade. No pátio cresce o rumor dos murmúrios. Vermelho de raiva, com as veias prestes a rebentar no colarinho alto e duro da casaca, Giraldes aponta a porta da rua.

— Saia do meu quartel imediatamente!

Decidido, Velarde ergue ainda mais a voz, que agora ecoa por todo o pátio.

— Quando sair, juro-lhe pela minha consciência que não o farei só!

É o capitão Rovira quem propõe uma solução. Uma vez que o perigo que correm os artilheiros do parque é real, poderia enviar-se uma pequena tropa para os defender de qualquer tentativa francesa. Uma força oficial que, ao mesmo tempo, travasse os populares que se amontoam na rua.

— Se as pessoas se descontrolarem, será pior. Mais uniformes espanhóis manteriam a disciplina.

Por fim, acossado, sem certezas de poder continuar a manter os seus homens sob controlo, o coronel agarra-se a essa saída como um mal menor. A contragosto, concorda em enviar uma força a Monteleón. Para isso escolhe um dos seus capitães mais serenos: Rafael Goicoechea, ao comando da 3.a companhia do 2.° batalhão, que tem sob às suas ordens trinta e três fuzileiros, os tenentes José Ontoria e Jacinto Ruiz Mendoza, o subtenente Tomás Bruguera e

os cadetes Andrés Pacheco, Juan Manuel Vázquez e Juan Rojo. As orientações verbais que Goicoechea recebe são de não empreender actos de hostilidade contra qualquer força francesa. Posto isto, providos de munições, espingardas ao ombro, com o chefe e os seus oficiais à frente, os Voluntários do Estado abandonam o quartel e descem por San Bernardo em direcção à fuente de Matalobos, à calle de San José e ao parque de artilharia. Acompanham-nos Velarde, Rovira e uma vintena de populares alvoroçados. Os moradores aplaudem e dão vivas, batem nas costas dos soldados e alguns juntam-se-lhes. Precedendo a tropa, atordoado devido ao seu debilitado estado de saúde, a abrasar em febre e respirando com dificuldade, o tenente Jacinto Ruiz esforça-se por se manter erguido. Ao passar pela esquina da calle de San Dimas, Ruiz vê como o pai do cadete Andrés Pacheco, o exento da Guarda de Corpo José Pacheco, que da varanda de casa viu o filho passar com os outros a caminho de Monteleón, desce a toda a pressa com o sabre à cintura e, sem dizer uma palavra, se junta à tropa.

— Aí estão!... Os mouros vêm à frente!

Quando a vanguarda de cavaleiros vinda de San Jerónimo desemboca na puerta Del Sol, entre o hospital e igreja do Buen Suceso e o convento de La Victoria, o primeiro movimento da multidão desarmada é dispersar-se pelas ruas vizinhas, esquivando-se aos cavalos lançados a galope e aos alfanges, que os mamelucos fazem girar sobre as cabeças cobertas com turbantes, desferindo golpes contra as pessoas que correm, indefesas. Empurrado entre a debandada geral, o presbítero de Fuencarral dom Ignacio Pérez Hernández tenta refugiar-se numa entrada. Aí ajuda um velhote que caiu ao chão e se sujeita a ser pisado quando, de toda a parte, surgem gritos de cólera, incitando a não retroceder e a dar a cara.

— A eles, caramba!... A esses mouros gabachos! Que não passem! Que não passem!

Apavorado, o presbítero ouve à sua volta o clac, clac, clac, de inúmeras navalhas que se abrem. Navalhões de Albacete de ponta e mola, com lâminas de um a dois palmos de comprimento, que os homens tiram das faixas, dos bolsos, dos capotes e dos casacos e com as quais se lançam cegos, gritando enraivecidos, ao encontro dos cavaleiros que avançam.

— Viva Espanha e viva o rei!... A eles!... A eles!

O choque é brutal, de uma selvajaria nunca vista. Tão ébrios de ira que nem se preocupam com a sua segurança pessoal, alguns madrileños metem-se entre as patas dos cavalos, agarram-se às rédeas e dependuram-se nas selas, apunhalando

os mamelucos entre as pernas, no ventre, estripando os cavalos que caem de patas para o ar escoiceando as suas próprias entranhas.

— A eles!... Que não sobre mouro vivo!

Continuam a chegar mamelucos a toda a brida. Os cavalos com os corpos caídos tropeçam e continuam a andar aos saltos e tropeções, fazendo curvetas com homens agarrados a eles aos magotes, obstinados e ferozes, tentando derrubar os cavaleiros sem se protegerem dos golpes de sabre enquanto, de todos os cantos da praça, acorrem populares enlouquecidos com navalhas nas mãos, espingardas de caça e bacamartes que descarregam à queima-roupa no focinho dos cavalos e no peito dos seus ginetes. Não há mameluco que caia ou role por terra sem oito ou dez punhaladas e, à medida que acorrem mais cavaleiros e que os uniformes verdes e capacetes reluzentes dos dragões franceses se misturam com a roupa colorida dos mercenários egípcios, a matança estende-se até ao centro da praça, com as pessoas a dispararem das varandas carabinas e caçadeiras, a atirarem telhas, garrafas, tijolos e mesmo móveis. Algumas mulheres arremetem das entradas com tesouras de costura ou facas de cozinha, muitos moradores atiram armas a quem luta em baixo e os mais ousados, com os olhos arregalados pela ânsia de matar, uivando de fúria, saltam para a garupa dos cavalos e, agarrados aos seus cavaleiros, apunhalam-nos e degolam-nos, matam, morrem, tombam abertos por sabres, caem de joelhos sob os cavalos ou rebolam no chão com os inimigos agonizantes, envoltos no sangue de todos, cravando navalhas entre os gritos de uns e de outros, os relinchos dos animais esventrados e os coices das suas patas no ar. Perecem assim, desfeitos à punhalada, vinte e nove dos oitenta e seis mamelucos que integram o esquadrão, entre eles o lendário Mustafá, herói de Austerlitz, imobilizado pelos asturianos Francisco Fernández, criado do conde de La Puebla, e Juan González, criado do marquês de Villaseca, enquanto o pedreiro António Meléndez Álvarez, leonês de trinta anos, lhe corta o pescoço com a sua ponta e mola. E ao coronel Daumesnil, chefe da vanguarda francesa, matam dois cavalos à navalhada, escapando este de ser apunhalado porque, de ambas as vezes, é socorrido pelos mamelucos e dragões.

— Vêm mais, aguentem!... Viva o rei Fernando!... Viva Espanha!

Ensanguentadas até aos cabos, as navalhas não descansam. Muitos cavaleiros, apavorados com a parede humana que se lhes opõe, voltam as garupas e afastam-se, rodeando o Buen Suceso em direcção à calle de Alcalá, onde são acometidos por outros populares. Mas a carrera de San Jerónimo continua a vomitar vagas de cavalaria imperial e os combatentes populares sofrem baixas terríveis. Junto da fuente de La Mariblanca, o pedreiro Meléndez

Álvarez recebe um golpe de sabre que lhe abre a cabeça.

Um mancebo da loja da calle Montera chamado Buenaventura López Del Carpio, que se bate junto do seu colega Pedro Rosal, recebe um tiro na cara e, ao seu lado, pisados pelos cavalos a cujas rédeas se aferram, caem o menorquino Luis Monge, o carregador Ramôn Huerto, o napolitano Blas Falcone, o jornaleiro Basilio Adrao Sanz e a moradora da calle Jacometrezo Maria Teresa de Guevara. Muita gente começa a debandar, correndo à procura de abrigo e, passado algum tempo, não restam na puerta Del Sol mais que três centenas de homens e algumas mulheres, que lutam conforme podem, refugiando-se nas esquinas e entradas para ganhar fôlego ou para se esquivarem às cargas dos grupos mais compactos da cavalaria, voltando a saltar sobre os cavaleiros isolados que andam de um lado para outro a desimpedir a praça. Os irmãos Rejón e o seu companheiro, o caçador de Colmenar Mateo González, que lutam como uns danados, vêem-se obrigados a recuar até ao átrio gradeado do Buen Suceso quando uma nova vaga de dragões a cavalo dispersa o seu grupo a tiro e a golpes de sabre, matando a manola Ezequiela Carrasco, o ferrador António Iglesias López e o sapateiro de dezanove anos Pedro Sánchez Celemín. Entre aqueles que, de navalha na mão, se refugiam no Buen Suceso, Mateo González reconhece, pasmado, o actor Máiquez, que veio bater-se juntamente com o povo.

— Caramba! Não me diga que o senhor é Máiquez...

O famoso actor, que tem quarenta anos, veste traje castiço: casaquinho curto de matador, calção de pele, polainas de lã e lenço a prender-lhe o cabelo. Ao ouvir o seu nome sorri com ar cansado, limpando o sangue da cara—sangue alheio, parece—com as costas de uma mão.

— Sim, amigo—responde, afável.—Em pessoa e ao seu serviço.

Mateo González, cujas pernas não tremeram diante dos mamelucos, fica sem respiração. Pena, lamenta-se, que já não haja vinho na bota dos irmãos Rejón, para comemorar o encontro.

— Vi-o fazer de dom Pedro em La comedia nueva... Impressionante!

— Agradeço-lhe muito, mas o momento não é o melhor. Voltemos à carga.

O descanso dura pouco. Assim que passa o grosso do novo ataque francês, todos, incluindo Máiquez, voltam novamente para a rua, para o empedrado do passeio, escorregadio de sangue. José António López Regidor, de trinta anos, recebe um balázio à queima-roupa no mesmo instante em que, empoleirado na garupa do cavalo de um mameluco, rasga a este o coração com uma punhalada. Caem também nessas cargas francesas, entre outros, Andrés Fernández y Suárez, contador da Real Companhia de La Habana, de sessenta e dois anos; Valerio

Garcia Lázaro, de vinte e um; Juan António Pérez Bohorques, de vinte, moço de cavalariça da Guarda Real de Corpo, e Antonia Fayola Fernández, moradora na calle de La Abada. O nobre de Guipúzcoa José Manuel de Barrenechea y Lapaza, de passagem por Madrid, que ao ouvir o tumulto saiu de manhã da sua pensão com um bastão estoque, duas pistolas de duelo à cintura e seis charutos havanos num dos bolsos da sua levita, recebe um golpe de sabre que lhe parte a clavícula esquerda, abrindo-a até ao peito. E uns passos à frente, na esquina do edifício dos Correios com a calle Carretas, os rapazes José Del Cerro, de dez anos, que vai descalço e de pernas nuas, e José Cristóbal Garcia, de doze, resistem, a pedrada e cara a cara, ao embate de um dragão da Guarda Imperial sob cujo sabre perdem a vida. Por essa altura o presbítero dom Ignacio Pérez Hernández, apavorado com tudo o que presencia, abriu a navalha que trazia no bolso. Arregaçada a sotaina até a cintura, luta a pé firme entre os cavalos, junto dos seus paroquianos de Fuencarral.

4.

Quando o capitão Pedro Velarde chega ao parque de Monteleón com a força de Voluntários do Estado e os populares que os acompanham, o gentio na calle de San José ultrapassa as mil pessoas. Vendo aparecer os uniformes brancos com um capitão de artilharia à frente, todos irrompem em vivas e aplausos e Velarde, a custo, consegue abrir caminho até à porta. Encontrando-a fechada, bate com firmeza e autoridade. Esta entreabre-se um pouco e os do interior—dois franceses e um artilheiro espanhol—ao verem as suas dragonas de capitão, franqueiam-lhe a entrada sem mais formalidades, embora o façam apenas a ele e a outro oficial, que acaba por ser o tenente Jacinto Ruiz. Assim que pisa o recinto, Velarde vê o capitão francês com os seus oficiais e a tropa formada e, antes de se apresentar a Luis Daoiz, que se encontra com o tenente Arango na sala de oficiais, dirige-se em linha recta, decidido e escoltado por Ruiz, até ao chefe dos imperiais.

— Você está perdido—diz-lhe sem rodeios—se não se esconder com a sua tropa.

O capitão francês, inseguro perante a atitude rude do espanhol e impressionado com a sua casaca verde de Estado-Maior, fica a olhar para ele, desconcertado.

— O primeiro batalhão de granadeiros está à porta—vangloria-se Velarde, impávido, apontando para o tenente Ruiz.—E os outros já estão em marcha.

O francês observa-o fixamente, examinando depois Jacinto Ruiz. Tira a barretina, limpando a testa com a manga da casaca. Velarde quase lhe consegue ouvir os pensamentos: carece de ordens superiores desde o dia anterior, desconhece a situação no exterior e nenhum dos soldados que enviou à procura de notícias regressou. Nem sequer sabe se chegaram ao quartel ou se foram despedaçados nas ruas.

— A sua tropa que entregue as armas—intima-o Velarde—,pois o povo está prestes a forçar a entrada e não nos responsabilizamos se for maltratado.

O outro observa os seus homens, que se agrupam como um rebanho antes do sacrifício, entreolhando-se inquietos enquanto ouvem aumentar os gritos das pessoas que pedem armas e cabeças de gabachos. Depois balbucia algumas palavras em mau espanhol, tentando ganhar tempo. Não sabe quem é este capitão nem o que representa, embora a autoridade com que se expressa, a expressão exaltada e o brilho fanático dos olhos o deixem desconcertado. A Velarde, que se apercebe do estado de espírito do seu oponente, já não há quem o

pare. No mesmo tom, com a mão esquerda apoiada no punho do sabre, exige ao francês que faça de boa vontade o que, se recusar, o obrigarão a fazer à força. O tempo é precioso e urge.

— Entregue as armas imediatamente.

Quando o capitão Luis Daoiz vem até ao pátio para ver o que se passa, o chefe imperial, abatido, acaba de se render a Velarde com toda a sua tropa e os Voluntários do Estado estão já dentro do parque. De modo que Daoiz, como comandante do recinto, toma as medidas adequadas: as espingardas francesas para a armaria, o capitão e as chefias para o pavilhão de oficiais com ordens de serem muito bem tratados e os setenta e cinco soldados para as salas da outra extremidade do edifício, o mais longe possível da porta e sob a vigilância de meia dúzia de Voluntários do Estado. Depois de ordenar tudo isso, chama Velarde à parte e, fechando-se com ele na sala de bandeiras, dá-lhe uma descasca.

— Que seja a última vez que dás uma ordem neste quartel sem contar comigo... Fui claro?

— As circunstâncias...

— Para o diabo com as circunstâncias! Isto não é uma brincadeira, maldição!

Por muito exaltado que seja, Velarde aprecia muito o amigo. Respeita-o. O seu tom de voz torna-se conciliador e as desculpas são sinceras.

— Desculpa-me, Luis. Eu só queria...

— Sei perfeitamente o que querias! Mas não há nada a fazer. Nada!... Vê se metes isto na cabeça de uma vez.

— Mas a cidade está em armas.

— Só quatro desgraçados, no fim. E sem qualquer possibilidade. Estás a falar de derrotar o exército mais poderoso do mundo com populares e algumas espingardas...

Será que enlouqueceste? Lê a ordem que me deu Navarro quando saí esta manhã—Daoiz tamborila com os dedos no papel que tirou de uma dobra da casaca.—Vês?... Proibido tomar iniciativas ou juntar-se ao povo.

— As ordens já não valem, tal como estão as coisas!

— As ordens valem sempre!—ao levantar a voz, Daoiz eleva também a sua pequena estatura empinando-se sobre a ponta das botas.—Incluindo as que eu dou aqui!

Velarde não fica convencido nem ficará nunca. Rói as unhas, abana a cabeça com violência. Recorda ao amigo o compromisso para a sublevação dos artilheiros.

— Decidimo-lo há uns dias, Luis. Tu estavas de acordo. E a situação...

— Isso é já impossível de executar—interrompe-o Daoiz.

— O plano pode seguir em frente.

— O plano foi para o galheiro. A ordem do capitão-general destroça-nos a mim, a ti a mais alguns, mas é uma desculpa perfeita para os indecisos e para os cobardes.

Não dispomos de força suficiente para nos sublevarmos.

Sem se dar por vencido, levando-o até à janela, Velarde aponta para os Voluntários do Estado, que confraternizam com os artilheiros.

— Trouxe-te quase quarenta soldados. E viste todos os populares que estão lá fora, esperando por armas. Também vejo que vieram alguns companheiros fiéis, como Juanito Cônsul, José Dalp e Pepe Córdoba. Se armarmos o povo...

— Mete isto na cabeça, Pedro. De uma vez. Deixaram-nos sós, percebes?... Perdemos. Não há nada a fazer.

— Mas as pessoas estão a lutar em Madrid.

— Isso não vai durar. Sem os militares, estão condenados. E ninguém vai sair dos quartéis.

— Damos o exemplo e seguir-nos-ão.

— Não digas parvoíces, homem.

Deixando Velarde a mastigar os seus argumentos inúteis, Daoiz afasta-se dele, vai até ao pátio e põe-se a passear sozinho, com a cabeça descoberta, as mãos cruzadas atrás das costas sobre as abas da casaca, sentindo-se o alvo de todos os olhares. Fora do parque, no outro lado da grande porta fechada sob o arco de tijolo e ferro, as pessoas continuam a gritar morte à França e vivas a Espanha, ao rei Fernando e à arma de artilharia. Por cima das suas vozes, amortecido pela distância, ouve-se o crepitar da fuzilaria. Luis Daoiz, que vive o momento mais amargo da sua vida, sente que cada um desses gritos e sons lhe dilacera o coração.

Enquanto o capitão Daoiz se debate com a sua consciência no pátio do parque de Monteleón, na zona sul da cidade, no extremo oposto, Joaquín Fernández de Córdoba, marquês de Malpica, e os populares voluntários sentem secar-se-lhes a boca quando vêem aparecer a cavalaria francesa que sobe em direcção à puerta de Toledo. Mais tarde, ao fazer o balanço da jornada, confirmar-se-á que essa força imperial, que vem do seu acampamento nos Carabancheles, sob o comando do general-de-brigada Rigaud, consta de dois regimentos de couraceiros: novecentos e vinte e três cavaleiros que sobem agora a encosta a trote, entre as rectas alamedas que se inclinam até ao Manzanares,

com a intenção de percorrerem a calle de Toledo até à plaza de La Cebada e à Plaza Mayor.

— Cristo misericordioso!—murmura o criado Olmos. Com poucas esperanças, o marquês de Malpica olha em seu redor. À volta do funil da puerta de Toledo, por onde os Franceses têm forçosamente de entrar na cidade, estão concentrados quatrocentos moradores dos bairros de San Francisco e Lavapiés. Dizer que abundam entre eles os tipos populares—casaquinhos pardos, lenços de franjas brancas e pretas, calções com a parte inferior aberta e a perna ao ar—é dizer pouco: são, na sua maior parte, manolos e ralé, rufiões de navalha fácil e mulheres das ruas de má fama próximas do local, embora não faltem moradores honrados de Paloma e das casas próximas, carniceiros e curtidores do Rastro, moços e criadas de casas de pasto e tabernas dessa parte da cidade. Apesar dos seus esforços para delinear uma defesa militar razoável e depois de muitas discussões e gritos desabridos, Malpica não conseguiu impedir que se organizassem à sua maneira, de acordo com grupos e afinidades, cada qual tomando as medidas que julga oportunas: uns bloqueiam a rua com carros, vigas, cestos de terra e tijolos de uma obra próxima, e aguardam atrás, confiantes nas suas navalhas, facas, machetes, chuços, espetos de assador e foices. Outros, aqueles que têm fuzis, carabinas ou pistolas, foram postar-se no Hospital de San Lorenzo e nas varandas, janelas e terraços que dominam a puerta de Toledo e a rua, onde mulheres dispõem panelas de azeite e de água a ferver. Malpica, que, devido à sua patente de capitão na reserva do regimento de Málaga, é o único com verdadeira experiência militar, mal consegue impor alguns conselhos tácticos. Sabe que os cavaleiros franceses acabarão por forçar a fraca barreira, de modo que colocou um pouco mais atrás, escalonadas ao abrigo de um portal perto da esquina da calle de los Cojos, as pessoas que acatam as suas ordens: uma trintena, que inclui os seus criados e o bando formado na calle de La Almudena, a mulher do machado, o mancebo da botica e mais alguns que se lhes juntaram pelo caminho. A sua missão, explicou-lhes, será atacar pelo flanco os cavaleiros inimigos que passarem a barreira. E àqueles que têm espingardas regulamentares—o dragão da Lusitânia, os quatro desertores da Guarda Valona, o criado Olmos e o porteiro dos Conselhos—recomenda que disparem de preferência contra os oficiais, porta-bandeiras e corneteiros. Ou seja, contra os que cavalgam à frente, dão ordens ou mexem muito as mãos.

— E se nos dispersarem, corram e reúnam-se de novo, retrocedendo pouco a pouco em direcção à plaza de La Cebada... Se for preciso retirar-se, juntamo-nos aí.

Um dos voluntários, o moço de cavalariça do Palácio que empunha um bacamarte, sorri confiante. Para o povo espanhol, habituado à obediência cega à Religião e à Monarquia, um título nobiliário, uma sotaina ou um uniforme são a única referência possível em momentos de crise. Isso não tardará a ficar patente, na composição das juntas que farão a guerra aos Franceses.

— Acha vossa senhoria que os nossos militares virão?

— Claro que sim—mente o aristocrata, que não tem ilusões.—Vão ver... Por isso é preciso aguentar o mais possível.

— Conte connosco, senhor marquês.

— Nesse caso, vamos. Cada um no seu posto e que Deus nos ajude.

— Amén.

No outro lado da puerta de Toledo o sol faz brilhar, eloquente, couraças, capacetes e sabres. Os gritos e vivas com que há momentos as pessoas se encorajavam cessaram por completo. As bocas estão agora mudas, abertas, e todos os olhos, arregalados, fixos na brigada de cavalaria que se aproxima em formação compacta. Ajoelhado atrás do pilar de madeira de um portal, com uma carabina nas mãos, duas pistolas carregadas e um machete à cintura, o chapéu inclinado para a frente para que o sol não o ofusque, o marquês de Malpica pensa na mulher e nos filhos. Depois benze-se. Embora seja um homem piedoso que não esconde as suas devoções, tenta fazê-lo discretamente; mas o gesto não passa inadvertido. O seu criado Olmos imita-o, acabando por fazer o mesmo todos os que lhes estão próximos.

— Aí estão!—exclama alguém.

Por instantes, o marquês não presta atenção à puerta de Toledo. Tenta averiguar a causa de uma estranha vibração crescente que sente sob o joelho apoiado em terra.

Nessa altura compreende que se trata do chão que estremece com as ferraduras dos cavalos que se aproximam.

Ao meio-dia, o centro de Madrid é um combate contínuo e confuso. No espaço compreendido entre a embocadura da calle de Alcalá e a carrera de San Jerónimo, o edifício dos Correios, San Felipe e a calle Mayor até aos pórticos de Roperos, há cadáveres de ambos os lados: franceses degolados e madrileños que jazem no chão ou são levados aos arrastões, deixando regueiros de sangue, entre relinchos de cavalos moribundos. E a luta continua sem quartel, de uma parte e de outra. Os poucos fuzis e bacamartes mudam de mãos ao morrerem os donos, arrebatados por aqueles que esperam que alguém caia para pegar na sua arma. Os grupos dispersados na puerta Del Sol voltam a reunir-se depois de cada carga

de cavalaria e, saindo dos átrios e pórticos, do claustro do Buen Suceso, da Victoria, de San Felipe e das ruas adjacentes, investem de novo com o corpo a descoberto, navalhas contra sabres, bacamartes contra canhões, tanto contra os dragões e mamelucos que continuam a chegar de San Jerónimo e voltam as garupas na direcção de Alcalá, como contra os soldados da Guarda Imperial que, sob o comando do coronel Friderichs, avançam, vindos do Palácio, pelas calles Mayor e do Arenal, varrendo as ruas com fuzilaria e fogo das peças de campanha que colocam em cada esquina. Um dos primeiros feridos por estas descargas é o jovem León Ortega y Villa, discípulo do pintor Francisco de Goya, que está há algum tempo a cortar à navalhada os jarretes dos cavalos franceses. E perto do Palácio de los Consejos, depois de se retirar com os seus paroquianos de Fuencarral face a uma carga de cavaleiros polacos, o presbítero dom Ignacio Pérez Hernández é atingido por uma saraivada de metralha francesa, dá alguns passos vacilantes e cai ao chão. Apesar do forte fogo inimigo, os seus companheiros conseguem resgatá-lo, embora ferido com gravidade, e colocá-lo a salvo. Levado mais tarde e com muitas peripécias ao Hospital General, dom Ignacio não perderá a vida.

Por toda a cidade se sucedem casos particulares, combates que às vezes chegam a ser individuais. É desse tipo o combate que trava diante da residência da duquesa de Osuna, sozinho, o carvoeiro Fernando Girón: tropeçando numa esquina com um dragão francês, desmonta-o de uma paulada e, depois de acabar com ele à pancada, tira-lhe o sabre e enfrenta assim um pelotão de granadeiros antes de ser morto a golpes de baioneta. Um maiorquino chamado Cristóbal Oliver, antigo soldado dos Dragões do Rei ao serviço do barão de Benifayó, sai da estalagem onde ambos se hospedam na calle de los Peligros e, com um espadim do seu amo como única arma, dirige-se até à esquina da calle de Alcalá, onde investe sobre qualquer francês que passe ao seu alcance, matando um e ferindo dois. E, ao quebrar-se no último a folha do espadim, apenas com a empunhadura na mão, regressa tranquilamente à sua estalagem.

Dessa forma, as relações dos combates e os seus incidentes registarão mais tarde a actuação de muitos homens e mulheres anónimos, como aquele que os moradores da calle Del Carmen vêem das janelas, vestido com roupas de caçador, polainas de pele de bezerro e uma patrona cheia de cartuchos, que, entrincheirado numa esquina da calle Del Olivo, dispara dezanove tiros contra os Franceses, um atrás do outro, até que, sem munições, atira a espingarda, tira uma faca de mato e defende-se de costas contra a parede, até ser morto. Também ninguém chega a saber o nome do caleceiro—conhecido apenas como O

Aragonês—que, emboscado num átrio da calle de La Temera, dispara um bacamarte carregado com pontas de tapeceiro, à queima-roupa, contra todos os franceses que passam pela rua. Nem os nomes de quatro chisperos que lutam à navalhada com uns polacos na calle de La Bola. Nem o da mulher ainda jovem que, em puerta Cerrada, depois de derrubar do cavalo, à pedrada, um batedor francês enquanto grita "anda, cão!", o degola com o seu próprio sabre. Nunca se conhecerá também o nome do granadeiro da Marinha, desarmado—desertor do seu quartel ou do piquete do alferes de fragata Esquivel—,que, na calle de Postas, põe a salvo um grupo de mulheres e crianças acossado pelos Franceses e que, caindo depois sobre um dragão desmontado, o estrangula com as próprias mãos. Embora mais tarde, na relação de baixas do dia, figurem os nomes de três soldados que hoje vestem esse uniforme: Esteban Casales Riera, catalão—morto —,António Durán, valenciano, e António Cebrián Ruiz, de Múrcia.

Ficará memória documentada, pelo contrário, dos nove pedreiros que, ao iniciar-se o confronto, trabalhavam nas obras de reparação da igreja de Santiago: o capataz de sessenta e seis anos Miguel Castaneda Antelo, os irmãos Manuel e Fernando Madrid, Jacinto Candamo, Domingo Méndez, José Amador, Manuel Rubio, António Zambrano e José Reyes Magro. Todos eles lutam na calle de Luzón, encurralados entre a cavalaria francesa que chega da puerta Del Sol e a infantaria que avança pelas calles Mayor e do Arenal. Há meia hora, ao passar um pelotão de polacos que perseguia populares em fuga sob os andaimes onde trabalhavam, os pedreiros atacaram os cavaleiros, atirando-lhes com tudo o que tinham à mão, desde telhas até ferramentas. E depois, descendo, sem camisas, com as navalhas que todos traziam consigo já abertas, lançaram-se na luta com a rudeza ingénua do seu ofício. Agora, acossados por todos os lados, fustigados por tiros de mosquete, têm de retroceder rua acima e abrigar-se na igreja. O capataz Castaneda acaba de receber um tiro no ventre que o faz dobrar os joelhos e ficar de cócoras no passeio, de onde o levanta o pedreiro Manuel Madrid. Com o seu companheiro às costas, vendo que a igreja ainda fica longe, Madrid procura resguardo na plaza de La Villa, com tão pouca sorte que, ao passar uma zona coberta pelos Franceses, soa uma descarga, crepitam chumbos contra as paredes vizinhas e, embora Madrid fique ileso, uma bala parte um braço ao infeliz Castaneda. Caem os dois e, enquanto mais tiros zunem sobre as cabeças de ambos, Madrid arrasta o companheiro conforme pode, puxando-o pelo braço são, para o pôr a salvo.

— Deixa-me, homem—murmura debilmente o capataz.—Peso de mais... Deixa-me e vai-te embora... Salva-te enquanto podes.

— Nem pensar! Nem que me matem esses mossiús filhos da puta, tu vens comigo!

— Não vale a pena... Eu já estou servido e vou desta para melhor.

Um morador chamado Juan Corral, que vê a cena de uma entrada, aproxima-se agachado e, agarrando no ferido pelos pés, ajuda a pô-lo a salvo. Assim, levando Castaneda através da cidade cheia de franceses, aventurando-se por ruas desertas e por outras que o inimigo fustiga de longe, Madrid e Corral conseguem levá-lo para a sua casa da calle Jesus y Maria, onde lhe fazem um primeiro curativo. Transferido nos dias seguintes para o Hospital General, o capataz viverá três anos até morrer, finalmente, em consequência das suas feridas.

Os outros pedreiros da obra de Santiago têm uma sorte mais imediata e trágica. Refugiados na igreja, pouco depois vêem-se rodeados por um pelotão de fuzileiros que tenta vingar os camaradas polacos. Jacinto Candamo tenta resistir e apunhala o primeiro francês que se aproxima, sendo rebentado à coronhada e abandonado, agonizante, com sete feridas. Fernando Madrid, José Amador, Manuel Rubio, José Reyes, António Zambrano e Domingo Méndez são levados, atados, entre empurrões, insultos e pancadas.

Os seis estarão entre os executados da madrugada do dia seguinte, na montanha do Príncipe Pio.

— Viva Espanha e viva o rei!... A eles! A eles! Na puerta de Toledo, sob as patas dos cavalos rabões e dos sabres dos couraceiros franceses, manolos e mariolas dos bairros reles de Madrid combatem enlouquecidos, com a ferocidade de gente que nada tem a perder e com o ódio insensato de quem só deseja vingança e sangue. Assim que os primeiros cavaleiros atravessam o arco, deparando com a barricada, uma turba de homens e mulheres salta sobre eles de peito descoberto, investindo com paus, facas, pedras, chuços, tesouras, agulhas de esparteiro e todos os utensílios domésticos que podem ser usados como armas enquanto, dos telhados, janelas e varandas próximas se abre um fogo irregular, mas abundante, de bacamartes, fuzis e carabinas. Apanhados de surpresa, os primeiros couraceiros amontoam-se agora desordenados, derrubando quem podem a golpes de sabre, tentando voltar para trás ou esporeando as suas montadas para saltar os obstáculos; mas são estorvados pelo enxame de civis vociferantes que cortam rédeas, apunhalam cavalos, se empoleiram nas garupas e atiram por terra os imperiais, entorpecidos pelos seus pesados capacetes e couraças de aço, por cujas juntas e gorjais, uma vez em terra, os atacantes metem as suas enormes navalhas.

— Sem piedade!... Não deixem francês vivo! O massacre estende-se para lá

da porta e da barricada, à medida que mais cavalaria atropela a multidão e tenta abrir caminho até à calle de Toledo. Chega agora a vez das mulheres que estão nas janelas, com os seus caldeirões de azeite e de água a ferver, que fazem encabritar os cavalos e rebolar pelo chão os cavaleiros queimados, cujos gritos cessam quando grupos de populares lhes caem em cima, matando e esquartejando sem misericórdia. Alguns atiram vasos, garrafas e móveis. As balas dos atiradores—o dragão da Lusitânia e os guardas valões disparam com eficácia profissional—abrem orifícios em capacetes e couraças, e cada vez que um francês esporeia e se lança a galope em direcção a Puerta Cerrada, rufiões de bordel, mulherzinhas de taberna, honradas donas de casa e moradores enraivecidos, deixando-se pisar pelos cascos do cavalo, arrastados pelo chão sem largar a sela ou a cauda cortada do animal, unem esforços para derrubar o cavaleiro, cravar-lhe tudo o que têm

à mão, arrancar-lhe a couraça e rebentar-lhe as tripas à pancada e à navalhada. Quando Maria Delgado Ramírez, de quarenta anos, casada, defronta um ginete francês com uma foice, recebe um balázio que lhe parte o fémur da coxa direita. Uma bala atravessa a boca de Maria Gómez Carrasco e um golpe de sabre acaba com Ana Maria Gutiérrez, de quarenta e nove anos, moradora na Ribera de Curtidores. Ao seu lado é ferido de morte o jovem de vinte anos Mariano Córdoba, natural de Arequipa, Peru, presidiário da ponte de Toledo, de onde fugiu esta manhã para se juntar aos que combatem. A manola Maria Ramos y Ramos, de vinte e seis anos, solteira, que vive na calle Del Estúdio, recebe um golpe de sabre que lhe abre um ombro quando, de espeto de assar na mão, tenta derrubar um couraceiro do cavalo. Perto dela caem o servente de pedreiro António González López—reconhecidamente pobre, casado e com dois filhos —,o carvoeiro galego Pedro Real González e os manolos do bairro José Meléndez Moteno e Manuel Garcia, residentes na calle de La Paloma. A peixeira Benita Sandoval Sánchez, de vinte e oito anos, que luta ao lado do marido Juan Gómez, grita "porcos gabachos!", agarra-se a um cavalo e crava-lhe uma tesoura de limpar peixe no pescoço, derrubando o animal e o cavaleiro; e antes que o francês se recomponha da queda, apunhala-o na cara e nos olhos, voltando-se depois contra outros que chegam. Ao seu lado, de facas na mão e cobertos de sangue francês, lutam o manolo Miguel Cubas Saldaña, carpinteiro de Lavapiés, e os seus amigos o lavadeiro Manuel de La Oliva e o vidreiro Francisco López Silva. Outro compadre, o jornaleiro Juan Patino, arrasta-se pelo chão com as tripas de fora, tentando esquivar-se às patas dos cavalos.—Resistam!... Por Espanha e pelo rei Fernando! O marquês de Malpica, que descarregou a sua

carabina e as duas pistolas, empunha o machete, abandona a protecção das arcadas e junta-se à luta, seguido pelo servente Olmos e pelas pessoas do seu grupo mas, poucos passos andados, vacila, apavorado. Nada na sua anterior vida militar o tinha preparado para uma cena como esta. Homens e mulheres com a cara aberta pelos sabres retiram-se da luta aos tropeções, os franceses que caem chiam como animais nas mãos de carniceiros enquanto se debatem e são degolados, e muitos cavalos esventrados à navalhada vão de um lado para o outro sem cavaleiro, pisando as suas próprias entranhas. Um oficial dos couraceiros com os olhos espavoridos, que perdeu o capacete na refrega, abre caminho a golpes de sabre, esporeando a sua montada. O criado Olmos, a mulher do machado de carniceiro e o manolo Cubas Saldaña atiram-se para baixo das patas do cavalo, que os arrasta e atropela, não sem antes Cubas conseguir dar ao francês uma punhalada no ventre. Desfigura-se o cavaleiro, cambaleando na sela, e isso basta para que um dos soldados da Guarda Valona—o polaco Lorenz Leleka—o derrube com a baioneta, antes de cair, ele próprio, com um talho de sabre no pescoço. O cavaleiro francês bate com estrépito de aço no chão e Malpica, por um impulso instintivo de honra militar, coloca-lhe o machete diante dos olhos, intimando-o a render-se. O outro assente, atordoado, mais por interpretar o gesto que por compreender o que se lhe diz; mas nesse instante a mulher aproxima-se por detrás, ensanguentada e a coxear, e abre a cabeça do couraceiro até aos dentes, com o machado.

— Quando virão ajudar-nos os nossos militares, senhor marquês?

— Já falta pouco—murmura Malpica, olhando para o francês. No outro lado da puerta de Toledo soam clarins, cresce o rumor de cavalos a galope e Malpica, que reconhece o toque de carga, olha inquieto para lá da matança que o rodeia. Uma massa de aço cintilante, cascos, couraças e sabres começa a atravessar, compacta, o arco da puerta de Toledo. Nessa altura compreende que até agora se limitaram a enfrentar a guarda avançada da coluna francesa.

O verdadeiro ataque começa neste momento. "Isto não pode durar", pensa.

O capitão Luis Daoiz está imóvel e pensativo no pátio do parque de Monteleón, ouvindo os gritos da multidão que exige armas do outro lado da porta. Procura evitar os olhares que, a poucos passos, em grupo junto à entrada da sala de bandeiras, lhe dirigem Pedro Velarde, o tenente Arango e os outros chefes e oficiais. Durante a última meia hora chegaram ao parque novos grupos e as notícias correm como pólvora. Seria preciso ser surdo para ignorar o que se passa, porque o som dos tiros se espalha por toda a cidade. Daoiz sabe que não há nada a fazer. Que o povo que combate nas ruas está sozinho. Os quartéis

cumprirão as ordens recebidas e nenhum chefe militar arriscará a sua carreira ou a sua reputação sem instruções do Governo ou dos Franceses, de acordo com as lealdades de cada um. Com Fernando VII em Baiona e com a Junta presidida pelo infante dom António acabrunhada e sem autoridade, poucos daqueles que têm alguma coisa a perder se pronunciarão até que se perfilem vencedores e vencidos.

Por isso não há esperança. Só uma insurreição militar que arrastasse as restantes guarnições espanholas teria tido possibilidades de sucesso; mas tudo se alterou e não será a vontade de uns poucos que vai endireitar a situação. Nem sequer abrir as portas do parque àqueles que o exigem lá fora, armá-los contra os Franceses, mudará as coisas. Propagará apenas a matança. Além disso existem as ordens, a disciplina e tudo o resto.

Ordens. Com um gesto maquinal, Daoiz tira da dobra da sua casaca o papel que lhe entregou o coronel Navarro Falcón antes de sair da Junta Superior de Artilharia, abre-o e volta a lê-lo pela enésima vez:

Não tomará, em nenhum momento, qualquer iniciativa própria sem ordens superiores por escrito, nem confraternizará com o povo, nem demonstrará qualquer hostilidade contra as forças francesas.

Com amargura, o artilheiro pergunta a si próprio que farão neste momento o ministro da Guerra, o capitão-general, o governador militar de Madrid, para se justificarem perante Murat. Daoiz quase consegue ouvi-los: a populaça e as suas paixões vulgares, Alteza. Gente desencaminhada, inculta, agitadores ingleses, *etc.* Lambendo as botas ao francês apesar da ocupação, do rei prisioneiro, do sangue que corre por toda a parte. Sangue espanhol, em suma; derramado com razão ou sem ela—hoje a razão é o que menos interessa—enquanto se dispara sobre o povo indefeso. A lembrança do incidente de ontem à tarde na pensão de Genieys assalta de novo Daoiz, provocando-lhe uma vergonha insuportável. Ao capitão de artilharia amargura-o a sua honra maltratada. Aqueles oficiais estrangeiros insolentes a troçar de um povo desgraçado... Como se arrepende agora de não se ter batido! E como, sem dúvida, se arrependerá amanhã!

Estupefacto, Daoiz olha para o papel das ordens aos seus pés. Não tem consciência de o ter rasgado, mas aí está, enxovalhado e aos pedaços. Por fim, como se acordasse de um sonho incómodo, olha em volta, observa o assombro de Velarde e dos outros, as expressões ansiosas de artilheiros e soldados. De repente sente-se libertado de um peso enorme, quase com vontade de rir. Não se lembra de si tão sereno e lúcido. Nessa altura endireita-se, verifica se tem a casaca e a véstia bem abotoadas, tira o sabre da bainha e aponta com ele para a

porta.

— As armas para o povo!... Vamos lutar!... Não são nossos irmãos?

Além do presbítero de Fuencarral, a quem os seus paroquianos retiraram do combate gravemente ferido, há outro sacerdote que luta nas imediações da puerta Del Sol: chama-se dom Francisco Gallego Dávila. Capelão do convento de La Encarnación, lançou-se à rua logo de manhã e, depois de combater no Palácio e junto ao Buen Suceso, foge agora de fuzil na mão, com um grupo de civis, até à calle de La Flor Baja. O ajudante das Cavalariças Reais Rodrigo Pérez, que o conhece, encontra-o a incitar os moradores a pegar em armas para defender Deus, o rei e a pátria.

— Saia daqui, dom Francisco... Que o vão matar e isto não são coisas do seu ministério. O que dirão as suas freiras?!

— Quais freiras, qual carapuça! Hoje o meu ministério exerce-se na rua. De modo que se junte a nós ou vá esconder-se em casa.

— Prefiro ir para casa, com sua licença.

— Pois vá com Deus e não incomode mais.

Animados pela sua tonsura, sotaina e atitude decidida, vários fugitivos concentram-se à volta do sacerdote. Entre eles encontra-se o condutor dos Correios Pedro Linares, de cinquenta e dois anos, que traz na mão uma baioneta francesa e à cintura uma pistola sem munição, e o sapateiro de trinta anos Pedro Iglesias López, morador na calle Del Olivar, armado com um sabre de sua propriedade e que foi visto há meia hora a matar um soldado inimigo na esquina da calle Arenal.

— Regressemos à luta!—exorta-os o sacerdote.—Que não digam que os Espanhóis voltam as costas!

O grupo—seis homens e um rapaz munidos de facas, baionetas e duas carabinas apanhadas aos dragões inimigos—encaminha-se, resoluto, em direcção à calle de los Capellanes, junto a cuja fonte, agachados atrás de um frade de pedra, revezando-se para apontar e disparar enquanto o companheiro carrega, estão três soldados a abrir fogo com fuzis.

— Já estão aqui os nossos militares!—exclama dom Francisco Gallego, contente.

A desilusão chega depressa. Um dos homens fardados é o segundo sargento dos Inválidos Víctor Morales Martin, de cinquenta e cinco anos, veterano dos dragões de Maria Luisa, que veio para a rua por sua conta, abandonando sem autorização o quartel da calle de La Ballesta com alguns companheiros, dos quais foi separado durante a refrega. Os outros dois soldados são jovens, vestem

casaca azul com gola da mesma cor e bandas vermelhas, e levam no laço vermelho do chapéu a cruz branca que distingue os regimentos suíços ao serviço de Espanha. Um deles não tarda a confirmar aos recém-chegados, num espanhol com rudes ressonâncias germânicas, que ele e o seu camarada—trata-se do seu irmão, uma vez que são os soldados Mathias e Mário Schleser, do cantão de Aargau—estão ali a combater por gosto, porque o seu regimento, o 6.o suíço de Preux, tem ordens de não ir para a rua. Eles iam para o quartel quando deram consigo no meio do tumulto, de modo que desarmaram uns franceses que surpreenderam fugitivos e isolados, e aqui estão. Travando a sua própria guerra.

— Que Deus vos abençoe, meus filhos.

— Afaste-se daqui, reverendo. Vêm aí mais franceses. Efectivamente, da plazuela Del Celenque sobem, com grandes precauções, dois dragões franceses desmontados, protegendo-se atrás dos seus cavalos, seguidos por um pequeno grupo de uniformes azuis. Assim que vêem os aglomerados na esquina, param e abrem fogo. Algumas balas descascam o estuque das paredes.

— De longe não fazemos nada!—grita o sacerdote. -...A eles!

E acto contínuo, apesar dos esforços dos militares para o impedir, lança-se a brandir o fuzil como uma maça, seguido cegamente pelos populares. A nova descarga francesa, cerrada e bem dirigida, apanha-os a descoberto, mata o sargento dos Inválidos, Morales, fere mortalmente o soldado Mathias Schleser—que há dois dias fez vinte e nove anos—e atinge superficialmente de ricochete o seu irmão Mário, enquanto dom Francisco Gallego, atordoado, é arrastado pelos outros que tentam encontrar um refúgio. Os Franceses carregam agora com as suas baionetas e os sobreviventes correm espavoridos em direcção às Descalzas, batendo às portas que encontram pelo caminho, embora nenhuma se abra. O sapateiro Iglesias e o condutor dos Correios Linares conseguem escapulir-se em direcção à plazuela de San Martin, mas o sacerdote, que coxeia por ter magoado um pé, só consegue chegar à porta principal do convento. Aí, batendo com a coronha da espingarda, pede refúgio; mas de dentro ninguém responde e os Franceses apanham-no. Resignado à sua sorte, volta-se enquanto reza o acto de contrição, disposto a entregar a Deus a sua alma. Mas ao ver a sotaina e a tonsura, o oficial que comanda o grupo, um veterano de bigode grisalho, afasta com o sabre aqueles que querem trespassá-lo ali mesmo.

— Hereges e malditos filhos de Lúcifer!—cospe dom Francisco. Os soldados limitam-se a moê-lo à coronhada e a levá-lo de mãos atadas em direcção ao Palácio.

Não correm apenas os fugitivos da plaza de Las Descalzas. Um pouco mais a

sul da cidade, no outro lado da Plaza Mayor, os sobreviventes, após a carga da cavalaria pesada na puerta de Toledo retiram-se conforme podem, ladeira acima, em direcção ao Rastro e à plaza de La Cebada. A refrega foi tão dura e tão tremenda a matança que os Franceses não concedem quartel a ninguém. Para escapar aos couraceiros que atacam tudo à sua passagem, o exausto marquês de Malpica procura abrigo nas ruas próximas da Cava Baja, segurando o seu criado Olmos, que, depois de dar consigo entre as patas de um cavalo inimigo, urina sangue como um porco degolado.

— Para onde vamos agora, senhor marquês?

— Para casa, Olmos.

— E os gabachos}

— Não te preocupes. Já fizeste o suficiente por hoje. E creio que eu também.

O criado olha para o calção, tingido de vermelho até aos joelhos.

— Estou a esvaziar-me pelo caninho da bilha.

— Então aguenta.

Na esquina da Calle de Toledo com a de La Sierpe, o dragão da Lusitânia Manuel Ruiz Garcia, que se retira com os guardas valões sobreviventes Paul Monsak, Gregor Franzmann e Franz Weller—ele e os três estrangeiros conhecem-se há pouco tempo mas parece-lhes terem passado juntos meia vida —,pára bastante sereno para carregar o fuzil ao abrigo de uma entrada, leva a arma à cara, apontando com cuidado, e derruba com um tiro no peito um francês que galopava rua acima, de sabre erguido.

— Era o meu último cartucho—diz a Weller. Depois os quatro desatam a correr, agachados, tentando esquivar-se ao fogo de uns franceses desmontados que avançam sob as arcadas. A inclinação da rua cansa-os. Ruiz Garcia propõe aos outros albergarem-se com ele no quartel, que fica na plaza de La Cebada. Todos se apressam pois as balas zunem e também soa perto o trote de mais cavalos inimigos. Chegando Monsak, Franzmann e Weller ao cruzamento com a calle de Las Velas, este último apercebe-se de que o dragão não veio com eles; volta-se e vê-o deitado de costas a meio da rua. "Scheisse", pensa o alsaciano. Azar de merda. Primeiro o seu camarada Leleka e agora o espanhol. Por instantes pensa em ajudá-lo, porque talvez esteja apenas ferido, mas soam mais tiros e os couraceiros estão perto. De modo que continua a correr.

Perseguida pelos cavaleiros franceses, levando numa mão a sua tesoura de peixeira, a manola de vinte e oito anos Benita Sandoval Sánchez, que lutou até ao último instante na puerta de Toledo, passa a correr junto do corpo do dragão Manuel Ruiz Garcia. No combate e na debandada posterior perdeu de vista o

marido, Juan Gómez, e agora tenta pôr-se a salvo pela puerta de Moros, fazendo um desvio para poder voltar para casa, no número 17 da calle de La Paloma. Mas os cavalos dos perseguidores correm mais do que ela, entorpecida pela saia, que levanta com a mão livre enquanto tenta esquivar-se, desesperada. Ao ver que é impossível, entra pela calle Del Humilladero, refugiando-se numa entrada que fecha com o trinco. Assim, fica imóvel e às escuras, com o coração a sair-lhe pela boca, sufocada pela corrida, atenta aos ruídos da rua que não tardam a desenganá-la: o rumor dos cavalos detém-se, soam vozes iradas em francês e uma sucessão de pancadas faz estremecer a porta. Sem ter ilusões sobre a sua sorte—morrer não seria o pior, pensa—a mulher sobe as escadas, esbaforida, bate numa porta atrás da outra e, ao ver uma aberta, mete-se por ela enquanto em baixo rangem as tábuas da entrada e o ruído de botas e metal atroa nos degraus. Não está ninguém naquela casa e, depois de percorrer os quartos pedindo ajuda em vão, Benita sai para o corredor, dando de caras com alguns couraceiros que destroem tudo.—Viens, salope!

A janela mais próxima está longe de mais para se atirar à rua, de modo que a mulher atravessa com uma tesourada a cara do primeiro francês que lhe toca. Depois retrocede e tenta defender-se por entre os móveis. Exasperados com a sua resistência, os imperiais crivam-na de balas, deixando-a como morta num charco de sangue. Apesar da extrema gravidade das suas feridas, os donos da casa encontrá-la-ão mais tarde, ainda a respirar. Tratada in extremis no Hospital de La Orden Tercera, Benita Sandoval viverá o resto da sua vida respeitada pelos vizinhos, famosa entre os manolos que protagonizaram o terrível combate da puerta de Toledo.

Com os couraceiros a pisar-lhe os calcanhares, outro grupo de populares foge em direcção à colina do Rastro. Trata-se do manolo Miguel Cubas Saldaña, dos seus compadres Francisco López Silva e Manuel de La Oliva Urena, do aguadeiro de quinze anos José Garcia Caballero, da moradora da calle Manguiteros Vicenta Reluz e do filho desta, de onze anos, Alfonso Esperanza Reluz. Todos, até a criança, intervieram no combate da puerta de Toledo e tentam pôr-se a salvo; mas um destacamento de cavalaria que sobe de Embajadores corta-lhes o caminho, investindo a golpes de sabre. Cai ferido com um talho na cabeça Garcia Caballero, apanham Manuel de La Oliva quando este tenta saltar um muro e os restantes fogem em direcção à plaza de La Cebada, onde ainda há confrontos entre populares dispersos e cavaleiros. Aí, Miguel Cubas Saldaña consegue escapulir, metendo-se em San Isidro, mas Francisco López, apanhado pelos Franceses, é derrubado à coronhada até ficar com o peito

esmagado. Nas escadas da igreja, quando se voltava para atirar uma pedra, cai morto a tiro o rapazinho Alfonso Esperanza e é ferida a mãe, quando tenta protegê-lo.

Na sua progressão para o centro da cidade, a cavalaria pesada que vem dos Carabancheles pela calle de Toledo e a infantaria que sobe da Casa de Campo pela calle de Segovia encontrarão, ainda, outro núcleo de resistência em Puerta Cerrada. Aí os Franceses vêem-se atacados por fuzilaria vinda de janelas e açoteias e por investidas de moradores que os fustigam das ruas próximas. Isso dá lugar a várias descargas impiedosas com perdas de muitas vidas, ao incêndio de algumas casas e à explosão do depósito de pólvora da praceta, onde morre queimado o empregado de armazém Mariano Panadero. Cai combatendo, atingido por uma bala, o sapateiro galego Francisco Doce, morador na calle Del Núncio; e também José Guesuraga de Ayarza, natural de Zornoza, Joaquín Rodrigues Ocafia—servente de pedreiro de trinta anos, casado e com três filhos —e Francisco Planillas, de Crevillente, que consegue retirar -se ferido até às proximidades da sua casa, na calle Del Tesoro, onde morrerá sem socorro e esvaindo-se em sangue. Morre também o asturiano de Llanes Francisco Teresa, solteiro, deixando na terra sua velha mãe: homem valente, desmobilizado da guerra do Rossilhão e criado na estalagem nova da calle de Segovia, dispara o seu fuzil através das janelas, matando um oficial francês. Quando se lhe acabam as munições, os Franceses entram atrás dele e, depois de o maltratarem bastante, fuzilam-no à porta.

O avanço imperial complica-se, pois nem sequer são seguras grandes ruas que conduzem ao centro. O capitão Marcellin Marbot, que após o primeiro ataque na puerta Del Sol tenta estabelecer contacto com o general Rigaud e os seus couraceiros, é obrigado a parar e a desmontar na plazuela de La Provincia até que uma tropa de infantaria desobstrua o caminho. Castigados por emboscadas anteriores, os soldados avançam devagar, colados às casas e protegendo-se nos átrios, apontando para janelas e telhados, e disparam contra qualquer morador, homem, mulher ou criança, que espreite.

— Pode-se passar sem problemas?—pergunta Marbot ao cabo de esquadra da infantaria que, finalmente, lhe faz sinais para que continue em frente.

— Passar, pode-se—responde o outro, indiferente.—Pelos problemas não me responsabilizo.

Metendo esporas juntamente com a sua escolta de dragões, o jovem capitão do Estado-Maior avança a trote, cauteloso. Não passa, no entanto, da calle de La Lechuga, onde pára ao ver mais fuzileiros escondidos atrás de algumas carroças

com as montadas mortas entre os varais. Mais à frente, dizem-lhe, os golpes de mão das pessoas que atacam aqui e ali, vindas das ruas próximas, e a acção de atiradores furtivos tornam o avanço impossível.

— Quando poderei passar?

— Não faço ideia—responde um sargento com aros nas orelhas, bigode grisalho e a cara suja de pólvora.—Terá de esperar até desobstruirmos a rua... Aventurar-se é perigoso.

Marbot olha à sua volta. Sentados contra uma parede estão três soldados franceses com ligaduras ensanguentadas. Um quarto está estendido de bruços, imóvel num charco vermelho-acastanhado sobre o qual zumbe um enxame de moscas. A entrada de cada transversal há cadáveres que ninguém se atreve a retirar.

— Demorarão muito os nossos cavaleiros?

O sargento esgaravata o nariz. Parece bastante cansado.

— Pelos tiros e gritos que se ouvem, não andam longe. Mas tiveram perdas enormes.

— Contra mulheres e populares? É cavalaria pesada, pelo amor de Deus!

— Está a dizer-me a mim?! Com estes brutos enlouquecidos, tudo é possível. E matá-los leva o seu tempo.

Enquanto o capitão Marbot tenta cumprir a sua missão de ligação, alguns madrileños sofrem as primeiras represálias organizadas. Além das execuções a quente, acabando com feridos ou atirando sobre gente indefesa que observa os combates, os Franceses começam a fuzilar, sem formalidades prévias, todos os que detêm com armas na mão.

É o destino sofrido por Vicente Gómez Sánchez, de trinta anos, torneiro de marfim de profissão, capturado após uma escaramuça diante de San Gil e fuzilado no escoadouro.

O mesmo acontece com os hortelãos da duquesa de Frias Juan José Postigo e Juan Toribio Arjona, que os imperiais capturam após a matança do portillo de Recoletos.

Arrancados da horta onde se escondiam e levados para fora da puerta de Alcalá, junto à praça de touros, fuzilam-nos e acabam com eles a golpes de baioneta, na companhia dos irmãos oleiros Miguel e Diego Manso Martin e do filho deste, Miguel.

Por volta do meio-dia e meia, à excepção dos pontos de resistência que os madrileños mantêm entre Puerta Cerrada, calle Mayor, Antón Martin e a puerta Del Sol, as

colunas que convergem para o centro avançam já sem grandes dificuldades, assegurando as suas comunicações pelas grandes avenidas. É esse o caso da calle de Atocha, em direcção à qual se retiraram numerosos populares que combatiam no paseo Del Prado. Alguns trazem notícias das atrocidades cometidas pelos Franceses na puerta de Alcalá e na Guarda da Fazenda Real, onde acabaram de prender os funcionários que lá estavam, interviessem ou não nos combates.

— Levaram-nos a todos—diz alguém:—Ramírez de Arellano, Requena, Parra, Calvillo e os outros... E também um hortelão do marquês de Perales que teve a pouca sorte de se esconder entre eles. Chegaram os gabachos, tiraram-lhes as armas e os cavalos, e fizeram-nos descer até ao Prado como uma récua de animais de carga... E quando o brigadeiro dom Nicolás Galet compareceu de uniforme a exigir a devolução dos seus homens, deram-lhe um tiro na virilha.

— Conheço Ramírez de Arellano. A mulher dele é Manuela Franco, irmã de Lucas. Têm dois filhos e ela está grávida do terceiro... Coitados!

— Pelos vistos estão a fuzilar muita gente.

— E a que ainda vão fuzilar... A nós, por exemplo, se nos apanharem.

— Cuidado, estão de volta!

Atacados por um destacamento de dragões procedente do Buen Retiro e por uma coluna de infantaria que avança do paseo de Las Delicias, uma dúzia de populares e quatro soldados dos cinco que abandonaram o quartel da Guarda Espanhola—o quinto, Eugênio Garcia Rodríguez, morreu junto do gradeamento do Jardim Botânico—batem em retirada, procurando protecção nas ruas próximas. Começa então uma luta suja de esquinas, átrios e pórticos, na qual os Espanhóis acabam cercados. Prendem assim, quando foge em direcção aos muros de Jesus, Domingo Brana Balbín, moço de tabaco da Alfândega Real. Três soldados da Guarda Espanhola que vão com ele conseguem escapar de casa em casa, derrubando tabiques e saltando pelos telhados, enquanto o sevilhano Manuel Alonso Albis, cujo uniforme atrai a atenção dos Franceses, recebe um tiro de raspão, que lhe rasga uma bochecha, e, ao voltar-se, deixando cair o fuzil e desembainhando o sabre, recebe outro tiro no peito, que o derruba perto do muro traseiro do Hospital General. Capturam depois o arrieiro Baltasar Ruiz, que será fuzilado pouco depois no escoadouro de Atocha. Os restantes, perseguidos pelos imperiais que os caçam à baioneta e os metralham com uma peça de artilharia que colocam calle de Atocha acima, lutam com armas brancas, sem esperança, sucumbindo uns atrás dos outros. O que mais longe chega é Juan Bautista Coronel, músico de cinquenta anos nascido em San Juan de Panamá, que, fugindo a correr perto da plazuela de Antón Martin, é atingido por um

fragmento de metralha que lhe rasga uma coxa e o ventre. Outros membros desse bando, José Juan Bautista Montenegro, o galego de Mondonedo Juan Fernández de Chão e o sapateiro de dezanove anos José Pena, encurralados e sem munições, erguem as mãos e rendem-se aos Franceses. À tarde, os três contar-se-ão entre os fuzilados na colina do Buen Retiro.

No Hospital General, situado na esquina da calle de Atocha com a porta do mesmo nome, onde dois mil pacientes franceses se salvaram esta manhã de serem degolados pela populaça, o copeiro Serapio Elvira, de dezanove anos, acaba de chegar da rua trazendo um colega ferido por uma bala que lhe fracturou duas costelas quando ambos recolhiam feridos em Antón Martin. Deixando o colega nas mãos de um cirurgião, Elvira atravessa o corredor apinhado de feridos e moribundos à procura de outro colega que se atreva a sair. Nesse momento, um ajudante de cirurgia sobe aos gritos pela escadaria principal.

— Os gabachos querem fuzilar os presos das cozinhas!

Serapio Elvira desce a correr, juntamente com outros, e encontra aí um sargento imperial que, com um pelotão de soldados, leva o ajudante de cozinha, os empregados e os enfermeiros que tinham

querido matar os franceses do hospital. Sem pensar duas vezes, Elvira agarra numa faca de trinchar e atira-se sobre o oficial, que puxa da sua espada e lhe dá um golpe. Cai ferido o jovem, os outros soldados desembainham e, em tropel, atiram-se-lhes para cima todos os empregados da cozinha—na sua maior parte asturianos—e alguns enfermeiros e ajudantes de cirurgia que acorrem ao som do tumulto. Dos espanhóis, além de Serapio Elvira, é morto Francisco de Labra, de dezanove anos, e são feridos os seus colegas Francisco Blanco Encalada, de dezasseis, Silvestre Fernández, de trinta e dois, e José Pereira Méndez, de vinte e nove, bem como o cirurgião José Quiroga, o lavadeiro Patrício Cosmea, o moço de pátio(1) António Amat e o enfermeiro Alonso Pérez Blanco—que morrerá em consequência das feridas dias depois.—Mas entre todos fazem os franceses retroceder, enchendo-os de golpes e feridas. O ajudante de cozinha Vicente Pérez Del Valle, um robusto jovem de Cangas que empunha um ferro de assar, defronta o suboficial até este soltar o sabre e fugir, maltratado, com os seus homens.

— Gabachos filhos de uma grande puta!... Não voltem aqui!

Mas os Franceses voltam e com ânsia de vingança. Depois de pedir ajuda no andar superior, o suboficial agredido—tem agora a cabeça ligada e vem cego de fúria -

regressa com um pelotão de granadeiros, irrompe pelas cozinhas à ponta de baioneta e aponta para todos os que se distinguiram na refrega. Dessa forma,

levam para o escoadouro de Atocha, descalços e em camisa, Pérez Del Valle, outro empregado de cozinha e cinco ajudantes de cirurgia. Numa declaração posterior sobre os acontecimentos do dia, uma testemunha presencial, o juiz Pedro La Hera, declarará que "nenhum deles voltou ao hospital nem nunca mais se soube deles".

O capitão Luis Daoiz está preocupado com a defesa do parque de artilharia. A maior parte das pessoas que exigiam espingardas, ao abrir-se as portas e apoderar-se delas, dispersou-se pela cidade, disposta a combater por sua conta—muitos, pouco familiarizados com as armas de fogo, agarraram apenas em sabres e baionetas.—Entre Daoiz, o capitão Velarde e os outros oficiais conseguiram reter alguns populares, convencendo-os de que seriam mais úteis ali. Numa discussão viva mantida na sala de bandeiras, confrontado o orgulho frio de Daoiz com os arrebatamentos apaixonados de Velarde, este último manifestou-se seguro de que, quando nos outros quartéis soubessem que a luta começara em Monteleón, as tropas espanholas viriam para a rua.

(1) Criado que trata das cavalariças, arreios, etc. (N. da T.)

— De que serve lutarmos?—perguntava um dos companheiros, o capitão de artilharia José Córdoba.—Somos quatro gatos-pingados.

— Porque, dando o exemplo, encorajaremos outros—foi a resposta optimista de Velarde.—Nenhum militar honrado ficará de braços cruzados, permitindo que nos liquidem.

— Acreditas nisso?

— A minha vida depende disso. Ou melhor, a nossa. O céptico Daoiz, sempre prudente e lúcido, duvida que isso aconteça. Conhece o estado de apatia e desorientação em que se encontra o Exército, bem como a cobardia moral das chefias. Sabe perfeitamente—sabia-o ao tomar a decisão de entregar espingardas ao povo—que aqueles que ocupam o parque, quando lutarem, o farão sozinhos. Pela honra, ponto. Além disso, há poucos locais em Madrid tão pouco adequados a uma defesa eficaz. Monteleón não é um quartel mas um edifício civil, ou um conglomerado de vários, antigo palácio dos duques de Monteleón cedido por Godoy à arma de artilharia: meio milhão de pés quadrados impossíveis de defender, rodeados por uma cerca que nem sequer é muro, tão alta como fraca, que corre recta e quadrangular ao longo das Rondas na sua parte posterior, pela calle de San Bernardo a oeste, por San Andrés a leste, e a sul por San José. A extensão do recinto, cercado por casas e elevações que o dominam, sem locais

para observar o exterior além de algumas janelas do terceiro andar do edifício—afastado da cerca, só consegue ver-se a partir daí um trecho da calle de San José—,faz com que a vigilância de eventuais forças inimigas deva efectuar-se com sentinelas nas casas próximas ou na rua, a descoberto. Além disso, excepto os Voluntários do Estado e os poucos artilheiros, as pessoas carecem de disciplina e de formação militar. Para cúmulo das desgraças, conforme acaba de informar o sargento Rosendo de La Lastra, os canhões só dispõem de dez cargas de pólvora encartuchadas e outras vinte que se preparam a toda a pressa; e embora sobrem balas de todos os calibres, não há cartuchos para a carga nem projécteis de metralha. Nestas circunstâncias, Luis Daoiz sabe que uma vitória militar está descartada e que qualquer acção que empreenda é apenas dilatória. Uma vez começado o ataque francês, o tempo que Monteleón aguentar dependerá do desespero daqueles que o defendem.

— Com sua licença, meu capitão—diz o tenente Arango.—As pessoas já estão distribuídas em esquadras, como ordenou... O capitão Velarde está agora a tratar de colocá-las nos seus postos.

— Quantos são?

— Pouco mais de duzentos civis, contando com os da rua e do parque, embora ainda se vá juntando algum morador do bairro... a isso é preciso somar os Voluntários do Estado, os artilheiros que tínhamos aqui e a meia dúzia de senhores oficiais que vieram reforçar-nos.

— Trezentos, mais ou menos—conclui Daoiz.

— Sim, bom... talvez um pouco mais.

Arango, em sentido diante de Daoiz, aguarda instruções. O capitão observa a sua expressão preocupada com a enormidade do que preparam e sente alguns remorsos. O jovem oficial, alheio à conspiração, está ali porque esta manhã lhe calhava estar de serviço, magoado ao constatar que tudo se organizou nas suas costas. O comandante do parque nem sequer sabe o que pensa Arango da ocupação francesa, nem das medidas que se tomam e desconhece as suas opiniões políticas. Vê-o cumprir as suas obrigações, e é o que interessa. De qualquer forma, conclui, o destino ou o futuro deste jovem interessam pouco. Não é o único impossibilitado de escolher hoje o seu destino, em Madrid.

— Mande trazer para perto da porta dois canhões de oito libras e outros dois de quatro—ordena-lhe Daoiz.—Limpos, carregados e prontos para disparar.

— Não temos metralha, meu capitão.

— Já sei. Que os carreguem com bala. De qualquer forma, encarregue alguém de arranjar pregos velhos, balas de mosquete, o que quer que seja... Até

as pedras de fuzil podem servir e dessas temos muitas. Que as metam em cartuchos, como precaução.

— Às suas ordens.

O capitão observa as mulheres que estão no pátio, misturadas com os civis e com os militares. Na sua maior parte são familiares de soldados ou dos populares armados: mães, mulheres e filhas, moradoras das ruas vizinhas que vieram acompanhar os familiares. Sob a direcção do cabo artilheiro José Montano, algumas trazem lençóis, colchas e toalhas e, rasgando-as, fazem no pátio uma pilha de fios e de ligaduras para quando começar a cair gente. Outras abrem caixas de munições, metem punhados de cartuchos em cabazes e cestos de vime e levam-nos aos homens que se entrincheiram nos edifícios do parque ou na rua.

— Outra coisa, Arango. Tente tirar daqui estas mulheres antes que cheguem os Franceses... Isto não é lugar para elas.

O tenente suspira profundamente.

— Já o tentei, meu capitão, mas riem-se na minha cara.

Diante da porta do parque e com uma disposição bastante diferente da de Luis Daoiz, o infatigável Pedro Velarde supervisiona a distribuição dos atiradores, seguido pelas sombras fiéis dos escreventes Rojo e Almira. A sua presença e a forte convicção que esbanja a cada passo animam militares e populares, que o secundam com fervor, dispostos a segui-lo até ao Inferno. O capitão de Estado-Maior—hoje demonstra-o de sobra—é dos raros chefes capaz de inflamar as pessoas sob o seu comando. Consegue até memorizar, no mesmo instante, os nomes de todos os seus subordinados e dirigir-se a eles, incluindo aos civis mais desajeitados e inexperientes, como se tivessem lutado juntos toda a vida.

— Vamos atacar os Franceses com tudo o que temos!—diz de grupo em grupo, esfregando as mãos.—Esses mossiús não sabem o que os espera!

Por toda a parte as suas palavras confortam as pessoas, que fazem ponto de honra em cumprir as ordens. Assim, com o estímulo e a atitude resoluta do capitão, aqueles populares desorientados, os bandos anárquicos constituídos por gente quase toda humilde, comerciantes modestos, artesãos, chisperos, empregados, criados e moradores que empunham um fuzil pela primeira vez nas suas vidas—alguns sentiram-se fraquejar ao verem partir, uma vez armados, a maior parte daqueles que os acompanhavam na rua -,

criam consciência de grupo, organizam-se e apoiam-se uns aos outros, ouvem as instruções e comparecem com boa disposição onde são requeridos.

— É preciso encostar estes andaimes à cerca do parque, junto à porta, para

que os nossos possam subir e disparar por cima... Concorda, Goicoechea?

— Só poderão empoleirar-se quatro ou cinco.

— Quatro ou cinco espingardas aí são um mundo.

— Às suas ordens.

De acordo com o capitão dos Voluntários do Estado, Velarde dividiu em dois os soldados vindos do quartel de Mejorada, reforçando-os com quadrilhas de populares.

Quinze dos trinta e três fuzileiros, sob o comando do tenente José Ontoria e do subtenente Tomás Bruguera, guardam as traseiras do recinto—as cozinhas, as oficinas e as cavalariças, contíguas à calle de San Bernardo e Ronda.—Os restantes, de que se encarregarão Goicoechea e o seu ajudante Francisco Alveró quando começar o combate, ocupam poucas janelas que dão para a fachada principal, para a porta do parque e para a calle de San José, com gente da partida de populares reunida pelo oficial de obras Francisco Mata. Velarde coloca os restantes civis sob o comando daqueles que estiveram a encabeçá-los, mas com a supervisão dos capitães Cônsul, Córdoba, Rovira e Dalp. Assim, situa-os junto da cerca e nos edifícios particulares existentes no outro lado da rua, ao abrigo de entradas e pórticos ou entrincheirados com móveis, fardos, colchões e tudo o que amontoam os moradores. Destaca também guardas avançadas de populares à esquina de San Bernardo, na calle de San Pedro, que termina junto do convento de Las Maravillas—o edifício das freiras carmelitas fica em frente da porta principal do parque—,e na esquina da calle Fuencarral, com ordens de avisar assim que aparecerem inimigos. Neste último local, Velarde coloca o bando do estudante asturiano José Gutiérrez, a quem acompanham, entre outros, o barbeiro Martin de Larrea e o seu ajudante Felipe Barrio. As ordens são para avisar, retirar-se e entrar nas casas vizinhas para combater a partir daí.

— Sobretudo, que ninguém dispare sem ordens. Assim que virem inimigos, retiram-se com muita cautela e vêm avisar. É melhor apanhá-los desprevenidos... Está claro?

— Claríssimo, meu capitão. Ver, calar e voltar para contar.

— Exacto. De modo que toca a andar, espevitem-se. E viva Espanha.

— Viva!

— E o que fazemos nós, senhor capitão?

Velarde volta-se para outro grupo que aguarda instruções: a partida de José Fernández Villamil, o estalajadeiro da plazuela de Matute, cujos elementos—José Mufiiz Cueto e o seu irmão Miguel, outros empregados da estalagem, alguns moradores do bairro e o mendigo de Antón Martin—vieram armados por

sua conta, depois de se apoderarem dos fuzis da reserva dos Inválidos das Casas Consistoriais. O estalajadeiro e os seus homens são dos poucos civis presentes no parque que hoje já cheiraram pólvora, batendo-se em vários locais da cidade. Essa experiência dá-lhes aprumo. Conta Fernández Villamil ao capitão de artilharia que o seu empregado José Muniz chegou a matar de um tiro um oficial francês. Ao ouvir aquilo, Velarde assente e felicita Mufiiz. Sabe o que significa o elogio de um superior, sobretudo vindo de um militar e nestas circunstâncias. Com o que se avizinha.

— Diga-me uma coisa... Acham-se capazes de aguentar na rua, a peito descoberto?

— Espere e verá—abespinha-se o estalajadeiro.

— A dúvida ofende—insinua o outro.

Velarde sorri com aprovação, tentando pôr uma cara de impressionado. Está no seu ambiente.

— Não se fala mais porque vou encarregá-los de uma missão crucial... Para já fiquem emboscados em frente, na horta de Las Maravillas, sem dar um tiro até o tiroteio começar a sério. Pretendemos levar depois os canhões para a rua e fará falta quem nos proteja. Quando isso acontecer, vocês saem da horta e deitam-se no passeio, uns apontando para Fuencarral e outros para San Bernardo. Entendido?... Assim impedirão que os atiradores franceses se aproximem e disparem contra os nossos artilheiros.

— E por que não levamos já os canhões?—pergunta com grande desfaçatez o mendigo de Antón Martin.

Os escreventes Rojo e Almira, que continuam colados a Velarde, examinam o mendigo com olho crítico: nariz vermelho de vinho, calção sujo e jaqueta velha sobre uma camisa coberta de sujidade. Os dedos que se aferram ao mosquete reluzente têm as unhas partidas e negras. Mas Velarde sorri com naturalidade. É mais um homem, no fim de contas. Uma espingarda, uma baioneta e duas mãos. Esta manhã não sobra nada disso.

— É cedo para arriscá-los sem saber por onde virá o ataque—responde, paciente.—Levá-los-emos quando soubermos para onde disparar.

Fernández Villamil e os outros olham para o artilheiro, entusiasmados. Todos eles revelam uma confiança cega.

— Virão mais militares, senhor capitão?

— Evidentemente—responde Velarde, impassível.—Assim que começarem os tiros... Pensam que nos vão deixar a lutar sozinhos?

— Claro que não!... Conte connosco, meu capitão!... Viva o rei Fernando!

Viva Espanha!

— Viva sempre. E agora ocupem os seus postos.

Vendo-os afastar-se, fanfarrões e barulhentos como uma pandilha de rapazes disposta a brincar à guerra, Velarde sente uma pontada incómoda. Sabe que os manda para uma posição exposta. Fazendo de conta que não percebe os olhares que lhe dirigem os escreventes Rojo e Almira—os dois sabem que não há tropas espanholas a esperar, nem nada disso—,prossegue a distribuição das pessoas, acordada com Luis Daoiz.

— Vamos lá ver, quem manda neste grupo?... Você é Cosme, não é verdade?

— Sim, meu capitão—responde o armazenista de carvão Cosme de Mora, encantado por o militar ter fixado o seu nome.—Para o servir a si e à pátria.

— Todos sabem manejar os fuzis?

— Mais ou menos. Eu caço com espingarda.

— Não é a mesma coisa. Estes dois senhores explicar-vos-ão o mais básico.

Enquanto os escreventes explicam a Mora e aos seus homens a forma de morder o cartucho com rapidez, carregar, atacar, disparar e carregar de novo, Velarde observa os homens que tem à sua volta. Alguns não passam de rapazinhos. Com eles está um miúdo que olha para ele impávido.

— E este miúdo?

— É nosso irmão, senhor capitão—diz um jovem que está junto de outro com quem se parece muito.—Não há maneira de o convencer a voltar para casa... Nem batendo-lhe quer ir.

— Vai ser perigoso para ele. E a vossa mãe deve estar angustiada.

— E o que quer que façamos? Recusa-se a ir embora.

— Como se chama?

— Pepillo Amador.

Velarde decide esquecer a criança, pois tem coisas urgentes a despachar. Aquele é o grupo mais numeroso de todos os que chegaram a Monteleón e os rostos revelam sentimentos diversos: inquietação, decisão, desorientação, angústia, esperança, coragem... Também demonstram uma fé ingénua no capitão que têm à frente, ou melhor, na sua patente e uniforme. A palavra capitão soa bem, inspira uma confiança fundamental a estes voluntários corajosos, simples, órfãos do seu rei e do seu Governo, dispostos a seguir quem os guie. Todos eles deixaram família, casa e trabalho, arriscando-se para se apresentarem no parque impelidos pela raiva, pelo decoro, pelo patriotismo, pela coragem, pelo ódio à arrogância francesa. Dentro de pouco tempo, conclui Velarde, muitos talvez estejam mortos. Até ele próprio, com eles. O pensamento deixa-o absorto,

silencioso, até se aperceber de que todos olham para ele expectantes. Nessa altura endireita-se e levanta a voz.

— Quanto ao manejo da baioneta e das armas brancas—acrescenta —,tratando-se de homens como vocês, não é necessário com certeza que alguém vos ensine alguma coisa.

A bravata acerta no alvo: os rostos descontraem-se e há algumas gargalhadas e palmadas nos ombros. Nem sobre baionetas nem sobre navalhas, gabam-se alguns, batendo na ponta e mola que trazem à cintura. Se não acreditam, perguntem aos gabachos.

— O melhor desta munição—conclui Velarde, tocando por sua vez no punho do sabre—é que nunca acaba nem precisa de queimar pólvora... E nenhum francês a maneja como os Espanhóis!

— Nenhum!!!

Responde-lhe uma ovação. E, dessa forma, depois de lhes alimentar um pouco mais o entusiasmo—o capitão sabe que, tal como o medo, a coragem é contagiosa—,envia o armazenista de carvão e os seus homens cobrir as barricadas, passeios e varandas das casas contíguas ao jardim e à horta do convento de Las Maravillas, com a ordem de fustigar, quando a luta começar, a maior extensão, possível da confluência de San José a San Bernardo.

— O que acha, meu capitão?—pergunta em voz baixa o escrevente Almira, que abana a cabeça, dubitativo.

Velarde encolhe os ombros. O que importa é o exemplo. Talvez isso agite as consciências e favoreça o milagre. Apesar do pessimismo de Daoiz, continua a acreditar que, se Monteleón resistir, as tropas espanholas não permanecerão de braços cruzados. Mais cedo ou mais tarde virão para a rua.

— É preciso aguentar de qualquer maneira—responde.

— Sim, mas... por quanto tempo?

— Pelo tempo que conseguirmos.

Enquanto conversam em voz baixa, capitão e escrevente vêem partir os voluntários. Vão com esse grupo, num total de quinze homens e rapazes, o oficial sangrador Jerónimo Moraza, o porteiro de tribunal Félix Tordesillas, o carpinteiro Pedro Navarro, o taberneiro da calle Hortaleza José Rodríguez—acompanhado pelo seu filho Rafael—e os irmãos António e Manuel Amador, seguidos de perto por Pepillo, o seu irmão de onze anos, que os segue arrastando uma pesada cesta cheia de munições.

Depois de conseguir um fuzil e um pacote de cartuchos, o jovem de dezoito anos Francisco Huertas de Vallejo, segoviano de famílias abastadas, vai postar-se

onde lhe ordenaram: a varanda de um primeiro andar situada diante da cerca do parque de artilharia.) Daí pode ver a esquina de San Bernardo. Acompanham-no um homem jovem, magro e de óculos, armado também de mosquete,] que, depois de lhe apertar a mão com cerimónia, se identifica como Vicente Gómez Pastrana, compositor tipógrafo de profissão, e inquilino ou dono da casa, um tipo risonho de patilhas grisalhas de alguma idade, com polainas de caçador, caçadeira e duas cartucheiras de balas, cruzadas ao peito.

— Este é o sítio melhor—comenta o caçador.—Assim que os Franceses aparecerem nessa esquina, temo-los na mira.

— Equipou-se bem.

— Ia passear de manhã cedo por Fuencarral, com o meu cão. Mas acabei por decidir ficar aqui... É melhor que atirar aos coelhos.

O caçador, que se apresenta como Francisco Garcia—dom Curro, especifica, para amigos e camaradas—,parece homem de permanente bom humor, pouco preocupado com o destino dos seus bens domésticos. Mesmo assim, com a ajuda de Francisco Huertas e do tipógrafo, afasta móveis para desimpedir as imediações da varanda e coloca dois colchões enrolados contra o varandim de ferro, em jeito de barreira, para o caso de alguma bala perdida, diz, querer meter-se cá dentro. Depois retira algumas porcelanas e uma imagem de Jesus Nazareno que estava junto de um aparador e põe tudo a salvo no quarto de dormir. Finalmente olha em volta, satisfeito, e pisca um olho aos seus acompanhantes.

— Mandei a minha mulher para casa da irmã. Não queria ir, mas consegui convencê-la. Espero que não haja muitos estragos... Pode dar-lhe um fanico.

Debruçados na varanda, os três homens observam as idas e vindas das pessoas armadas que se distribuem pela horta de Las Maravillas ou se deitam nos passeios junto da cerca, no outro lado da rua. Há gritos, correrias e ordens contraditórias, mas todos mantêm uma disciplina razoável. Os uniformes brancos dos Voluntários do Estado vêem-se nas janelas do único edifício interior do parque situado junto à rua e, na porta, destaca-se o azul anil dos artilheiros. Francisco Huertas observa o capitão de casaca verde que dá ordens na entrada. Ignora o nome dele, mas militares e populares obedecem-lhe sem refilar. Isso inspira confiança ao jovem segoviano, que saiu esta manhã da casa do seu tio, dom Francisco Lorrio—o sobrinho está em Madrid a tentar um emprego no Estado, mercê das boas relações familiares—sem outras intenções além de observar o tumulto, mas não conseguiu furtar-se ao entusiasmo popular. Quando se abriram as portas do parque e as pessoas entraram em busca de fuzis, pareceu-lhe vergonhoso ficar de fora, a olhar. De modo que foi com os outros e, quando

se deu conta, tinha nas mãos um fuzil reluzente e nos bolsos uma provisão de cartuchos.

— Vamos tomar um copinho enquanto esperamos, porque uma coisa não impede a outra... Aprovam?

Dom Curro apareceu com uma garrafa de anis doce, três copos e três havanos. Francisco Huertas bebe um gole de licor, sentindo-se tonificado.

— Calhava bem—disse o tipógrafo—despachar algum gabacho.

— Brindemos pela intenção—o dono da casa torna a encher os copos.—E também à saúde do rei Fernando.

Há tumulto na rua. Francisco Huertas, com o charuto na boca por acender—não é partidário de se pôr a fumegar nesse momento—,acaba o seu anis e debruça-se sobre a varanda, de mosquete) na mão. As pessoas estão deitadas no chão e, junto à esquina, [illegible] alguns apontam os fuzis. Outros correm em direcção ao convento de Las Maravillas.

O capitão de casaca verde desapareceu dentro do parque, cujas portas se fecham lentamente, provocando no jovem uma estranha sensação de desamparo. Quando olha para as janelas do edifício, verifica que os Voluntários do Estado se agacharam e que só se vêem as bocas das suas armas.

— Murat convida-nos para dançar, senhores—diz dom Curro, que expele o fumo com grande fleuma.

Francisco Huertas apercebe-se de que ao tipógrafo lhe tremem as mãos quando, depois de apagar o seu charuto, despeja a pólvora para o cano do fuzil, mete a bala com o resto do cartucho e ataca tudo com a vareta. Sentindo um calafrio percorrer-lhe a espinha, os braços e as virilhas, o jovem faz o mesmo, ajoelhando-se depois com os seus dois companheiros atrás da barreira improvisada, com a coronha colada à cara. Cheira a metal, a madeira e a óleo.

"O que estou aqui a fazer?", interroga-se, de súbito, assustado.

De uma varanda vizinha, alguém grita que os Franceses vêm aí.

A única partida de voluntários que ainda não chegou ao parque de artilharia é a de Blas Molina Soriano. Fazendo gala de prudência,! escaldado pelas cenas que presenciou diante do Palácio, o serralheiro leva o seu bando em silêncio e fazendo rodeios para evitar deparar com forças francesas que os desbaratem. Desta forma, tentando passar despercebido, o grupo foi desde Tudescos até à corredera Del San Pablo, daí até à plazuela de San Ildefonso, e depois de caminhar um pouco sai agora na calle de San Vicente, a caminho de La Palma Alta e do convento de Las Maravillas. A proximidade do parque Del Monteleón anima Molina e os seus homens, que começam a perder a discrição e irrompem

em vivas a Espanha e morte aos Franceses. Mas ao dobrarem a esquina de San Andrés e San Vicente, o serralheiro levanta a mão e manda parar.

— Calados!—ordena.—Calados!

Os membros da partida concentram-se ao seu lado, colados à esquina, olhando para o cimo da rua. Ouvindo. Os vivas e os mortos cessaram, os rostos estão mortalmente sérios. Tal como Molina, cada homem permanece atento ao ruído inconfundível que se ouve claramente entre os edifícios de permeio: um crepitar sinistro, seco, farto e constante.

Já se combate no parque de Monteleón.

5.

Entre o meio-dia e meia e a uma da tarde, Madrid fica cortada em duas. Do paseo del Prado até ao Palácio Real, as vias principais estão ocupadas por tropas francesas, cuja cavalaria vai e vem a galope, varrendo as ruas com cargas ferozes, reforçadas por canhões que disparam contra tudo o que se move e por destacamentos de infantaria que avançam de esquina em esquina. No entanto, apesar de a máquina de guerra napoleónica se impor pouco a pouco, o seu controlo está longe de ser absoluto. Os couraceiros da brigada Rigaud continuam em Puerta Cerrada, sem terem a passagem desimpedida. Com a artilharia imperial fustigando as plazas Mayor, de Santa Cruz e Antón Martin, grupos de madrileños dispersam-se pelas ruelas adjacentes depois de cada investida, mas voltam a reunir-se de novo, tenazes, saindo de entradas e pórticos. Sem esperança de vitória, uma boa parte das pessoas sensatas, desiludidas ou apavoradas com a matança, anda em fuga ou tenta voltar para casa. Mas ainda há madrileños empenhados em disputar, a tiro e à navalhada, cada entrada e cada esquina. Quem se bate desta forma são os desesperados sem escapatória possível, os que não têm nada a perder, os que querem vingar amigos e parentes, as pessoas dos bairros populares dispostas a tudo que, para além de qualquer bom senso, já só tentam cobrar caro aos Franceses, olho por olho e dente por dente, o estrago do dia.

— A eles!... Que paguem, esses gabachos!... Que paguem!

Para uns e para outros, o preço é terrível. Há mortos em cada uma das ruas do centro, em cada entrada e em cada esquina. O fogo da artilharia, que não poupa a metralha, fez desaparecer de varandas e janelas quase todos os atiradores espanhóis, e descargas contínuas de fuzileiros, caçadores e granadeiros mantêm desertas as fachadas superiores, telhados e terraços dos edifícios. Várias mulheres perecem desta forma, atingidas quando, de casa, atiram vasos, floreiras e móveis contra os Franceses.

Entre elas contam-se a aragonesa de trinta e seis anos Angela Villalpando, que morre na calle Fuencarral; na de Toledo, as moradoras Catalina Calderón, de trinta e sete anos e Maria Antonia Monroy, de quarenta e oito; na calle del Soldado, a chispera de trinta e oito anos Teresa Rodríguez Palácio; e na de Jacometrezo, a viúva Antonia Rodríguez Flores. Por outro lado, o comerciante Matías Alvarez recebe um tiro no peito quando fustiga os imperiais com uma caçadeira de uma varanda da calle de Santa Ana. E na sua casa na esquina da calle de Toledo com Concepción Jerónima, de onde atira telhas e utensílios de

cozinha contra qualquer francês que passe por baixo, Segunda López del Postigo é atingida por uma bala que lhe trespassa a coxa esquerda.

No entanto, muitos daqueles que hoje morrem ou ficam feridos em janelas e varandas são alheios ao combate, atingidos ao sair ou enquanto tentam proteger-se do tiroteio.

É desta forma que, na calle del Espejo, uma mesma bala perdida, ou intencional, mata a jovem Catalina Casanova y Perrona—filha do alcaide de Casa e Corte dom Tomás de Casanova—e o seu irmão Joselito, de poucos anos; e na esquina da calle de La Rosa com a de Luzón, outra descarga francesa custa a vida, nas vésperas do seu casamento, à jovem de dezasseis anos Catalina Pajares de Carnicero, ferindo a criada da casa, Dionisia Arroyo. Desta forma morrem também, entre numerosas vítimas não combatentes, Escolástica López Martínez, de trinta e seis anos, natural de Caracas; o ajudante de cozinheiro de trinta anos José Pedrosa, na plaza de La Cebada; Josefa Dolz de Castellar, na calle de Panaderos; a viúva Maria Francisca de Partearroyo, na plaza del Cordón; e muitos outros, entre os quais se contam as crianças Esteban Castarera, Marcelina Izquierdo, Clara Michel Cazervi e Luisa Garcia Murioz. Depois de deixarem esta última, de sete anos, nas mãos da mãe e de um cirurgião, o pai e o irmão mais velho, que não tinham participado até ao momento nos acontecimentos do dia, agarram num velho sabre de família, numa faca de mato e em duas pistolas e lançam-se à rua.

Os Franceses disparam às cegas, sem avisar. Na calle del Tesoro, um destacamento da Guarda Imperial e um canhão colocado na esquina da Biblioteca Real disparam contra um grupo fornido onde se misturam fugitivos dos combates, moradores e curiosos. Morrem imediatamente Juan António Álvarez, jardineiro de Aranjuez; o septuagenário napolitano Lorenzo Daniel, professor de Italiano dos infantes da família real; e fica ferido Domingo de Lama, aguadeiro da retrete da rainha Maria Luísa. Quando vem ajudar este último, que se arrasta pelo chão deixando um regueiro de sangue, Pedro Blázquez, professor primário, solteiro, é atacado por um granadeiro francês, a quem enfrenta sem outras armas além de um canivete que traz no bolso. Perseguido até um pátio interior, Blázquez consegue despistar o granadeiro e regressa para ajudar Domingo de Lama, que deixa ao cuidado de alguns moradores. O professor primário encaminha-se então para sua casa, situada na calle Hortaleza, com tão pouca sorte que, ao dobrar uma esquina, dá de caras com uma sentinela francesa, colocada ali com fuzil e baioneta. Consciente de que, se se afastar, o outro disparará a sua arma, Blázquez abraça-se a ele,

tentando esfaqueá-lo no pescoço com o canivete, recebendo em troca um golpe de baioneta num lado. Finalmente consegue desprender-se e fugir pela calle de Las Infantas, refugiando-se em casa de uma conhecida, Teresa Miranda, solteira, preceptora de meninas. Atemorizada com o tumulto, a preceptora abre a porta a Blázquez depois de muito se fazer rogar e depara com ele, ensanguentado, ainda com o canivete na mão, com um aspecto que mais tarde, entre as suas amizades, qualificará de "homérico e varonil". Deixando-o entrar, e enquanto o homem se despe da cintura para cima para que esta lhe trate da ferida, a solteirona apaixonar-se-á perdidamente pelo professor primário. Decorrido o tempo habitual de noivado depois da pertinente publicação dos banhos, Pedro Blázquez e Teresa Miranda casar-se-ão um ano mais tarde, na igreja de San Salvador.

Enquanto o professor Blázquez é tratado da sua ferida de baioneta, no centro da cidade prosseguem os combates. Embora as tropas imperiais se mantenham espalhadas pelas grandes avenidas, nem as cargas de cavalaria nem o fogo abundante da infantaria conseguem limpar totalmente a puerta del Sol, onde grupos de populares continuam a atacar a partir do Buen Suceso e das ruas próximas, sem que as numerosas perdas e a dureza da resposta os façam esmorecer. O mesmo acontece em Antón Martin, Puerta Cerrada, na parte alta da calle de Toledo e na Plaza Mayor. Nesta, sob o arco da calle Nueva, os artilheiros franceses de um canhão de oito libras são atacados por meia centena de homens malvestidos, sujos e hirsutos, que se foram aproximando aos poucos, em pequenos grupos, protegidos pelos átrios e pórticos. Trata-se dos presos libertados do vizinho Cárcere Real, na plazuela de La Provincia, que, depois de fazerem um desvio, caem sobre os Franceses com a contundência própria da sua cruel situação, armados com aguilhões, navalhas e todas as armas que conseguiram agarrar pelo caminho. Atacados de vários sítios em simultâneo, os artilheiros são esquartejados sem misericórdia junto ao canhão e despojados da roupa, fuzis, sabres e baionetas. Depois de aliviarem conscienciosamente os cadáveres, dentes de ouro incluídos, os atacantes, assessorados por um galego chamado Souto—que três anos antes, conforme diz, serviu a bordo do navio San Agustín em Trafalgar—,dão a volta ao canhão e apontam para a confluência da calle Nueva com a puerta de Guadalajara, disparando contra a infantaria francesa que vem do Palácio de los Consejos.

— Metralha!... Metam metralha, que é o que mais dano provoca!... E refresquem antes, não se vá inflamar a pólvora!... Assim!... Venha daí esse bota-fogo!

Encorajados com aquela ferocidade, outros populares dispersos ou fugitivos

engrossam o grupo, entrincheirado no ângulo noroeste da praça. Juntam-se aos presos, entre outros, os asturianos Domingo Girón, de trinta e seis anos de idade, casado, carvoeiro da calle Bordadores e Tomás Gúervo Tejero, de vinte e um, criado da casa de monsieur Laforest, embaixador de França. Também se incorporam na partida, depois de virem a correr pela calle de Postas devido a uma nova carga francesa e consequente dispersão, o murciano de quarenta e dois anos Felipe Garcia Sánchez, inválido da 3.a companhia, o seu filho—sapateiro de profissão—Pablo Policarpo Garcia Vélez, o atafoneiro António Maseda, o correeiro Manuel I Remón Lázaro e Francisco Calderón, de cinquenta anos, que vive das esmolas que pede nas escadarias de San Felipe.

— O que se passa com os militares, amigo? Saem ou não saem! para dar uma mão?

— Sair?... É o que vê. Aqui os únicos que saem são os gabachos!

— Pois na plaza de La Cebada acabo de cruzar-me com uns da Guarda Valona...

— São desertores, de certeza... Ainda os fuzilam, se os agarram ou quando voltarem ao quartel.

Chega a congregar-se naquele ângulo da praça uma força abundante que, apesar de estar mal organizada e ainda mais mal armada, impõe respeito aos Franceses vindos da puerta de Guadalajara, obrigando-os a retirar até ao Palácio de los Consejos. Isso encoraja alguns presos, que se aventuram sob as arcadas e investem sobre aqueles que se atrasam, dando início a confusos combates parciais com armas brancas, baionetas contra navalhas, entre a Platería, a cava de San Miguel e a praceta do mesmo nome. Estas idas e vindas, que desimpedem um trecho da calle Mayor, permitem o transporte de vários feridos até à botica de dom Mariano Pérez Sandino, na vizinha calle de Santiago, que o seu proprietário mantém aberta desde que começaram os combates. Entre os que são ali atendidos conta-se Manuel Calvo del Maestre, oficial do arquivo do Ministério da Guerra e veterano da campanha do Rossilhão, que tem uma bochecha destruída por uma bala. Pouco depois chegam o correeiro Remón, com os dedos de uma mão cerceados por um sabre francês e o criado da embaixada francesa Tomás Gúervo, que grita de dor, segurando com as mãos as suas tripas abertas. Conforme comenta o preso Francisco Xavier Cayón, que traz o ferido, Gúervo parece o cavalo de um picador depois de ser colhido por um touro.

— Cessar-fogo!... Não gastemos mais cartuchos! Deitados na esquina das calles de San José e San Bernardo, na extremidade da cerca de Monteleón, os homens do grupo de José Fernández Villamil carregam e disparam os fuzis,

ensurdecidos pelas detonações e com os olhos irritados pelo fumo da pólvora queimada. Saíram da horta de Las Maravillas por iniciativa própria, antes do tempo, e disparam às cegas, esbanjando munição para nada. Os franceses que se aproximavam do parque—vinte homens e um oficial querendo entrar no recinto—há muito que desapareceram rua abaixo, afugentados pelos tiros, à excepção dos corpos imóveis no chão, junto à Visitación, e de um ferido que se arrasta em direcção à fuente de Matalobos. Impondo-se, finalmente, aos seus companheiros, o estalajadeiro da plazuela de Matute consegue que deixem de disparar.

Levantam-se, olhando uns para os outros, desorientados. Na confusão do primeiro tiroteio, saíram todos para a rua, contrariando as ordens do capitão Velarde, que os tinha mandado permanecer escondidos na horta do convento. A escaramuça real, com fogo intenso, durou apenas um minuto, mas o tiroteio prolongou-se durante um bocado, já sem objectivo, devido ao ardor dos voluntários, e só as advertências dos soldados do quartel impediram que se metessem por San Bernardo atrás dos Franceses.

— Esses não param de correr!

— Lembranças a Napoleão, mossiús!

— Cobardes!... Demos-lhes uma surra!

Agora abrem-se um pouco as portas do parque e o capitão Luis Daoiz, com uma expressão carrancuda, sai e dirige-se a passos largos para Fernández Villamil e para os seus homens. Vem sem chapéu e, apesar das dragonas da casaca azul, do sabre e das botas altas, a sua pequena estatura não imporia grande coisa, se não fosse o ar resoluto e o olhar furioso que trespassa os populares.

— Não voltem a desobedecer às ordens!... Ouviram?... Ou se submetem à disciplina militar, ou vão todos para casa!

O estalajadeiro protesta debilmente, apoiado pelos seus homens. Só queriam ajudar, argumenta. Ao verem os Franceses, julgaram ser seu dever juntar-se aos que disparavam.

— Dos Franceses encarregaram-se, e muito bem, o capitão Goicoechea e os Voluntários do Estado—atalha Daoiz.—Aqui cada um tem a sua obrigação. A dos senhores é ficar na horta, como lhes disse dom Pedro Velarde, até os canhões saírem.

— Mas se os fizemos correr como coelhos... Esses não voltam!

— Era só uma patrulha extraviada. Virão mais, garanto-vos. E da próxima vez não será tão fácil afugentá-los... Ainda têm munições?

— Sobra alguma coisa, senhor oficial.

— Pois não desperdicem a que têm. Hoje cada bala vale uma onça de ouro, entendido?... Agora regressem imediatamente aos vossos postos.

— Às suas ordens.

— Isso. Vamos ver se é verdade. Às minhas ordens.

Do primeiro andar da casa contígua, na varanda protegida pelos colchões de dom Curro Garcia, o jovem Francisco Huertas de Vallejo assiste à conversa do artilheiro com os homens de Fernández Villamil. Está sentado no chão, com as costas apoiadas à parede e o mosquete entre as pernas e invade-o uma estranha sensação de euforia.

Durante a escaramuça disparou dois dos vinte cartuchos que trazia nos bolsos e agora leva aos lábios o terceiro copo de anis que o dono da casa acaba de oferecer-lhes, a ele e ao tipógrafo Gómez Pastrana. Para celebrar, argumenta, o baptismo de fogo.

— Tem razão esse capitão—diz dom Curro, filosófico, fumando com parcimónia o resto do seu havano.—Sem disciplina, Espanha iria para o caraças.

Desta vez Francisco Huertas quase não toca no licor. Alguém se aproxima a correr na outra extremidade da rua, gritando junto do convento de Las Maravillas. Os três homens empunham as armas e levantam-se, espreitando da varanda. Quem chega, sem fôlego, é o estudante José Gutiérrez, o barbeiro Martin de Larrea e o seu empregado Felipe Barrio, que estavam como avançada na esquina das calles San José e Fuencarral. Pelo aspecto, têm pressa.

— Gabachos!... Vêm aí mais gabachos!... Agora é, pelo menos, um regimento!

Num abrir e fechar de olhos, a rua esvazia-se. O capitão Daoiz dá três ou quatro ordens secas e encaminha-se devagar para a porta do parque, com grande serenidade e sem alterar o passo. José Gutierrez e os seus homens metem-se na horta do convento com o grupo do estalajadeiro Fernández Villamil. Em varandas e janelas, soldados e populares agacham-se, escondendo-se o melhor que podem.

— Queríamos dançar?... Pois a música já aí vem—comenta dom Curro, engatilhando a sua caçadeira depois de despachar, já com o olhar um pouco turvo, o quarto copinho de anis.

Quando as portas de Monteleón se fecham atrás de Luis Daoiz, o tenente Rafael de Arango, que supervisiona o transporte de cargas de pólvora para balas de canhão e as faz empilhar em local seguro perto da entrada, vê que Pedro Velarde vai ao encontro do seu superior, que ambos discutem em voz baixa e que Daoiz abana a cabeça num gesto categórico, apontando para os quatro canhões

colocados junto da entrada. Depois, os dois capitães aproximam-se das peças acabadas de olear, polidas e brilhantes nos seus reparos.

— Os militares, formar!—ordena Daoiz.

Surpreendidos, Arango, Velarde, os outros oficiais, os dezasseis artilheiros e os Voluntários do Estado que estão no pátio alinham-se em dois grupos, junto dos canhões.

Também o capitão Goicoechea e os seus homens espreitam de cima, através das janelas. Daoiz avança três passos e olha para os homens, quase um por um, impassível.

Depois tira o sabre da bainha.

— Até agora—diz em voz alta e clara—,tudo o que aconteceu aqui é da minha exclusiva responsabilidade e responderei por isso perante os meus superiores, a minha pátria e a minha consciência... No que acontecer a partir de agora, as coisas são diferentes. Quem se juntar ao grito que me disponho a dar, não poderá voltar atrás...

Fui claro?

Uma pausa. O silêncio é mortal. Ao longe começa a ouvir-se o rufar de um tambor que se aproxima. Todos sabem que se trata de um tambor francês.

— Viva o rei dom Fernando VII!—grita Daoiz.—Viva a liberdade de Espanha!

O tenente Arango, evidentemente, grita com todos. Sabe que a partir desse momento não poderá alegar que se limitava a cumprir ordens, mas a honra militar impede-o de fazer outra coisa. Dos restantes, oficiais ou soldados, ninguém fica calado: dois sonoros "viva!" de resposta atroam o pátio. Sem poder conter-se, exaltado como é hábito, Pedro Velarde quebra a formação, tira a sua espada e levanta-a, cruzando-a ao alto com a de Daoiz.

— Antes mortos que escravos!—exclama por sua vez.

Um terceiro oficial avança das fileiras. É o tenente Jacinto Ruiz, com um andar vacilante pela febre, que se aproxima dos dois capitães, tira também o seu sabre e, sem dizer uma palavra, cruza a sua folha com as outras duas. Tropas e oficiais aclamam-nos. Por outro lado, Rafael de Arango permanece imóvel na fila, com o sabre na bainha. Resignado. O jovem tem a boca seca e amarga como se tivesse mastigado grãos de pólvora. Bater-se-á, evidentemente, se não houver outro remédio. Até à morte, como é sua obrigação. Mas sem vontade nenhuma de morrer ali.

Impressionados, com a boca aberta de estupor, o armazenista de carvão Cosme de Mora e os seus homens mantêm-se com a cabeça baixa e em silêncio,

espiando os Franceses pelas frinchas das portas e atrás dos postigos semicerrados das janelas. Os quinze homens, entre os quais se contam António e Manuel Amador e o seu irmão mais novo Pepillo, ocupam o armazém de um esparteiro que dá para a calle de San José, situado no rés-do-chão de uma casa contígua ao convento de Las Maravillas.

— Mãe do Amor Formoso—murmura entre dentes o carpinteiro Pedro Navarro.

— Silêncio, caramba!

Os franceses que chegam pela Calle Fuencarral são muitos. Pelo menos uma companhia inteira, calcula o porteiro de tribunal Félix Tordesillas, que teve na sua juventude alguma experiência militar. Vêm com rufar de tambor e bem formados, arrogantes, levando desfraldada uma bandeirola tricolor. Para surpresa dos populares que os observam ocultos, tanto oficiais como soldados se cobrem com a barretina alta característica dos Franceses, mas as suas casacas da farda não são azuis mas brancas com peitilhos azuis abotoados. Precedem-nos porta-machados com as respectivas armas, granadeiros e dois oficiais.

— Esses vêm ressabiados—sussurra Cosme de Mora.—Que a ninguém lhe escape um tiro nem faça barulho, ou estamos arrumados.

O tambor francês emudeceu e, pelas frinchas, vêem-se dois oficiais a aproximar-se da porta do quartel, a chamar diante dela aos gritos e com os punhos e a olhar para os dois lados da rua. Depois, um dos oficiais dá uma ordem, e uma vintena de porta-machados e de soldados aproxima-se da porta e começa a dar machadadas e pancadas. No armazém de esparto, ajoelhado sobre um monte de sacos novos de serapilheira, com um olho colado à frincha do postigo, o fanqueiro Benito Amégide y Méndez passa a língua pelos lábios e cochicha com o sangrador Jerónimo Moraza, que está ao seu lado.

— Não creio que os de dentro vão...

Um estampido ensurdecedor corta-lhe as palavras e a respiração, enquanto a onda expansiva de três explosões encadeadas, repercutindo-se nos muros da rua, rebenta os vidros das janelas e espalha uma nuvem de estilhaços, fragmentos e pedaços de estuque e tijolo que estalam e saltam por toda a parte. Atordoados, não cabendo em si de espanto, Cosme de Mora e os seus homens saem para a rua, de fuzil na mão, e o que vêem deixa-os estupefactos: as portas do parque desapareceram e, sob o arco de ferro forjado, pendem apenas madeiras partidas presas pelos gonzos. Diante delas, numa extensão semicircular de quinze ou vinte varas de diâmetro, o chão está coberto de escombros, sangue e corpos mutilados de franceses, enquanto os sobreviventes da tropa correm numa

desorganização total, atropelando-se uns aos outros.

— Atiraram sobre eles de dentro!... Dispararam os canhões através da porta!

— Viva Espanha!... Que não escape nem um!... A eles, a eles! A rua enche-se de populares que disparam contra os fugitivos franceses, perseguidos quase até à fuente Nueva de los Pozos, no cruzamento com a calle Fuencarral. O entusiasmo é delirante. Das casas saem homens, mulheres e crianças que se apoderam das armas abandonadas pelo inimigo em fuga, disparam contra os franceses que ainda estão à vista, acabam com os feridos à navalhada e à facada e despojam os corpos de todos os préstimos, armas, munições, dinheiro, anéis ou roupa intacta que trazem consigo.

— Vitória! Vão de fugida!... Vitória!... Morte aos gabachos! Com enorme ingenuidade, a multidão—mais grupos de moradores querem juntar-se agora aos populares armados—pretende lançar-se atrás dos Franceses, perseguindo-os até aos quartéis. O tenente Arango, que Luis Daoiz mandou sair com vários artilheiros para o impedir, tem de se empenhar a fundo para convencer as pessoas a serem razoáveis.

— Não estão vencidos!—grita até ficar rouco.—Quando se reorganizarem, voltarão! Voltarão!

— Viva Espanha e viva o rei!!! Morte a Napoleão!!! Abaixo Murat!!!

Finalmente, quase à pancada e aos empurrões, Arango e os artilheiros conseguem restabelecer a ordem. Ajuda-os a chegada oportuna do grupo de civis chefiado pelo serralheiro Blas Molina Soriano, que, após longos desvios para evitar os Franceses—e uma espera prudente na calle de La Palma até ver como terminava o último episódio—,se incorpora, por fim, ao número de defensores de Monteleón. Recebido o reforço com alvoroço e conduzido para o interior do parque, é Molina quem informa o capitão Daoiz da presença de mais forças imperiais nas proximidades. Vêm com muita pressa, informa, da puerta de Santa Bárbara. Por outro lado, observando os uniformes e divisas da dúzia de inimigos mortos na rua, o capitão Velarde, que, pela sua experiência de Estado-Maior, conhece a composição das forças napoleónicas, identifica a tropa que levou a cabo a última intentona. Trata-se de uma companhia avançada do batalhão da Vestefália, que soma na totalidade mais de meio milhar de homens.

Os mesmos que, segundo o serralheiro Molina, se dirigem a passo ligeiro para Monteleón.

Junto à fuente de La Mariblanca, na puerta del Sol, Dionisio Santiago Jiménez, moço de lavoura conhecido como Coscorro(1) no real sítio de San Fernando, de onde é natural, vê morrer o seu amigo José Fernández Salcedo, de

quarenta e seis anos, quando uma bala francesa lhe arranca meia cara.

— Não fiquem a descoberto, caraças! Escondam-se!

(1) Coscorro: pedaço de pão duro, casco do pão. (N. do E.)

Coscorro e outros que andam por perto fazem parte dos grupos de forasteiros, robustos e decididos, que entraram ontem em Madrid para se pronunciarem a favor de Fernando VII; e que hoje, longe das suas casas e sem refúgio possível, lutam nas ruas com a determinação de quem não tem para onde ir. É o caso de muitos dos que integram o grupo numeroso, de quase uma centena de homens, que está há hora e meia tenazmente fixado nos arredores da praça, retirando-se disperso a cada investida francesa e voltando a juntar-se e a lutar assim que pode. Estão ali o sexagenário José Pérez Hernán de La Fuente e os filhos Francisco e Juan, que vieram ontem de Miraflores de La Sierra endomingados com jaqueta curta chamada marselhês, gorro de pêlo e capote de grená, e também o jardineiro do marquês de Santiago em Grinón Miguel Facundo Revuelta Munoz, de dezanove anos, acompanhado pelo pai Manuel Revuelta, jardineiro do real sítio de Aranjuez. Andam por perto, efectuando golpes de mão contra os Franceses a partir das portas do Hospital del Buen Suceso que dão para San Jerónimo e Alcalá, os irmãos Rejón, com a sua bota de vinho vazia e as suas navalhas ensanguentadas, na companhia de Mateo González, do actor Isidoro Máiquez, do oficial de tipografia António Tomás de Ocafía, que vai armado com um trabuco, dos moradores de Perales del Rio Francisco del Pozo e Francisco Maroto e dos rapazes Tomás González de La Vega, de quinze anos, e Juanito Vie Ángel, de catorze. Este último é acompanhado pelo pai, o antigo soldado inválido da Guarda Valona Juan Vie del Carmen.

— Vêm mais aí!

Quatro cavaleiros polacos e alguns dragões de sabre na mão aproximam-se a galope, dispostos a dispersar o pequeno grupo que se formou novamente junto da Mariblanca.

Nesse momento, saindo do Buen Suceso, o oficial de tipografia Ocafia atinge com um balázio de trabuco o peito de um dos cavalos, que cai, arrastando o cavaleiro.

Este ainda não tocou no chão quando os irmãos Rejón e Mateo González o cosem à punhalada, e Máiquez, que acaba de carregar uma pistola, dispara contra os outros.

Acorrem os restantes populares, atacam polacos e dragões, ouvem-se tiros de infantes franceses que, da calle de Alcalá, carregam à baioneta e, no meio de uma confusão enorme, entre gritos e maldições, batem-se todos com rápida ferocidade. Um golpe de sabre deixa fora de combate Mateo González, que se arrasta conforme pode, perdendo sangue, até uma entrada próxima. Ouvem-se tiros, chegam mais inimigos, cai António Ocafia trespassado por uma bala, Francisco del Pozo retrocede com grande alarido a um golpe de sabre profundo que quase lhe corta um ombro e os restantes procuram refúgio no claustro do Buen Suceso, onde várias mulheres aterrorizadas gritam e tentam esconder-se enquanto soam as descargas e os Franceses forçam a entrada.

— Estou sem balas—diz Isidoro Máiquez—e já tenho que chegue.

Fugindo pela porta fronteira ao convento de La Victoria, o actor sai disparado em direcção a casa, que fica perto de Santa Ana. Acompanham-no na corrida os irmãos Rejón, a quem oferece refúgio. Ao tentar segui-los, uma bala atinge pelas costas Francisco Maroto, que cai a meio da rua, diante do botequim La Canosa. O antigo soldado Juan Vie del Carmen, que vem atrás com o filho, agarra neste pela mão e lança-se em sentido contrário em direcção à esquina de Carretas, enquanto as balas zunem à sua volta e batem no chão e nas fachadas das casas com estalidos.

— Corre, Juanito!... Corre!... Pensa na tua mãe!... Corre! Subindo por Carretas, quase a virar à direita por trás dos Correios, o rapaz solta a mão, tropeça e cai.

— Papá!... Papá!

Com a morte na alma, Juan Vie pára e dá a volta. Uma bala trespassou uma coxa de Juanito. Aterrorizado, o pai pega-lhe ao colo e tenta pô-lo a salvo, cobrindo-o com o seu corpo, mas num instante são rodeados por soldados inimigos. São soldados muito jovens e trazem os uniformes sujos e os rostos enegrecidos pelo fumo da pólvora. Com uma brutalidade sistemática, usando as coronhas dos seus fuzis, os Franceses moem pai e filho à pancada.

— Estão a chegar mais gabachos!

Na calle de San José, diante do parque de Monteleón, o capitão Daoiz contém os populares que, encorajados, querem ir ao encontro dos Franceses que se aproximam.

Desta vez os imperiais vêm sem rufar de tambores, embora, de acordo com a guarda avançada que regressa a correr para dar informações, sejam numerosos.

— Não nos precipitemos, rapazes. Deixemo-los aproximar-se e castigá-los-emos melhor.

O tratamento familiar agrada aos populares, satisfeitos por serem tratados de igual para igual pelo capitão de artilharia. O serralheiro Molina, que se ofereceu para fazer uma emboscada perto da fuente Nueva, convence os seus homens de que o senhor oficial tem razão e de que o melhor é seguir as suas instruções. De modo que Luis Daoiz, depois de recomendar que tenham prudência, poupem as munições e se mantenham a coberto, envia Molina e os seus homens para as casas da esquina com San Andrés. Contando com o grupo trazido pelo serralheiro, Daoiz tem agora sob o seu comando pouco mais de quatrocentas pessoas entre artilheiros, Voluntários do Estado e civis, com o reforço de uma dúzia de mulheres decididas. Estas ajudam mesmo a levar até à rua os quatro canhões que, depois de terem desempenhado um bom papel na emboscada da porta, o capitão manda colocar lá fora. Cobrirão a transversal de San José em ambas as direcções, no sentido de San Bernardo e da fuente de Matalobos, à direita, e de Fuencarral e da fuente Nueva, à esquerda, cobrindo também para baixo a calle de San Pedro, que, da própria porta do parque, corre perpendicularmente ao convento de Las Maravillas. O problema consiste no facto de os canhões, com munição para trinta tiros—e apenas alguns cartuchos improvisados de metralha—,serem disparados por gente a descoberto, exposta ao fogo francês sem outra protecção além da fornecida pelos atiradores postados nas janelas do parque, em cima da cerca e nos edifícios próximos e cuja munição, apesar de artilheiros e soldados trabalharem no paiol, encartuchando a toda a pressa sob a vigilância do sargento Lastra, não supera os vinte ou trinta disparos por fuzil.

— Às tuas ordens, Luis. Os canhões estão prontos.

Daoiz, que observa, preocupado, as esquinas da calle de San José, perguntando a si próprio por qual delas surgirá o inimigo, volta-se ao ouvir a voz de Pedro Velarde.

Seguindo as suas instruções, este supervisionou a instalação das quatro peças: três orientadas para cada um dos eixos possíveis da progressão inimiga e outra pronta para ser apontada para qualquer uma das direcções, de acordo com as necessidades. Em cada canhão há um conjunto de artilheiros reforçado com voluntários civis para fornecer as munições e mover os reparos. O plano consiste em Velarde dirigir a defesa a partir do interior do quartel enquanto Daoiz comanda pessoalmente o fogo de canhão, assistido pelos tenentes Arango e Ruiz —este último ofereceu-se como voluntário, por ter servido como artilheiro no campo de Gibraltar. Fumegam os bota-fogos nas mãos de cada cabo de peça e todos, militares e populares, olham expectantes para os dois capitães. I A fé cega

que Daoiz lê nos rostos deles, os sorrisos fanfarrões e confiantes, as mulheres que vão de um canhão a outro distribuindo vinho aos artilheiros ou levando cartuchos para a horta e para as casas vizinhas, inquietam-no. Não sabem, pensa, o que nos espera.

— Enviaste o rapaz?—pergunta Velarde.

Daoiz assente. A essa hora, o cadete de Voluntários do Estado Juan Vázquez Afán de Ribera, a quem foi confiada a missão devido à sua juventude e agilidade, deve estar a correr como um gamo pela calle de San Bernardo, levando uma carta para o capitão-general de Madrid. Em poucas linhas, e mais a instâncias de Velarde que por esperança de que sirva para alguma coisa, Daoiz, como comandante do parque de Monteleón, explica as razões pelas quais se batem contra os Franceses, expressa a sua resolução de resistir até ao fim e pede ajuda aos seus camaradas "para que o sacrifício da tropa e dos populares sob o meu comando não seja inútil".

— Vai para dentro, Pedro—diz a Velarde.—E que Deus no-la conceda boa.

O outro sorri. Parece querer dizer alguma coisa, talvez uma frase que tenha preparada para a ocasião. Conhecendo-o como o conhece, Daoiz não se surpreenderia de todo. Mas Velarde limita-se a encolher os ombros.

— Boa sorte, meu capitão.

— Boa sorte, meu amigo.

— Viva Espanha!

— Está bem, homem. Vai para dentro de uma vez.

— Às tuas ordens.

Daoiz fica imóvel, vendo Velarde desaparecer no interior do parque. Sempre igual a si próprio, pensa. Depois volta-se para os que aguardam junto dos canhões. Alguém grita de uma varanda que os Franceses estão prestes a dobrar a esquina. Daoiz engole em seco, suspira e tira o sabre.

— Todos aos seus postos!—ordena—Fogo à minha voz!

Na esquina da calle de La Palma com San Bernardo, Juan Vázquez Afán de Ribera, cadete da 2.a companhia, 3.o batalhão de Voluntários do Estado, pára para tomar fôlego.

Com a agilidade dos seus doze anos, desceu a correr desde o parque de Monteleón, levando a mensagem do capitão Daoiz na dobra esquerda da manga da sua casaca e prepara-se agora para atravessar uma zona descoberta. O facto de o cruzamento de ruas estar deserto, sem ninguém à vista nem moradores nas varandas, deixa-o com o credo na boca. Mas o comandante do parque, ao despedir-se dele há pouco, frisou a importância da missão.

— De si dependerá—disselhe—que nos socorram ou não.

O muito jovem aspirante a oficial passa uma mão pelo cabelo despenteado e suado. Deixou o chapéu no quartel para vir mais desembaraçado e à cintura traz apenas a sua adaga de cadete. Com olhos desconfiados, observa os arredores. Ninguém à vista, verifica de novo. As portas estão fechadas, as persianas também, as lojas estão fechadas com portadas de madeira. E reina um silêncio inquietante, quebrado de vez em quando por algum tiro longínquo.

É preciso decidir, pensa o rapaz. O pedido de socorro dos seus companheiros parece queimar-lhe a manga. Prudentemente, lembrando-se dos ensinamentos recebidos na escola militar, reflecte sobre o percurso que irá fazer na corrida seguinte. Atravessará a rua até ao frade de pedra da frente e, daí, continuará até ao carro abandonado à porta do que parece ser uma pousada. Oxalá, diz para consigo, não haja atiradores inimigos por perto. Depois respira fundo três vezes, agacha a cabeça e desata novamente a correr.

É atingido pelo tiro quase antes de o ouvir. Um baque no peito e um estalido. Mas não sente dor. Julgo que me atingiram, conclui. Tenho de sair daqui. Ajuda-me, meu Deus. De repente apercebe-se de que tem a cara colada ao chão e de que tudo se torna escuro. Tenho de entregar a mensagem, pensa angustiado. Faz um esforço para se levantar e morre.

A chegada de mais infantaria inimiga, vinda de San Jerónimo e do Palácio tornou insustentável a situação na puerta del Sol. O chão está coberto de cadáveres de franceses e de espanhóis, de cavalos mortos, de sangue e de escombros. Com varandas e janelas desertas e edifícios marcados pela varíola de balas e metralha, o sítio acaba, finalmente, nas mãos dos imperiais. Nos últimos combates, fugindo para as ruas próximas ou lutando como cães encurralados, caem o carvoeiro de vinte e quatro anos Andrés Cano Fernández, Juan Alfonso Tirado, de oitenta anos, o jornaleiro Félix Sánchez de La Hoz, de vinte e três, e muitos outros que, sem conseguirem escapar, são feridos ou presos. Enquanto fogem calle Montera acima, uma descarga mata o tecelão septuagenário Joaquín Ruesga e a manola de Lavapiés Francisca Pérez de Párraga, de quarenta e seis anos. O último tiro espanhol na puerta del Sol é dado, com uma carabina e da sua casa—situada perto da esquina com Arenal—,pelo oficial da Real Lotaria José de Fumagal y Salinas, de cinquenta e três anos, a quem a fuzilaria francesa de resposta deixa morto sobre os ferros da varanda, diante do olhar apavorado da mulher. E em baixo, junto da fuente de La Soledad, o mestre de esgrima Pedro Jiménez de Haro, que andou a bater-se na companhia do primo, o também mestre de armas Vicente Jiménez, cai depois de enfrentar a golpes de sabre um

grupo de dragões franceses enquanto o primo, desarmado pelos imperiais, é feito prisioneiro. A pancada, os Franceses levam Vicente Jiménez para as caves de San Felipe, sob as escadarias da igreja, onde estão a reunir todos aqueles que capturam nas proximidades. Ali é deixado, juntamente com outros homens, aguardando que decidam a sua sorte.

— Vão fuzilar-nos—comenta alguém.

— Veremos.

Na penumbra da cave, uns rezam e outros blasfemam. Alguns confiam numa intervenção das autoridades espanholas e não falta quem manifeste a sua esperança numa sublevação geral dos militares contra os Franceses, mas o comentário suscita apenas um silêncio céptico. De vez em quando a porta abre-se e as sentinelas metem lá dentro outro prisioneiro. Desta forma, à medida que os seus captores os trazem amarrados, a sangrar e maltratados, chegam o contador da Municipalidade Gabino Fernández Godoy, de trinta e quatro anos, e o corretor de letras de câmbio aragonês Gregorio Moreno y Medina, de trinta e oito.

— Vão fuzilar-nos, de certeza—insiste o mesmo tipo.

— Não seja desmancha-prazeres, homem!... Onde já se viu tão agoirento!

Nem todos os fuzilamentos se fazem esperar. Nalguns locais de Madrid, os Franceses passam das represálias individuais para as execuções em grupo, sem julgamento prévio. Na zona oriental da cidade, assim que é limpa de resistência a ampla alameda do paseo del Prado, os funcionários da Guarda da Fazenda Real e outros populares capturados com armas de mão são empurrados à coronhada até à fuente de La Cibeles, onde são obrigados a despir-se para as balas e o sangue não estragarem a roupa.

Na calle de Alcalá, debruçado sobre uma varanda do palácio do marquês de Alcafiices, o oficial de contadoria Luis António Palácios vê trazer do Buen Retiro uma dessas levas de prisioneiros, guardada por muita tropa francesa. Deitado na varanda para não ser atingido por nenhum balázio vindo de baixo, com uns binóculos para ver melhor a cena, Palácios reconhece entre os prisioneiros alguns dos funcionários da Guarda da Fazenda Real e um amigo, de famílias ilustres, chamado Félix de Salinas González. Aterrorizado, o contador vê através da lente como Salinas, depois de ser despojado da levita e do relógio, é obrigado a ajoelhar-se e é atingido, por trás, na cabeça. Ao lado dele vê cair, um atrás do outro, os aduaneiros Gaudosio Calvillo, Francisco Parra e Francisco Requena e o hortelão da duquesa de Frias Juan Fernández López.

De ponta a ponta, entre tempestades de fumo de pólvora, a calle de San José,

em frente ao parque de Monteleón, atroa. As balas crepitam por toda a parte, intercaladas por estampidos e clarões de artilharia.

— Abriguem-se!—grita, rouco, o capitão Daoiz.—Os que não estão nos canhões que se protejam!

Os Franceses aprenderam a lição dos dois fracassos anteriores: já não tentam forçar o assalto, limitando-se a apertar o cerco a partir de San Bernardo, Fuencarral e La Palma, destacando atiradores que abrem fogo sucessivo sobre os defensores do parque. De vez em quando, decididos a apoderar-se de um átrio ou a desalojar um edifício, lançam ataques pontuais, com grupos reduzidos que avançam colados às casas. Mas os seus esforços são dificultados pelo fogo dos populares entrincheirados nas casas vizinhas, pelo fogo dos Voluntários do Estado que disparam do terceiro andar do edifício do parque e pelo fogo dos quatro canhões situados diante da porta, que cobrem as ruas a todo o comprimento e em todas as direcções. Mesmo assim, entre aqueles que manejam as peças de artilharia ou] combatem deitados nos passeios junto da cerca, há várias baixas. Muito castigado pelos atiradores franceses, com as balas a explodir-lhes sobre as cabeças ou fazendo ricochete no chão, o grupo do" estalajadeiro Fernández Villamil, cego pelo fumo das descargas, é obrigado a retirar-se para o interior do parque, depois de o tiroteio inimigo matar o mendigo de Antón Martin—nunca chegará a conhecer-se o seu nome—e ferir na cabeça António Cláudio Dadina, ourives da calle de La Gorguera, a quem os irmãos Muniz, com os fuzis a tiracolo e de gatas pelo chão sob as balas francesas, arrastam pelos pés até o porem a salvo.

— Só nos restam dois cartuchos de metralha, meu capitão!

— Usem balas rasas... E guardem os cartuchos para quando os Franceses estiverem mais perto.

— Às ordens!

De pé entre os canhões, passeando-se com o sabre apoiado no ombro como se estivesse numa parada militar, com o semblante aparentemente tranquilo, Luis Daoiz dirige com grande profissionalismo o fogo dos que manejam as quatro peças, enquanto os tiros do inimigo lhe procuram o corpo. A sorte, no entanto, sorri ao capitão: nenhum dos moscardos de chumbo que passam a zumbir acerta no alvo.

— Ruiz!

O tenente Ruiz, que ajuda a carregar uma das peças de oito libras, ergue-se entre o fumo da refrega. Está mais pálido que a casaca do seu uniforme, mas os olhos brilham-lhe, avermelhados da febre.

— Às suas ordens, meu capitão!

Uma bala roça a dragona direita de Daoiz, fazendo-o sentir um grande vazio no estômago. Isto não pode durar muito, pensa. De um momento para outro, estes cabrões apanhar-me-ão.

— Veja aqueles franceses que se agrupam na esquina de San Andrés. Acha que conseguirá atingi-los com um disparo?

— Se deslocarmos o canhão alguns passos para lá, poder-se-ia tentar.

— Pois então, a eles.

Outras duas balas francesas zumbem entre os dois homens. O tenente Ruiz, com ar aborrecido, vê de onde vêm, como se algum inoportuno mal-educado se imiscuísse na conversa. Bom rapaz, pensa Daoiz. Nunca o tinha visto antes, mas agrada-o o tenentezinho. Deseja que consiga sair desta.

— Alonso!... Portales!... Ajudem a deslocar esta peça!

O segundo-cabo Eusebio Alonso e o artilheiro valenciano de trinta e três anos José Portales Sánchez, que acabam de colocar munições num canhão cujo fogo é dirigido pelo tenente Arango, acorrem com a cabeça baixa, esquivando balázios, e empurram as rodas do reparo. A meio caminho, Portales é atingido, caindo sem abrir a boca.

Ao vê-lo cair, uma mulher com um bom palmo de cara que, desafiando o tiroteio e com a vasquinha arregaçada, vem da porta do parque com dois cartuchos de canhão, junta-se ao grupo.

— Afaste-se daqui, senhora!—intima-a o cabo Alonso. —Afasta-te tu, agoirento!

A bonitona—sabê-lo-ão mais tarde os artilheiros—chama-se Ramona Garcia Sánchez, tem trinta e quatro anos e vive na vizinha calle de San Gregorio. Daí a pouco é substituída por um artilheiro. Não é a única que nesse momento participa no combate. A inquilina do número 11 da calle de San José, Clara del Rey y Calvo, de quarenta e sete anos, ajuda o tenente Arango e o artilheiro Sebastián Blanco a carregar e apontar um dos canhões, na companhia do marido, Juan González, e dos três filhos.

Outras mulheres trazem cartuchos, vinho ou água para os que lutam. Entre elas está a jovem de dezassete anos Benita Pastrana, moradora do bairro, que veio para a rua ao saber que estava ferido o seu noivo Francisco Sánchez Rodríguez, serralheiro da plazuela del Gato. Também combatem a malaguenha Juana Garcia, de cinquenta anos; a moradora da calle de La Magdalena Francisca Olivares Munoz; Juana Calderón, que, deitada num átrio, carrega e passa fuzis ao marido José Beguí; e uma rapariguinha de quinze anos que

atravessa repetidamente a rua sem se alterar com as descargas francesas, levando no avental munições para o pai e para o grupo de populares que disparam contra os Franceses na horta de Las Maravillas, até que, numa descarga cerrada cai morta por uma bala. O nome desta jovem nunca chegará a saber-se com certeza, embora algumas testemunhas e moradores afirmem tratar-se de Manolita Malasafia.

— O parque de artilharia o quê?—pergunta Murat, fora de si. A volta do duque de Berg, instalado no Campo de Guardiãs com todo o seu Estado-Maior e forte escolta, os seus generais e ajudantes-de-campo engolem em seco. As notícias sobre as baixas francesas são terríveis. O capitão Marcellin Marbot—que acaba de informar que a infantaria do coronel Friederichs ocupou a puerta del Sol mas que os combates em Antón Martin, Puerta Cerrada e Plaza Mayor continuam—vê Murat esmagar entre as mãos o relatório do comandante do batalhão da Vestefália, empenhado nos combates do parque de Monteleón. Aí, a resistência dos sublevados está a ser tenaz. Os artilheiros, reforçados com alguns soldados, uniram-se ao povo. Os seus canhões, bem situados na rua, fazem estragos.

— Quero que os apaguem da face da Terra—exige Murat.—Imediatamente.

— Estamos a tratar disso, Alteza. Mas temos muitas baixas.

— As baixas interessam-me pouco. Vamos ver se nos entendemos de uma vez!... Interessam-me um corno!

Murat, que se debruçou sobre o mapa de Madrid estendido numa mesa de campanha, bate com o dedo num ponto da parte superior: um contorno quadrangular rodeado de ruas rectas, que até agora não preocupara ninguém. Monteleón. Nem sequer tem um nome no mapa.

— Quero que seja ocupado a qualquer preço! Estão a ouvir? A qualquer preço!... Esses canalhas precisam de uma punição exemplar... Vamos lá ver, Lagrange. Quem temos aí perto?

O general-de-divisão Joseph Lagrange, que hoje desempenha as funções de ajudante pessoal do duque de Berg, deita uma vista de olhos ao mapa e consulta as notas que lhe mostra um ajudante-de-campo. Parece aliviado ao confirmar que, com efeito, dispõem de alguém nas imediações.

— O comandante Montholon, Alteza. Coronel em funções do Quarto de infantaria. Espera por ordens com um batalhão entre a puerta de Santa Bárbara e a dos Pozos.

— Perfeito. Que vá reforçar os vestefalianos imediatamente...

Mil e quinhentos homens deverão bastar para esmagar essa maldita chusma!

— Suponho que sim, Alteza.

— Supõe?... Que porra é esta de supor?

Na plazuela de Antón Martin, situada a meio da subida de Atocha para a Plaza Mayor, o manolo Miguel Cubas Saldaña viu acabar-se-lhe a sorte, depois de se bater na puerta de Toledo e de conseguir refugiar-se em San Isidro. Chegou até ali lutando onde podia, integrado num pequeno grupo que acabou por ser disperso por uma saraivada de metralha. Atordoado com o impacto, Saldana, a sangrar pelos ouvidos e pelo nariz, vê-se rodeado de baionetas francesas quando levanta a cabeça do chão. Enquanto o levam aos empurrões, cambaleante e de mãos amarradas, em direcção ao Prado, o manolo apercebe-se com desconsolo de que a resistência daqueles que lutam nas ruelas vizinhas se apaga. Apoiada por um canhão que varre a larga avenida, a infantaria francesa avança de casa em casa, disparando preventivamente para cada varanda, janela ou transversal. Por terra vêem-se inúmeros mortos e feridos que ninguém retira.

Pouco depois de Cubas Saldana cair prisioneiro, as duas últimas partidas que combatem em Atocha e Antón Martin são aniquiladas. Acossados até à porta de um pátio de vizinhos da Magdalena, metralhados pelo canhão que dispara da praça, caem Francisco Balseyro Maria, jornaleiro de quarenta e nove anos, a galega de trinta Manuela Fernández, ferida na cabeça por um estilhaço, e o servente asturiano Francisco Fernández Gómez, a quem a metralha arranca o braço direito. Dessa quadrilha só conseguem escapar o pastor de cabras Matías López de Uceda, a quem um tiro deixa moribundo, e dois homens também feridos que o transportam: o seu filho Miguel e o jornaleiro de Palência Domingo Rodríguez González. Fazendo um desvio, tentam dirigir-se ao Hospital General, sem que em nenhuma das casas onde tocam lhes abram a porta ou socorram.

— Dispersem-se!... Salve-se quem puder!

O outro grupo tem a mesma sorte. Desfeito a fogo de metralha, em plena fuga caem junto à calle de La Flor, caçados como coelhos, o músico de vinte e sete anos Pedro Sessé y Mazal, o criado da Roda dos Expostos Manuel Anvías Pérez, de trinta e três, e o carregador leonês Fulgencio Álvarez, de vinte e quatro. Este último, que os Franceses conseguem apanhar por estar ferido numa perna, defende-se com a navalha até acabarem com ele a golpes de baioneta.

Não é muito melhor o destino do jovem de dezoito anos Donato Archilla y Valiente, que o seu compadre e companheiro de luta Pascual Montalvo, padeiro, que foge com ele pela calle de León, vê ser capturado e levado amarrado pela calle del Prado abaixo. Desfazendo-se numa entrada do sabre francês que leva na

mão, Montalvo caminha atrás do amigo, seguindo-o à distância para ver onde o conduzem e tentar, se puder, a sua libertação. Pouco depois, escondido atrás de umas sebe do paseo del Prado, assistirá ao seu fuzilamento na cerca de Jesus Nazareno, na companhia de Miguel Cubas Saldaña.

Nem todos os mortos em Antón Martin são combatentes. É o caso do cirurgião de oitenta e dois anos Fernando González de Pereda, que falece em consequência de uma bala junto à fonte da praça quando, com alguns maqueiros voluntários, socorre as vítimas de ambos os lados. Tal como ele, vários médicos, cirurgiões e empregados de hospitais caem hoje enquanto efectuam o seu trabalho humanitário: o cirurgião Juan de La Fuente y Casas, de trinta e dois anos, morre quando tenta atravessar a plazuela de Santa Isabel com enfermeiros e material sanitário; Francisco Javier Aguirre y Angulo, médico de trinta e três anos, é atingido por uma bala de uma sentinela francesa enquanto socorre alguns feridos abandonados na calle de Atocha; a Carlos Nogués y Pedrol, catedrático de Medicina da Universidade de Barcelona, uma bala parte-lhe a anca quando, depois de socorrer inúmeros feridos na puerta del Sol, se dirige para casa na calle del Carmen. Caem também Miguel Blanco López, de sessenta anos, enfermeiro da Irmandade do Santíssimo Sacramento de San Luis; o auxiliar de cirurgia Saturnino Valdés Regalado, que, com outro colega, transporta em maca um ferido pela calle de Atocha; e o capelão das Descalzas José Cremades Garcia, que os Franceses matam de um tiro enquanto presta auxílio espiritual a um moribundo, na própria porta da igreja.

Das mortes que hoje enlutam Madrid, a mais singular e misteriosa, nunca totalmente esclarecida, é a de Maria Beano: a mulher sob cuja varanda passava todas as manhãs, visitando-a à tarde, o capitão Pedro Velarde. Ainda nova e bonita, viúva de um oficial de artilharia, respeitada pelos vizinhos e de honorabilidade sem mácula, essa mãe de quatro filhos pequenos, um rapaz e três raparigas, esteve toda a manhã com a janela aberta, pedindo notícias do parque de Monteleón. E quando finalmente lhe confirmam que os artilheiros lutam ali contra os Franceses, precipita-se para o toucador, penteia-se, ajeita o vestido, agarra num xaile preto e lança-se à rua depois de confiar os filhos a uma criada velha e fiel, sem mais explicações. Assim, correndo pelas ruas, "desfigurado o rosto e alterada de ansiedade", conforme testemunhariam mais tarde aqueles que se cruzaram com ela, Maria Beano dirige-se para o parque de artilharia, tentando a sorte por diversos locais e aventurando-se pelas ruas que aí conduzem. Mas o cerco é total e ninguém pode passar pelos destacamentos que bloqueiam todos os acessos. Obrigada a retroceder pelos soldados imperiais, contida com dificuldade

por alguns moradores que tentam dissuadi-la do seu empenho, a viúva acaba por se libertar daqueles que a estorvam, deixa para trás um piquete francês e, sem dar ouvidos aos gritos das sentinelas, corre pela calle de San Andrés acima, até ser morta por uma bala. O corpo, sobre um charco de sangue e envolto no xaile preto, permanecerá todo o dia no passeio. Tão estranho comportamento, o segredo da sua ânsia em chegar ao parque de Monteleón, ficará velado para sempre pelas sombras do mistério.

Alheio à morte de Maria Beano, o capitão Velarde supervisiona há quarenta e cinco minutos o fogo dos homens postados no edifício e sob o arco do parque de Monteleón.

Luis Daoiz pediu-lhe que não se expusesse junto dos canhões, para que pudesse ocupar o comando no caso de ele próprio cair. Neste momento Velarde está junto à entrada, dirigindo os atiradores que, deitados ali e empoleirados num andaime apoiado à cerca, protegem com os seus mosquetes os que, de fora, manejam as quatro peças de artilharia.

Os Franceses só fizeram avançar a infantaria até às ruas próximas, sem fogo de canhão, e Velarde está satisfeito com o andamento das coisas. Artilheiros e Voluntários do Estado batem-se com profissionalismo e firmeza, e quase todos os populares desempenham o seu papel, mantendo um fogo que, não sendo embora muito preciso, impõe respeito aos atacantes. Mesmo assim, o capitão apercebe-se, preocupado, de que os atiradores inimigos, saltando de entrada em entrada e de casa em casa, estão cada vez mais perto. Isso obriga alguns civis a retroceder, abandonando a esquina de San Bernardo e San Andrés. Os Franceses ocuparam um primeiro andar nesta última rua e, daí, fustigam os que transportam os feridos para o convento de Las Maravillas. Disposto a desalojá-los, Velarde reúne um pequeno grupo formado pelo escrevente Almira—o outro escrevente, Rojo, está de serviço num dos canhões juntamente com o tenente Ruiz—,pelos Voluntários do Estado Julián Ruiz, José Acha e José Romero e pelo criado da calle Jacometrezo Francisco Maseda de La Cruz.

— Venham comigo!

A correr, um atrás do outro, os seis homens atravessam a rua, passam entre os canhões e colam-se à fachada da frente. Daí, através de sinais, Velarde revela a Luis Daoiz quais as suas intenções. O comandante do parque, que permanece de pé no meio do tiroteio, sereno como se estivesse de passeio, faz um gesto que poderia interpretar-se como afirmativo, embora também, desconfia Velarde, possa ter encolhido os ombros. De qualquer forma, o capitão avança com os outros, colado à parede, protegendo-se em cada entrada, até chegar ao depósito

de esparto onde está o bando do armazenista de carvão Cosme de Mora.

— Quantos são vocês?—pergunta Velarde.

— Quinze, senhor oficial.

— Metade, comigo.

Saindo um por um, a intervalos decididos pelo próprio Velarde, Almira, os três Voluntários do Estado, Maseda, Cosme de Mora e outros seis, passam a correr o cruzamento de San José com San Andrés e reúnem-se do outro lado.

— Somos treze—murmura Maseda.—Número azarado.

— Silêncio!... Calar baionetas.

Os Voluntários do Estado obedecem, com movimentos mecânicos e profissionais. Vários populares imitam-nos, desajeitados.

— Alguns de nós não têm baioneta, senhor oficial—diz o fanqueiro Benito Amégide y Méndez.

— Será à coronhada, nesse caso... Avante!

Em tropel, com Velarde à cabeça, os treze homens sobem o lanço de escadas que dá para o primeiro andar, estilhaçam a porta e atiram-se contra os franceses que estão naquela casa.

— Viva Espanha!... Viva Espanha e viva Deus!

A refrega é levada a cabo esfaqueando de perto, sem quartel, entre os móveis destruídos, de quarto em quarto, aos gritos, golpes e tiros. O fanqueiro Amégide é atingido por onze feridas e, ao seu lado, caem o Voluntário do Estado José Acha, atingido por um golpe de baioneta numa coxa, e o criado Francisco Maseda, com um balázio no peito. Dos inimigos, quatro são degolados e cinco saltam pela janela. No último instante, o Voluntário do Estado Julián Ruiz, de vinte e três anos, apanha um tiro à queima-roupa de tão perto que morre antes de se apagar o papel do cartucho francês que lhe fumega na casaca.

Abranda um pouco o fogo inimigo e os Espanhóis economizam munições. Diante da porta do parque, onde estão os canhões—a um deles rasgou-se o fogão, pelo que só restam três a cobrir as ruas—,o tenente Jacinto Ruiz tem carregada e apontada a peça dirigida para San José, na direcção da esquina de San Andrés, Fuencarral e fuente Nueva, mas retém o tiro até dar com um alvo que valha a pena. É ajudado pelo escrevente Domingo Rojo, pelo Voluntário do Estado José Abad Leso e por dois artilheiros do parque: o segundo-cabo Eusebio Alonso e o soldado José González Sánchez. A febre deixa Ruiz mergulhado num estado de alucinação que o leva a desprezar o perigo. Desloca-se como se tivesse a pólvora queimada no interior da cabeça e não fora. Tentando ver através da fumarada, o tenente aponta com o sabre nu os possíveis objectivos a abater,

enquanto o cabo Alonso e os outros, com as bocas bem abertas para que os tímpanos não rebentem com os estampidos, se agacham atrás da peça, de bota-fogo na mão, esperando pela ordem.

— Ali, ali!... Olhem para a esquerda!

De trás, enquanto observa a actuação dos outros canhões, o capitão Luis Daoiz vê como uma fuzilada francesa repentina se abate sobre o canhão do tenente, ferindo este num braço e derrubando o cabo Alonso, o Voluntário do Estado José Abad e o artilheiro Gónzalez Sánchez. Em duas passadas aproxima-se deles: González Sánchez tem os miolos à vista e Abad uma bala no pescoço, embora continue vivo. O cabo Alonso, a quem a bala passou de raspão na testa, levanta-se, tapando a brecha com uma mão, disposto a continuar a cumprir a sua obrigação. A Jacinto Ruiz, que tem um rasgão de um palmo na manga esquerda, o braço sangra muito.

— Como está?—pergunta Daoiz aos gritos para que o consigam ouvir apesar do tiroteio.

O tenente cambaleia e tenta apoiar-se no canhão. Por fim respira fundo e abana a cabeça.

— Estou bem, meu capitão, não se preocupe... Posso continuar aqui.

— O braço tem mau aspecto. Vá tratá-lo.

— Mais tarde... Irei mais tarde.

Três homens e duas mulheres jovens—uma delas é aquela que, anteriormente, ajudou a deslocar o canhão, Ramona Garcia Sánchez—acorrem das entradas mais próximas e arrastam González Sánchez e José Abad até ao convento de Las Maravillas, deixando atrás um rasto de sangue. O oficial José Pacheco, que, com o filho, o cadete Andrés Pacheco, traz quatro cargas de pólvora encartuchada, tira um lenço do bolso e amarra-o em volta da ferida de Jacinto Ruiz. Um estampido próximo—o canhão comandado pelo tenente Arango, que dispara em direcção à calle de San Pedro—ensurdece-os a todos. Agora o fogo dos mosquetes franceses é dirigido para a porta do parque e nenhum dos artilheiros que se protegem aí vai substituir os postos vazios. Enviando sinais a alguns populares deitados junto da cerca da horta de Las Maravillas, Daoiz manda vir dois deles: o taberneiro José Rodríguez e o seu filho Rafael.

— Sabem manejar um canhão?

— Não... Mas estamos há algum tempo a ver como o fazem.

— Nesse caso ajudem aqui. Agora estão às ordens deste oficial.

— Sim, senhor capitão!

Nem todos parecem tão dispostos a ajudar, comprova Daoiz. Artilheiros, soldados e voluntários aguentam o melhor que podem. Mas com o fogo francês a intensificar-se, mais gente procura refúgio dentro do parque ou fica no convento com o pretexto de levar os feridos. É lógico, conclui desapaixonadamente o capitão. Não há como a metralha e o sangue para arrefecer o entusiasmo. Também nem todos os oficiais que esta manhã se apresentaram como voluntários se atrevem a deitar o nariz de fora.

Alguns dos que mais alto falavam nas tertúlias e cafés preferem agora ficar lá dentro. Daoiz suspira, resignado, com o sabre sobre o ombro e a folha a roçar-lhe a patilha direita. Cada um é que sabe. Enquanto ele próprio, Velarde e mais alguns continuarem a dar o exemplo, a maior parte dos militares e civis aguentará, seja por uma confiança cega nos uniformes que os guiam—se esses pobres populares soubessem, conclui—,seja por causa das aparências e pelo que dirão.

À falta de outra triste coisa, a palavra tomates continua a produzir efeitos milagrosos entre o povo simples.—Apontem esta peça!... Agora!

As ordens de Jacinto Ruiz voltam a ecoar junto ao canhão. Satisfeito, Daoiz comprova que as outras duas peças cumprem o seu encargo. As balas passam a zumbir como vespões e o sevilhano espanta-se por continuar vivo em vez de estar atirado no chão como outros infelizes que estão junto da cerca com os olhos abertos e as caras cobertas de sangue, ou como os que gritam enquanto os levam a caminho do convento, a caminho da amputação ou da morte. Assim, mais cedo ou mais tarde, vamos acabar todos, pensa. No chão ou no convento. O pensamento fá-lo contrair a boca num esgar desesperançado. Por instantes o seu olhar cruza-se com o do tenente Rafael de Arango, negro de pólvora, suado e com a casaca e o colete desabotoados, que dá ordens aos seus homens. O comportamento do jovem é correcto, mas nos olhos dele pode ler-se uma censura. Deve pensar que me estou a divertir, deduz Daoiz. Um rapaz estranho, de qualquer forma: desconfiado e pouco simpático. Deve pensar que, mesmo saindo vivo de Monteleón e não acabando fuzilado ou num castelo, lhe rebentámos a carreira para sempre. Para o diabo. Que cada mastro aguente a sua vela. Tenentes, capitães ou soldados, não há marcha atrás para ninguém. Isso é válido para todos, populares incluídos. O resto não tem importância.

Com esses pensamentos na cabeça, quando Daoiz se volta a olhar para o outro lado, depara com o capitão Velarde.

— O que fazes aqui?

Pedro Velarde, com o escrevente Almira colado a ele como uma sombra,

vem enfarruscado e partido da sua refrega na esquina de San Andrés, para onde acaba de enviar, como reforço, a outra metade do bando de Cosme de Mora. Daoiz repara que o amigo perdeu alguns botões da elegante casaca verde de Estado-Maior e que tem uma dragona partida por um sabre.

— Achas que virão socorrer-nos?—pergunta Velarde.

Teve de gritar para se fazer ouvir entre o tiroteio. Daoiz encolhe os ombros. Hoje não sabe o que suporta menos: se a censura muda do tenente Arango se o optimismo desenfreado de Velarde.

— Não creio. Estamos sós... A única cera que existe é a que arde.

— Pois os Franceses abrandam o fogo.

— Para já.

Velarde aproxima-se mais, tentando que Almira não os oiça.

— Ainda há esperança, não há? A tua mensagem já deve ter chegado ao capitão-general... Talvez reajam... O nosso exemplo deve estar a fazê-los corar de vergonha!

Uma bala francesa zumbe entre os dois militares, que se entreolham. Exaltado como sempre um deles, sereno o outro.

— Não digas tontices, homem—responde Daoiz.—E vai para dentro que ainda te matam.

6.

Disparando os seus últimos cartuchos, os soldados da Guarda Valona Paul Monsak, Gregor Franzmann e Franz Weller retiram-se ordenadamente da Puerta Cerrada até à Plaza Mayor através do arco de Cuchilleros. Retrocedem, cobrindo-se uns aos outros, protegidos pelas entradas e sem deixarem de lutar com tenacidade germânica, desde que a última carga de couraceiros e infantaria francesa os desalojou da plaza de La Cebada, onde se tinham juntado a um grupo que tentava resistir aí e entre os quais se contavam, entre outros, o morador da Arganzuela Andrés Pinilla, o sapateiro remendão Francisco Doce González, o guarda da Casa de Campo León Sánchez e o mestre veterinário Manuel Fernández Coca. Entre todos mataram um oficial e dois soldados franceses perto da casa do arcebispo de Toledo, provocando o assalto desta casa pelos imperiais, que a saquearam com grande estrago. Agora, acossado por cavaleiros franceses, o bando dispersa-se. Sánchez e Fernández Coca fogem para a plazuela del Cordón e os restantes para a Cava Alta, onde uma bala de fuzil destrói as pernas de Andrés Pinilla e outra mata o sapateiro Doce González. Quando os sobreviventes—os três guardas valões, um médico militar de trinta e um anos chamado Esteban Rodríguez Velilla, o servente de pedreiro Joaquín Rodríguez Ocaria e o biscainho Cayetano Artúa, empregado do marquês de Villafranca—tentam entrincheirar-se atrás dos carros abandonados ao pé das escadas de Cuchilleros, um pelotão de infantaria imperial desce da puerta de Guadalajara, disparando contra tudo o que se mexe.

— Vamos!... Depressa!... Vamo-nos embora daqui! Apanhados entre dois fogos, caem feridos de morte o pedreiro e o biscainho, escapam Monsak, Franzmann e Weller escadas acima, e Esteban Rodríguez Velilla, que, atingido por uma bala numa coxa pretende refugiar-se na pousada Soledad, onde vive, é apanhado por um couraceiro que o derruba com dois golpes de sabre, um dos quais lhe abre a cabeça e o outro lhe deixa um corte profundo no pescoço. Gravemente ferido, a perder sangue, o médico arrasta-se de pórtico em pórtico até Puerta Cerrada, onde uns moradores piedosos, dos poucos que se atrevem a pôr o nariz na rua, o recolhem e o levam para a pousada. Vem até ao pátio a sua jovem mulher, Rosa Ubago, apavorada com o aspecto do marido, que chega inanimado e com as roupas empapadas em sangue. Nesse momento entram atrás deles vários soldados inimigos, que viram retirar o ferido e pretendem acabar com ele.

— Coquin! Salaud!—insultam-no os imperiais, enfurecidos. Chovem

empurrões e coronhadas, maltratam a mulher, fogem os vizinhos, os Franceses deixam Rodríguez Velilla como morto e saqueiam o local. O médico agonizará penosamente até morrer, ao décimo dia, maltratado pelas feridas e pancadas. Retirando-se para a Galiza, a sua viúva Rosa Ubago, de acordo com uma carta familiar que será conservada, não tornará a casar-se "por respeito a memória daquele que morreu como um herói".

— Vivam os valentes!... Que Deus os abençoe!... Viva Espanha!

São gritos dados por uma freira, soror Eduarda de San Buenaventura: uma das cinco religiosas de hábito que, com outras catorze professas, uma prioresa e uma vice-prioresa, residem no convento de clausura de Las Maravillas, mesmo em frente do parque de Monteleón. Ao contrário das suas companheiras, soror Eduarda não olha pelos feridos que trazem da rua, nem ajuda o capelão dom Manuel Rojo a prestar-lhes auxílio espiritual. Está empoleirada numa das janelas do convento que dá para a porta do parque, animando os homens que lutam e atirando-lhes através da grade imagens de santos e escapulários, que os combatentes agarram, beijam e metem entre a roupa.

— Saia daí, irmã, pelo amor de Deus!—suplica-lhe a superiora, madre soror Maria de Santa Teresa, tentando afastá-la da janela.

— Salve! Salve!—continua a gritar a religiosa, sem fazer caso.—Viva Espanha!

Os tiros de canhão partiram os vidros do cruzeiro e das janelas do convento, transformado em hospital de campanha. Átrio, templo, locutório e sacristia albergam os feridos, que chegam sem cessar, e longos regueiros vermelhos, que as freiras inicialmente limpavam com panos do chão e baldes de água e que agora não preocupam ninguém, mancham galerias e corredores. Esquecidas as grades e a clausura, aberta a cancela e os portões da rua, as carmelitas retiradas vão e vêm com fios, ligaduras, bebidas quentes e alimentos, com os seus hábitos e aventais manchados de sangue. Algumas chegam até à porta para receberem os combatentes que vêm destroçados pelas balas e pela metralha, vindos pelos seus próprios meios ou trazidos por companheiros, cambaleantes, a coxear, enquanto tentam estancar as feridas.

— Vivam os valentes!... Viva a Imaculada mãe de Jesus! Alguns benzem-se ao ouvir os gritos de soror Eduarda. Da rua, onde continua junto aos canhões, Luis Daoiz observa a freira debruçada sobre a janela, receando que uma bala perdida ou um ricochete de metralha a envie para o outro mundo. É preciso estar louca varrida, conclui. Ou ser patriota até aos cabelos. Embora não seja homem dado a imagens piedosas nem gaste mais rezas que as imprescindíveis, o capitão

aceita uma medalhinha da Virgem que um popular lhe entrega a pedido da freira.

— Para o senhor oficial, disse.

Daoiz pega na medalha e observa-a na palma da mão. Há gente para tudo. De qualquer forma, conclui, aquilo não faz mal a ninguém e o entusiasmo da freira é de agradecer.

Além disso, a presença dela na janela encoraja os que lutam. De modo que, tentando que o vejam aqueles que estão perto, beija solenemente a medalha, mete-a no bolso interior da casaca e cumprimenta a freira com uma inclinação de cabeça. Isso atiça os gritos e o entusiasmo dela.

— Vivam os oficiais e os soldados espanhóis!—grita das grades.

— Não desanimem que Deus está a vê-los do Céu!... Aí vos espera a todos!

O cabo Eusebio Alonso, negro de pólvora, com uma crosta de sangue seco na testa e o bigode chamuscado pelos fogachos, que limpa a alma de um dos canhões de oito libras, fica a olhar para a freira com a boca aberta, voltando-se depois para Daoiz.

— Por mim, que espere. Não lhe parece, meu capitão?

— Era o que eu estava a pensar, Alonso. Também não é preciso ir com muita pressa.

A dois quarteirões de distância, no trecho da calle Fuencarral compreendido entre as calles de San José e de Palma, o comandante com funções de coronel Charles Tristan de Montholon, chefe do 4.o regimento provisório da brigada Salm-Isemburg, 1.a divisão de infantaria, assoma prudentemente a uma esquina e dá uma vista de olhos.

O comandante é galhardo e de boas famílias, enteado do diplomata, senador e marquês de Semonville, outrora revolucionário intransigente e hoje bem colocado no círculo íntimo do imperador. Essa conveniente ligação familiar tem muito a ver com o facto de Charles de Montholon ostentar, aos vinte e cinco anos de idade, uma alta patente militar, embora na sua folha de serviços figurem mais tarefas de Estado-Maior junto de generais influentes que combates na primeira linha. O que o jovem coronel não consegue imaginar nesta turbulenta manhã de Maio junto ao parque de artilharia de Madrid—cujo nome, Monteleón, tem semelhanças singulares com o seu apelido familiar—,é que o futuro lhe reserva, além da patente de marechal-de-campo e o título de conde do Império, um posto de observador privilegiado dos últimos dias do imperador, cujos olhos fechará depois de o acompanhar na ilha de Santa Helena. Mas para isso faltam ainda treze anos. Para já está em Madrid, ao sol, de chapéu debaixo do braço e lenço na mão para limpar a testa, na companhia de dois oficiais, do seu

corneteiro de ordens e de um intérprete.

— Os atiradores que tentem limpar a rua e eliminar os que manejam os canhões... O ataque será simultâneo: os vestefalianos a partir de San Bernardo e a 4.a companhia por essa outra rua... Como se chama?

— San Pedro. Vai dar à própria porta do parque.

— Por San Pedro, nesse caso. E, daqui, a 2.a e 3.a companhias por San José. Três pontos em simultâneo darão que pensar a esses bárbaros enquanto lhes caímos em cima.

De modo que vamos lá... Mexam-se.

Os capitães que acompanham Montholon entreolham-se. Chamam-se Hiller e Labedoyere. São veteranos, curtidos em campos de batalha de meia Europa e não entre ajudantes-de-campo e mapas de quartel-general.

— Não convém esperar que cheguem os canhões?—pergunta Hiller, cauteloso.—Talvez seja melhor varrer antes a rua com metralha.

Montholon faz uma careta desdenhosa.

— Podemos arranjar-nos sozinhos. São poucos militares e alguns populares. Mal terão tempo de disparar uma descarga cerrada antes de lhes termos caído em cima.

— Mas os da Vestefália fartaram-se de apanhar.

— Foram demasiado confiantes e inábeis. Não percamos mais tempo.

Seguro da tropa sob o seu comando, o comandante olha em volta. Há já algum tempo que, enquanto avançadas de atiradores abrem fogo de diversão sobre os canhões inimigos, o grosso da força de assalto toma posições à espera da ordem para avançar. Da fuente Nueva até à puerta de los Pozos, a calle Fuencarral está cheia de casacas azuis, calções brancos, polainas e barretinas pretas da infantaria de linha imperial. Os soldados são jovens, como é costume em Espanha, embora enquadrados por cabos e suboficiais disciplinados e com experiência. Talvez por isso se mostrem tranquilos apesar dos cadáveres de camaradas que se vêem ao longe, atirados à rua. Desejam vingá-los, e serem numerosos inspira-lhes confiança. Trata-se, no fim de contas, da infantaria do exército mais poderoso do mundo. Montholon também não tem dúvidas.

Quando começar o ataque, a defesa dos sublevados desmoronar-se-á num instante.

— Vamos lá de uma vez.

— Às suas ordens.

Ouvem-se toques de clarim, rufam as caixas dos tambores, o capitão Hiller tira o seu sabre, grita "Viva o Imperador" e coloca-se a meio da rua enquanto os

noventa e seis soldados da sua companhia se põem em movimento. Avançam primeiro os atiradores, saltando de porta em porta, seguidos por filas de infantes, que se colam às fachadas e caminham atrás dos oficiais.

Da sua esquina, o comandante vê-os progredir por ambos os lados da calle de San José enquanto crepitam os fuzis e a fumarada se espalha como névoa baixa. Pelo rufar que chega das proximidades, Montholon sabe que nesse instante se verifica um movimento similar na calle de San Pedro, junto ao convento das freiras, e que os vestefalianos, escaldados pela sua experiência anterior, avançam também por San Bernardo. O objectivo é que os três ataques simultâneos confluam na própria porta do parque.

— Alguma coisa não está a correr bem—diz Labedoyere, que permaneceu junto a Montholon.

Muito a contragosto, este é da mesma opinião. Apesar da saraivada de fuzilaria que cai sobre os canhões rebeldes, os Espanhóis aguentam. Inúmeros fogachos cintilam entre a fumarada. Um estampido faz estremecer as fachadas e atira um projéctil que rebenta contra os muros, fazendo saltar fragmentos de estuque, tijolo e estilhaços.

Pouco depois começam a aparecer soldados franceses que regressam feridos, apoiando-se nas paredes ou tropeçando, trazidos aos arrastões pelos seus camaradas. Um deles é o capitão Hil-ler, que chega com o rosto ensanguentado porque o ricochete de um projéctil lhe acaba de levar a barretina, ferindo-o na testa.

— Não se encolhem—informa, enquanto limpa o sangue dos olhos, lhe colocam uma ligadura e volta a meter-se, estóico e profissional, na fumarada.

Vendo-o afastar-se, Labedoyere faz um ar aborrecido.

— Acho que não vai ser fácil—comenta. Montholon manda-o calar-se com uma ordem seca.

— Avance com a sua companhia.

Labedoyere encolhe os ombros, tira o sabre, manda rufar o tambor, grita aos seus homens "calem baionetas" e depois "avante" e mete-se na neblina de pólvora atrás de Hiller, seguido por cento e dois soldados, que agacham a cabeça cada vez que, em frente, cintila um rosário de fogachos.

— Avante!... Viva o Imperador!... Avante!

Na sua esquina, inquieto, o comandante Montholon rói a unha do dedo anelar da mão esquerda, onde brilha um anel de ouro com o brasão familiar. É impossível, pensa, que num incidente de ordem pública, sujo, obscuro, sem glória, uns quantos insurrectos esfarrapados resistam aos vencedores de Iena e de

Austerlitz. Mas o capitão Labedoyere tem razão. Não vai ser fácil.

A bala entra pelas costas de Jacinto Ruiz, saindo-lhe pelo peito. A cinco ou seis passos de distância, Luis Daoiz vê-o erguer-se como se, de súbito, se tivesse lembrado de alguma coisa importante. Depois o tenente larga o sabre, olha atordoado para o orifício de saída no tecido rasgado da sua casaca branca e, por fim, sufocado pelo sangue que lhe sai da boca, cai primeiro sobre o canhão e depois para o chão, escorregando no reparo.

— Recolham esse oficial—ordena Daoiz.

Alguns populares agarram em Ruiz e levam-no para o interior do parque, mas Daoiz não dispõe de tempo para lamentar a perda do tenente. Dois artilheiros e quatro dos civis que estão de serviço nos canhões caíram já sob a saraivada de balas que os Franceses dirigem contra as peças, e vários dos que ajudam a carregar e a apontar estão feridos. A todo o instante, assim que os inimigos conseguem aproximar-se um pouco e persistir no seu fogo, novos moscardos de chumbo passam a zumbir, batem no metal dos canhões ou fazem saltar lascas dos reparos. Enquanto Daoiz olha em volta, o roçar de uma bala faz vibrar, com um tilintar metálico, a folha do sabre que tem apoiado ao ombro. Dando uma olhadela, verifica que o impacto fez nela uma mossa de meia polegada.

"Daqui não saio vivo", diz novamente para consigo.

Mais zumbidos e estalidos em volta. Daoiz tem as costas e o peito a doer devido à tensão dos músculos, que esperam receber um tiro de um momento para outro. Outro artilheiro de serviço no canhão do tenente Arango, Sebastián Blanco, de vinte e oito anos, leva as mãos à cabeça e cai com um gemido.

— Mais gente aí!... Não descurem essa peça!

Satisfeito, Daoiz verifica que, mesmo batendo-se bastante expostos a meio da rua, a descoberto, os canhões são manejados com regularidade e razoável eficácia e que as suas descargas, embora sejam de bala rasa, infundem respeito aos Franceses, juntamente com o fogo feroz dos fuzis, feito através da cerca e das janelas altas do

parque, onde o capitão Goicoechea e os seus Voluntários do Estado ganham a jorna. Das casas da frente e da horta de Las Maravillas, os populares, ainda com um bom estado de espírito, também disparam ou alertam sobre os movimentos inimigos. Daoiz verifica que um deles abandona o seu refúgio, corre vinte passos sob fogo para revistar os bolsos de um francês morto junto da arcada do convento e que, depois de o depenar, regressa a correr, sem um arranhão.

— Há gabachos agrupando-se ali! Vão carregar sobre nós à baioneta!

— Tragam metralha!... É preciso atirar sobre eles com metralha!

Os sacos de lona carregados com balas de mosquete ou fragmentos de metal acabaram há já algum tempo. Alguém traz um saco cheio de pederneira para fuzil.

— É o que há, meu capitão.

— Restam mais destes?

— Mais um.

— Sempre é melhor que nada... Carreguem a peça!

Unindo os seus esforços aos que estão de serviço na peça Daoiz ajuda a apontar o canhão na direcção de San Bernardo. Uma bala inimiga bate junto da sua mão direita, ecoando metal contra metal, e cai ao chão esmagada, do tamanho de uma moeda. Ajudar o capitão o artilheiro Pascual Iglesias e um chispero de vinte e sete anos, gingão e com boa pinta, chamado António Gómez Mosquera. Como as rodas do reparo se prendem nos escombros da rua Ramona Garcia Sánchez, que continua a trazer cartuchos do parque ou água para refrescar os canhões e os artilheiros, ajuda aqueles que empurram.

— Acho-os fracos, senhores soldados!—espicaça trocista, arfando com os dentes cerrados e um ombro contra os raios de uma roda. Com o esforço, rompeu-se a rede que lhe prendia o cabelo que agora lhe cai solto sobre os ombros.

— Olé para as mulheres bravas—diz Gómez Mosquera, garboso, deitando uma olhadela ao corpete ligeiramente solto da bonitona.

— Menos garganta, galã. E mais pontaria... Que deitei o olho a um leque com plumas dos gabachos, para ir no domingo aos touros.

— Isso está garantido. Segure.

Assim que se posicionou o canhão, o artilheiro Iglesias crava a agulha no fogão, escorva com estopim e levanta a mão.

— Peça pronta!

— Fogo!—ordena Daoiz, e todos se afastam.

É Gómez Mosquera quem aplica o bota-fogo fumegante. Com uma sacudidela violenta de retrocesso, o canhão envia a sua descarga de pedras de fuzil transformadas em metralha aos franceses agrupados a cinquenta passos. Aliviado, Daoiz vê como o grupo inimigo se desfaz: alguns soldados caem e outros correm, libertando aquele local da rua. Da cerca e varandas próximas, os atiradores aplaudem os artilheiros. Ramona Garcia Sánchez, depois de limpar o nariz com as costas da mão, lança, com muito garbo, um piropo ao capitão.

— Vivam os senhores oficiais bonitos, mesmo que sejam baixinhos. E viva a

mãe que os pariu.

— Obrigado. Mas saia, que disparam outra vez.

— Sair?... Daqui não me arrancam nem os mouros de Murat, nem a imperatriz Agripina, nem o insonso do Napoleão Malaparte em pessoa... Eu só corro pelo rei Fernando.

— Vá-se embora, estou a dizer-lhe—insiste Daoiz, mal-humorado.—Estar a descoberto é perigoso.

Sorri de esguelha a bonitona, com a cara enfarruscada de pólvora, amarrando um lenço à volta da cabeça para apanhar o cabelo. O suor, observa Daoiz, escurece-lhe a camisa nas axilas.

— Enquanto o senhor continuar aqui, meu brigadeiro, Ramona Garcia atarraxa-se-lhe... Como diz uma prima minha solteira, é preciso seguir um homem até ao altar, e um homem valente até ao fim do mundo.

— A sério que a sua prima diz isso?.....

— Tal e qual, sentranas(1).

E encostando-se um pouco mais, diante dos sorrisos fatigados dos outros artilheiros e populares, Ramona Garcia Sánchez canta ao capitão Daoiz, em voz baixa, dois ou três compassos de uma copla.

(1) Sentranas: epíteto carinhoso, tipicamente andaluz, que tem origem na frase "de mis entrañas" ("nina de mis entrañas", "menina/filha das minhas entranhas" ou seja "menina adorada"). A expressão foi-se aglutinando, numa simplificação cada vez maior, até chegar a "sentranas", a "adorado/a". (N. da T.)

O derradeiro combate no centro de Madrid tem lugar na Plaza Mayor, para onde se retiraram os últimos bandos que ainda disputam a rua aos Franceses. Refugiando-se sob as arcadas, em átrios e ruelas adjacentes, já sem munições e valendo-se apenas de sabres, navalhas e facas, alguns homens, poucos, travam uma luta sem esperança, morrem ou são capturados. O atafoneiro António Maseda, que, encurralado por um piquete de infantaria francesa, se recusa a soltar a velha espada bolorenta que tem na mão, é moído à baioneta no portal de Paneros. O mesmo destino sofre o mendigo Francisco Calderón, morto por um balázio quando tenta fugir pelo callejón del Infierno.

— Aqui já não há quem aguente mais!... Que cada um lamba as suas feridas!

Um estampido final e desatam todos a correr. Na saída da calle Nueva, os presos do Cárcere Real deram o seu último tiro de canhão contra os granadeiros

franceses que vêm da Platería. Depois inutilizam-no, seguindo o conselho do galego Souto, esmagando-lhe um prego no orifício da pólvora antes de se dispersarem, procurando o refúgio das ruas próximas. Um disparo abate o preso Domingo Palén, que é recolhido com vida pelos companheiros. Na sua fuga, assim que enfiam, correndo às cegas, pela calle de La Amargura, o carvoeiro asturiano Domingo Girón e os presos Souto, Francisco Xavier Cayón e Francisco Fernández Pico dão de caras com seis cavaleiros polacos que os intimam a render-se. Estão quase a fazê-lo quando, de uma varanda, intervém a jovem de quinze anos Felipa Vicálvaro Sáez, que atira vasos sobre os polacos, derrubando um deles do cavalo. Soa um tiro, cai a rapariga trespassada por uma bala e os presos aproveitam para investir de navalha na mão.

— Gabachos cabrões!... Vamos enfiar-vos os sabres pelo rabo! Na refrega, degolam o caído e os outros voltam as garupas, enquanto os quatro homens atravessam a correr a calle Mayor. Acorrem mais polacos a galope, ouvem-se tiros e, na esquina da calle Bordadores cai morto o carvoeiro Girón. Uns passos à frente, na calle de Las Aguas, uma bala destrói um joelho a Fernández Pico, deitando-o por terra.

— Não me deixem aqui!... Ajudem-me!

Os cascos dos cavaleiros inimigos soam perto. Nem Souto nem Cayón se voltam para olhar para trás. O caído tenta arrastar-se até ao refúgio de uma entrada, mas um polaco pára o seu cavalo junto dele e, inclinado e sem desmontar, acaba com ele devagar, a golpes de sabre. Morre assim o preso Francisco Fernández Pico, de dezoito anos, morador na calle de La Paloma e pastor de profissão. Estava na cadeia por ter apunhalado um taberneiro que lhe tinha aguado o vinho.

As contingências da última resistência na Plaza Mayor reuniram num mesmo grupo, junto ao arco de Cuchilleros, o morador da escalera de Las Animas Teodoro Arroyo; o condutor dos Correios Pedro Linares—sobrevivente de várias escaramuças -; os guardas valões Monsak, Franzmann e Weller; o napolitano Bartolomé Pechirelli; o inválido da 3.a companhia Felipe Garcia Sánchez e o filho, o sapateiro Pablo Garcia Vélez; os oficiais reformados de embaixadas Nicolás Canal e Miguel Gómez Morales; o alfaiate António Galvéz e o que restou do bando formado pelo ourives de Atocha Julián Tejedor de La Torre; o seu amigo correeiro Lorenzo Dominguez e vários oficiais e aprendizes. São dezassete os homens que se refugiam na saída do arco com a praça e o seu número chama a atenção de um pelotão inimigo que nesse momento recupera o canhão abandonado. Não conseguindo atingi-los com o fogo dos seus fuzis,

porque os espanhóis se protegem nos átrios e nas grossas colunas das arcadas, os outros carregam à baioneta, dando lugar a um renhido corpo-a-corpo. Caem vários imperiais e também Teodoro Arroyo com a virilha aberta por uma baioneta, enquanto o condutor dos Correios Pedro Linares, abraçado no chão a um sargento francês, troca punhaladas com ele até ser morto por vários inimigos.

—Paul!... Sai daí, Paul!

O grito de advertência do soldado da Guarda Valona Franz Weller ao seu camarada Monsak chega tarde, depois de a este lhe terem atravessado os pulmões e de cair, afogando-se em sangue. Fora de si, Weller e Gregor Franzmann investem contra os Franceses, usando os seus fuzis armados com baionetas contra as sólidas pontas inimigas.

Dão-se golpes, coronhadas, facadas. Gritam os de um e do outro lado para inspirar coragem ou infundir medo ao inimigo, cai mais gente, salpica o sangue por toda a parte. Aguentam os insurgentes e retrocedem os imperiais.

— A eles!—urra Pablo Garcia Vélez.—Retiram-se!... Acabemos com eles!

Weller e Franzmann, que têm feridas ligeiras—o primeiro tem uma sobrancelha aberta até ao osso e o segundo uma ferida de baioneta num ombro —,sabem que a palavra retirada aplicada ao inimigo é uma quimera; de modo que, depois de trocarem um rápido olhar de inteligência, atiram os fuzis e desatam a correr sob as arcadas, esquivando-se conforme podem ao fogo dos mosquetes que tenta atingi-los a partir do outro lado da praça. Desta forma, chegam à plazuela de La Província, onde deparam com alguns soldados franceses. Para sua surpresa, ao vê-los sozinhos, de uniforme e desarmados, os imperiais não se mostram hostis. Trocam com eles algumas palavras em francês e alemão, e até os ajudam a ligar as feridas quando os guardas valões contam que lhas fizeram quando tentavam impor a paz entre os combatentes.

— Estes Espanhóis, vous savez—insinua Franzmann -...verdadeiros animais, todos eles. Ja.

Depois, orientados pelos Franceses sobre o melhor caminho para evitar problemas, os dois camaradas dirigem-se pela calle de Atocha abaixo, para se irem tratar ao Hospital General. Horas depois, já ao fim da tarde, o húngaro e o alsaciano regressarão sem mais incidentes ao seu quartel. E aí, depois de se apresentarem, convencidos de que os esperava um severo castigo por deserção, verificarão com alívio que, devido à confusão reinante, ninguém tinha dado conta da sua ausência.

Menos sorte que os guardas valões Franzmann e Weller tem o alfaiate António Galvéz, que tenta fugir depois de o grupo se desfazer na refrega do arco

de Cuchilleros.

Indo a correr da calle Nueva para a plazuela de San Miguel, um disparo de metralha varre o local, arranca lascas ao empedrado do passeio e atinge Galvéz nas pernas, derrubando-o. Consegue levantar-se e começar novamente a correr, maltratado, aos tropeções, enquanto alguns moradores nas varandas próximas o encorajam a fugir; mas só avança alguns passos antes de cair de novo. Continua a arrastar-se quando os imperiais o apanham, disparam contra as varandas para afugentar os moradores e o moem à coronhada, sem piedade.

Abandonado como morto, reanimado mais tarde graças à caridade de duas mulheres que vão recolhê-lo e o levam para uma casa próxima, António Galvéz ficará inválido para o resto da sua vida.

Não longe dali, depois de fugir da Plaza Mayor, o sapateiro Pablo Garcia Vélez, de vinte anos, procura o pai. Quando a segunda carga francesa à baioneta foi apoiada por uns couraceiros vindos da calle Imperial e o que sobrava do grupo do arco de Cuchilleros acabou desfeito sob uma chuva de golpes de sabre, Garcia Vélez e o pai—o murciano de quarenta e dois anos Felipe Garcia Sánchez—foram separados, pois cada qual procurou salvar-se conforme pôde. Agora, com a navalha metida na faixa e um talho de sabre que lhe sangra um pouco no couro cabeludo, exausto do combate e das correrias que teve de dar com os Franceses atrás, o sapateiro percorre prudentemente os arredores, acolhendo-se nas entradas, preocupado com o destino do pai. Ignorando que, a estas horas, depois de fugir até às proximidades da calle Preciados, Felipe Garcia Sánchez jaz no chão com duas balas nas costas.

— Tenha cuidado, senhor!... Há franceses no Palácio de los Consejos!

Garcia Vélez volta-se, sobressaltado. Sentada nos degraus de madeira, na penumbra do átrio onde acaba de refugiar-se, está uma jovem de uns dezasseis ou dezassete anos.

— Vai para cima, pequena. Isto aqui fora não é para ti.

— Esta não é a minha casa. Estou à espera de poder sair.

— Nesse caso fica um pouco mais, até amainar.

O jovem permanece no umbral, espreitando as imediações. Parecem tranquilas embora, na direcção da Plaza Mayor, se ouçam tiros dispersos. Consegue ver um homem morto: um popular caído de costas no passeio, a quinze passos.

"Espero", diz para consigo "que o meu pai tenha conseguido escapar".

Depois pensa nos outros. Em toda a gente dispersada pela última investida francesa. Antes de desatar a correr teve tempo de ver alguns deles com as mãos

levantadas, rendendo-se. Não gostaria de estar na pele deles, conclui, com tanto gabacho morto na praça.

— Quer um pouco de pão?

Garcia Vélez não come nada desde que saiu de casa, muito cedo. De modo que vai sentar-se nas escadas, junto da rapariga que lhe oferece meio pão dos dois que leva numa cesta. Não é feia nem bonita. Diz chamar-se Antonia Nieto Colmenar, costureira e moradora no bairro, com casa junto da igreja de Santiago. Saiu para ir às compras na praça quando foi surpreendida pelas cargas dos Franceses e procurou abrigo.

— Tens sangue na saia, pequena—observa o sapateiro.

— Também você o tem nas mãos e na cabeça.

O jovem sorri, olhando para o vermelho-escuro que lhe coagula nos dedos e na navalha. Depois toca na ferida da cabeça. Arde-lhe.

— O das mãos é sangue francês—diz, pavoneando-se um pouco.

— O meu é do homem morto aí fora. Ajoelhei-me para o socorrer, mas não pude fazer nada. Depois vim para aqui... Por causa deste sangue, não me deixaram entrar em casa nenhuma. Bastava verem-me para me fecharem a porta, os que abriam... As pessoas não querem problemas.

O sapateiro ouve, distraído, mordiscando o pão com voracidade, mas o terceiro bocado torna-se impossível de engolir, devido à boca seca. Daria a vida, decide, por um quartilho de vinho. Com esse pensamento levanta-se e sobe as escadas, batendo em três ou quatro portas. Ninguém abre nem responde aos seus gritos, de modo que torna a descer, resignado.

— Cobardes filhos de Satanás... São piores que os gabachos. Encontra a jovem a observar a rua, com a cesta no braço.

— Parece estar tudo calmo. Vou para casa.

Garcia Vélez não acha uma boa ideia. Há franceses por toda a parte, diz. E não respeitam nada.

— Devias esperar um pouco.

— Estou há muito tempo na rua. A minha mãe deve estar preocupada.

Depois de olhar, cautelosamente, para ambos os lados da rua, a rapariga arregaça um pouco a saia com uma mão e começa a andar, apressada e receosa. Da entrada, Garcia Vélez vê-a afastar-se. Nesse momento, na direcção do Palácio de los Consejos, ouve cascos de cavalos, volta-se e vê cinco couraceiros franceses que trotam rua acima. Ao descobrirem a rapariga, esporeiam as montadas e passam diante da entrada, gritando de júbilo. Vendo-os passar, o sapateiro blasfema para consigo. A pobrezinha não tem qualquer possibilidade

de escapar.

"E aqui se acaba a tua sorte, companheiro."

É o que diz a si próprio, decidido a enfrentar o inevitável. Depois, com o estalido da ponta e mola, Pablo Garcia Vélez abre a navalha.

Na janela do segundo andar de uma casa da calle Mayor, por onde espreita atrás de uma persiana, o oficial da Biblioteca Real Lucas Espejo, de cinquenta anos, que vive com a mãe inválida e uma irmã solteira, vê cinco couraceiros franceses perseguirem uma jovem, que corre à frente dos cavalos até estes a atropelarem e derrubarem.

Três dos cavaleiros seguem em frente mas os outros fazem girar as montadas em volta da rapariga, que se levanta atordoada. De repente, tenta fugir. Um couraceiro inclina-se na sela e agarra-a brutalmente pelo cabelo. Ela debate-se, furiosa, morde-lhe a mão e o francês derruba-a com um golpe de sabre.

— Meu Deus!—murmura Lucas Espejo, afastando a irmã, que pretende aproximar-se para ver.

Horrorizado, o oficial da Biblioteca Real está prestes a retirar-se da janela quando, de uma entrada próxima, vê sair um homem jovem com alpercatas, faixa, colete e em mangas de camisa, que se atira de navalha na mão contra o couraceiro, apunhala o cavalo no pescoço até o fazer dobrar as patas dianteiras e, agarrando-se ao cavaleiro, empoleirado na montada, crava consecutivamente a navalha de dois palmos de folha no francês, pela-cava da couraça, antes que o segundo couraceiro, aproximando-se por trás, o mate com um tiro de pistola à queima-roupa.

Uma saraivada de balas francesas obriga a entrarem em casa os três homens que combatem entrincheirados atrás dos colchões, na varanda que dá para a calle de San José, diante da cerca do parque de Monteleón.

— Isto está a ficar feio—diz o dono da casa, dom Curro Garcia, acabando de fumar a ponta de um charuto cubano.

A garrafa de anis, que rola vazia aos seus pés, não lhe enfraquece o pulso. Esteve a disparar a sua caçadeira, com eficácia de caçador, contra os franceses que espreitam na esquina de San Bernardo. Mas o fogo inimigo, cada vez mais intenso, já mal lhes permite deitar a cabeça de fora. Ao pé de dom Curro, o jovem de dezoito anos Francisco Huertas de Vallejo tem a boca amarga e áspera, com um sabor desagradável a pólvora. Tem os lábios e a língua cinzentos, por ter mordido e metido no cano do fuzil, com as suas respectivas balas, dezassete dos vinte cartuchos de papel encerado—cada um contém uma bala e a carga necessária para os disparos—que lhe deram antes de começar o combate.

Ninguém trouxe mais munições do parque de artilharia, esbatido agora entre a fumarada dos tiros de canhão e os clarões dos disparos. Tentou fazê-lo o compositor tipógrafo Vicente Gómez Pastrana, que há bocado queimou o seu último cartucho e que agora se encosta à parede da sala revolta da casa—há impactos de bala no tecto e lascas nos móveis—,com as mãos nos bolsos, vendo os companheiros disparar. Há pouco quis ir buscar munições, mas os inimigos estão muito perto, o fogo deles é consecutivo e não há possibilidades de sair. Lá em baixo não resta ninguém e nas outras casas também não. De um momento para outro, disse o tipógrafo preocupado, os gabachos podem aparecer nas escadas.

— Deveríamos sair daqui—sugere.

— Por onde?

— Por trás. Para o convento de Las Maravillas.

Francisco Huertas morde outro cartucho, mete pólvora e bala no cano e, usando o papel encerado como bucha, pressiona tudo com a vareta. Depois abana a cabeça, pouco convencido. Nada se parece com o que imaginava quando, ao ouvir o tumulto, saiu de casa do tio disposto a lutar pela pátria. Na realidade começa a lutar por si próprio.

Para continuar vivo.

— Eu creio que nos deveríamos juntar com os do parque. Aí podemos continuar a lutar.

— Pela rua é impossível—contrapõe Gómez Pastrana—Os mossiús estão a vinte passos e não se consegue atravessar... Se calhar indo pelos pátios chegamos até aos nossos canhões. Continuar aqui é ficarmos na ratoeira.

Indeciso, Francisco Huertas interroga o dono da casa. Dom Curro coça as patilhas grisalhas e olha em volta, impotente. Aquela é a sua casa e não lhe apetece deixá-la ao inimigo.

— Vão vocês—acaba por dizer, carrancudo—,que eu fico.

— Os gabachos estão a chegar.

—Por isso mesmo... Que diriam os meus vizinhos se deixasse isto desamparado?

— Pois bem desamparado o deixaram eles.

— Cada qual é como é.

É impossível determinar se a coragem de dom Curro provém do facto de estar a defender a sua casa ou da garrafa vazia que está no chão. Prudente, agachado atrás dos colchões, o jovem Huertas vai à varanda para dar uma última vista de olhos. Os uniformes azuis são cada vez mais numerosos na esquina de

San Bernardo, fustigados pelos Voluntários do Estado que disparam das janelas altas do parque. Calle de San José abaixo, em frente à porta principal de Monteleón, os três canhões continuam a disparar intervaladamente e alguns populares ainda abrem fogo das casas contíguas. Junto das peças de artilharia permanece um grupo numeroso de homens e algumas mulheres, indiferentes ao facto de estarem a descoberto a meio da rua fustigada pelo tiroteio inimigo.

— Eu vou—conclui, entrando.

O compositor tipógrafo Gómez Pastrana afasta as costas da parede.—Para onde?

— Para junto dos que lutam, lá em baixo.

O outro agarra no fuzil, coloca-lhe a baioneta e passa a língua pelos lábios, tão negros de pólvora como os de Francisco Huertas.

— Então, andando—diz, depois de pensar um instante.—Não se nos queime o arroz.

— Vem, dom Curro?

O dono da casa, que se inclina para acender com um fósforo outro havano, abana a cabeça.

— Já disse que não—diz, expelindo o fumo, com ar heróico.—Aqui cairá Sansão com todos os filisteus.

— E a sua mulher?

— É por ela que o faço... E pelos meus filhos, se os tivesse—nova baforada de fumo.—O que não é o caso.

Francisco Huertas pendura o fuzil ao ombro.

— Nesse caso, que Deus o proteja.

— E a vocês, meus filhos.

Os dois jovens descem as escadas e, voltando as costas ao átrio principal, atravessam um pátio com vasos de sardinheiras e uma cisterna e saem pela parte de trás.

Algumas balas passam alto, zunindo no ar e fazendo-os agachar a cabeça. Uma das lentes dos óculos de Gómez Pastrana parte-se.

— Raios o partam! O olho de apontar.

Ajudando-se mutuamente, saltam uma cerca e encontram-se do outro lado, junto da horta de Las Maravillas. Vê-se fumo ao longe, sobre os telhados. Na rua e nos arredores, o tiroteio continua.

— Vem alguém atrás de nós—sussurra o compositor tipógrafo.

— Gabachos?

— É possível.

Ainda não tinha acabado de o dizer quando, diante da sua baioneta, que aponta para o cimo da cerca, aparecem as patilhas grisalhas e o rosto avermelhado de dom Curro.

O caçador vem a suar, com a caçadeira a tiracolo, ofegante pelo esforço.

— Pensei melhor—diz.

O serralheiro Blas Molina Soriano, que ajudou a transportar o tenente Ruiz, regressa à porta do parque com os bolsos cheios de cartuchos. Ali, apoiado numa ombreira destruída da porta, dispara contra os franceses que avançam da fuente Nueva e da calle Fuencarral. Parece-lhe terem-se passado dias inteiros desde que, às primeiras horas da manhã, encabeçou o deflagrar do motim junto do Palácio. E começa a sentir-se decepcionado. As pessoas que combatem são poucas, tendo em conta a população de Madrid. E os militares não têm pressa de se juntar à luta, excepto os de Monteleón, onde quase todos os homens fardados dão ao litro como os melhores. De qualquer forma, Molina ainda espera que os soldados espanhóis saiam dos seus quartéis. É impossível, diz para consigo, que homens com sangue nas veias permitam que os Franceses metralhem impunemente o povo, como até agora, sem mexerem um dedo para o evitar. Mas tanta demora e falta de notícias provocam-lhe amargos de boca. A medida que o tempo passa, que os inimigos estreitam o cerco e que cai mais gente, o serralheiro sente a esperança a diminuir. Não chegam os ansiados reforços, cada vez há mais populares e militares a virar a casaca, fartos ou assustados, fugindo do fogo e abrigando-se nas traseiras do parque ou nas casas vizinhas e os Franceses abundam como abelhas numa colmeia. De modo que, numa aberta do tiroteio, Molina aproxima-se do oficial de artilharia que, de sabre na mão, dirige o fogo dos canhões.

— Quando vêm os militares socorrer-nos, meu capitão?

— Rapidamente.

— Tem a certeza?

Luis Daoiz olha para ele impassível, com ar ausente. Como se não o visse.

— Tão certo como haver Deus.

Molina, impressionado com a atitude do oficial, engole saliva com dificuldade, pois o seu gasganete parece peixe seco.

— Homem, se você o diz...

A mulher colocada no canhão mais próximo, Ramona Garcia Sánchez, passa as costas de uma mão suja pelo nariz e olha para o serralheiro com as pálpebras semicerradas, negras de fumo de pólvora.

— Não ouviu o senhor capitão, seu mal-intencionado?... Se ele diz que vêm,

virão. E ponto. Agora dê aqui uma mãozinha ou vá-se embora e não estorve. Que o dia não está para conversas de chacha.

— Não se ponha assim, senhora.

— Ponho-me como me dá na gana. Não me lixe!

A última palavra é afogada por um estampido. Outro dos canhões acaba de disparar e o coice do reparo quase atropela Molina, que dá um salto e se afasta para um lado.

Em resposta, chega uma saraivada furiosa dos Franceses. Entre o fumo e as balas que passam, um dos que está de serviço no canhão volta-se, gritando em direcção à porta do parque:

— Pólvora e balas!... Aqui!... Rápido!

Da porta vêm vários populares, entre eles duas mulheres—a jovem Benita Pastrana e a moradora da calle de San Gregorio Juana Garcia—com munição encartuchada, que trazem em seiras de esparto, agachando-se para se esquivarem das descargas inimigas. Abastecem assim o canhão do tenente Arango, que continua a cobrir a calle de San Pedro, manejado pelo artilheiro António Martin Magdalena, a quem ajudam com a lanada e com os espeques os moradores Juan González, a mulher deste, Clara del Rey, e os filhos Juanito, de dezanove anos, Ceferino, de dezassete e Estanis-lao, de quinze. Também recebe provisões o canhão de oito libras comandado anteriormente pelo tenente Ruiz, cujo fogo em direcção a Fuencarral e à fuente Nueva é agora dirigido pelo cabo Eusebio Alonso, e onde combatem o escrevente Rojo, o taberneiro de Hortaleza José Rodríguez e o seu filho Rafael. Recebe também quatro balas e cargas de pólvora a terceira peça, que aponta para a calle San Bernardo e para a fuente de Matalobos, manejado pelos artilheiros Pascual Iglesias e Juan Domingo Serrano, pelo chispem António Gómez Mosquera e pelo soldado dos Voluntários do Estado António Luque Rodríguez.

Entre eles encontram-se alguns soldados e populares, deitados no chão, de joelhos ou em pé, os mais atrevidos, disparando em todas as direcções para os proteger do fogo francês. Outros protegem-se atrás dos reparos e na porta do parque enquanto carregam fuzis e pistolas ou recebem armas carregadas que lhes passam do interior do recinto. A cada instante alguém cai. É o caso de Juan Rodríguez Llerena, curtidor, natural de Cartagena de Levante; do soldado dos Voluntários do Estado Esteban Vilmendas Quílez, de dezanove anos, e de Francisca Olivares Munoz, moradora na calle de La Magdalena, a quem uma bala trespassa o pescoço quando leva um garrafão de vinho aos artilheiros. Os reparos dos canhões estão manchados de sangue, vêem-se charcos vermelhos no

chão e regueiros deixados pelos corpos que são arrastados, assim que caem, até à porta do parque ou ao convento de Las Maravillas, de cuja janela soror Eduarda continua a atirar medalhas e imagens enquanto anima os que combatem.

— Que Deus vos abençoe a todos!... Viva Espanha! Abençoados ou por abençoar, pensa amargamente Luis Daoiz, a verdade é que os defensores do parque caem como coelhos. Di-lo—discretamente e entre dentes—ao capitão Velarde quando este se aproxima para ver como vão as coisas no exterior.

— Metemos estes infelizes numa linda confusão, Pedro.

Velarde, que vem com a sua cara habitual de alucinado, olha para ele como se tivesse acabado de cair da Lua.

— É questão de aguentar um pouco mais—diz, endireitando a galona partida por um sabre.—Os companheiros não podem deixar-nos assim.

— Companheiros? Que companheiros?—Daoiz baixa a voz o mais que pode.—Estão todos escondidos nos seus quartéis... E se sairmos desta, a ti e a mim espera-nos o paredão. Como quer que acabe, estamos fritos.

Duas balas francesas passam a zunir, muito perto. Depois de olhar com calma para ambos os lados da rua, Velarde aproxima-se um pouco mais do amigo.

— Hão-de vir—sussurra, confidencial.—Digo-te eu.

— Hão-de vir o caraças.

Velarde volta para o interior do parque e Luis Daoiz dá uma nova vista de olhos em volta, sentindo remorsos pelos olhares confiantes que vê fixos nele: o seu uniforme e a sua atitude continuam a reconfortar aqueles que lutam. De qualquer forma, conclui, não há marcha atrás. A fadiga, as muitas baixas, o correctivo francês, começam a fazer-se sentir. Daoiz não quer pensar no que acontecerá se os Franceses, profissionais no fim de contas, chegarem ao corpo-a-corpo numa carga à baioneta. Isso, supondo que reste alguém para os receber. A massa de combatentes em volta das três peças de artilharia atrai a maior abundância do fogo inimigo, cujos atiradores vão apurando a pontaria. Outro balázio tilinta na culatra de um canhão e o ricochete, que passa a um palmo do capitão, atinge na garganta o artilheiro Pascual Iglesias, que cai com o atacador nas mãos, vomitando sangue como um touro passado à pontilha. Daoiz chama para que substituam o caído, mas nenhum dos artilheiros refugiados na porta do parque se atreve a ocupar o lugar. Comparece para esse lugar um soldado dos Voluntários do Estado chamado Manuel Garcia, veterano de rosto aquilino, patilhas fartas e pele enegrecida.

— Não se agrupem junto dos canhões!—grita Daoiz.—Dispersem-se um

pouco!... Procurem resguardo!

É inútil, verifica. Aos populares que ainda não se acobardaram e esmoreceram, pouco habituados aos rudimentos da táctica militar, o seu próprio ardor fá-los expor-se demasiado. Outra descarga francesa acaba de ceifar as vidas do morador do bairro Vicente Fernández de Herosa, atingido quando trazia cartuchos para os fuzis, e do moço de pá de atafona Amaro Otero Méndez, de vinte e quatro anos, a quem a patroa, Cândida Escribano—que observa a luta escondida atrás da janela da sua padaria—,vê cair trespassado por duas balas, depois de se bater ao lado dos colegas Guillermo Degrenon Dérber, de trinta anos, Pedro del Valle Prieto, de dezoito, e António Vigo Fernández, de vinte e dois. Agarrando no caído, os três padeiros levam-no até ao convento, sem conseguir evitar que pelo caminho—o sangue dele jorra-lhes pelos braços—morra exangue.

No regresso, assim que põem o pé na rua, uma nova descarga francesa fere na cabeça, com gravidade, Guillermo Degrenon, atinge no peito António Vigo e mata, acto contínuo, Pedro del Valle. Em dez minutos apenas, a padaria da calle de San José perde os seus quatro moços de atafona.

Charles Tristan de Montholon, comandante com funções de coronel do 4.o regimento provisório da infantaria imperial, verifica se todos os botões da sua casaca estão abotoados de acordo com o regulamento, coloca bem o chapéu e tira o sabre. Está farto de os seus soldados serem caçados um por um. De modo que, depois de receber os relatórios dos seus capitães de companhia e as más notícias dos vestefalianos, que continuam bloqueados na esquina de San José com San Bernardo, decide resolver o assunto de uma vez por todas. O ataque simultâneo pelas três ruas não resulta, os seus homens sofrem demasiadas baixas e as mensagens do quartel-general revelam uma irritação e uma veemência cada vez maiores. "Acabe com isso", ordena, lacónica, a última, assinada pelo próprio punho de Joachim Murat. De modo que, ordenando um recuo táctico, Montholon deixou na primeira linha apenas os da Vestefália e destacamentos de atiradores para fustigarem os amotinados, de terraços e telhados.

A restante força concentrá-la-á apenas num ponto.

— Iremos em coluna cerrada—disse aos seus oficiais.—Desde a fuente Nueva, pela calle de San José até ao próprio parque. Baionetas caladas e sem parar... Eu irei à cabeça.

Os oficiais acabam de dispor os homens e colocam-se nos seus postos. Montholon verifica que a coluna imperial é uma massa compacta, eriçada por oitocentas baionetas, que ocupa toda a rua; e que os soldados mais novos,

sentindo-se protegidos entre os seus camaradas, mostram mais confiança.

Para abrir a marcha escolheu os melhores granadeiros do regimento. O ataque em coluna cerrada é, além disso, uma temível especialidade do exército imperial. Os campos de batalha de toda a Europa testemunham ser difícil suportar a pressão de um ataque francês em colunas, formação que expõe os homens a sofrer maior castigo durante o avanço, mas que, dirigida por bons oficiais e com tropas treinadas, permite levar até às fileiras inimigas, como um ariete, uma cunha compacta e disciplinada, de grande coesão e potência de fogo. Dezenas de combates foram ganhos assim.

— Viva o Imperador!

O clarim de ordens emite a nota oportuna e, imediatamente, começam a rufar os tambores.

— Avante!... Avante!

Azul, sólida, impressionante pelo seu tamanho e pelo brilho das suas baionetas, com ruído ritmado de passos, a coluna põe-se em marcha, entrando por San José. Montholon vai à cabeça, mais exposto que qualquer outro, com a estranha sensação de irrealidade que entrar em combate sempre lhe provoca: os movimentos mecânicos, o treino e a disciplina substituem a vontade e os sentimentos. Procura, por outro lado, que a apreensão de receber uma bala se mantenha relegada no recanto mais remoto do seu pensamento.—Avante!... Passo ligeiro!

O ritmo das passadas acelera-se e ressoa agora em toda a rua. Montholon ouve, atrás de si, a respiração entrecortada dos homens que o seguem e, à frente, o tiroteio dos que cobrem o ataque. Enquanto avança, os olhos do jovem comandante captam tudo: os soldados mortos, o sangue, os impactos de metralha e de balas nas fachadas das casas, os vidros partidos, a cerca de Monteleón, o convento de Las Maravillas para lá do cruzamento com San Andrés, a porta do parque um pouco mais longe, com os canhões e o grupo de pessoas que se amontoa em volta deles. Um dos canhões abre fogo e a bala, que vem alta, bate no beiral de um telhado, atirando sobre a coluna francesa uma chuva de tijolo esmigalhado, de estuque e de telhas partidas. Depois, rebenta um intenso tiroteio, vindo da cerca e da porta.

— Apertem o passo!

Os Espanhóis não dispõem de metralha, confirma com júbilo o comandante francês. Virando-se um pouco, dá uma vista de olhos para trás e comprova que, apesar dos disparos que derrubam alguns homens, a coluna continua a sua marcha, imperturbável.

— Passo de carga!—grita de novo, incitando os homens ao assalto -...Viva o Imperador!

—Viva!!!

Agora sim, têm finalmente, conclui Montholon, a vitória ao alcance da mão.

Reunindo no pátio todos os homens que pode, Pedro Velarde, de sabre despido, lança-se com eles para a rua.

— Calem baionetas!... Aí vêm!

Embora muitos permaneçam entrincheirados na porta ou a disparar das cercas, seguem-no até à rua cinco Voluntários do Estado e meia dúzia de populares, entre os quais estão o serralheiro Molina e o que sobrou do bando do estalajadeiro Fernández Villamil, com o ourives António Cláudio Dadina e os irmãos Muniz Cueto.

— Não passarão!—urra Velarde, rouco de fúria e de pólvora -...Esses gabachos não passarão! Ouvem?... Viva Espanha!

Por entre o tiroteio confuso, o grupo é reforçado com gente do bando de Cosme de Mora, que retrocede em desordem, abandonando a casa da esquina de San Andrés que há algum tempo tomaram de assalto com Velarde, e por populares dispersos: o estudante José Gutiérrez, o barbeiro Martin de Larrea e o seu empregado Felipe Barrio, o compositor tipógrafo Gómez Pastrana, dom Curro Garcia e o jovem Francisco Huertas de Vallejo, que conseguiram chegar até aqui pelo convento de Las Maravillas.

Concentram-se assim em volta dos canhões, contando com os que manejam as peças, meia centena de combatentes, incluindo Ramona Garcia Sánchez, que permanece perto do capitão Daoiz, e Clara del Rey, que, juntamente com o marido e com os filhos, continua a abastecer o canhão comandado pelo tenente Arango.

— Aguentem!... Baionetas e navalhas!... Aguentem!

A concentração paga-se com sangue, pois facilita a pontaria dos atiradores distribuídos pelos edifícios e telhados vizinhos. Assim, é atingido por uma bala num pé a jovem de dezassete anos Benita Pastrana, que morrerá dias depois em consequência da infecção. Também caem feridos o jornaleiro de dezassete anos Manuel Illana, o soldado asturiano dos Voluntários do Estado António López Suárez, de vinte e dois, e é atingido por um disparo na cabeça o serrador António Matarranz y Sacristán, de trinta e quatro.—Aí vêm!... Estão a chegar!

Com a manga da casaca, Luis Daoiz limpa o suor da testa e levanta o sabre. Dois dos três canhões estão carregados e os que os manejam empurram-nos a toda a pressa para cobrirem a calle de San José, por onde se aproxima, a passo de

carga e de baionetas em riste, a imensa coluna francesa, imperturbável no seu avanço embora os homens do capitão Goicoechea, das janelas do parque, atirem sobre eles com tudo o que têm. Dos restantes oficiais que se apresentaram de manhã, não há rasto. Devem estar, pensa Daoiz com azedume, a vigiar com muito brio a pacífica retaguarda. Quanto à força inimiga que está prestes a cair-lhes em cima, o capitão de artilharia veterano sabe que não há como travar o ataque e que, quando as disciplinadas baionetas francesas chegarem ao corpo-a-corpo, os defensores acabarão irremediavelmente vencidos. Resta apenas, por isso, render-se ou morrer matando. E em vez de acabar por se ver diante de um pelotão de fuzilamento—disso ninguém o livra, se o agarrarem vivo—,Daoiz é partidário de acabar ali, de pé e de sabre na mão. Obrigação de um homem como ele que, numa altura destas, não está disposto a fazer voar a tampa dos miolos com um tiro de pistola. Prefere antes fazê-la voar a todos os franceses que puder. Por isso, desinteressando-se do mundo e de tudo, o capitão finca os pés e dispõe-se a baixar o sabre, a gritar "fogo" para a descarga dos canhões—se ao menos tivessem metralha, lamenta-se pela enésima vez—e a usar depois esse sabre para vender a sua vida ao preço mais elevado que a sua coragem e desespero a possam taxar. Por instantes, o seu olhar encontra os olhos febris de Pedro Velarde, que engatilha uma pistola e a dispara contra os Franceses, sem deixar de gritar e de empurrar para conter os que, face à proximidade deles, se acobardam e pretendem desistir. Maldito e querido louco varrido, pensa. Até aqui nos trouxe o teu patriotismo e o meu, dignos de uma Espanha melhor que esta, triste, infeliz, capaz de nos fazer invejar os próprios Franceses que nos escravizam e nos matam.

— Quando chegam os reforços, senhor capitão?—pergunta Ramona Garcia Sánchez, que se colocou ao pé de Daoiz, de faca numa mão e baioneta na outra. -...Porque a verdade é que demoram, sentranas.

— Vêm aí.

A bonitona sorri, macha e feroz, com o rosto sujo de pólvora.

— Pois se tardarem mais de minuto e meio, não se dêem ao trabalho.

Daoiz abre a boca para ordenar a última descarga: os Franceses estão prestes a passar a esquina de San Andrés, a quarenta passos. E nesse instante, quando a coluna inimiga chega ao cruzamento, ouvem-se toques de clarim e alguém fardado, um oficial espanhol, aparece na esquina com um sabre levantado e, preso nele, uma bandeira branca.

— Parem!... Cessar-fogo!

A tentação de evitar mais efusão de sangue é grande. O comandante

Montholon sabe que, embora ocupe o parque de artilharia por assalto, as baixas entre a sua tropa serão muitas. E esse oficial que chega a agitar uma bandeira parlamentar, num esforço desesperado para que o combate cesse, oferece uma oportunidade que seria suicida—literalmente, pois o próprio Montholon avança à cabeça dos seus homens—desaproveitar. Por isso o francês manda parar a coluna e colocar os fuzis ao ombro com a coronha para cima, em funeral. O momento é de extrema tensão, pois ainda há disparos e a atitude dos Espanhóis não é clara. Da porta do parque chegam gritos com ordens e contra-ordens, enquanto um oficial de baixa estatura e casaca azul se desloca entre os canhões com os braços levantados, contendo os seus homens. Um disparo abate um soldado imperial, que cai entre os protestos de indignação dos seus camaradas. Confuso, Montholon está prestes a ordenar a prossecução do ataque quando, após outros dois tiros dispersos, o fogo cessa por completo e, das cercas e janelas do parque, alguns insurrectos se levantam para ver o que se passa. O oficial da bandeira branca chegou ao pé dos canhões, onde todos gritam e discutem. Montholon não entende uma palavra da língua, de modo que ordena ao intérprete, colado aos seus calcanhares juntamente com o corneteiro e um tambor, que traduza tudo o que ouvir. Depois manda a coluna seguir em frente, em passo regular, mantendo os fuzis com a coronha para cima, até estarem a dez passos dos canhões. Aí, um oficial sem chapéu e com uma dragona da sua casaca verde partida por um golpe de sabre vem ao seu encontro e, gesticulando com maus modos desata num arrazoado em espanhol, que conclui num péssimo francês:

— Si continues, ye ordone vu tirer desús... Comprí ou non comprí?

— Diz...—começa a traduzir o intérprete.

— Compreendi perfeitamente o que disse—responde Montholon.

Mandando parar a coluna, o comandante francês avança, seguido pelo intérprete, pelo corneteiro e pelos capitães Hiller e Labedoyere, até ao grupo formado pelo oficial da bandeira branca, pelo da casaca azul—capitão de artilharia, verifica ao ver de perto os debruns vermelhos do uniforme—,pelo da casaca verde, que é outro capitão, e por meia dúzia de militares e populares que avançam por entre os canhões, mais curiosos que os outros, amontoados atrás dos reparos, na porta, sobre as cercas e nas janelas do parque, de armas na mão, numa atitude simultaneamente curiosa e hostil. Até do convento de Las Maravillas saem homens armados para ver o que se passa, ouvindo e vendo atrás do gradeamento dobrado pelas balas. O oficial recém-chegado discute acaloradamente com os outros dois. Montholon verifica que também traz insígnias de capitão e veste uniforme branco com bandas carmesins, como

alguns dos soldados que defendem o parque. Isso identifica-o com o próprio regimento a que pertence essa tropa. No entanto, entre esta vêem-se também casacas azuis de artilharia, como a que usa o capitão baixinho. E embora o capitão alto ostente na gola os projécteis de artilheiro, a sua casaca verde distingue-o como pertencente ao Estado-Maior dessa arma. Desconcertado, o comandante francês pergunta a si próprio quem, na realidade, tem pela frente e quem diacho manda ali.

Além de suado e ofegante, o capitão Melchor Álvarez, do regimento de infantaria Voluntários do Estado, está irritado. O suor e a respiração ofegante devem-se à corrida que acaba de fazer desde o quartel de Mejorada, onde o coronel dom Esteban Giraldes o encarregou, há quinze minutos, de ordenar aos responsáveis do parque de Monteleón que cessem o fogo e entreguem o recinto aos Franceses. Quanto à irritação, provém do facto de nenhum dos oficiais ao comando daquele disparate lhe ligar nenhuma, apesar do risco que correu interpondo-se entre os adversários sem outra protecção além de um pano branco na ponta do sabre. O capitão Luis Daoiz disselhe para voltar por onde veio e o outro insurrecto, Pedro Velarde, acaba de se rir na sua cara com todo o descaramento:—O coronel Giraldes não manda aqui.

— Não é uma ordem de Giraldes, mas da Junta Governativa!—insiste Alvarez, mostrando o documento.—A ordem vem assinada pelo ministro da Guerra em pessoa... Está indignado com este desaforo e manda cessar o fogo imediatamente.

— O ministro perde o tempo—declara Velarde.—E você, também.

— Estão sozinhos. Ninguém vos vai secundar e no resto da cidade reina a calma.

— Digo-lhe que está a perder o seu tempo, bolas!... Está surdo? O capitão Álvarez olha mal-humorado para o oficial de Estado-Maior. Ao entregar-lhe a ordem, o coronel Giraldes preveniu-o acerca da exaltação e do fanatismo deste Pedro Velarde, embora sem referir que pudesse chegar a este extremo. Mais inquietante é o outro capitão, cuja reputação é a de um homem recto e sereno, envolver-se desta maneira. A verdade, conclui Álvarez observando os estragos e os regueiros de sangue no chão, as pessoas amontoadas e expectantes, é que tudo isto foi longe de mais.

— Vocês são uns irresponsáveis—insiste, severo.—Estão a instigar o povo, expondo-o a consequências ainda mais desastrosas... Não lhes basta o sangue derramado por uns e por outros?

O capitão Daoiz examina os Franceses. O chefe da coluna mantém-se a

quatro passos, acompanhado por dois capitães e por um corneteiro. Ao seu lado, um intérprete traduz tudo o que é dito. O comandante ouve com atenção, mantendo a cabeça inclinada para um dos lados, o sobrolho franzido, mexendo na fivela do cinto e com o sabre ainda na outra mão.

— O povo está a ser metralhado e o seu sangue está a ser vertido por estes senhores—diz Daoiz, apontando para o francês.—E o Governo, e você mesmo, capitão Álvarez, e muitos outros, continuam de braços cruzados, a ver.

— Isso—intervém Velarde, bastante acalorado—quando não o fazem em conivência directa com o inimigo.

Álvarez, que é homem pouco paciente, sente que a cólera lhe sobe à cabeça. Não é partidário dos Franceses, mas militar fiel às ordenanças e ao rei Fernando VII.

Está ali, ordens à parte, porque considera a resistência aos imperiais uma aventura temerária e inútil. Nem o povo e os militares juntos, nem Espanha inteira em armas teriam a mais pequena possibilidade diante do exército mais poderoso do mundo.

— Inimigo?—protesta, picado.—Aqui o único inimigo é o populacho sem freio e a desordem... E isso da conivência encaro-o como um insulto pessoal!

Pedro Velarde avança um passo, endurecida a expressão, a mão esquerda crispada em volta do punho do sabre.

— E então? Quer satisfações?... Apetece-lhe bater-se comigo?... Pois retire essa vergonhosa bandeira branca e junte-se a estes senhores franceses, que eles e você serão bem servidos.

— Acalma-te—intervém Daoiz, segurando-o por um braço.

— Acalmar-me?—Velarde liberta-se da mão do outro, com maus modos.—Que vão para o diabo, maldição!

Álvarez está prestes a desistir. É inútil, conclui. Que se matem, se não há outra hipótese. E que seja o que Deus quiser. No entanto, depois de trocar um olhar com o comandante da coluna francesa—parece um jovem distinto e razoável, não como outras bestas de caserna do Exército imperial—decide insistir um pouco. Dos dois capitães rebeldes, Luis Daoiz parece ser o mais sensato. Por isso se dirige a ele.

— Você não tem nada a dizer?... Seja razoável, pelo amor de Deus. O artilheiro parece reflectir.

— Ambas as partes foram longe de mais—acaba por dizer. -Seria preciso saber em que condições se cessaria o fogo—nesse momento olha para o comandante francês -...Pergunte-lhe.

Todos se voltam para olhar o chefe da coluna imperial, que, inclinado na direcção do intérprete, ouve com atenção. Depois nega, abanando a cabeça, e responde na sua língua. O capitão Álvarez não fala francês mas, antes que o intérprete traduza, apercebe-se do tom de voz desabrido, inequívoco, do comandante. No fim de contas, diz para consigo, tem os seus motivos. Os do parque mataram-lhe não pouca tropa.

— O senhor comandante lamenta não poder oferecer condições—traduz o intérprete.—Têm de devolver os reféns franceses sãos e salvos e de entregar as armas. Pede-lhes que pensem sobretudo na gente do povo, pois já há muitos mortos em Madrid. Só pode aceitar dos senhores a rendição imediata.

— Render-nos?... Um corno!—exclama Velarde.

Luis Daoiz ergue uma mão. O capitão Álvarez apercebe-se de que ele e o comandante francês se olham nos olhos, de profissional para profissional. Talvez haja alguma esperança.

— Vamos lá ver—diz Daoiz com calma.—Não há outra forma de resolver isto?

O francês nega de novo depois do seu intérprete traduzir a pergunta. E quando o artilheiro olha para ele, Álvarez encolhe os ombros.

— Nesse caso não nos deixam outra saída—comenta Daoiz, com um estranho sorriso a um canto da boca.

O capitão dos Voluntários do Estado exibe de novo a ordem assinada pelo ministro OTarril.

— É o que há. Sejam sensatos.

— Esse papel não vale nem para as latrinas—comenta Velarde. Ignorando-o, o capitão Álvarez observa Luis Daoiz. Este olha para o documento, mas não lhe pega.

— De qualquer forma—solicita Álvarez, finalmente desanimado—permitam que leve daqui os meus homens.

Daoiz olha para ele como se este tivesse falado em chinês.

— Os seus homens?

— Refiro-me ao capitão Goicoechea e aos Voluntários do Estado... Não vieram lutar. O coronel insistiu muito nisso.

— Não.

— Desculpe?!

— Não os leva.

Daoiz respondeu seco e distante, olhando em volta como se de repente aquela situação lhe fosse alheia e ele estivesse longe dali. Estão doidos varridos,

decide de repente Álvarez, assustado com as suas próprias conclusões. É o que acontece e ninguém o previra: Velarde com a sua exaltação lunática e este com a sua frieza inumana, estão completamente loucos. Por momentos, deixando-se levar pelo automatismo da sua patente e ofício, Álvarez considera a possibilidade de discursar aos soldados que pertencem ao seu regimento e ordenar-lhes que o sigam para longe dali. Isso debilitaria a posição daqueles dois visionários, e talvez os inclinasse a aceitar render-se de acordo com as condições do francês. Mas nessa altura, como se lhe tivesse adivinhado o pensamento, Daoiz inclina-se um pouco na direcção dele, quase cortês, com o mesmo sorriso estranho de antes.

— Se tentar amotinar-me a tropa—diz-lhe em confidência, numa voz baixíssima—,levo-o lá dentro e dou-lhe um tiro.

: Francisco Huertas de Vallejo assiste à parlamentação dos oficiais espanhóis e franceses entre os restantes populares que se concentram junto dos canhões. O jovem voluntário está com dom Curro e com o compositor tipógrafo Gómez Pastrana, tem a coronha do fuzil apoiada no chão e as mãos cruzadas sobre a boca do cano. Nem tudo o que se diz lhe chega aos ouvidos, mas parece clara a posição dos chefes, tanto pelos gritos que dá o capitão Velarde, que é, entre todos, quem fala mais alto, como pelas atitudes de uns e de outros. No seu íntimo, o jovem voluntário espera que cheguem a um acordo honroso. Hora e meia de combate alterou-lhe alguns pontos de vista. Nunca imaginou que defender a pátria consistisse em morder cartuchos escondido atrás de colchões enrolados numa varanda, ou na angústia de correr como uma lebre, saltando cercas com os Franceses atrás. Daquilo às imagens coloridas com heróicas gestas militares ia um abismo. Também nunca imaginou os charcos de sangue coagulado no chão, os miolos espalhados, os corpos mutilados e inertes, os gritos pavorosos dos feridos e o fedor das suas tripas abertas. Nem a feroz satisfação de continuar vivo onde outros não estão. Vivo e inteiro, com o coração a bater e cada braço e cada perna no seu sítio. Agora, a breve trégua permite-lhe reflectir e a conclusão é tão simples que quase o envergonha: desejaria que tudo acabasse e que pudesse regressar a casa do seu tio. Com esse pensamento olha em volta, procurando o mesmo sentimento nos rostos que tem ao pé; mas neles não encontra—não se apercebe, pelo menos—senão decisão, firmeza e desprezo pelos Franceses. Isso leva-o a erguer-se e a endurecer a expressão, com medo de que as feições lhe denunciem os pensamentos. De modo que, como todos os outros, o jovem tenta olhar com desdém para os inimigos, muitos deles tão imberbes como ele, que aguardam a poucos passos em formação de coluna.

Vistos de perto impressionam menos, conclui, embora pareçam ameaçadores na sua compacta disciplina, com os vistosos uniformes azuis, correames brancos e fuzis ao ombro com as coronhas para cima; tão diferentes desta força espanhola farrapilha, carrancuda e silenciosa, que têm em frente.

— Isto não está a correr bem—murmura dom Curro.

O capitão Daoiz está a dizer alguma coisa em privado ao capitão dos Voluntários do Estado que veio com a bandeira branca e que não parece satisfeito com o que ouve.

Francisco Huertas vê-os conversar, e vê também como o intérprete que está junto do comandante francês se aproxima um pouco, atento ao que dizem. Nessa altura, um chispero que está apoiado num dos canhões—o jovem Huertas saberá mais tarde que o seu nome é António Gómez Mosquera—afasta o francês com um violento empurrão, fazendo-o cair de costas.

— Porra!—grita o chispero.—Viva Fernando VII!

O que vem a seguir, inesperado e brutal, acontece muito rapidamente. Sem que medeiem ordens de ninguém, de forma deliberada ou por irreflexão, um artilheiro que tem o bota-fogo aceso na mão encosta a mecha ao fogão escorvado da peça de artilharia. Atroa a rua um estampido que a todos sobressalta, o reparo retrocede com o tiro e a bala rasa, passando junto do comandante inimigo e dos oficiais, abre uma brecha sangrenta na coluna francesa, imóvel e indefesa. Gritam todos ao mesmo tempo, confusos os oficiais espanhóis, apavorados os Franceses, e à gritaria juntam-se os lamentos dos feridos imperiais que se contorcem no chão entre os seus próprios pedaços, o horror dos membros mutilados, os urros de pânico da coluna desfeita e em debandada, correndo em busca de refúgio. Após um primeiro momento de estupor, Francisco Huertas, como os restantes companheiros, encosta o fuzil à cara e dispara à queima-roupa sobre os inimigos em desordem. Depois, entre o fragor da matança, vê como o capitão Daoiz grita inutilmente "cessar-fogo!", mas já não há quem pare aquilo. O capitão Velarde, que tirou o sabre, precipita-se sobre o comandante imperial e intima-o, a ele e aos seus oficiais, a render-se. O francês, de joelhos e abalado pelo disparo do canhão—tão próximo que lhe chamuscou a roupa—,ao ver a ponta reluzente do sabre diante dos olhos, ergue os braços, confuso, sem compreender o que está a acontecer; e imitam-no os seus oficiais, o corneteiro e o intérprete. Muitos dos soldados que formavam a vanguarda da coluna, aqueles que ainda não tinham fugido pelas calles de San José e de San Pedro, também fazem o mesmo: atiram os fuzis, levantam as mãos e pedem quartel rodeados de uma turba de populares, artilheiros e soldados espanhóis, que, aos empurrões e

coronhadas, cercando-os com as baionetas, os metem no parque juntamente com os seus oficiais, enquanto as pessoas, alvoroçadas, gritam vitória e dão vivas a Espanha, ao rei Fernando e à Virgem Santíssima. E as janelas, as cercas e o gradeamento do convento ficam apinhados de civis e de militares que aplaudem e festejam o sucedido. Então, Francisco Huertas, que com dom Curro, o compositor tipógrafo Gómez Pastrana e os outros, grita entusiasmado, erguendo no cimo do seu fuzil a barretina manchada de sangue de um francês, apercebe-se finalmente da enormidade do sucedido. Num instante, os defensores de Monteleón, além de subjugarem o comandante e vários oficiais da coluna inimiga, fizeram uma centena de prisioneiros. Por isso lhe surpreende tanto que o capitão dom Luis Daoiz, imóvel e pensativo no meio do tumulto, em vez de participar da alegria geral, tenha o rosto taciturno e ausente, pálido como se um raio lhe tivesse caído aos pés.

7.

Desde a uma da tarde, um silêncio sinistro espalha-se pelo centro de Madrid. À volta da puerta del Sol e da Plaza Mayor só se ouvem tiros isolados das patrulhas ou passos de piquetes franceses que passam, apontando os seus fuzis em todas as direcções. Os imperiais controlam já, sem oposição, as grandes avenidas e as praças principais, e os únicos confrontos consistem em escaramuças individuais protagonizadas por aqueles que tentam fugir, procuram algum refúgio ou batem a portas que não se abrem. Aterrorizados, escondidos atrás dos postigos, persianas e cortinas, junto às entradas e janelas os mais ousados, alguns moradores vêem como patrulhas francesas percorrem as ruas com levas de presos. Uma delas é formada por três homens manietados levados pela calle de los Milaneses sob custódia de um grupo de fuzileiros, que os fazem avançar à pancada. Um ourives dessa rua, Manuel Arnáez, que apesar das súplicas da mulher dirige-se à porta da oficina, reconhece num dos cativos o seu colega de profissão Julián Tejedor de La Torre, que tem loja na calle de Atocha.

— Julián!... Para onde te levam, Julián?

Os guardas franceses gritam, mandando o ourives para dentro, e um deles chega mesmo a ameaçá-lo com o fuzil. Arnáez vê como Julián Tejedor se volta para lhe mostrar as mãos amarradas, erguendo os olhos para o céu, numa expressão resignada. Mais tarde ficará a saber que Tejedor, depois de se lançar à rua para lutar juntamente com os seus oficiais e aprendizes, foi capturado na Plaza Mayor na companhia de um dos homens que vai amarrado com ele: o seu amigo correeiro da plazuela de Matute Lorenzo Domínguez.

O terceiro preso do grupo chama-se Manuel Antolín Ferrer e é ajudante de jardineiro do real sítio da Florida, de onde veio ontem para se aliar aos tumultos que se preparavam. É homem corpulento e forte de mãos, como provou batendo-se na plaza de los Consejos, na puerta del Sol e na Plaza Mayor, onde acabou magoado e capturado pelos Franceses na última debandada. Teimoso, calado, carrancudo, caminha junto dos companheiros de infortúnio com a cabeça baixa e o olho direito inchado por uma coronhada, pressentindo o destino que o espera. Confortado pela satisfação de ter despachado, com as suas próprias mãos e navalha, dois soldados franceses.

A cena da calle de los Milaneses repete-se noutros locais da cidade. Os Franceses continuam a usar o Buen Retiro e as lojecas das caves da calle Mayor como depósito de presos. Nestas últimas, sob as escadarias de San Felipe, o número de presos ascende a dezasseis quando os Franceses metem lá dentro,

empurrando-o à coronhada, o napolitano de vinte e dois anos Bartolomé Pechirelli y Falconi, ajuda de câmara do palácio que o marquês de Cerralbo tem na calle de Cedaceros. Daí saiu esta manhã com outros criados para combater e acabam de o prender quando fugia depois de ser destroçada a última resistência na Plaza Mayor.

Aí perto, pela plaza de Santo Domingo, outro piquete imperial conduz em leva os presos António Garcia de Gamazo, de sessenta e seis anos, morador na calle de Toledo, o palafreneiro do Palácio Juan António Alises, Francisco Escobar Molina, construtor de carruagens e o bandarilheiro Gabriel López, capturados nos últimos confrontos.

Na porta das Cavalariças Reais, o ajudante Lorenzo González vê chegar de Santa Maria alguns granadeiros da Guarda, que levam, entre outros, o seu amigo Miguel Gómez Morales, oficial reformado de embaixadas, com quem há algumas horas assistiu aos incidentes da plaza de Palácio e que depois, não conseguindo resignar-se à violência da fuzilaria francesa, foi lutar nos arredores da Plaza Mayor. Passando manietado e vendo González, Gómez Morales pede-lhe ajuda.

— Recorra a alguém, pelo amor de Deus! A quem quer que seja!... Estes bárbaros vão fuzilar-me!

Impotente, o ajudante de cavalariças vê como um cabo de esquadra francês fecha a boca do amigo com uma bofetada.

O mesmo caminho segue outra leva de presos que integra Domingo Brana Calbín, moço de tabaco da Real Alfândega e Francisco Bermúdez López, ajuda de câmara do Palácio.

Brana e Bermúdez contam-se entre aqueles que, com mais coragem, se bateram nas ruas de Madrid, e diversas testemunhas abonarão pontualmente a história deles. Brana, asturiano, tem quarenta e quatro anos e foi capturado quando lutava de arma branca, com uma coragem extrema, perto do Hospital General. Quanto a Francisco Bermúdez, morador na calle de San Bernardo, saiu ao explodirem os tumultos, armado com uma carabina de sua propriedade e, depois de lutar durante toda a manhã onde a refrega era mais intensa—"bizarramente", afirmarão as testemunhas num memorial—,foi preso quando, ferido e exausto, rodeado de inimigos e ainda com a carabina nas mãos, já não podia valer-se. António Sanz, porteiro da Sala de Alcaides de Casa y Corte, identifica-o ao passar levado pelos Franceses, junto à paróquia de Santa Maria.

Daí a pouco, também Juliana Garcia, uma conhecida que vive na calle Nueva, o vê da varanda, entre outros presos, "a coxear de uma ferida na perna e

com a cara queimada de pólvora".

Outros têm mais sorte. É o caso do jovem Bartolomé Fernández Castilla que, na plazuela del Ángel, salva a vida por milagre. Servente em casa do marquês de Ariza, onde está hospedado o general francês Emmanuel Grouchy, Fernández Castilla começou a lutar desde o primeiro alvoroço do dia, armado com uma escopeta. Desta forma assistiu aos combates na puerta del Sol e, depois de se bater nas ruelas que vão de San Jerónimo a Atocha, foi ferido por uma descarga efectuada a partir da Plaza Mayor. Disperso o seu grupo, levado por três companheiros de aventura até à casa do seu patrão, onde o deixam na entrada, é rodeado pela guarda do general francês, que pretende acabar com ele à baioneta. Apercebendo-se disso, uma criada pede socorro, acorrem os restantes serventes e opõem-se todos aos Franceses. Altercam uns e outros, ameaçam empurrões e golpes, os criados conseguem meter Fernández Castilla em casa e os ânimos só se acalmam quando aparece um ajudante do general Grouchy que manda respeitar a vida do criado e levá-lo preso numa maca para o Buen Retiro. Voltam a amotinar-se os criados, recusando-se a entregá-lo, e até as cozinheiras vêm opor resistência aos imperiais. O próprio marquês, dom Vicente Maria Palafox, acaba por intervir e convence os Franceses a respeitarem o ferido. Sob o seu cuidado pessoal, o jovem permanecerá na cama quatro meses, a convalescer das suas feridas. Anos mais tarde, terminada a guerra contra Napoleão, o marquês de Ariza comparecerá por iniciativa própria perante a comissão correspondente, para que as autoridades concedam ao seu criado uma pensão pelos serviços prestados à pátria.

Enquanto na plazuela del Ángel se decide sobre a vida ou morte de Bartolomé Fernández Castilla, perto dali, na calle de La Província, o porteiro-chefe do Cárcere Real, Félix Ángel, ouve pancadas nas traseiras do edifício e vai ver quem bate. Começam finalmente a chegar os presos que saíram para combater de manhã. Muitos vêm negros de pólvora, partidos da luta, ajudando os seus camaradas a andar, mas vêm todos, mais ou menos, pelo seu pé. Chegam sós, aos pares ou em pequenos grupos, ofegantes pelo esforço da corrida que deram para fugir dos Franceses.

— Nunca pensei que me alegraria por voltar aqui—comenta um. Não falta quem mantenha a disposição para fazer alarde do que fez lá fora, nem quem tenha tido tempo de molhar o bico na taberna do arco de Botoneras. Vários trazem as roupas manchadas de sangue, nem sempre próprio, e também armas capturadas ao inimigo: sabres, fuzis e pistolas, que vão deixando no átrio e que, a toda a pressa, o porteiro-chefe faz desaparecer atirando-as para o poço.

Entre eles vêm o galego Souto—vestido com uma casaca de artilheiro francês—e um sorridente Francisco Xavier Cayón, o recluso que escreveu a petição para que os deixassem sair com a promessa de regressarem à prisão quando tudo acabasse.

— Foi duro?

— Às vezes.

Sem mais comentários, com o aprumo da gente rude, Cayón vai direito ao porrón(1) de vinho que o porteiro-chefe tem sobre a mesa da entrada, deita a cabeça para trás e despeja um longo jorro no gasganete. Depois passa-o a Souto, que faz o mesmo.

— Muitas desgraças?—interessa-se Félix Ángel. Cayón limpa a boca com as costas da mão.

— Que eu saiba, mataram Pico.

— Frasquito? O jovem pastor da Paloma?

— Esse mesmo. E também levaram Domingo Palén, ferido, para o hospital, mas não sei se terá lá chegado ou não... Também me parece ter visto cair outros dois, mas desses não tenho a certeza.

— Quem?

— Quico Sánchez e o Gitano.

— E os outros que faltam?

O preso troca um olhar trocista com o seu companheiro Souto, encolhendo os ombros.

— Não sei. Devem andar por aí.

— Prometeram voltar.

O outro pisca-lhe um olho.

— Pois se prometeram, voltarão, não é?... Suponho.

O prognóstico de Francisco Xavier Cayón cumpre-se quase à letra. O último preso baterá à porta principal do Cárcere Real ao meio-dia do dia seguinte, bem barbeado e vestido com roupa limpa, depois de ter passado, tranquilamente, a noite na sua casa do Rastro, com a família. E a contagem definitiva, remetida passados cinco dias pelo porteiro-chefe ao director da cadeia, fechará com a seguinte lista: Presos: 94 Recusaram-se a sair: 38 Saíram: 56 Mortos: 1 Feridos: 1 Desaparecidos (que se dão por mortos): 2 Prófugos: 1 Regressaram: 51

(1) Recipiente de vidro, bastante utilizado em algumas regiões de Espanha, com um bico longo e estreito por onde sai o líquido que se bebe à distância, sem encostar a boca. (N. da T.)

Na cuesta de San Vicente, Joachim Murat está a subir pelas paredes. Os seus olhos de maioral deitam faíscas entre os caracóis negros e as fartas patilhas. Um ajudante está a pô-lo ao corrente dos acontecimentos do parque de artilharia.

— Prisioneiros?—Murat não acredita no que está a ouvir.—Impossível!... Quantos?

O ajudante engole em seco. Ele também não acreditava até ter ido comprovar pessoalmente. Acaba de regressar com as esporas ensanguentadas, rebentando o cavalo.

— Detiveram o comandante Montholon, vários oficiais e uns cem soldados da sua coluna—diz com a maior suavidade que lhe é possível, vendo congestionar-se o rosto do seu interlocutor. -...Se somarmos os feridos que levaram para dentro e o destacamento de setenta e cinco homens que tínhamos aí quando se sublevou o quartel, dão uns... Enfim... A volta de duzentos.

O grão-duque de Berg, com os olhos injectados de sangue, agarra-o pelos alamares bordados da pelica.

— Duzentos?... Está a dizer-me que aquela gentalha tem em seu poder duzentos prisioneiros franceses?

— Mais ou menos, Alteza.

— Filhos da puta!... Filhos de uma grandessíssima puta! Cego de raiva, Murat dirige um olhar homicida aos dignitários espanhóis que aguardam, um pouco afastados, descobertos e de pé. Trata-se dos ministros da Fazenda, Azanza, e da Guerra, OTarril, a quem faz esperar há algum tempo.

Ao fim da manhã, Murat mandou uma mensagem ao Conselho de Castela para que aplacasse o povo, sob pena de males maiores. E os dois ministros, depois de percorrerem—inutilmente e com risco da sua própria integridade física —as ruas próximas do Palácio Real, apresentaram-se ao chefe das tropas francesas para pedir que não leve o rigor da vingança ao extremo.

— Que não leve ao extremo, dizem!... Vão ver todos o que é realmente levar ao extremo!

Acto contínuo, alterado e aos gritos, Murat ordena uma sucessão de represálias, que incluem fuzilar no terreno qualquer madrileños culpado da morte de um francês, bem como o julgamento sumaríssimo, condenação à morte incluída, de todos os homens, mulheres ou rapazes que sejam detidos com armas na mão, desde as de fogo até simples navalhas, tesouras ou qualquer instrumento que pique ou corte. Ordena também a detenção imediata, no seu domicílio, de qualquer suspeito de ter intervindo no motim e autoriza os imperiais a entrar nas

casas de onde tenham disparado contra eles.

— Que fazemos com os insurrectos do parque de artilharia, Alteza?

— Fuzilem-nos a todos.

— Antes disso será preciso... Bom. Teremos de nos apoderar do parque.

Com violência, Murat volta-se para o general-de-divisão Joseph Lagrange.

— Oiça, Lagrange, quero que se ponha ao comando do 6.o regimento da brigada Lefranc, que está a deslocar-se da estrada de El Pardo e de San Bernardino para Monteleón.

E que, com eles, recorrendo à artilharia e a todas as forças de que necessitar, incluindo o que sobrou do batalhão da Vestefália e do 4.o provisório, acabe com a resistência do parque. Está a ouvir-me?... Passe-os a todos pelas armas.

O outro, um soldado veterano e duro, com as campanhas dos Pirenéus, Egipto e Prússia na folha de serviços, põe-se em sentido com um bater de tacões.

— Às suas ordens, Alteza.

— Não quero receber da sua parte nenhuma comunicação, nenhum relatório, nenhuma mensagem. Compreende?... Não quero saber de nada que não seja o extermínio completo dos rebeldes... Percebeu bem, general?

— Perfeitamente, Alteza.

— Então mexa-se.

Lagrange ainda não montou o cavalo quando Murat se volta para Agustin-Daniel Belliard, também general-de-divisão e chefe do seu Estado-Maior.

— Belliard!

— Às ordens.

O grão-duque de Berg aponta, depreciativo, para os dois ministros espanhóis que esperam mansamente que os receba. Semanas mais tarde, pôr-se-ão ambos sem reservas ao serviço do rei intruso José Bonaparte. Agora continuam à espera, sem que ninguém os atenda. Até os batedores e os granadeiros da escolta de Murat se riem na cara deles.

— Trate desses dois imbecis. Que continuem aí, mas longe da minha vista... Vontade não me falta de os mandar fuzilar a eles também.

Apoiado numa ombreira partida da porta de Monteleón, o capitão Luis Daoiz não tem ilusões. Desde o desastre da coluna francesa não sofreram nenhum ataque sério, mas os atiradores inimigos mantêm a pressão. O cerco é total e aqueles que estão de serviço aos canhões espanhóis mantêm-se o mais a coberto possível para evitar serem atingidos. Todo aquele que atravessa a zona entre a porta do parque, o convento de Las Maravillas e as casas contíguas, tem de o fazer a correr, arriscando-se a receber uma bala. E como se não bastasse, o

capitão Goicoechea, que, com os seus Voluntários do Estado e um bom número de populares, continua postado nas janelas altas do edifício principal, anuncia movimento de canhões inimigos do lado de San Bernardo, junto à fuente de Matalobos. Tudo indica que os Franceses preparam um novo assalto em regra e que, desta vez, não têm intenção de fracassar.

— Como vês a situação?—pergunta Pedro Velarde.

Daoiz olha para o amigo, que vem a fumar um cachimbo. Traz o sabre na bainha e duas pistolas metidas no cinto. Com menos alguns botões na casaca, a dragona partida e a sujidade do combate, mais parece um contrabandista de Ronda que um oficial do Estado-Maior. Eu também não devo ter melhor aspecto, pensa o capitão.

— Mal—responde.

Os dois militares permanecem calados, atentos aos sons do exterior. Excepto por algum disparo esporádico dos atiradores furtivos, a cidade está em silêncio.

— Como está o tenente Ruiz?—interessa-se Daoiz.

— Num estado gravíssimo. Não perdeu a consciência e sofre horrores... Um rapaz valente, não é verdade?... Um bom rapaz.

— Não seria melhor levá-lo para o convento, com as freiras?

— Não convém deslocá-lo. Perdeu muito sangue e poderia ficar pelo caminho. Tenho-o na sala de oficiais, com outros feridos, nossos e franceses.

— E o resto, como vai?

Em poucas palavras, Velarde põe-no ao corrente. Os defensores do parque já estão reduzidos a meia dúzia de oficiais, dez artilheiros, uma trintena de Voluntários do Estado e menos de trezentos populares: a meia centena que está a ajudar nos canhões e defende as casas contíguas ao convento, os que estão com o próprio Velarde na porta ou nas cercas, ou com Goicoechea nas janelas do terceiro andar, e os que tratam de proteger as traseiras do recinto, embora desses, muitos desertem. Além disso, nem toda a força está ocupada com a defesa, pois parte dela é utilizada na vigilância do comandante e dos treze oficiais franceses prisioneiros no pavilhão da guarda, bem como dos duzentos soldados encarcerados nas cocheiras e cavalariças. No que se refere a munições, escasseiam os cartuchos, a falta de cargas de pólvora para os canhões é angustiante e a falta de metralha absoluta. Reservou-se um saco com pederneira de fuzil para ser utilizado como metralha se a infantaria francesa voltar a aproximar-se o suficiente.

— Vai cá aproximar-se...—comenta Daoiz, sombrio.

O amigo solta baforadas de cachimbo, agitando-se, incomodado. Perdeu

ânimo, repara Daoiz. Nem sequer um exaltado como ele pode enganar-se a si próprio nestas alturas.

— Quantos ataques podemos ainda aguentar?—pergunta Velarde.

Mais que uma pergunta, parece uma reflexão em voz alta. Daoiz abana a cabeça, céptico.

— Se os Franceses o fizerem bem, só haverá um.

Os dois capitães permanecem mais algum tempo em silêncio, vendo como alguns soldados e populares tentam melhorar a protecção em redor dos canhões. Aproveitando a pausa no combate, as peças resguardam-se com dois armões do parque e alguns móveis tirados das casas. Velarde faz um esgar.

— Achas que isso serve para alguma coisa?

— Eleva um pouco o moral.

Vindo do interior do parque, uma jovenzinha de saia suja e esfarrapada, braços nus e o cabelo preso sob um lenço, aproxima-se deles com uma garrafa em cada mão, oferecendo-lhes vinho. Dizem-lhe que não, obrigado, que vá servir a tropa; e ela, baixando a cabeça e apressando-se, dirige-se para as pessoas que protegem os canhões.

Daoiz nunca chegará a saber o seu nome, mas essa rapariga, moradora na vizinha calle de San Vicente, chama-se Manoli Armayona y Ceide e ainda não fez treze anos.

— Receio que em Madrid esteja tudo terminado—comenta Velarde de súbito.—E tu tinhas razão... Ninguém vai mexer um dedo por nós...

— Estavas à espera de quê?

— De decência. Patriotismo. Coragem... Não sei... Espanha é uma vergonha... Esperava que o nosso exemplo arrastasse outros.

— Então já vês.

— Queria perguntar-te uma coisa, Luis. Anteriormente, quando parlamentávamos com os Franceses... Chegaste a pensar em rendermo-nos?

Um silêncio. Por fim, Daoiz encolhe os ombros.

— Talvez.

Velarde olha para ele de esguelha, pensativo, a soltar baforadas de cachimbo. Depois abana a cabeça.

— Bom—conclui.—De qualquer forma, não interessa. Depois da selvajaria do tiro de canhão com a bandeira branca, já não podemos capitular, não é verdade?...

Daoiz sorri, quase sem querer.

— Não seria bem-visto.

— E tu que o digas—Velarde esboça também um sorriso de esguelha.—É melhor acabar aqui, de sabre na mão, que fuzilados de madrugada no fosso de um castelo.

Com um gesto cansado, esticando o queixo, Daoiz aponta para os homens e mulheres escondidos atrás dos móveis quebrados e dos reparos dos canhões.

— Diz-lhes isso a eles.

Os rostos de artilheiros e de populares, enegrecidos de pólvora, parecem máscaras cinzentas, brilhantes de suor. O sol aquece razoavelmente a estas horas e é evidente que o cansaço, a tensão e os estragos do combate fazem efeito. Apesar de tudo, a maior parte continua a olhar com confiança para os dois capitães. Junto à cerca da horta de Las Maravillas, entre um grupo de moradores armados com fuzis que descansa a resguardo dos atiradores franceses, Daoiz vê um miúdo de dez ou onze anos—Pepillo Amador, disseram-lhe que se chamava —que veio acompanhar os irmãos e que agora usa uma barretina francesa. Um pouco mais para cá, sentada no chão entre o cbispero Gómez Mosquera e o cabo artilheiro Eusebio Alonso, com uma enorme faca de cozinha metida no saiote, a manola Ramona Garcia Sánchez dirige um sorriso radioso ao capitão quando os seus olhares se cruzam.

— Continuam a acreditar em ti—diz Velarde.—Em nós. Daoiz encolhe novamente os ombros.

— Se não fosse por isso—responde com simplicidade—há muito tempo que me teria rendido.

Entre a uma e as duas da tarde, da varanda de uma casa da calle Fuencarral, junto ao Hospício, o literato e engenheiro reformado da Armada José Mor de Fuentes presencia, com o seu amigo Venancio Luna e o cunhado deste, que é sacerdote, o espectáculo dos batalhões franceses a entrar, com rufar de tambores e águias de asas abertas, pela puerta de Santa Bárbara. Depois de andar às voltas pela cidade, Mor de Fuentes procurou refúgio ali ao deparar com os imperiais quando se preparava para dar uma vista de olhos ao parque de artilharia. Detido por um piquete na esquina da calle de La Palma, conseguiu desembaraçar-se sem inconvenientes por falar bem a língua.

— Isto tem má pinta—comenta Luna.

— Oh, se tem! Ainda bem que pude meter-me aqui.

— O que viu pelo caminho?—interessa-se o cunhado sacerdote. Mor de Fuentes tem um copo de vinho generoso numa mão.

Com a outra faz um gesto presunçoso, como se nada do que viu fosse digno da sua combatividade patriótica.

— Muito francês. E, na última hora, moradores mortos de medo e pouca gente na rua. Quase todos os insurrectos foram para Monteleón ou andam dispersos.

— Dizem que no Prado estão a disparar sobre as pessoas—insinua Luna.

— Isso não sei. Apesar dos meus esforços, não consegui passar da fuente de La Cibeles porque encontrei cavalaria francesa... Queria chegar até ao quartel da Guarda Espanhola, onde tenho conhecidos. Naturalmente, com intenção de me juntar à tropa, se esta tivesse intervindo. Mas não tive oportunidade.

— Chegou até ao quartel?

— Bom, não propriamente... Pelo caminho soube que o coronel Marimón mandou fechar todas as portas para que ninguém saísse, de modo que percebi que não valia a pena.

Aí, pelos vistos, limitaram-se a entregar aos moradores, por cima dos muros, uma dúzia de fuzis.

— O mesmo terão feito noutros quartéis, imagino.

— Que tenham dado armas ao povo, só o ouvi referindo-se à Guarda Espanhola e de Inválidos. Os de Monteleón também, claro... Das restantes, Valonas, de Corpo e outras, não sei nada.

— Acha que virão finalmente para a rua?—pergunta o cunhado sacerdote.

— A estas horas, com o pessoal de Murat em toda a parte?... Duvido. É tarde de mais.

— Pois creia que não o lamento. Essa chusma armada é pior que os Franceses. No fim de contas, Napoleão restaurou os altares que a Revolução profanou em França...

O que importa é que se restabeleça a ordem e que acabe este disparate. As pessoas de bem, moderadas e amantes da tranquilidade pública, não estão para sobressaltos.

Na rua ouve-se um tiro de fuzil, muito perto, e os três homens retrocedem, inquietos, abandonando a varanda. Na sala de estar, sentado num sofá, Mor de Fuentes bebe outro golinho de vinho generoso.

— Não serei eu a contestar isso.

O coronel Giraldes, marquês de Casa Palácio e comandante do regimento de infantaria de linha dos Voluntários do Estado, apoia-se na mesa do seu gabinete como se fosse cair ao chão de um momento para outro.

— É o seu parque, pelo amor de Deus... Foram os seus artilheiros que começaram tudo!

— E os seus soldados?—replica o coronel Navarro Falcón.—Alguma coisa

hão-de ter feito!

— Estão sob a sua jurisdição, diacho... A responsabilidade é sua, não minha!

Há quinze minutos que se censuram um ao outro. José Navarro Falcón, director da Junta de Artilharia e superior directo dos capitães Daoiz e Velarde, apresentou-se no quartel de Mejorada, assustado com as notícias que chegam de Monteleón. Igual preocupação embarga Giraldes, inteirado de que a tropa que confiou a Velarde e ao capitão Goicoechea está envolvida no combate. Além disso, a mortandade entre as tropas francesas está a ser terrível. Com semelhantes antecedentes, a ambos os chefes lhes dói a barriga só de imaginar as consequências.

— Como foi capaz de confiar tropas a Pedro Velarde, no estado em que estava esse oficial?—pergunta Navarro Falcón.

— Deixei-me enganar—responde Giraldes.—Esse louco do seu capitão pretendia amotinar-me a tropa.

— Detivesse-o!

— E por que não o fez você, que é seu superior imediato?... Não me aborreça, homem. Os meus oficiais também andavam esquentados, querendo lançar-se à rua. Para me livrar dele não tive outro remédio senão mandar Goicoechea com trinta e três soldados... E repare que deixei as coisas claras! Nada de confraternizar com o povo, nada de oposição aos Franceses... Já vê. Uma desgraça, realmente. Garanto-lhe, pela minha honra, que isto é uma desgraça completa.

— E eu que o diga. Para todos.

— Mas cuidado, eh?... Quem deixou sair Velarde da Junta Superior e depois enviou para Monteleón o capitão Daoiz foi você. Entendido?... É o seu parque de artilharia, Navarro, e o seu pessoal. Insisto: os meus homens não tiveram outro remédio senão obedecer.

— E como sabe que foi assim que aconteceu?

— Bom, suponho.

— Supõe?... É isso que pensa dizer ao capitão-general, para se justificar?

Giraldes levanta um dedo.

— Foi o que já disse, se me permite. Enviei um ofício a Negrete garantindo-lhe que sou alheio a essa barbaridade... E sabe o que me respondeu?... Que lava daí as suas mãos... Outro que tal!—Giraldes agarra numa folha manuscrita que está na mesa e mostra-a ao coronel de artilharia.—Para deixar as coisas claras, remeteu-me com aviso de recepção uma cópia da carta que Murat enviou esta manhã para a Junta. Leia, leia... Trouxeram-ma há momentos.

É preciso que a tranquilidade se restabeleça imediatamente ou que os habitantes de Madrid esperem ver cair sobre si todas as consequências da sua resolução...

— O que acha?—prossegue Giraldes, recuperando o papel.—Mais claro que água. E ainda por cima, quando mando um dos meus ajudantes a Monteleón para que reduza esses selvagens à obediência, coisa que você deveria ter feito, não lhes ocorre mais nada senão disparar um tiro de canhão a meio da parlamentação, provocando uma chacina... De modo que o que menos interessa é como irá terminar esta história do parque. O que me preocupa agora são as consequências.

— Para você e para mim?

— De certa forma, sim. Para nós, como responsáveis... Quero dizer, para todos, naturalmente. Já viu como se comporta Murat. Que desgraça, Navarro. Digo-lhe, que desgraça.

Exasperado, irritadíssimo e sem saber o que fazer, o coronel Navarro Falcón despede-se de Giraldes. Uma vez na rua, decide dar uma vista de olhos para as bandas de Monteleón e põe-se a andar pela calle de San Bernardo acima até que, na esquina da calle de La Palma, um piquete lhe impede a passagem com maus modos, sem qualquer deferência para com o seu uniforme e galonas.

— Arrêtez-vous!

No seu francês básico, aprendido durante a campanha dos Pirenéus, o chefe da Junta de Artilharia de Madrid pede para falar com um oficial mas o máximo que consegue é que um subtenente bigodudo com espinhas na cara se aproxime. Pelas insígnias, Navarro Falcón verifica que pertence ao 5.o regimento da 2.a divisão de infantaria que, logo de manhã, de acordo com as suas informações,

estava acampada na carretera de El Prado. Os imperiais estão a meter na dança, deduz, tudo o que têm.

— Posso paser un peu avant, silvuplé?

— Interdit!... Reculez!

Navarro Falcón toca nas granadas douradas da gola da casaca.

— Sou o director da Junta...

— Reculez!

Dois soldados erguem os fuzis e o coronel, prudentemente, dá meia-volta. Está informado de que o brigadeiro Nicolás Galet y Sarmiento, governador da Fazenda Real, que esta manhã quis interceder pelos seus funcionários da Guarda da Fazenda Real, levou um tiro dos Franceses. De modo que o melhor será não desafiar a sorte. Para Navarro Falcón, os seus anos de juventude intrépida,

Brasil, Rio da Prata, a colónia de Sacramento, o assédio de Gibraltar e a guerra contra a República Francesa estão demasiado longínquos. Agora tem uma promoção à porta—ou tinha, até esta manhã—e dois netos que deseja ver crescer. Enquanto se afasta, procurando fazê-lo devagar e sem perder a compostura, ouve ao longe descargas de fuzis. Antes de voltar as costas, teve oportunidade de ver muita infantaria e quatro canhões franceses diante do Palácio de Montemar, junto à fuente de Matalobos. Duas das peças apontavam para San Bernardo e para a cuesta de Santo Domingo, e ao seu olho experiente não escapa o facto de estarem ali para impedir qualquer ajuda aos que estão cercados. Os outros canhões cobrem a calle de San José e o parque de artilharia. E enquanto continua a afastar-se do local sem olhar para trás, o coronel ouve-os abrir fogo.

O primeiro disparo de metralha atira sobre os defensores uma nuvem de pó, estuque pulverizado e fragmentos de tijolos.

— Estão a atirar de Matalobos!... Cuidado!... Cuidado!

Advertidas dos movimentos franceses pelo capitão Goicoechea e pelos que observam das janelas altas do parque, as pessoas têm tempo de procurar refúgio, e a primeira descarga salda-se em apenas dois feridos. Bernardo Ramos, de dezoito anos, e Angela Fernández Fuentes, de vinte e oito, que está ali a acompanhar o marido, um carvoeiro da calle de La Palma chamado Ángel Jiménez, são evacuados para o convento de Las Maravillas.

— Os artilheiros para a rua! E agachados!—grita o capitão Daoiz.—Os restantes, procurem abrigo!... A coberto, rápido!... A coberto!

A ordem é oportuna. Segue-se pouco tempo depois um segundo disparo francês e um terceiro, antes que o fogo se torne preciso e constante, com grande exibição de fuzilaria vinda de todas as esquinas, terraços e telhados. Para Luís Daoiz, único que se mantém em pé entre os canhões apesar do fogo horrendo que fustiga a rua, a intenção dos Franceses é clara: impedir o descanso dos defensores e mantê-los de cabeça baixa, submetidos a um desgaste intenso antes de um assalto geral. Por isso continua a gritar às pessoas que se protejam e economizem munição até a infantaria inimiga estar ao alcance. Também ordena ao capitão Velarde, que se aproximou por entre o fogo para pedir instruções, que mantenha os seus homens dentro do parque, prontos para saírem quando surgirem baionetas inimigas.

— E tu fica com eles, Pedro. Estás a ouvir?... Aqui não fazes nada e alguém tem de ficar com o comando se me atingirem.

— Se continuares aí, de pé, terei de te substituir bem depressa.

— Lá para dentro, já disse. É uma ordem.

Passado pouco tempo, o bombardeamento ensurdecedor—a onda expansiva dos tiros de canhão entra pela rua, retumbando em todos os peitos juntamente com o estrépito da metralha—e a intensa fuzilaria francesa começam a provocar danos. Aumenta a punição, corre o sangue e algumas pessoas, as que se abrigavam nas entradas próximas, na horta e atrás do gradeamento do convento, começam a debandar e desaparecem por onde podem. É o caso do jovem Francisco Huertas de Vallejo e do seu companheiro dom Curro, que se protegem nas Maravillas depois de um estilhaço seccionar a jugular do compositor tipógrafo Gómez Pastrana, que sangra até morrer. Também são feridos um serralheiro chamado Francisco Sánchez Rodríguez, o presbítero de trinta e sete anos dom Benito Mendizábal Palencia—que veste roupa secular e que esteve a bater-se com uma escopeta—e o estudante José Gutiérrez, que hoje aparece em todos os locais perigosos. A ferida deste asturiano de Covadonga é já a quarta—ainda há-de receber hoje mais trinta e nove e, apesar disso, sobreviverá—,um lóbulo da orelha arrancado pelo ricochete de uma bala. Gutiérrez vai pelo seu pé até junto das freiras para que estas o liguem antes de voltar ao combate. Mais tarde contará que o que mais o impressionou foi a quantidade enorme de sangue —"como se tivessem atirado para o chão baldes e baldes"—que pisou enquanto caminhava pelos corredores do convento.

Na rua, enquanto isso, o resto do bando de José Gutiérrez é quase aniquilado quando outra descarga francesa mata, na própria porta do parque, dois dos últimos três homens que restavam de pé de todos os que o seguiram até Monteleón: o barbeiro Martin de Larrea e o seu empregado Felipe Barrio. Também faz cair, gravemente ferido, o artilheiro Juan Domingo Serrano, cujo posto é ocupado pelo cocheiro do marquês de San Simón: um rapaz alto e robusto, de braços fortes, chamado Tomás Álvarez Castrillón.

Cai pouco depois junto do canhão onde serve juntamente com o marido e filhos, a moradora do bairro Clara del Rey, atingida por um fragmento de metralha que lhe rebenta a testa. A perda mais impressionante é a do pequeno de onze anos Pepillo Amador Álvarez, que durante todo o dia se manteve junto dos irmãos António e Manuel, ajudando-os no combate. No fim, uma bala francesa atinge-o na cabeça quando, depois de atravessar várias vezes a correr a zona fustigada com a audácia da sua pouca idade, traz um cesto cheio de munições. Morre assim o mais jovem dos defensores do parque de artilharia.

Tem poucos anos mais que Pepillo Amador o soldado francês que, no improvisado Hospital de Las Maravillas, agoniza nos braços da soror Pelagia

Revut.

— Ma mère!—exclama, no momento de morrer.

A freira compreende perfeitamente as últimas palavras do rapaz porque ela própria é francesa. Chegou a Espanha em 1794 com um grupo de religiosas que fugia da Revolução.

Esta manhã, quando ao primeiro estampido de canhão saltaram os vidros do cruzeiro e das janelas, as religiosas abandonaram espavoridas as suas celas e juntaram-se na igreja a rezar, julgando ter chegado o fim do mundo. Foi o capelão-mor do convento, dom Manuel Rojo, que, depois de encorajar as carmelitas com orações e palavras de ânimo, apelando depois ao humanismo e à caridade cristã, mandou abrir a clausura e franquear a cancela do templo e a grade do átrio. Depois, auxiliado por alguns moradores, começou a meter feridos lá dentro, sem distinção de uniforme—no início a maior parte era francesa—enquanto as freiras, preparando fios, ligaduras, caldos e tónicos, se ocupavam deles. Agora, átrio, templo, locutório e sacristia ecoam com gemidos e gritos de dor em ambas as línguas, as vinte e uma religiosas—na realidade vinte, porque soror Eduarda continua, da janela, a encorajar os patriotas—atendem os feridos e o capelão vai de um para outro, entre corpos mutilados e charcos de sangue, dando auxílio espiritual. Os últimos defensores de Monteleón que acabam de trazer são uma mulher moribunda chamada Juana Garcia, com domicílio no número 14 da calle de San José, e um chispero jovem e corajoso que segura nos seus próprios intestinos, atingido por um tiro de metralha, de nome Pedro Benito Miro. Este é colocado no chão entre outros feridos e agonizantes, sem lhe poderem dar outro socorro além de uns trapos com que lhe vendam o ventre.

— Padre!—chama soror Pelagia, que fecha os olhos do soldado francês.

Acorre dom Manuel e murmura uma oração enquanto faz o sinal da cruz na testa do morto.

— Era católico?

— Não sei.

— Bom, é a mesma coisa.

Levantando-se, a freira atende outros compatriotas. Soror Maria de Santa Teresa, a superiora, incumbiu-a, devido ao seu nascimento e por dominar a língua, de se encarregar dos franceses feridos no desastre da coluna de Montholon, ou dos que entram pela parte meridional do convento, através da porta da igreja que dá para a calle de La Palma. Porque no convento de Las Maravillas se verifica uma situação peculiar, possível apenas devido à confusão de um combate como o que se trava no exterior: enquanto os tiros franceses de

canhão arrasam o jardim e a horta, arruinam o Noviciado, maltratam as paredes e enchem os pátios e as galerias de entulho e de fragmentos de metralha, por San José e San Pedro entram feridos espanhóis, e pela Palma trazem os feridos franceses, ambos os lados respeitando o recinto como terreno neutro ou sagrado. Este tipo de consideração não é comum nas tropas imperiais, que profanaram igrejas e ainda o farão muito mais, em Madrid e em toda a Espanha. Mas a circunstância de as freiras acolherem as vítimas, bem como a presença mediadora de soror Pelagia, operam o milagre.

Perto do Palácio de Montemar, o general-de-divisão Joseph Lagrange, futuro conde do Império com nome inscrito no Arco do Triunfo de Paris, presencia o bombardeamento do parque de artilharia.

— Creio que já os refreámos o suficiente—insinua o general -de-brigada Lefranc, que está ao seu lado, observando a calle de San José com uns binóculos.

— Esperemos um pouco mais.

Com o hálito do duque de Berg no cachaço, Lagrange, soldado frio e minucioso—por isso Murat o encarregou de resolver a crise—,não quer correr riscos desnecessários.

Os madrileños, com tão pouca preparação militar e que nem sequer têm milícias cidadãs, não estão habituados a ver-se sob o fogo das bombas; e o general francês tem a certeza de que, quanto mais prolongar o castigo, menor será a resistência ao assalto, que deseja definitivo e final. Lagrange, militar aguerrido de cinquenta e quatro anos, pele pálida e nariz aquilino emoldurado por patilhas à moda imperial, tem experiência em sufocar motins: durante a campanha do Egipto encarregou-se de esmagar sem misericórdia, metralhando a multidão, a revolta do Cairo.

— Não acha que poderíamos avançar?—insiste Lefranc, dando pancadinhas impacientes nos binóculos.

— Ainda não—responde Lagrange num tom áspero.

Na realidade está prestes a ordenar o ataque da infantaria mas não aprecia Lefranc—louro, nervoso, pouco habilidoso a esconder as suas emoções—e deseja mortificá-lo.

O general-de-divisão compreende que o seu colega, humilhado por ter sido afastado do comando, não seja o homem mais feliz da Terra. Mas uma coisa é a questão do brio, compreensível em qualquer militar, e outra a recepção antipática que lhe dispensou Lefranc, ao ponto de o informar a contragosto sobre a composição e distribuição táctica da tropa. De modo que o general-de-divisão, pouco amigo de mal-entendidos em questões de serviço, pôs o de brigada em

sentido, recordando-lhe sem rodeios que não tinha pedido o comando desta operação, que as ordens vieram directa e verbalmente do grão-duque de Berg e que no Exército imperial, como em todos os exércitos do mundo, quem manda, manda.

— Vamos lá—acaba por dizer.—Que continuem a disparar os canhões até que a vanguarda chegue à esquina. Depois, a passo de carga.

Os seus ajudantes trazem os cavalos de ambos os generais; porque estas coisas, diz Lagrange, têm de ser feitas como é devido. Soa o clarim, rufam os tambores, a águia tricolor abre as asas e os oficiais gritam ordens, formando em coluna de ataque os mil e oitocentos homens do 6.o regimento provisório de infantaria. Quase o mesmo número de efectivos—isso inclui o maltratado regimento do capturado Montholon e o que resta do batalhão da Vestefália—estreita o cerco em volta do parque e isola-o do exterior. Nesse instante, obedecendo aos toques de clarim e aos sinais do tambor, intensifica-se o fogo de fuzilaria contra os rebeldes. Ao longo da coluna correm já os habituais vivas ao imperador com que o Exército francês costuma encorajar-se em cada assalto. Para o encabeçar, Lagrange conseguiu um destacamento de sapadores, que utilizará para afastar os obstáculos, e alguns granadeiros bigodudos da Guarda Imperial. Tem a certeza de que, colocados à frente com a sua reputação de imbatíveis, esses veteranos arrastarão com maior eficácia os inexperientes. Com uma última vista de olhos, invejando o soberbo pigarço de Jerez montado pelo seu colega Lefranc—requisitado manu militari há quinze dias em Aranjuez—,o pacificador do Cairo monta o seu cavalo e verifica que está tudo a postos. De modo que, satisfeito com a massa compacta e reluzente de baionetas que se estende da plazuela de Monserrate até ao convento de Las Comendadoras de Santiago, instala-se na sela, apoia as botas nos estribos e pede a Lefranc que se coloque ao seu lado.

— Agora, se achar bem, general—comenta, seco—,acabemos com isto de uma vez.

Dez minutos depois, da esquina de San Bernardo ao convento de Las Maravillas, a calle de San José é uma fogueira. A fumarada da pólvora contorce-se em espirais rasgadas pelas labaredas, e por cima do rufar dos tambores e dos toques de clarim franceses eleva-se o crepitar violento da fuzilaria.

Atiram contra essa neblina os homens que o capitão Goicoechea dirige das janelas altas do edifício principal do parque, e atiram tudo o que têm—tiros, pedras, telhas e tijolos arrancados—os que, empoleirados na cerca, tentam dificultar mais de perto o avanço francês. Diante da porta, os canhões disparam

bala rasa contra a coluna inimiga e em volta deles concentram-se os populares e soldados que o capitão Velarde traz do interior do parque para enfrentarem as baionetas próximas.

— Aguentem!... Por Espanha e por Fernando VII!... Aguentem!

Artilheiros, Voluntários do Estado, populares e mulheres, empunhando fuzis, baionetas, sabres e facas, vêem surgir da fumarada, imparáveis, as barretinas dos granadeiros inimigos, os machados e lanças dos sapadores, as barretinas pretas e as baionetas da temível infantaria imperial. Mas em vez de hesitar ou retroceder, mantêm-se firmes em volta dos canhões, disparam os arcabuzes sobre os Franceses, encostando-lhes quase os canos ao peito, à queima-roupa. E um último tiro de canhão atira, na falta de metralha, uma chuva de pederneiras de fuzil que faz um bom destroço na vanguarda francesa e esventra o cavalo de Jerez do general Lefranc, caindo este por terra, magoado. Os Franceses hesitam diante da descarga brutal e, ao pararem um instante, renova-se a coragem dos defensores.

— Resistam por Espanha!... Somos capazes de tudo!... A eles! Investem os mais ousados, lançando-se contra os granadeiros, e trava-se assim um combate desigual, de perto, corpo-a-corpo, a golpes de baioneta e coronhadas, usando os fuzis descarregados como maças. Caem mortos nessa refrega Tomás Álvarez Castrillón, o jornaleiro José Álvarez e o soldado dos Voluntários do Estado, de vinte e dois anos, Manuel Velarte Badinas; e ficam feridos o empregado de talho Francisco Garcia, o soldado Lázaro Cansanillo e Juana Calderón Infante, de quarenta e quatro anos, que luta junto do marido José Beguí. Do lado francês as baixas são numerosas. Impressionados com a ferocidade do contra-ataque, os imperiais retrocedem, deixando o chão coberto de mortos e de feridos, sob o fogo ininterrupto vindo das janelas e das cercas. Depois, refazendo-se, empurrados pelos seus oficiais, fazem uma descarga cerrada que dizima os defensores e avançam de novo, à baioneta.

A fuzilaria, intensa e terrível, fere sobre a cerca o popular Clemente de Rojas e o capitão das Milícias Provinciais de Santiago de Cuba Andrés Rovira, que esta manhã veio acompanhar Pedro Velarde e os homens do capitão Goicoechea. Também mutila, junto à porta do parque, Manoli Armayona, a rapariga que durante a última pausa do combate esteve a servir vinho aos artilheiros, e fere mortalmente, perto dos canhões, José Aznar, que luta junto do filho José Aznar Moreno—este vingá-lo-á lutando como guerrilheiro nas duas Castelas—,o correeiro sexagenário Julián López Garcia, o morador da calle de San Andrés Domingo Rodríguez González e os jovens de vinte anos António Martin

Rodríguez, aguadeiro de profissão, e António Fernández Garrido, pedreiro.

— Aí vêm novamente os gabachos!... É preciso detê-los, porque não darão quartel!

O ímpeto do segundo assalto leva os Franceses quase a tocar com a mão nos canhões. Não há tempo de carregar de novo as peças, de modo que o capitão Daoiz, girando o sabre em molinete sobre a cabeça, reúne toda a gente que pode.

— Aqui, comigo!... Que lhes saia caro!

Acorrem, agrupando-se à sua volta com desesperado arrojo, o resto do bando de Cosme de Mora, o rude chispero Gómez Mosquera, o artilheiro António Martón Magdalena, o escrevente de artilharia Domingo Rojo, a manola Ramona Garcia Sánchez, o estudante José Gutiérrez, alguns Voluntários do Estado e uma dúzia de populares dos que ainda não fugiram à procura de refúgio. Pedro Velarde, também de sabre na mão e fora de si, corre de um lado para outro, obrigando aqueles que se escondem no convento de Las Maravillas ou dentro do parque a voltar ao combate. Desta forma, tira do convento, aos empurrões, o jovem Francisco Huertas de Vallejo, dom Curro e alguns feridos leves que tinham procurado abrigo, e obriga-os a juntar-se àqueles que defendem os canhões.

— Aquele que retroceder, mato-o eu próprio!... Viva Espanha! Continua corpo-a-corpo o segundo assalto francês, de baionetas em riste. Nenhum dos defensores teve tempo de morder cartuchos e carregar fuzis, de modo que soam alguns tiros à queima-roupa e confia-se a matança às baionetas, facas e navalhas. Agora, de perto, a vantagem dos inimigos é apenas a do número, pois a cada passo que dão são atacados por homens e mulheres que combatem como feras, embriagados de sangue e de ódio.

— Que o paguem!... Para o Inferno com eles!... Que o paguem!

Abatem desta forma muitos franceses mas também, misturados entre inimigos a quem apunhalam ou batem com os fuzis descarregados, caem crivados de balas e de golpes de baioneta o artilheiro Martin Magdalena, o chispero Gómez Mosquera, os Voluntários do Estado Nicolás Garcia Andrés, António Luce Rodríguez e Vicente Grão Ramírez, o guarda-nocturno galego Pedro Dabrana Fernández e o taberneiro de San Jerónimo José Rodríguez, morto ao atacar um oficial inimigo na companhia do filho Rafael.

— Os Franceses pararam!—urra o capitão Daoiz.—Resistam, que os parámos!

É verdade. Pela segunda vez, o ataque dos mil e oitocentos homens da coluna Lagrange-Lefranc é detido diante dos canhões, onde os mortos e feridos

de ambos os lados se amontoam a ponto de dificultar a passagem. Uma nova descarga da artilharia—descarga inesperada feita a partir da calle de San Pedro —deixa crivado o estudante José Gutiérrez, que cai milagrosamente vivo, mas com trinta e nove impactos de metralha no corpo. A mesma descarga mata a moradora da calle de La Palma Angela Fernández Fuentes, de vinte e oito anos, que combate sob o arco da porta do parque, a sua comadre Francisca Olivares Munoz, o morador José Álvarez e o popular de sessenta e seis anos Juan Olivera Diosa.

— Carreguem novamente!... Vêm aí outra vez!

Nesta ocasião o assalto francês já não se detém. Gritando "Sacré nom de Dieu, en avant, en avant!", os granadeiros, sapadores e fuzileiros trepam sobre o monte de cadáveres, dominam os que defendem os canhões e chegam à porta do parque. A fumarada e as labaredas dos que ainda têm armas carregadas misturam-se com gritos e bramidos, estalidos de carne aberta e de ossos que se quebram, cheiro a pólvora queimada, exclamações, blasfémias e invocações piedosas. Enlouquecidos com a carnificina, os últimos defensores do parque matam e morrem, ultrapassadas as fronteiras do desespero e da coragem. Daoiz, que se defende com golpes de sabre, vê cair ao seu lado, morto, o escrevente Rojo. O cabo veterano Eusebio Alonso é desarmado—um granadeiro inimigo arrebata-lhe o fuzil das mãos—e cai gravemente ferido depois de se defender aos murros e pontapés. E cai também a manola Ramona Garcia Sánchez, que, provida do seu facalhão de cozinha, tem a audácia suficiente para pespegar a um inimigo: "Vem aqui para te arrancar os olhos, alma minha", antes de a matarem à baioneta. Nesse momento, quando acode do interior do parque com reforços, um balázio mata Pedro Velarde na porta. O serralheiro Blas Molina, que vem atrás dele a correr juntamente com o escrevente Almira, o estalajadeiro Fernández Villamil, os irmãos Muniz Cueto e alguns Voluntários do Estado, vê-o cair ao chão e, desorientado, pára e retrocede com os outros.

Só Almira e o superintendente da Real Florida Esteban Santirso se inclinam sobre o capitão e, agarrando-o por um braço, tentam pô-lo a salvo. Uma outra bala atinge Santirso no peito, fazendo-o cair por sua vez. Almira desiste ao verificar que arrasta apenas um cadáver.

Da rua, o jovem Francisco Huertas de Vallejo viu morrer o capitão Velarde e verifica também que os Franceses começam a entrar pela porta do parque.

"É hora de fugir", pensa.

Lutando de frente, porque não se atreve a voltar as costas aos inimigos, caminhando para trás enquanto se cobre com o fuzil armado de baioneta, o

jovem tenta afastar-se da carnificina a que se assiste em redor dos canhões. Retrocede assim com dom Curro Garcia e com outros populares, formando um grupo a que se juntam os irmãos António e Manuel Amador—que carregam o corpo sem vida do seu irmão Pepillo—,o tipógrafo Cosme Martínez del Corral, o soldado dos Voluntários do Estado Manuel Garcia, e Rafael Rodríguez, filho do taberneiro de Hortaleza José Rodríguez, morto há pouco. Todos eles tentam chegar à porta traseira do convento de Las Maravillas, mas junto à cerca os imperiais caem-lhes em cima. Prendem Rafael Rodríguez, fogem Martínez del Corral e os irmãos Amador e cai dom Curro com a cabeça aberta, derrubado pelo sabre de um oficial. Resistem uns, escapam outros, e Francisco Huertas investe sobre o oficial num impulso de raiva, decidido a vingar o seu companheiro. A baioneta penetra sem dificuldades no corpo do francês e o jovem arrepia-se quando sente o aço ranger entre os ossos da anca do seu adversário, que dá um grito e cai, debatendo-se. Recuperando o fuzil, apavorado com a sua própria acção, evitando os chumbos que zunem em redor, Francisco Huertas dá meia-volta e refugia-se no interior do convento.

Rodeado de mortos, cercado por baionetas, atordoado pelo estrondo do canhão e da fuzilaria, o capitão Daoiz continua a usar o sabre para se defender. Na rua resta apenas uma dúzia de espanhóis, que se protegem entre os reparos, mergulhados num mar de inimigos e com o único objectivo de continuarem vivos a todo o custo ou levarem pela frente todos os que puderem. Daoiz está incapaz de pensar, ofuscado pelo fragor do combate, rouco pelos gritos e cego pela pólvora. Desloca-se por entre a bruma.

Nem sequer consegue dominar os movimentos do braço que maneja o sabre e o seu instinto diz-lhe que, de um momento para outro, um dos muitos aços que o perseguem lhe perfurará a carne.

— Aguentem!—grita às cegas, para o vazio.

De repente sente um golpe na coxa direita: um impacto seco que o agita até à coluna vertebral e o faz ficar sem forças. Com uma expressão de estupor, olha para baixo e observa, incrédulo, o orifício de bala que lhe rasga o músculo e faz jorrar sangue aos borbotões, empapando a perna das calças. "Acabou-se", pensa precipitadamente enquanto retrocede, coxeando, até conseguir apoiar-se no canhão que está atrás de si. Depois olha em volta e diz para consigo: "Pobre gente."

Desmontado entre a confusão do combate, quase na própria vanguarda das suas tropas, o general-de-divisão Joseph Lagrange manda cessar o fogo. Alguns passos atrás, junto ao magoado general-de-brigada Lefranc, está um alto

dignitário espanhol, o marquês de San Simón, que, com o uniforme de capitão-general e coberto por todas as suas insígnias e condecorações, conseguiu abrir caminho até ali, à última hora, para pedir que parem aquela loucura, oferecendo-se para obter a obediência dos que ainda resistem no interior do parque de artilharia. Ao general Lagrange, apavorado com as terríveis baixas sofridas pelos seus homens no assalto, não agrada a ideia de continuar a combater quarto a quarto até conseguir controlar os edifícios onde se refugiam os rebeldes. De modo que acede ao pedido do velho espanhol, que já conhece. Agitam-se lenços brancos e o toque de clarim, repetido várias vezes, produz efeito nos disciplinados soldados imperiais, que detêm o fogo e deixam de investir sobre os poucos sobreviventes que permanecem entre os canhões. Cessam assim disparos e gritos, enquanto a fumarada se dispersa e os adversários olham uns para os outros, atordoados: centenas de franceses em volta dos canhões e no pátio de Monteleón, espanhóis às janelas e nas cercas crivadas de metralha, que atiram os fuzis ou fogem para o edifício principal, e o reduzido grupo que continua de pé na rua, tão sujo e roto que torna quase impossível distinguir populares de militares, todos eles negros de pólvora, cobertos de sangue, olhando em volta com os olhos alucinados de quem vê suspender a sua sentença no próprio umbral da morte.

— Rendição imediata ou matança!—grita o intérprete do general Lagrange. —Deponham os fuzis ou serão passados pelas armas!

Após um momento de hesitação, quase todos obedecem lentamente, esgotados. Como sonâmbulos. Seguindo o general Lagrange, que abre caminho entre a sua tropa, o marquês de San Simón observa, horrorizado, a rua coberta de cadáveres e de feridos que se agitam e gemem. Espanta a quantidade de populares, entre eles muitas mulheres, misturados com os militares.

— Todos vocês são prisioneiros!—grita o intérprete francês, repetindo as palavras do seu general.—O parque fica sob autoridade imperial por direito de conquista!

Um pouco mais afastado, o marquês de San Simón avista um oficial de artilharia a ser rispidamente censurado pelo general francês. O oficial está de joelhos, reclinado sobre um dos canhões, com o rosto lívido, uma mão a comprimir a ferida de uma perna ensanguentada e a outra a segurar ainda no sabre. Talvez, conclui San Simón, se trate do capitão Daoiz, que não conhece pessoalmente, mas que sabe—a estas horas Madrid inteira está ao corrente—ser o responsável pela sublevação do parque.

Enquanto avança, curioso, disposto a vê-lo mais de perto, o velho marquês

ouve algumas das palavras insultuosas que o general Lagrange, alterado pela matança e numa algaravia precipitada de francês e mau espanhol, dirige ao ferido. Fala de responsabilidades, de temeridade e de loucura, enquanto o outro olha para ele nos olhos, impassível e sem baixar a cabeça. Nesse momento, Lagrange, que tem o sabre na mão, toca com a ponta deste, depreciativo, numa das dragonas do artilheiro.

— Traítre!—insulta-o.

É evidente que o capitão ferido—agora o marquês de San Simón tem a certeza de que é Luis Daoiz—compreende o idioma francês, ou pressente, pelo menos, o cariz do insulto. Porque o seu rosto, branco devido à perda de sangue, se congestiona de chofre ao ser chamado traidor. Depois, sem pronunciar uma palavra, levantando-se de repente com uma careta de dor e um esforço violento da sua perna saudável, desfere um golpe de sabre que trespassa o francês. Lagrange cai para trás, nos braços dos seus ajudantes, desmaiado e deitando sangue pela boca. E enquanto explode uma gritaria confusa à sua volta, vários granadeiros que estão atrás investem sobre o capitão espanhol e trespassam-no pelas costas, à baioneta.

8.

O coronel Navarro Falcón chega ao parque de Monteleón pouco antes das três da tarde, depois de tudo ter terminado. E fica aterrado com o panorama. A cerca está crivada de balas e a calle de San José, a porta e o pátio do quartel cobertos de escombros e de cadáveres. Os Franceses agrupam no largo uma trintena de populares prisioneiros e desarmam os artilheiros e os Voluntários do Estado, fazendo-os formar à parte. Navarro Falcón identifica-se perante o general Lefranc, que o trata de uma forma bastante desabrida—ainda estão a tratar do general Lagrange, ferido pela espada de Daoiz—,e depois percorre o local, interessando-se pelo estado de uns e de outros. É o capitão Juan Cônsul, que pertence à arma de artilharia, quem lhe apresenta o primeiro relatório da situação.

— Onde está Daoiz?—pergunta o coronel.

Cônsul, cujo rosto revela os efeitos do combate, faz uma expressão vaga, de extremo cansaço.

— Levaram-no para casa, gravemente ferido... A morrer. Não havia macas, de modo que o colocaram sobre uma escada e uma manta.

— E Pedro Velarde?

O outro aponta para um monte de cadáveres agrupados junto à fonte do pátio. —Ali.

O corpo nu de Velarde está atirado de qualquer maneira entre outros, porque os Franceses o despojaram da roupa. A casaca verde do Estado-Maior despertou a cobiça dos vencedores. Navarro Falcón fica imóvel, paralisado pelo estupor. É tudo pior do que imaginou.

— E os escreventes do meu gabinete que vieram com ele?... Onde está Rojo?

Cônsul olha para ele como se lhe custasse compreender o que diz. Tem os olhos avermelhados e o olhar turvo. Passado uns instantes abana a cabeça devagar.

— Morto, acho.

— Meu Deus... E Almira?

— Foi acompanhar Daoiz.

— E os outros?... Os artilheiros e o tenente Arango.

— Arango está bem. Vi-o por aí, com os Franceses... Dos artilheiros perdemos sete, entre mortos e feridos. Mais de um terço dos que cá estavam.

— E os Voluntários do Estado?

— Desses também caíram muitos. Metade, pelo menos. E populares, mais de

sessenta.

O coronel não consegue afastar os olhos do cadáver de Pedro Velarde: tem as pálpebras semicerradas, a boca aberta e na pele pálida, cerúlea, sobressai o orifício da bala junto do coração.

— Vocês estão loucos... Como puderam fazer o que fizeram? Cônsul aponta para um charco de sangue junto dos canhões, onde Daoiz caiu depois de trespassar o general francês com o seu sabre.

— Luis Daoiz assumiu a responsabilidade—diz, encolhendo os ombros.—E nós seguimo-lo.

— Seguiram-no?... Isto foi uma barbaridade! Uma loucura que nos sairá cara a todos!

Um capitão, ajudante do general La Riboisière, comandante da artilharia francesa, interrompe a conversa. Depois de perguntar ao coronel, num espanhol correcto, se é o chefe da praça, pede-lhe as chaves dos armazéns, do museu militar e da caixa dos fundos. Tendo sido tomado o quartel pela força das armas, acrescenta, todos os bens pertencem ao Exército imperial.

— Não tenho nada que entregar-lhe—responde Navarro Falcón.—Vocês apoderaram-se de tudo, de modo que não precisam da merda da chave para nada.

— Desculpe?

— Deixe-me em paz, homem.

O francês fita-o perplexo, olha para Cônsul como se este o tivesse ofendido e depois, secamente, dá meia-volta e afasta-se.

— O que vai ser de nós?—pergunta Cônsul ao coronel.

— Não sei. Não tenho instruções e os Franceses fazem o que lhes apetece... Você tente sair daqui com os nossos artilheiros, assim que for possível. Pelo que pode acontecer.

— Mas o capitão-general... Ajunta Governativa...

— Não me faça rir.

Cônsul aponta para o grupo de Voluntários do Estado que, com o capitão Goicoechea, se concentram numa esquina do pátio, desarmados e exaustos.

— E o que lhes vai acontecer a eles?

— Não sei. Os seus chefes terão de tratar disso, suponho. Sem dúvida o coronel Giraldes intervirá... Eu vou enviar uma nota ao capitão-general, a explicar que os artilheiros se envolveram a contragosto, por culpa de Daoiz, e que toda a responsabilidade é desse oficial. E de Velarde.

— Isso não é exacto, meu coronel... Pelo menos, não totalmente.

— O que importa?—Navarro Falcón baixa a voz.—Nem um nem outro têm

já nada a perder. Velarde está aí deitado e Daoiz está a morrer... Você próprio preferirá isso a ser fuzilado.

Cônsul mantém-se em silêncio. Parece estar atordoado de mais para falar.

— O que farão aos populares?—acaba por inquirir. O coronel faz um esgar.

— Esses não podem alegar que cumpriam ordens. E também não são problema meu. A nossa responsabilidade acaba em...

A meio da frase, Navarro Falcón interrompe, incomodado. Acaba de se aperceber de uma centelha de desprezo nos olhos do seu subordinado.

— Vou-me embora—acrescenta, brusco.—E lembre-se do que acabei de dizer. Assim que lhe for possível, desapareça.

Juan Cônsul, que morrerá pouco tempo depois, batendo-se na defesa de Saragoça, assente com ar ausente, desolado, olhando em volta.

— Tentarei. Embora alguém tenha de ficar ao comando disto.

— Ao comando estão os Franceses, como vê—conclui o coronel.—Mas deixaremos o tenente Arango, que é o oficial mais moderno.

O destino dos populares detidos em Monteleón não inquieta apenas o capitão Cônsul, angustiando também, e muito, os interessados. Agrupados primeiro no fundo do pátio sob a estreita vigilância de um piquete francês e encerrados agora nas cavalariças do parque, instalando-se conforme podem entre o esterco e a palha nojenta, uma trintena de homens—o número aumenta à medida que os Franceses trazem aqueles que encontram escondidos ou que detêm nas casas vizinhas—espera que se decida o seu destino. São os que não conseguiram saltar a cerca ou esconder-se em caves e sótãos e que foram presos ao pé dos canhões ou nas dependências do parque. Terem-nos separado dos militares provoca-lhes maus pressentimentos.

— No fim só nós é que pagaremos—comenta o oficial de obras Francisco Mata.

— Pode ser que respeitem a nossa vida—contrapõe um dos seus companheiros de infortúnio, o porteiro de tribunal Félix Tordesillas.

Mata olha para ele com cepticismo.

— Com todos os gabachos que aviámos hoje?... Vão-nos respeitar o caraças!

Mata e Tordesillas pertencem ao grupo de civis que lutou nas janelas do edifício principal, sob as ordens do capitão Goicoechea. Com eles estão, entre outros, o serralheiro de Ávila Bernardo Morales, o carpinteiro Pedro Navarro, o empregado de Rendas Reais Juan António Martínez del Álamo, um morador do bairro chamado António González Echevarría—atingido por um estilhaço na testa, que ainda sangra—,e Rafael Rodríguez, filho do taberneiro de Hortaleza

José Rodríguez, morto ao pé dos canhões, a cujo cadáver não pôde dedicar qualquer piedade filial além de lhe cobrir o rosto com um lenço.

— Alguém viu Pedro, o padeiro?

— Mataram-no.

— E Quico Garcia?

— Também. Vi-o cair ao pé dos canhões, com a mulher de Beguí.

— Pobrezinha... Essa tinha mais tomates que muitos. Onde está o marido?

— Não sei. Acho que conseguiu fugir a tempo.

— Oxalá eu não tivesse esperado tanto. Não estaria como estou.

— E como hás-de estar.

Abre-se a porta das cavalariças e os Franceses empurram lá para dentro um novo grupo de prisioneiros. Vêm bastante maltratados de golpes e coronhadas, depois de terem sido apanhados a tentar saltar a cerca perto das cozinhas. Trata-se do oficial sangrador Jerónimo Moraza, do arrieiro leonês Rafael Canedo, do alfaiate Eugênio Rodríguez—que vem a coxear em consequência de uma ferida e a apoiar-se no filho António Rodríguez López—e do armazenista de carvão Cosme de Mora que, embora magoado pela pancada que levou, demonstra a sua alegria ao ver Tordesillas, Mata e o carpinteiro Navarro, com quem veio para o parque em bando, ainda vivos.

— O que vai ser de nós?—lamenta-se Eugênio Rodríguez, que treme enquanto o filho tenta ligar-lhe a ferida com um lenço.

— Vai ser o que Deus quiser—responde Cosme de Mora, resignado.

Reclinado na palha suja, Francisco Mata blasfema em voz baixa. Outros benzem-se, beijam escapulários e medalhas que tiram pelas golas das camisas. Alguns rezam.

Armado com um sabre, saltando muros e hortas por fora da puerta de Fuencarral, Blas Molina Soriano conseguiu evadir-se do parque de Monteleón. O irredutível serralheiro saiu no último momento pelas traseiras, depois de ver cair o capitão Velarde, quando os Franceses irrompiam pelo pátio de baioneta em riste. Ao princípio acompanhavam-no na fuga o estalajadeiro José Fernández Villamil, os irmãos José e Miguel Murriz Cueto e um chispero do Barquillo chamado Juan Suárez mas, poucos passos andados, tiveram de se separar ao serem descobertos por uma patrulha francesa, cujos tiros fizeram cair ferido o mais velho dos irmãos Mufiiz. Escondido depois de fazer um desvio até à calle de San Dimas, Molina vê passar Suárez ao longe, manietado entre franceses, mas nem rasto de Fernández Villamil e dos outros. Depois de esperar algum tempo, sem largar o sabre e decidido a vender cara a vida antes de se

deixar aprisionar, Molina decide ir a casa onde a mulher, calcula, deve estar corroída de angústia. Segue em frente por San Dimas até ao oratório do Salvador, mas vendo cortado por piquetes franceses o caminho de todas as transversais que dão para a plazuela de Las Capuchinas, enfia pela calle de La Cuadra até à casa da lavadeira Josefa Lozano, que encontra no pátio, a estender roupa.

— O que faz aqui, se´nor Blas, e com um sabre?... Quer que os gabachos nos degolem a todos?

— Para isso venho, dona Pepa. Para me livrar dele, se mo permite.

— E onde quer que meta isso, homem de Deus?

— No poço.

A lavadeira levanta a tampa que cobre o bocal e Molina atira a arma. Aliviado, depois de se limpar um pouco e de deixar que a mulher lhe escove a roupa para disfarçar os vestígios do combate, prossegue o seu caminho. E assim, adoptando o ar mais inocente do mundo, o serralheiro passa entre uma companhia de fuzileiros franceses—bascos, parecem, pelas boinas e pela fala—na plaza de Santo Domingo e junto de um pelotão de granadeiros da Guarda na calle de La Inquisición, sem que ninguém o detenha ou incomode. Perto de casa, encontra o seu vizinho Miguel Orejas.

— De onde vem, amigo Molina?

— De onde havia de ser?... Do parque de artilharia. De bater-me pela pátria.

— Caramba!... E como foi a coisa?

— Heróica.

Deixando Orejas com a boca aberta, o serralheiro entra em casa, onde encontra a mulher num mar de lágrimas. Consolando-a com um abraço, pede um caldo e bebe-o de pé. Depois vai novamente para a rua.

O tiro francês bate na parede, fazendo saltar fragmentos de estuque. Agachando a cabeça, o jovem de dezoito anos Francisco Huertas de Vallejo retrocede pela calle de Santa Lucía enquanto, à sua volta, zunem as balas. Está sozinho e assustado. Ignora se os Franceses dispariariam contra ele com a mesma sanha se não vissem o fuzil que leva nas mãos; mas, apesar do medo que o faz correr como um gamo, não está disposto a largá-lo. Embora já não lhe restem cartuchos para disparar, esse fuzil é a arma que lhe confiaram no parque de artilharia, com ele combateu toda a manhã e a baioneta está manchada de sangue inimigo—a lembrança do ranger do aço contra o osso ainda o faz arrepiar-se. Não sabe quando voltará a precisar dele, de modo que tenta não o deixar para trás. Para evitar os disparos, o jovem mete-se por baixo de um arco, atravessa

um pátio, atropelando galinhas que debicam o chão e, depois de passar diante da expressão apavorada de duas moradoras que olham para ele como se fosse o Diabo, sai para uma ruela traseira, onde tenta recuperar o fôlego. Está cansado e incapaz de se orientar, porque desconhece estas ruas. Pára e pensa um pouco, diz para consigo, ou cairás como um pardal. De modo que tenta respirar fundo e acalmar-se. Ardem-lhe os pulmões e a boca, cinzenta de tanto morder cartuchos.

Por fim decide voltar para trás. Encontrando novamente as moradoras do pátio, pede-lhes um copo de água com uma voz rouca que nem ele próprio reconhece. Elas trazem-no, inicialmente assustadas com o fuzil, compadecidas depois devido à sua juventude e aspecto.

— Está ferido—diz uma delas.

— Pobrezinho, tão novo.

Francisco Huertas nega primeiro com a cabeça, depois olha e verifica que tem um rasgão na camisa, no lado direito, por onde escorre o sangue. As pernas fraquejam-lhe face à ideia de ter sido ferido, mas um breve exame tranquiliza-o imediatamente. É apenas uma ferida de ricochete, sem importância: um impacto de uma bala perdida das que acabaram de disparar sobre ele na rua. As mulheres fazem-lhe um curativo de urgência, deixam-no lavar a cara num alguidar de água e trazem um bocado de pão e de carne seca, que devora com ansiedade. Pouco a pouco vão acorrendo moradores para se informarem junto do jovem, que conta o que viu em Monteleón; mas cada vez se amontoa mais gente, a ponto de Francisco Huertas recear que isso atraia a atenção dos Franceses. Despedindo-se, acaba o pão e a carne, pergunta como pode chegar à Ballesta e ao Hospital de los Alemanes, sai novamente pela parte de trás e caminha com cautela, espreitando em cada esquina antes de se aventurar. Sempre com o seu fuzil nas mãos.

Depois das três da tarde já não se combate na cidade. Há já algum tempo que as tropas imperiais controlam todas as praças e avenidas principais e as comissões pacificadoras criadas pelo duque de Berg percorrem Madrid, aconselhando as pessoas a manterem-se calmas, a abandonarem manifestações hostis e a evitarem formar grupos que possam ser considerados pelos Franceses uma provocação. "Paz, paz, que tudo está apaziguado" é o grito que espalham os membros destas comissões, integradas por magistrados do Conselho e dos Tribunais, pelo ministro da Guerra OTarril e pelo general francês Harispe. Cada uma delas é acompanhada por um destacamento de tropas espanholas e francesas e, à sua passagem, de rua em rua, são repetidas as palavras de tranquilidade e concórdia, ao ponto de os moradores, confiantes, virem às portas e tentarem averiguar o destino de familiares e conhecidos, acorrendo a quartéis e edifícios

oficiais ou procurando os corpos entre os cadáveres, que as sentinelas francesas impedem de retirar. Murat deseja manter visíveis os exemplos do escarmento e alguns desses corpos permanecerão vários dias a apodrecer onde caíram. Por não ter cumprido a ordem, Manuel Portón del Valle, de vinte e dois anos, empregado do Real Refúgio, que passou uma manhã a socorrer feridos nas ruas, leva um tiro quando, juntamente com alguns companheiros, tenta retirar um cadáver nas proximidades da Plaza Mayor.

Enquanto as comissões de paz percorrem Madrid, Murat, que deixou a cuesta de San Vicente para dar uma vista de olhos ao Palácio Real antes de voltar ao seu quartel-general do Palácio Grimaldi, dita aos seus secretários um édito e uma ordem do dia. No édito, enérgico mas conciliador, garante aos membros da Junta e aos madrileños o respeito pela sua cultura e opiniões, anunciando duras medidas repressivas para quem atentasse contra a ordem pública, matasse franceses ou andasse armado. Na ordem do dia, os termos são mais duros: O populacho de Madrid sublevou-se e chegou ao assassinato. Sei que os bons espanhóis lamentam estas desordens. Longe de mim misturá-los com aqueles miseráveis que não desejam mais do que o crime e a pilhagem. Mas sangue francês foi derramado. Em consequência disso, ordeno: 1.o O general Grouchy convocará esta noite a Comissão Militar. 2. o Todos aqueles que foram presos no motim e com armas na mão serão fuzilados. 3.o A Junta Governativa vai desarmar os moradores de Madrid. Todos os habitantes que depois da execução desta ordem forem encontrados armados serão fuzilados. 4.o Qualquer local onde seja assassinado um francês será queimado. 5.o Qualquer reunião com mais de oito pessoas será considerada sediciosa e dispersa pela fuzilaria. 6.o Os patrões ficarão responsáveis pelos seus criados; os chefes das oficinas, pelos seus oficiais; os pais e mães, pelos seus filhos; e os ministros dos conventos, pelos seus religiosos.

No entanto, as tropas francesas não ficam à espera de receber este documento para aplicar os seus termos. À medida que as comissões pacificadoras percorrem as ruas e os moradores regressam às suas casas ou saem, confiando nestas, piquetes imperiais detêm qualquer suspeito de ter participado nos combates ou quem quer que encontrem com armas, sejam navalhas, tesouras ou agulhas de cozer sacos. Desta forma, são detidas pessoas que nada tiveram a ver com a insurreição, como é o caso do cirurgião e estagiário Ángel de Ribacova, detido por trazer os bisturis no seu estojo de cirurgia. Os Franceses também prendem, por causa de uma lima, o serralheiro Bernardino Gómez; o criado do convento de La Merced Domingo Méndez

Valador, por um abre-cartas; o sapateiro de dezanove anos José Pena, por uma lâmina de cortar solas; o arrieiro Cláudio de La Morena, por uma agulha de enxalmar sacos que traz cravada no barrete. Os cinco serão fuzilados imediatamente: Ribacova, De La Morena e Méndez, no Prado; Gómez, no Buen Suceso; Pena, na cuesta del Buen Retiro.

O mesmo acontece a Felipe Llorente y Cárdenas, um cordovês de vinte e três anos, de boas famílias, que veio há uns dias para Madrid com o seu irmão Juan para participar nas homenagens a Fernando VII pela sua entronização. Esta manhã, sem se comprometerem a fundo em nenhum combate, os dois irmãos andaram de um lado para outro, participando na algazarra, mais como testemunhas que como actores. Agora, sossegada a cidade, ao passarem pelo arco da Plaza Mayor que dá para a calle de Toledo, são detidos por um piquete francês; mas enquanto Juan Llorente consegue enganar os imperiais, metendo-se numa entrada próxima, Felipe é detido ao ser-lhe encontrada uma pequena navalha no bolso. O irmão nunca mais voltará a saber dele. Só dias mais tarde, entre os despojos recolhidos pelos frades de San Jerónimo pertencentes aos fuzilados no Retiro e no Prado, a família de Felipe Llorente poderá identificar a sua casaca e os seus sapatos.

Alguns, apesar de tudo, conseguem salvar-se. E não faltam gestos de piedade do lado francês. É o caso dos sete homens amarrados que uns dragões levam por Antón Martin e que um cavalheiro bem vestido consegue libertar, convencendo o tenente ao comando do destacamento. Ou o dos quase quarenta populares que uma das comissões pacificadoras—encabeçada pelo ministro OTarril e pelo general Harispe—encontra na calle de Alcalá, junto do palácio do marquês de Valdecarzana, cercados como ovelhas e prestes a serem levados para o Buen Retiro. A presença do ministro espanhol e do chefe francês consegue convencer o oficial da força imperial.

— Vão-se embora daqui—diz OTarril a um deles, em voz baixa—antes que estes senhores se arrependam.

— Chama senhores a estes bárbaros?

— Não abuse da paciência deles, meu bom homem. Nem da minha.

Outro felizardo que salva a vida em última instância é Domingo Rodríguez Carvajal, criado de Pierre Bellocq, secretário-intérprete da embaixada de França. Depois de se ter batido na puerta del Sol, onde uns amigos o recolheram com uma ferida de bala, um golpe de sabre num ombro e outro que lhe levou três dedos da mão esquerda, estes levam-no para casa do patrão, no número 32 da calle Montera. Aí, enquanto o ferido é tratado pelo cirurgião da deputação do

bairro del Carmen, dom Gregorio de La Presa—a bala não pôde ser extraída e Rodríguez Carvajal ficará com ela para o resto da sua vida—,o próprio monsieur Bellocq, colocando uma bandeira na porta, recorrerá à sua situação de diplomata para impedir que os soldados franceses detenham o criado.

Hoje, poucos gozam dessa protecção. Conduzidos por delatores, às vezes moradores que desejam ficar bem-vistos aos olhos dos vencedores ou que têm contas pendentes, os Franceses entram nas casas, saqueiam-nas e levam os que se refugiaram aí depois da luta, sem distinção entre sãos e feridos. É isso que acontece a Pedro Segundo Iglesias López, um sapateiro de trinta anos, que, depois de sair da sua casa na calle del Olivar com um sabre e de ter matado um francês, ao voltar à procura da sua velha mãe, é denunciado por um morador e detido pelos Franceses. Também a Cosme Martínez del Corral, que conseguiu evadir-se do parque de artilharia, vão buscá-lo desta forma as prisões provisórias, estabelecidas nas caves de San Felipe, na puerta de Atocha, no Buen Retiro, nos quartéis da puerta de Santa Bárbara, conde-duque e Prado Nuevo, e na própria residência de Murat, enquanto uma comissão mista, formada pelo general Emmanuel Grouchy, do lado francês, e pelo tenente-general José de Sexti, do lado espanhol, se dispõe a julgar sumariamente e sem audiência os presos, em consequência de éditos e proclamações que a maior parte destes nem sequer conhece.

Muitos franceses, além disso, agem por iniciativa própria. Piquetes, postos de vigilância, rondas e sentinelas não se limitam a revistar, deter e enviar presos para as prisões provisórias, fazendo justiça a quente e pelas suas próprias mãos, roubando e matando. Na puerta de Atocha, o pastor Juan Fernández considera-se com sorte porque os Franceses o deixam ir depois de lhe terem tirado as suas trinta cabras, dois burricos, todo o dinheiro que traz, a roupa e as mantas. Encorajados pela passividade dos seus chefes, e às vezes incitados por eles, suboficiais, cabos de esquadra e simples soldados transformam-se em fiscais, juízes e verdugos. As execuções espontâneas multiplicam-se agora na impunidade da vitória, tendo como cenário os arredores da Casa de Campo, as margens do Manzanares, a puerta de Segovia e de Santa Bárbara e os escoadouros de Atocha e de Leganitos, mas também o interior da cidade. São inúmeros os madrileños que morrem assim, quando o eco dos gritos de "paz, paz, está tudo apaziguado" ainda não se extinguiu das ruas. Caem dessa forma, fuzilados ou gravemente feridos em esquinas, ruelas e átrios, quer populares que se bateram, quer inocentes que se limitavam a espreitar à porta ou que passavam por ali. É o caso, entre muitos, de Facundo Rodríguez Sáez, correeiro, que os

Franceses obrigam a ajoelhar-se, fuzilando-o diante da casa onde trabalha, no número 13 da calle de Alcalá; do criado Manuel Suárez Villamil, que, indo com um recado do seu patrão, o governador da Sala de Alcaides dom Adrián Martínez, é preso por uns soldados que lhe partem as costelas à coronhada; do cinzelador suíço casado com uma espanhola Pedro Chaponier, maltratado e morto por uma patrulha na calle de La Montera; do empregado das Cavalariças Reais Manuel Peláez, encontrado perto do Buen Suceso, estendido de bruços com a parte posterior do crânio destroçada, e descoberto por dois amigos, o alfaiate Juan António Álvarez e o cozinheiro Pedro Pérez, que procuravam por ele a pedido da mulher; do transportador Andrés Martínez, septuagenário, que, completamente alheio ao motim, é assassinado juntamente com o seu colega Francisco Ponce de León, por as sentinelas da puerta de Atocha lhes terem encontrado uma navalha, quando ambos vinham de Vallecas trazendo uma carga de vinho; e do arrieiro Eusebio José Martínez Picazo, a quem os Franceses roubam a récua de mulas antes de lhe darem um tiro, nos muros de Jesus Nazareno.

Alguns dos que combateram e confiaram nas proclamações da comissão pacificadora pagam essa confiança com a vida. Isso acontece ao agente de negócios Pedro González Álvarez, que, depois de fazer parte do grupo que se bateu no paseo del Prado e no Jardim Botânico, foi refugiar-se no convento de los Capuchinos. Agora, convencido pelos frades de que as pazes foram tornadas públicas, sai à rua, é revistado por um piquete francês e, ao ser-lhe encontrada uma pistola pequena na levita, roubam-no, despem-no e fuzilam-no sem mais formalidades na cuesta del Buen Retiro.

É também a hora do saque. Com os vencedores donos das ruas, assinalados os locais de onde os populares abriram fogo ou cobiçosos dos bens de proprietários abastados, os imperiais disparam contra quem lhes apetece, arrombam portas, entram impunemente onde podem, roubam, maltratam e matam. Na calle de Alcalá, a intervenção de oficiais franceses alojados nos palácios do marquês de Villa-mejor e do conde de Talara impede que os seus soldados saqueiem estes edifícios; mas ninguém trava a turba de mamelucos e de soldados que, a poucos passos dali, assalta o palácio do marquês de Villescas. Ausente o dono da casa, sem ninguém que imponha respeito aos ladrões, estes invadem o recinto com o pretexto de que, de manhã, atiraram daí sobre eles. E, enquanto alguns destroem os aposentos e se apoderam de tudo o que podem, outros levam aos arrastões o mordomo José Peligro, o filho deste, o serralheiro José Peligro Hugart, o porteiro—um antigo soldado inválido chamado José

Espejo—e o capelão da família. A mediação de um coronel francês salva a vida do capelão, mas o mordomo, o filho e o porteiro são assassinados a tiro e a golpes de sabre na própria porta, diante dos olhos apavorados dos moradores que observam de janelas e varandas. Entre as testemunhas que darão fé deste episódio conta-se o impressor Dionisio Almagro, morador na calle de Las Huertas, que, apanhado pelo tumulto, se refugiou em casa de um parente, o funcionário da polícia Gregorio Zambrano Asensio, que trabalhava para Godoy há um mês e meio, trabalhará para o rei José daí a menos de três meses e, dentro de seis anos, perseguira liberais por conta de Fernando VII.

— Quem as faz, paga-as—comenta Zambrano, protegido por trás das cortinas da varanda envidraçada.

O mesmo drama repete-se noutros locais, desde palácios da nobreza até vivendas de mercadores ricos ou casas humildes que são saqueadas e incendiadas. Por volta das cinco da tarde, o alferes de fragata Manuel Maria Esquivel, que pela manhã conseguiu sair dos Correios com o seu pelotão de granadeiros da Marinha e voltar para o quartel, apresenta-se diante do capitão-general de Madrid, dom Francisco Javier Negrete, para receber a contra-senha da noite. Fazem-no entrar no gabinete do general e este ordena-lhe que escolha vinte soldados e vá proteger a casa do duque de Híjar, que está a ser saqueada pelos Franceses.

— Pelos vistos—explica Negrete—,quando o general Não-Sei-Quantos, que estava aí alojado, saía esta manhã, o porteiro disparou-lhe um tiro à queima-roupa. O desgraçado não acertou no alvo, mas matou um cavalo. De modo que, de caminho, o mataram a tiro e marcaram a casa para mais tarde... Agora, segundo parece, querem usar esse pretexto para roubar o que puderem.

Antes de o capitão-general acabar de falar, Esquivel apercebeu-se da enormidade do que lhe caía em cima.

— Estou às ordens de vossa senhoria—responde, o mais sereno que pode.— Mas tenha em conta que se eles persistirem e não cederem às minhas razões, terei de me valer da força.

— Eles?

— Os Franceses.

O outro olha para ele em silêncio, com o sobrolho franzido. Depois baixa os olhos e põe-se a mexer nos papéis que tem sobre a mesa.

— Você o que tem de fazer é infundir-lhes respeito, alferes. Esquivel engole em seco.

— Tal como estão as coisas, meu general—insinua com suavidade—,fazer-se

respeitar será difícil. Não tenho a certeza de que...

— Tente não se comprometer—interrompe-o secamente o outro, sem afastar os olhos dos papéis.

O suor humedece o colarinho da casaca do oficial. Não há ordem escrita nem nada que se pareça. Vinte soldados e um alferes atirados aos leões com uma simples instrução verbal.

— E se, apesar de tudo, me vir comprometido?

Negrete não abre a boca, continua com os papéis e põe cara de quem dá por terminada a conversa. Esquivel tenta engolir novamente, mas tem a boca seca.

— Posso ao menos dar munições à minha tropa?

O capitão-general de Madrid e Castela-a-Nova nem sequer levanta a cabeça.

— Retire-se.

Meia hora mais tarde, à frente de vinte granadeiros da Marinha a quem mandou calar baionetas e levar vinte tiros nas cartucheiras, o alferes Esquivel chega ao palácio de Híjar, na calle de Alcalá, e distribui os seus homens ao longo da fachada. Conforme conta um aterrorizado mordomo, os Franceses foram-se embora depois de saquear o rés-do-chão, ameaçando voltar para tratarem do resto. O mordomo mostra a Esquivel o cadáver do porteiro Ramón Pérez Villamil, de trinta e seis anos, que jaz no pátio, num charco de sangue e com um guardanapo posto sobre a cara. O mordomo conta também que um doceiro da casa, Pedro Álvarez, que participou com Pedro Villamil no ataque ao general francês, conseguiu escapar até à calle de Cedaceros, onde quis refugiar-se na casa de um estofador seu conhecido mas, ao deparar com a porta fechada e a casa abandonada por terem matado um dragão em frente, foi preso e levado à pancada para o Prado. Vários miúdos da rua, que foram atrás, viram-no ser fuzilado juntamente com outros.

— Os Franceses estão de volta, meu alferes!... Estão vários à porta!

Esquivel dirige-se para lá como um raio. No outro lado da rua concentrou-se uma dúzia de soldados imperiais, rondando com más intenções. Não se vêem oficiais entre eles.

— Que ninguém se mova sem ordens minhas. Mas não os percam de vista.

Os Franceses permanecem ali um bom bocado, sentados à sombra, sem se decidirem a atravessar a rua. A presença disciplinada dos granadeiros da Marinha, com os seus imponentes uniformes azuis e barretinas altas de pele, parece dissuadi-los de tentar alguma coisa. Finalmente, para alívio do alferes de fragata, acabam por se afastar.

O palácio do duque de Híjar continuará a salvo durante as cinco horas

seguintes, até a força de Esquivel ser substituída por um piquete do batalhão francês da Vestefália.

Poucos sítios em Madrid gozam da protecção da casa do duque de Híjar. O receio de represálias francesas faz com que inúmeros moradores abandonem as suas casas. Não o fazer custa a vida ao alfaiate Miguel Carrancho del Peral, antigo soldado desmobilizado após dezoito anos de serviço, que os Franceses queimam vivo na sua casa de Puerta Cerrada. Também esteve quase a custar a vida ao serralheiro asturiano Manuel Armayor, ferido logo de manhã nas descargas do Palácio. Quando o levavam para o seu domicílio na calle de Segovia, os acompanhantes descobriram os corpos de dois franceses mortos na rua. Não querendo deixá-lo ali embora perdesse sangue por várias feridas, avisaram a mulher, que desceu a toda a pressa, com o que tinha vestido; e assim, escoltado o casal por alguns vizinhos e conhecidos, procurou refúgio em casa de um criado do príncipe de Anglona, na Morería Vieja. Os Franceses, encolerizados com a morte dos seus camaradas, interrogam os vizinhos e um deles denuncia Manuel Armayor como combatente do dia. Os soldados arrombam a porta e, não o encontrando, incendeiam o edifício.

— Os Franceses estão a subir!

O grito sobressalta a casa do corretor de Vales Reales Eugênio Aparicio y Sáez de Zaldúa, no número 4 da puerta del Sol. Trata-se do bolsista mais rico de Madrid.

A sua casa, que em dias anteriores foi visitada amistosamente por chefes e oficiais imperiais, é confortável e luxuosa, cheia de quadros, tapeçarias e objectos de valor. Hoje, ninguém combateu a partir do seu interior. Ao começar a primeira carga da cavalaria francesa, Aparicio mandou a família para dentro e os criados fechar as janelas. No entanto, conforme conta uma criada que sobe aterrorizada do andar de baixo, durante o combate com os mamelucos um deles ficou morto na porta, atravessado nela e arrumado à navalhada. Foi o próprio general Guillot—um dos militares franceses que dias antes visitaram a casa—quem ordenou o assalto.

— Acalmem-se todos!—ordena Aparicio à família, parentes e serviçais, dirigindo-se para o patamar da escada.—Eu falarei com estes cavalheiros.

A palavra cavalheiros não é a que melhor se ajusta à soldadesca enfurecida: uma vintena de franceses cujas botas e gritaria ecoam nos degraus de madeira, arrombando portas nos andares de baixo, destruindo tudo à sua passagem. Com uma primeira vista de olhos, Aparicio fica com uma ideia da situação. Ali não há boas palavras que valham, de modo que, com grande presença de espírito, volta

a toda a pressa para o seu escritório, tira de uma escrivaninha um grande saco de pesos fortes(1) e, de regresso ao patamar, esvazia as moedas sobre os franceses. Isso não os detém, no entanto. Continuam escadas acima, chegam ao lado dele e sacodem-no violentamente entre pancadas e coronhadas.

(1) Peso forte: moeda de prata de uma onça. (N. da T.)

Vem socorrê-lo o sobrinho de dezoito anos Valentín de Ofiate Aparicio e um empregado da empresa da família, Gregorio Moreno Medina, de trinta e oito, natural de Saragoça. Os Franceses assanham-se contra eles, matam à baioneta o sobrinho, atirando-o depois para o vão das escadas e arrastam para baixo Eugênio Aparicio e o empregado Moreno, que um mameluco faz ajoelhar e a quem degola na entrada. Aparicio é arrastado para a rua e, depois de o espancarem até lhe rebentarem as entranhas, acabam com ele no passeio, a golpes de sabre. Depois entram novamente em casa, procurando mais gente contra quem encarniçar-se. Por essa altura a mulher de Aparicio tinha conseguido fugir pelos telhados com a filha de quatro anos, uma criada e alguns serviçais, refugiando-se na calle Carretas, na azenha dos frades de La Soledad.

Os Franceses saqueiam a casa, roubam todo o dinheiro e riquezas e destroem móveis, quadros, porcelanas e tudo o que não conseguem levar consigo.

— O senhor comandante diz que sente a morte de tantos compatriotas seus... Que o sente realmente.

Ao ouvir as palavras traduzidas pelo intérprete, o tenente Rafael de Arango olha para Charles Tristan de Montholon, coronel em funções do 4.o regimento provisório.

Após a retirada do grosso das forças imperiais, desnecessárias já no conquistado parque de artilharia, Montholon ficou ao comando com quinhentos soldados. E a verdade é que o chefe francês está a tratar feridos e prisioneiros com humanidade. Homem educado, aparentemente generoso, não parece guardar rancor devido ao seu breve cativeiro.

"Contingências da guerra", comentou há pouco. Face à desolação de tantos mortos e feridos, revela uma expressão pesarosa, nobre. Parecem sinceros estes seus sentimentos, de modo que o tenente Arango agradece com uma inclinação de cabeça.

— Também diz que eram homens valentes—acrescenta o intérprete.—Que todos os espanhóis o são.

Arango olha em volta, sem que as palavras do francês o consolem face ao

triste panorama que se oferece aos seus olhos avermelhados, onde o fumo de pólvora que lhe escurece o rosto forma remelas negras. Os seus chefes e companheiros deixaram-no sozinho a tratar dos feridos e dos mortos. Os outros foram-se embora com ordem de se manterem à disposição das autoridades, depois de um braço-de-ferro entre o duque de Berg—que pretendia fuzilá-los a todos—e o infante dom António e a Junta Governativa. Agora o bom senso parece ter-se imposto. Quanto aos militares sublevados, talvez os imperiais e as autoridades espanholas passem uma esponja sobre o assunto, atribuindo a responsabilidade do que aconteceu aos populares e aos mortos. Destes, há muito por onde escolher. Ainda se estão a identificar cadáveres espanhóis e franceses. No pátio do quartel, onde os corpos estão alinhados, uns cobertos por lençóis e mantas e outros descobertos com as suas horríveis mutilações, grandes regueiros de sangue, que só agora começam a coagular sob o sol, sulcam a terra de lama avermelhada.

— Um espectáculo lamentável—resume o comandante francês.

E mais do que isso, pensa Arango. O primeiro balanço, sem ter em conta os muitos que morrerão em consequência das feridas nas próximas horas e dias, é aterrador.

A olho nu, à primeira vista, calcula que os Franceses tiveram em Monteleón mais de quinhentas baixas, somando mortos e feridos. Entre os defensores, o preço é também muito alto. Arango contou quarenta e quatro cadáveres e vinte e dois feridos no pátio e desconhece quantos haverá no convento de Las Maravillas. Entre os militares, além dos capitães Daoiz e Velarde e do tenente Ruiz, sete artilheiros e quinze dos Voluntários do Estado que vieram com o capitão Goicoechea estão mortos ou feridos e desconhece-se o destino reservado à centena de populares detidos no fim do combate. Embora, de acordo com as disposições do comando francês—fuzilar aqueles que pegaram em armas—este tenha mau cariz. Felizmente, enquanto os imperiais entravam pela porta principal, uma boa parte dos defensores conseguiu saltar a cerca de trás e fugir. Mesmo assim, antes de se ir embora com os capitães Cônsul e Córdoba, com os oficiais sobreviventes e com o resto dos artilheiros e Voluntários do Estado—desarmados e com a apreensão de que os Franceses mudem de ideias e os detenham de um momento para outro—,Goicoechea confidenciou a Arango que nas caves e sótãos do parque havia numerosos civis escondidos. Isso inquieta o jovem tenente, que tenta dissimulá-lo diante do comandante francês. Não sabe que quase todos conseguirão fugir, tirados dali no maior sigilo ao cair da noite pelo tenente dos Voluntários do Estado Ontoria e pelo mestre de carruagens Juan

Pardo.

Há um grupo de feridos posto à parte, à sombra do alpendre do pavilhão da guarda. Afastando-se de Montholon e do intérprete, Rafael de Arango aproxima-se deles enquanto maqueiros franceses e espanhóis começam a transferi-los para casa do marquês de Mejorada, na calle de San Bernardo, transformada em hospital pelos imperiais. São os artilheiros e Voluntários do Estado que continuam vivos. Separados dos populares, esperam pelo momento da sua evacuação, depois da boa vontade do comandante francês ter facilitado as coisas.

— Como está, Alonso?

O segundo-cabo Eusebio Alonso, deitado sobre um lamacento charco de sangue com um torniquete e uma ligadura empapada de vermelho na virilha, fita-o com olhos turvos.

Foi ferido com bastante gravidade no último instante da luta, batendo-se junto dos canhões.

— Já tive dias melhores, meu tenente—responde com uma voz muito baixa.

Arango põe-se de cócoras ao lado dele, observando o rosto do bravo veterano: macilento e sujo, com o cabelo revolto, os olhos avermelhados pelo sofrimento e pela fadiga. Tem crostas de sangue seco na testa, no bigode e na boca.

— Vão levá-lo agora para o hospital. Ficará bem.

Alonso abana a cabeça, resignado, e com um gesto fraco aponta para a virilha.

— Esta é a do toureiro, meu tenente... A femoral, já sabe. Morro devagarinho, mas morro.

— Não diga tontices. Vão curá-lo. Eu próprio me ocuparei de si. O cabo franze um pouco o sobrolho, como se as palavras do seu superior o incomodassem. Muitos anos mais tarde, ao escrever um relato deste dia, Arango recordará exactamente as suas palavras:—É melhor tratar de quem possa ter remédio... Eu não me queixei nem chamei ninguém... Eu não peço mais do que descansar de uma vez. E faço-o conformado, porque morro pelo meu rei e no meu ofício.

Depois de supervisionar a transferência de Alonso—que falece pouco depois, no hospital—Arango aproxima-se para dar uma vista de olhos ao tenente Jacinto Ruiz, que nesse momento colocam numa maca. Ruiz, que até agora não recebeu outra atenção além de uma ligadura malfeita, está pálido devido à perda de sangue. A sua respiração entrecortada faz Arango recear—ignora que o tenente dos Voluntários do Estado sofre de asma—uma lesão mortal nos pulmões.

— Vão levá-lo agora, Ruiz—diz-lhe Arango, inclinando-se ao seu lado.— Há-de curar-se.

O outro olha para ele atordoado, sem compreender.

— Vão... fuzilar-me?—acaba por perguntar, com uma voz desmaiada.

— Não diga barbaridades, homem. Acabou-se tudo.

— Morrer desarmado... De joelhos—balbucia Ruiz, cuja pele suja brilha de suor.—Uma ignomínia... Não é fim para um soldado.

— Ninguém vai fuzilá-lo, acredite. Deram-nos garantias.

A mão direita do ferido, assustadoramente vigorosa por momentos, engalfinha-se num braço de Arango.

— Fuzilado não é... forma honrosa... de acabar.

Dois enfermeiros encarregam-se do tenente. Ao levantarem a maca, a cabeça dele cai para um lado, baloiçando ao ritmo dos passos daqueles que o levam. Arango vê-o afastar-se e dá uma vista de olhos em volta. Não tem mais nada a fazer ali—os civis feridos estão a ser levados para o convento de Las Maravillas —,e as palavras de Jacinto Ruiz provocam-lhe um extraordinário mal-estar. A sua experiência das últimas horas, o tratamento dispensado aos populares e a enormidade das baixas imperiais, preocupa-o. Arango sabe o que se pode esperar das garantias francesas e do pouco vigor com que as autoridades espanholas defendem a sua gente. Tudo dependerá, em última instância, da arbitrariedade de Murat. E não serão gentis-homens decorosos como o comandante Montholon a deter o seu general em chefe, se este decidir aplicar um vasto e divulgado escarmento. "Deverias pôr-te a milhas, Rafael", diz para consigo com uma pontada de alarme. De repente, o recinto devastado do parque de artilharia parece-lhe uma cilada, daquelas que conduzem directamente ao cemitério.

Tomando uma decisão, Arango vai à procura do comandante imperial. Pelo caminho ajeita a casaca, abotoando-a para ficar com o aspecto mais regulamentar possível.

Uma vez diante do francês, pede licença, através do intérprete, para ir a casa.

— Só por um momento, meu comandante. Para tranquilizar a família.

Montholon recusa terminantemente. Arango, traduz o intérprete, é seu subordinado até nova ordem. Tem de permanecer ali.

— Sou um prisioneiro, nesse caso?

— O senhor comandante disse subordinado, não prisioneiro.

— Pois diga-lhe, por favor, que tenho um irmão mais velho que me ama como um pai. Que o senhor comandante também terá família e partilhará dos meus sentimentos...

Diga-lhe que lhe dou a minha palavra de honra em como me reintegrarei aqui imediatamente.

Enquanto o intérprete traduz, o comandante mantém os olhos fixos no oficial espanhol. Apesar da diferença de patentes, têm quase a mesma idade. E é evidente que, embora os seus compatriotas tenham pago um preço muito alto por ocuparem o parque, a tenacidade da defesa deixou o francês impressionado. Também o tratamento correcto por parte dos militares espanhóis quando foi capturado com os seus oficiais—imaginava-se, disse anteriormente, degolado e esquartejado pelo populacho—deve influir no seu estado de espírito.

— O senhor comandante pergunta se fala a sério quando dá a sua palavra de honra de que regressará ao parque de artilharia.

Arango—que não tem a mais pequena intenção de cumprir a sua promessa—perfila-se com um bater de tacões marcial, sem afastar os olhos dos de Montholon.

— Absolutamente.

"Não o enganei", pensa com angústia, apercebendo-se de uma centelha de incredulidade no olhar do outro. Depois, desconcertado, vê que o francês sorri antes de falar num tom de voz baixo e tranquilo.

— O senhor comandante diz que pode ir... Que compreende a sua situação e aceita a sua palavra.

— Familiale—corrige o outro, na sua língua.

— Que compreende a sua situação familiar—rectifica o intérprete.—E que aceita a sua palavra.

Arango, que tem de fazer um esforço para que o júbilo não lhe altere a fisionomia, respira fundo. Depois, sem saber o que fazer ou o que dizer, estende desajeitadamente a mão. Após um momento de hesitação, Montholon aperta-a.

— O senhor comandante diz que lhe deseja muita sorte—traduz o intérprete. —Em casa do seu irmão, ou onde quer que seja.

Aventura-se novamente pelas ruas José Blanco White, depois de passar as últimas horas fechado na sua casa da calle Silva. Caminha prudentemente, atento às sentinelas francesas que vigiam praças e avenidas. Há momentos, depois de se aproximar da puerta del Sol, ocupada por um forte destacamento militar—canhões de doze libras apontam para as calles Mayor e de Alcalá e todas as lojas e cafés estão fechados—,Blanco White viu-se obrigado a correr com outros curiosos quando os soldados imperiais ameaçaram abrir fogo para evitar que se agrupassem. Aprendida a lição, o sevilhano mete-se pela ruela que contorna a igreja de San Luis e afasta-se dali, desgostoso com tudo o que viu: os mortos

atirados pelas ruas, o receio nos poucos madrileños que saem à procura de notícias e a omnipresença francesa, ameaçadora e sombria.

José Blanco White é um homem atormentado e, a partir de hoje, sê-lo-á ainda mais. Até há pouco tempo, enquanto as tropas francesas se aproximavam de Madrid, chegou a imaginar, como outros de ideias afins, uma doce libertação das correntes com que uma monarquia corrupta e uma Igreja todo-poderosa manietavam o povo supersticioso e ignorante. Hoje esse sonho desvanece-se e Blanco White não sabe o que temer mais das forças que viu confrontar-se nas ruas: as baionetas napoleónicas ou o fanatismo grosseiro dos seus compatriotas. O sevilhano sabe que França tem entre os seus partidários alguns dos espanhóis mais ilustres e capazes e que só a educação rançosa das classes média e alta, a sua indolência imprudente e o seu desinteresse pela coisa pública as impedem de abraçar a causa de quem pretende apagar do mapa os reis velhos e o seu turvo filho Fernando. No entanto, numa Madrid dilacerada pela barbárie de uns e de outros, a inteligência apurada de Blanco White suspeita que uma oportunidade histórica acaba de se perder entre o fragor das descargas francesas e das navalhadas do povo inculto. Ele próprio, homem lúcido, ilustrado, mais anglófilo que francófono, de qualquer forma partidário da razão livre e do progresso, se debate entre dois sentimentos que serão o drama amargo da sua geração: unir-se aos inimigos do Papa, da Inquisição e da família real mais vil e desprezível da Europa, ou seguir a linha de conduta recta e simples que, pondo o resto de parte, permite que um homem honrado opte entre um exército estrangeiro e os seus compatriotas naturais.

Perturbado com os seus pensamentos, Blanco White cruza-se no postigo de San Martin com quatro artilheiros espanhóis que levam um homem deitado sobre uma escada, cujas extremidades apoiam nos ombros. Ao passar perto, a escada inclina-se para o lado e o sevilhano descobre o rosto agonizante, pálido pelo sofrimento e pela perda de sangue, do seu conterrâneo e conhecido Luis Daoiz.

— Como está ele?—pergunta.

— A morrer—responde um soldado.

Blanco White fica boquiaberto e imóvel, com as mãos nos bolsos da levita, incapaz de dizer uma palavra. Anos mais tarde, numa das suas famosas cartas escritas no exílio em Inglaterra, o sevilhano recordará a sua última visão de Daoiz: "O débil movimento do corpo e os seus gemidos quando a desigualdade do piso da rua fazia aumentar as suas dores."

O tenente-coronel de artilharia Francisco Novella y Azábal, que está doente

em sua casa—é íntimo de Luis Daoiz, mas a sua doença impediu-o de acorrer ao parque de Monteleón—,também viu passar, de uma janela, o cortejo lúgubre e reduzido que acompanha o amigo. A fraqueza de Novella não lhe permite descer, pelo que permanece no seu quarto, atormentado pela dor e pela impotência.

— Aqueles miseráveis deixaram-no sozinho!—lamenta-se, enquanto os seus familiares o devolvem à cama.—...Todos nós o deixámos sozinho!

Luis Daoiz sobreviverá apenas alguns minutos depois de chegar a casa. Sofre muito, embora não se queixe. As feridas de baioneta nas costas encharcam-lhe os pulmões de sangue e todos acreditam que a sua morte é um facto consumado. Atendido primeiro no parque por um médico francês, levado depois para casa do marquês de Mejorada, um religioso—o seu nome é frei Andrés Cano—confessou-o e absolveu-o, embora sem lhe administrar a extrema-unção por se terem acabado os santos óleos. Levado, finalmente, para o número 12 da calle de La Temera, sempre sobre a maca improvisada feita com uma escada do parque, um colchão e uma manta, o defensor de Monteleón extingue-se na sua alcova, acompanhado por frei Andrés, Manuel Almira e todos os amigos que puderam comparecer ao seu lado—ou se atreveram a fazê-lo—nesta hora: os capitães de artilharia Joaquín de Osma, Vargas e César González, e o capitão porta-bandeira da Guarda Valona Javier Cabanes. Como frei Andrés manifesta a sua preocupação por Daoiz morrer sem receber os santos óleos, Cabanes vai até à paróquia de San Martin à procura de um sacerdote, regressando com o padre Román Garcia, que traz os preparos necessários. Mas antes que o recém-chegado possa ungir a testa e a boca do moribundo, Daoiz agarra na mão de frei Andrés, suspira fundo e morre. Ajoelhado junto ao leito, o fiel escrevente Almira chora inconsolável, como uma criança.

Meia hora mais tarde, no seu gabinete da Junta Superior de Artilharia, acabado de ser informado da morte de Luis Daoiz, o coronel Navarro Falcón dita a um amanuense a mensagem justificativa que dirige ao capitão-general de Madrid, para que este a faça chegar ajunta Governativa e às autoridades militares francesas: Exmo. Senhor, estou totalmente persuadido de que, longe de algum dos oficiais do Corpo ter contribuído para os factos ocorridos, foi para todos motivo de grande desgosto a possibilidade de o desvario e preocupação particular dos capitães dom Pedro Velarde e dom Luis Daoiz ser capaz de criar um conceito grave e equivocado de todos os restantes oficiais, que não tiveram a mais pequena noção de que aqueles pudessem obrar contra o que fora constantemente advertido.

O tom desse ofício contrasta com outros que o mesmo chefe superior de

Artilharia de Madrid escreverá nos dias seguintes, à medida que se forem sucedendo os acontecimentos na capital e no resto de Espanha. O último destes documentos, assinado por Navarro Falcón em Sevilha, em Abril de 1814, acabada a guerra, concluirá com estas palavras:

A 2 de Maio de 1808 os referidos heróis Daoiz e Velarde adquiriram a glória que imortalizará os seus nomes e que deu tanta honra às suas famílias e a toda a nação.

Enquanto o director da Junta de Artilharia escreve o seu relatório, no edifício dos Correios da puerta del Sol reúne-se a comissão militar presidida pelo general Grouchy, a quem o duque de Berg encarregou de julgar os insurrectos capturados de armas na mão. Do lado espanhol, a Junta Governativa mantém aí o tenente-general José de Sexti. Emmanuel Grouchy—cuja negligência contribuirá sete anos depois para o desastre de Waterloo—é homem experiente em repressões: no seu curriculum vitae consta, em letras negras, o incêndio de Strevi e as execuções de Fossano durante a insurreição do Piemonte, em 1799. Quanto a Sexti, decide abster-se desde o princípio, deixando em mãos francesas o destino dos prisioneiros que chegam amarrados, um a um ou em pequenos grupos, e a quem os juízes não ouvem nem sequer vêem.

Transformados em tribunal sumaríssimo, Grouchy e os seus oficiais despacham friamente nome após nome, assinando sentenças de morte, que os secretários redigem a toda a pressa. E enquanto os magistrados espanhóis que percorreram as ruas proclamando "paz, que tudo está apaziguado" se retiram para as suas casas, convencidos de que a sua pobre mediação devolve a tranquilidade a Madrid, os Franceses, livres de entraves, intensificam as detenções, .e a matança baseia-se agora num único signo, em jeito de vingança implacável.

Os primeiros a sofrer esse rigor são os prisioneiros colocados nas caves de San Felipe, aos quais acabam de juntar-se o impressor Cosme Martínez del Corral, trazido da sua casa na calle del Príncipe, o serralheiro de vinte e seis anos Bernardino Gómez e o padeiro de trinta António Benito Siara, detido perto da Plaza Mayor. De caminho, enquanto um piquete francês levava os dois últimos, uma ronda de guardas de Corpo encontrou-se com eles e tentou libertá-los.

Discutiram uns com os outros, persistiram os guardas e acorreram mais franceses ao tumulto. Por fim, os militares espanhóis não conseguiram impedir que os imperiais levassem a sua avante. Presos agora nas caves, um suboficial francês leva até aos Correios a lista dos detidos, onde Martínez del Corral, Gómez e Siara figuram ao lado do mestre de esgrima Vicente Jiménez, do

contador Fernández Godoy, do corretor de letras Moreno, do jovem criado Bartolomé Pechirelli e de outros detidos, num total de dezanove. O general Grouchy assina todas as sentenças de morte—nem sequer as lê—enquanto o tenente-general Sexti observa sem abrir a boca. Imediatamente, para angústia dos amigos e parentes que se atrevem a permanecer na rua e seguem de longe os presos que marcham entre baionetas, estes são levados para o Buen Suceso.

No trajecto, que é curto, os detidos atravessam a puerta Del Sol, cheia de soldados e de canhões, em cujo pavimento, entre grandes regueiros de sangue seco, jazem os cavalos estripados pelas navalhas durante o combate da manhã.

— Vão-nos matar!—grita o napolitano Pechirelli às pessoas com quem se cruzam perto da Mariblanca.—Estes canalhas vão-nos matar!

Da leva de presos ergue-se um clamor dilacerado, de protesto e desespero, continuado pelos familiares que seguem o triste cortejo. A todas essas vozes e prantos acorrem mais soldados franceses, que dispersam as pessoas e empurram, à coronhada, os homens manietados. Chegam assim ao Buen Suceso, numa de cujas salas vazias os prisioneiros são confinados enquanto os seus verdugos os despojam dos escassos objectos de valor e peças de roupa boa que ainda conservam. Depois, levados de quatro em quatro, são colocados diante de um piquete de fuzileiros disposto no claustro, que dispara sobre eles à queima-roupa enquanto os amigos e familiares, que esperam fora ou nos corredores do edifício, gritam horrorizados ao ouvir as descargas.

O Buen Suceso é o início de uma matança organizada, sistemática, decretada pelo duque de Berg apesar das suas promessas à Junta Governativa. A partir das três da tarde, o estrépito contínuo da fuzilaria, os gritos dos torturados e a gritaria dos verdugos apanha desprevenidos os poucos madrileños que, tentando saber notícias dos seus próximos, se aventuram até perto do Buen Retiro e do paseo del Prado. A alameda e o terreno compreendido entre os Jerónimos, a fuente de Las Cibeles, os muros de Jesus Nazareno e a puerta de Atocha transformam-se num vasto campo de morte onde se irão amontoando cadáveres à medida que o dia declina. Os fuzilamentos, que começaram de uma forma espontânea de manhã e se intensificam agora com as sentenças de morte oficiais, sucedem-se até à noite. Só no Prado, os coveiros encherão no dia seguinte nove carros de cadáveres, porque a quantidade de executados aí é enorme. Entre eles contam-se o sapateiro Pedro Segundo Iglesias, que, depois de matar um francês, foi denunciado por um morador na calle Del Olivar; o moço de lavoura do real sítio de San Fernando Dionisio Santiago Jiménez Coscorro, o toledano Manuel Francisco González; o ferreiro Julián Duque; o escrevente de lotaria Francisco

Sánchez de Las Fuente; o morador da calle Del Piamonte Francisco Iglesias Martínez; o criado asturiano José Méndez Villamil; o carregador Manuel Fernández; o arrieiro Manuel Zaragoza; o aprendiz de quinze anos Gregorio Árias Calvo, filho único do carpinteiro Narciso Árias; o vidraceiro Manuel Almagro López; e o jovem de dezanove anos Miguel Facundo Revuelta, jardineiro de Grifión, que combateu ao lado do pai Manuel Revuelta, em cuja companhia veio a Madrid para intervir contra os Franceses. Também fuzilam outros infelizes que não participaram na luta, como é o caso dos pedreiros Manuel Oltra Villena e do filho Pedro Oltra Garcia, detidos na puerta de Alcalá quando, alheios a tudo, chegavam de um trabalho fora da cidade.

— Sortezf... Todos paga foga!

Num dos pátios do Palácio do Buen Retiro, o vigilante de carruagens do edifício, Félix Mangel Senén, de setenta anos, semicerra os olhos na luz poente e cinzenta, sob um céu que ameaça novamente chuva. Os Franceses acabam de o tirar aos empurrões do seu improvisado calabouço, um armazém da antiga fábrica de porcelana da China onde passou as últimas horas às escuras, na companhia de outros detidos. Enquanto os seus olhos não se habituam à claridade exterior, o vigilante de carruagens apercebe-se de que tiram também o cocheiro Pedro Garcia e os moços das Cavalariças Reais Gregorio Martínez de La Torre, de cinquenta anos, e António Romero, de quarenta e dois—os três são seus subordinados e juntos se bateram contra os Franceses até serem presos no gradeamento do Jardim Botânico. Com eles vêm o oleiro António Colomo, trabalhador da telheira da puerta de Alcalá, o comerciante José Doctor Cervantes e o amanuense Esteban Sobola. Estão todos sujos, feridos ou magoados, muito maltratados depois de os terem capturado a lutar ou com armas escondidas. Os Franceses enfureceram-se com o oleiro Colomo, que, por resistir quando foram buscá-lo à telheira onde se escondia, chegou cheio de golpes e ensanguentado. Mal se consegue manter de pé, ao ponto de os seus companheiros terem de o suster.

—Allez!... Vite!

A forma como os Franceses preparam os fuzis não deixa margem para dúvidas sobre o destino que aguarda os prisioneiros. Apercebendo-se disso, irrompem em súplicas e lamentos. Colomo cai ao chão, enquanto Mangel e Martínez de La Torre, que retrocedem até baterem com as costas no muro, insultam os verdugos com fortes palavrões.

De joelhos junto a Colomo, que move debilmente os lábios—está a rezar em voz baixa—,António Romero pede misericórdia com gritos dilacerantes.

— Tenho três filhos pequenos!... Vou deixar uma mulher viúva, uma mãe idosa e três crianças!

Impassíveis, os imperiais continuam com os preparativos. Ouvem-se as armas ao serem engatilhadas. O amanuense Sobola, que fala francês, dirige-se nesta língua ao suboficial que comanda o piquete, proclamando a inocência de todos. Felizmente para ele, o suboficial, um sargento jovem e louro, fica a observá-lo.

— Est-ce que vousparlez notre langue?—pergunta, surpreendido.

— Oui!—exclama o amanuense, com a eloquência do desespero.—Je parle français, naturellement!

O outro observa-o ainda um pouco mais, pensativo. Depois, sem dizer uma palavra, separa-o do grupo e afasta-o aos empurrões, devolvendo-o ao calabouço enquanto os soldados levantam os fuzis e apontam para os restantes. Enquanto o levam—conseguirá sair dali no dia seguinte, milagrosamente vivo—,Esteban Sobolo ouve os últimos gritos dos seus companheiros, interrompidos por uma descarga.

Anoitece. Sentado num poial junto à fuente de los Canos, envolto no seu capote e coberto com um barrete, o serralheiro Blas Molina Soriano confunde-se com a escuridão que começa a apoderar-se das ruas de Madrid. Está imóvel há algum tempo, com o coração apertado por tudo o que viu. Retirou-se para este canto da praça deserta depois de uns cavaleiros franceses dispersarem um pequeno grupo de moradores que, com o irredutível serralheiro entre eles, exigia liberdade para uma leva de presos conduzida pela calle Del Tesoro em direcção a San Gil. Durante toda a tarde, desde que saiu de casa após o regresso do parque de artilharia, Molina andou de um lado para outro, consumido pela mágoa e pela impotência. Já ninguém luta nem resiste. Madrid é uma cidade nas trevas, estrangulada pelas tropas inimigas. Aqueles que se aventuram pelas ruas para trocar de refúgio, voltar para casa ou saber do paradeiro de amigos e familiares, fazem-no furtivamente, apressando o passo nas sombras, sujeitos a serem detidos ou a receberem, sem aviso prévio, o tiro de uma sentinela francesa. As únicas luzes acesas são as fogueiras que os piquetes imperiais fazem nas esquinas e praças com móveis das casas saqueadas. E essa luz bruxuleante, avermelhada e sinistra, ilumina baionetas, peças de artilharia, muros crivados de balas, vidros partidos e cadáveres atirados por toda a parte. Blas Molina estremece sob o capote. De algumas casas saem gritos e prantos, porque as famílias estão angustiadas com o destino dos ausentes ou sofrem com tanta morte consumada ou inevitável. A caminho dessa parte da cidade, o serralheiro cruzou-se com

parentes de presos e desaparecidos.

Procurando não formar grupos que suscitem a ira dos Franceses, essa pobre gente acorre ao Palácio ou aos Consejos Reales, exigindo mediações impossíveis: há muito tempo que ministros e conselheiros se retiraram para as suas casas; e os poucos que intercedem junto das autoridades imperiais não são atendidos. Descargas isoladas de fuzilaria continuam a ouvir-se na noite, tanto para assinalar novas execuções como para manter os madrileños amedrontados e em casa. A caminho dos Canos Del Peral, Molina viu quatro cadáveres recentes junto do convento de San Pascual e outros três entre a fuente de Neptuno e San Jerónimo—conforme contou um morador, tinham acabado de tosquiar mulas no Retiro e os Franceses encontraram-nos com as tesouras—,além de muito morto isolado que ninguém recolhe e dezanove corpos cobertos de tiros no pátio do Buen Suceso, todos a monte e encostados a um muro.

Avaliando tudo isto com uma mágoa extrema, Blas Molina chora finalmente, de raiva e de vergonha. Tantos valentes, conclui. Tantos mortos no parque de Monteleón e noutros sítios, para que tudo acabe sob o pano de fundo sinistro da noite negra, das fogueiras francesas de onde chegam risos e vozes bêbadas, das descargas que apertam o coração dos madrileños que há pouco tempo lutavam, desafiando o perigo, pela sua liberdade e pelo seu rei.

"Juro que me hei-de vingar", diz para consigo, erguido de súbito na escuridão. "Juro que me vingarei dos Franceses e de tudo o que fizeram. Deles e dos traidores que nos deixaram sós. E que Deus me mate se fraquejar."

Blas Molina Soriano manterá o juramento. A história dos turbulentos tempos futuros há-de registar, também, o seu humilde nome. Fugido de Madrid para evitar represálias, regressando depois da batalha de Bailén a fim de colaborar na defesa da cidade, fugido novamente depois da capitulação, o tenaz serralheiro acabará por se juntar às guerrilhas. Finalizada a contenda, Molina escreverá um memorial—"Ficando abandonada a minha mulher em total desamparo, para fazer eu o serviço de V. M. e da Pátria..."—,solicitando do rei um modesto emprego na Corte. Mas Fernando VII, regressado a Espanha depois de passar a guerra em Baiona a felicitar Bonaparte pelas suas vitórias, nunca responderá.

9.

O asturiano José Maria Queipo de Llano, visconde de Matarrosa e futuro conde de Toreno, tem vinte e dois anos. Elegante, culto, de ideias avançadas que noutro momento o situariam mais perto dos Franceses que dos seus compatriotas, será com o tempo um dos constitucionalistas de Cádis, exilado liberal com o regresso de Fernando VII e autor de uma fundamental Historia Del levantamiento, guerra y revolución de Espana. Mas esta noite, em Madrid, o jovem visconde está longe de imaginar tudo isso. Longe de imaginar também que dentro de vinte e oito dias se fará ao mar em Gijón a bordo de um corsário inglês, com o objectivo de pedir ajuda em Londres para os espanhóis em armas.

— Não conseguimos salvar António Oviedo—diz, abatido, deixando-se cair numa poltrona.

Os amigos em cuja casa acaba de entrar—os irmãos Miguel e Pepe de La Pena—mostram-se desolados. Desde a tarde, na companhia do primo, o também asturiano Marcial Mon, José Maria Queipo de Llano andou a percorrer Madrid tentando a libertação de um amigo íntimo de todos eles, António Oviedo, que, sem ter intervindo nos confrontos, foi detido pelos Franceses ao atravessar uma rua, estando desarmado e sem que tivesse havido qualquer provocação da sua parte.

— Fuzilaram-no?—pergunta Pepe de La Pena, cheio de angústia.

— A estas horas, com certeza.

Queipo de Llano conta aos amigos o que aconteceu. Depois de indagar o paradeiro de António Oviedo, ele e Mon souberam que o tinham levado para o Prado com outros presos e que ali, apesar das promessas de Murat e das afirmações de que tudo estava apaziguado e terminado, se executavam, sem julgamento ou processo, revoltosos e inocentes. Alarmados, os dois amigos foram a casa de dom António Árias Mon, que além de governador do Conselho e membro da Junta Governativa é parente do jovem Marcial Mon e do próprio Queipo de Llano.

— O pobre velho, morto de cansaço, estava a dormir a sesta... Esperava, como todos, que Murat mantivesse a sua palavra. E quando conseguimos acordá-lo e contar-lhe o que se passava, não conseguia acreditar... Tanto repugnava a sua honradez!

— E o que fez?

— O que faria qualquer pessoa decente. Convencido finalmente de que tudo o que lhe contávamos era verdade, lamentou-se, dizendo: "E eu, que de boa-fé,

tentei tirar as armas ao povo, empenhando a minha palavra!" Depois deu-nos uma ordem, escrita pelo seu próprio punho, para que Oviedo fosse posto em liberdade, onde quer que estivesse. Corremos com ela de um lado para outro, passando entre franceses e mais franceses...

— Que nos pregaram bons sustos—insinua Marcial Mon.

— O caso é que terminámos na casa dos Correios—prossegue Queipo de Llano—,onde manda pelos nossos o general Sexti. Embora manda seja uma força de expressão.

— Conheço Sexti—diz Miguel de La Pena.—Um italiano engomado e fátuo, ao serviço de Espanha.

— Pois esse miserável paga muito mal à sua pátria adoptiva. Com a maior frieza do mundo, olhou para a ordem, encolheu os ombros e disse muito seco: "Terão de se entender com os Franceses..." De nada serviu que lhe recordássemos ser ele o responsável, juntamente com o general Grouchy, do tribunal militar. Para evitar reclamações, respondeu, entrega todos os presos ao francês e lava as suas mãos.

— O infame!—salta Pepe de La Pena.

— Foi o que lhe disse, quase nesses termos e ele voltou-me as costas. Embora por instantes tenha receado que nos mandasse prender.

— E Grouchy?

— Não quis receber-nos. Um ajudante-de-campo expulsou-nos da forma mais grosseira possível e foi uma sorte terem-nos deixado sair sem mais violências. Receio que a estas horas, o pobre Oviedo...

Os quatro amigos ficam em silêncio. Através das janelas fechadas chega o ruído de uma descarga longínqua.

— Oiço passos na escada—diz Miguel de La Pena. Alarmam-se todos, pois ninguém está seguro esta noite em Madrid. Decidindo-se, finalmente, Marcial Mon dirige-se para a porta, abre-a e dá um passo para trás, como se acabasse de ver um espectro.

— António!... É António Oviedo!

Entre exclamações de alegria, precipitam-se todos sobre o amigo, que vem despenteado e pálido, com a roupa em desalinho. Levado quase em braços até ao sofá, consegue recompor-se com um copo de aguardente, que lhe dão para que recupere a cor e a fala. Depois, Oviedo conta a sua história: a de tantos madrileños que hoje se vêem diante de um pelotão de fuzilamento, com a venturosa diferença de que, prestes a ser morto, ficou a dever a vida à benevolência de um oficial francês, que o reconheceu como cliente habitual da

Fontana de Oro.

— E os outros?

— Mortos... Todos mortos.

Com o horror no olhar, absorto na noite que escurece a cidade, António Oviedo bebe de um trago o resto da aguardente. E o jovem Queipo de Llano, que serve o amigo com terna solicitude, apercebe-se apavorado de que alguns dos seus cabelos embranqueceram.

Noutros desgraçados, as impressões do dia que acabam de viver afectam-lhes também a razão. É o caso de Joaquín Martínez Valente, natural de Saragoça, cujo irmão Francisco, de vinte e sete anos, advogado dos Reales Colégios, tinha na puerta Del Sol um estabelecimento comercial em sociedade com o tio de ambos, Jerónimo Martínez Mazpule. Fechada a loja durante todo o dia e finalmente aberta com a paz da tarde, ao fim do dia aparecem aí vários soldados franceses e dois mamelucos. Alegando que dispararam dali, sobre eles de manhã, rodearam tio e sobrinho à entrada da loja. Martínez Mazpule conseguiu fugir, trancando a porta, mas não Francisco Martínez Valente, espancado e arrastado até à entrada da loja vizinha.

Aí, apesar dos esforços dos empregados para o puxarem para dentro e salvá-lo, o advogado levou um tiro que lhe estoirou a cabeça, na presença do irmão que vinha em seu auxílio. Agora, perdida a razão devido ao terror e ao efeito daquele sacrifício bárbaro, Joaquín Martínez Valente delira encerrado em casa do seu tio, lançando gritos que estremecem a vizinhança. Morrerá meses mais tarde, louco, no manicómio de Saragoça.

Muitos são os desgraçados alheios à revolta que continuam a cair, vítimas de represálias, apesar da publicação das pazes, ou confiantes nelas. Além das execuções organizadas, que continuaram até à alvorada, esta noite são assassinados numerosos madrileños por surgirem nas varandas e entradas, terem a luz de uma janela acesa ou estarem ao alcance dos fuzis franceses. Leva um tiro desta forma, junto ao rio Manzanares, quando regressa na escuridão com as suas ovelhas, o pastor de dezoito anos António Escobar Fernández; e uma sentinela francesa abate a tiro a viúva Maria Vais de Villanueva quando esta se dirigia para o domicílio da filha, no número 13 da calle Bordadores. Os tiroteios esporádicos da soldadesca embriagada, provocadora ou vingativa, também matam inocentes dentro das suas casas. É o caso de Josefa Garcia, de quarenta anos, a quem uma bala fere mortalmente ao colocar-se junto de uma janela iluminada, na calle del Almendro. O mesmo acontece a Maria Raimunda Fernández de Quintana, mulher do ajudante de câmara do Palácio Cayetano

Obregón, que espera na varanda o regresso do marido, e a Isabel Osório Sánchez, que leva um tiro quando rega os vasos na sua casa da calle Del Rosário. Morrem também, na calle de Leganitos, a criança de doze anos António Fernández Menchirón e as suas vizinhas Catalina González de Aliaga e Bernarda de La Huelga; na calle de Torija, a viúva Mariana de Rojas y Pineda; na calle Del Molino de Viento, a viúva Manuela Diestro Nublada; e na calle Del Soldado, Teresa Rodríguez Palácios, de trinta e oito anos, enquanto acende um candeeiro a petróleo. Na calle de Toledo, quando o fanqueiro

Francisco López se prepara para jantar com a família, uma descarga ecoa contra as paredes, parte os vidros de uma janela e mata-o com uma bala.

Por volta das dez da noite, enquanto as pessoas ainda morrem nas suas casas e as levas de presos são encaminhadas para os locais de execução, o infante dom António, presidente da Junta Governativa, que escreveu ao duque de Berg para interceder pela vida de alguns dos sentenciados, recebe a seguinte nota, assinada por Joachim Murat:

Senhor meu primo. Recebi a notificação de V.A.R. sobre os propósitos de alguns militares franceses de queimar casas a partir de onde lhes foram disparados bastantes tiros de fuzis. Previno V.A.R. que remeto este assunto para o general Grouchy, ordenando-lhe que receba todas as informações possíveis. Pede-me V.A.R. a liberdade de alguns populares que foram detidos com armas na mão. Segundo a minha ordem do dia, e para impor nos tempos que se seguem, serão passados pelas armas. A minha determinação terá, sem dúvida, a vossa aprovação.

À mesma hora, Francisco Javier Negrete, capitão-general de Madrid, escreve antes de se ir deitar uma carta ao duque de Berg. Redige o rascunho à luz de um candeeiro, em pantufas e roupão, enquanto no quarto contíguo o seu assistente escova o uniforme com que amanhã Negrete irá cumprimentar Murat e receber instruções. Na carta, publicada dias depois no Moniteur em Paris, o chefe das tropas espanholas aquarteladas na cidade resume perfeitamente o seu ponto de vista sobre o dia que termina: Vossa Alteza compreende quão doloroso deve ter sido para um militar espanhol ver correr pelas ruas desta capital o sangue de duas nações que, destinadas a aliança e união mais estreitas, não deveriam ocupar-se senão em combater os nossos inimigos comuns. Digne-se V. A. permitir-me que lhe expresse o meu agradecimento, não apenas pelos elogios que faz da guarnição desta vila e pela bondade com que me cumula, mas sobretudo pela sua promessa de fazer cessar as medidas de rigor assim que o permitam as circunstâncias. Assim V.A. confirma a opinião que o havia

precedido neste país e que anunciava todas as virtudes de que se encontra ornado. Conheço perfeitamente as rectas intenções de V.A., prevendo as vantagens que, indubitavelmente, devem resultar para a minha pátria. Ofereço a V.A. a minha adesão mais sincera e absoluta.

Na cripta da igreja de San Martin, só cinco amigos de Daoiz e Velarde, juntamente com os coveiros Pablo Nieto e Mariano Herrero, velam os dois capitães de artilharia: os seus companheiros Joaquín de Osma, Vargas e César González, o capitão da Guarda Valona Javier Cabanes e o escrevente Almira. Os cadáveres foram trazidos ao anoitecer, fazendo-os passar às escondidas pela porta da calle de La Bodeguilla e pelas escadas que ficam atrás do altar-mor. Daoiz veio num caixão da sua casa na calle de La Temera, ao fim da tarde, com as botas calçadas e vestido com o mesmo uniforme com que encontrou a morte em Monteleón. O corpo de Velarde veio há pouco tempo, levado por quatro artilheiros do parque sobre duas tábuas de cama com uns paus atravessados, despido como o deixaram os Franceses após o combate, envolto numa lona de uma tenda de campanha que os soldados levaram ao sair. Alguém preparou um hábito de São Francisco para amortalhar o corpo com decência, e agora os dois capitães jazem juntos, fardado, um, e com hábito franciscano, o outro. O rigor mortis mantém voltado para cima o rosto de Daoiz, e virado o de Velarde para a direita—por ter arrefecido deitado no chão do parque—,como se ainda esperasse uma última ordem do seu companheiro. Chora à cabeceira, desconsolado, Manuel Almira, e junto das paredes húmidas e escuras, iluminados apenas por dois círios colocados junto dos cadáveres, mantêm-se silenciosos os poucos que se atrevem a estar ali, pois os restantes estão, a essas horas, escondidos ou fugidos da vingança francesa.

— O que se sabe acerca do tenente Ruiz?—pergunta Joaquín de Osma.—Aquele dos Voluntários do Estado.

— Foi atendido por um cirurgião francês em casa do marquês de Mejorada, que lhe examinou a ferida—respondeu Javier Cabanes.—Levaram-no depois para casa dele.

Contou-me há pouco José Rivas, o catedrático de San Carlos, que esteve a vê-lo por momentos.

— Grave?

— Muito.

— Pelo menos, assim os Franceses não o deterão.

— Não tenhas tanta certeza. De qualquer forma, a ferida dele é das mortais... Não creio que escape desta.

Os militares entreolham-se, inquietos. Corre o rumor que Murat mudou de ideias e agora quer deter todos os que intervieram na sublevação do parque de artilharia, sejam civis ou militares. A notícia é confirmada pelos capitães Juan Cônsul e José Córdoba, que nesse momento descem à cripta. Vêm ambos embuçados e sem sabre.

— Vi alguns artilheiros amarrados pela rua—conta Cônsul.—Também foram buscar alguns Voluntários do Estado que estiveram a bater-se... Pelos vistos, Murat quer um escarmento.

— Julgava que só fuzilavam populares apanhados com armas na mão—admira-se o capitão Vargas.

— Pois então, já vês. Alarga-se a quota.

Os militares voltam a trocar olhares, nervosos, baixando a voz. Só Cônsul, Córdoba e Almira estiveram em Monteleón, mas a amizade pelos mortos e a sua presença ali compromete-os a todos. Os Franceses fuzilam por menos que isso.

— E o que faz o coronel Navarro Falcón?—sussurra César González.—Disse que Ia interceder pelos seus homens.

Enquanto fala, o militar olha desconfiado para as escadas da cripta, onde um dos coveiros está de vigia. Esta noite é preciso recear quer os imperiais quer aqueles—nunca faltam em tempos revoltos—que tentam cair-lhes nas graças. Meses mais tarde, já com toda a Espanha sublevada contra Napoleão, até um dos oficiais que hoje se bateu no parque, o tenente de artilharia Felipe Carpegna, prestará juramento ao rei José, lutando do lado francês.

— Não sei como intercede Navarro, nem junto de quem—diz Juan Cônsul.—A única coisa que repete a todos é que nem assume a responsabilidade nem sabe de nada mas que, se tivesse estado hoje em Monteleón, amanhã estaria a muitas léguas de Madrid.

— Nesse caso estamos perdidos!—exclama Córdoba.

— Se nos apanharem, não tenhas dúvidas—comenta Juan Cônsul.—Eu vou sair da cidade.

— E eu. Assim que passar por casa para buscar algumas coisas.

— Tenham cuidado—previne-os Cabanes.—Não vão eles à vossa espera...

Os militares abraçam-se, olhando pela última vez para Daoiz e Velarde.

— Adeus a todos. Boa sorte.

— Isso. Que Deus nos proteja a todos... Você vem, Almira?

— Não—o escrevente aponta para os corpos jacentes dos capitães.—Alguém tem de velá-los.

— Mas os Franceses...

— Cá me arranjarei com eles. Vão-se embora.

Os outros não se fazem rogar. De manhã, quando os coveiros Nieto e Herrero enterrarem com grande discrição os cadáveres, só Manuel Almira permanecerá ao seu lado, leal até ao fim. Daoiz será colocado na própria cripta, sob o altar da capela de Nuestra Senora de Valbanera, e Velarde será enterrado fora, com outros mortos do dia, no pátio da igreja e junto de um poço de água doce, num local chamado El Jardinillo. Anos mais tarde, Herrero testemunhará: "Tivemos a precaução de deixar os corpos dos referidos dom Luis Daoiz e dom Pedro Velarde o mais a superfície da terra possível, caso passado algum tempo quisessem colocá-los noutra paragem mais honrosa para a sua memória."

Ildefonso Iglesias, empregado do Hospital Del Buen Suceso, pára horrorizado sob o arco que une o pátio ao claustro. A luz do candeeiro que o seu colega Tadeo de Navas leva, o monte de cadáveres seminus impressiona qualquer um. Iglesias e o seu colega viram muitos horrores durante o dia, pois ambos, arriscando a vida, passaram o tempo a atender feridos e a transportar mortos quando os disparos dos Franceses o permitiam. Mesmo assim, o espectáculo lamentável da igreja e do hospital contíguos à puerta Del Sol arrepia-lhes a espinha. Alguns corpos foram retirados ao pôr-do-sol por amigos ou familiares mais ousados, sujeitos a levarem um tiro, mas o resto dos fuzilados às três da tarde continua ali: carne pálida, inerte, sobre grandes charcos de sangue coagulado. Cheira a entranhas rasgadas e vísceras abertas, A morte e a solidão.

— Mexeram-se—sussurra Iglesias.

— Não digas asneiras.

— É verdade. Alguma coisa se mexeu entre esses mortos. Cautelosamente, com o coração na boca, os dois empregados do hospital aproximam-se dos cadáveres, iluminando-os com o candeeiro levantado. Restam catorze: olhos vidrados, bocas entreabertas e mãos crispadas, nas diferentes posições em que a morte os surpreendeu ou em que os deixaram, quando ainda estavam quentes, os Franceses que os despojaram pela última vez depois de assassinados.

— Tens razão—cochicha Navas, aterrorizado.—Alguma coisa está a mexer-se ali.

Ao aproximarem mais o candeeiro, um gemido muito fraco, apagado, que vem do outro mundo, faz estremecer os rapazes, que retrocedem sobressaltados. Uma mão, coberta de sangue pardo, acaba de erguer-se debilmente entre os cadáveres.

— Esse está vivo.

— Impossível.

— Olha para ele... Está vivo—Iglesias toca na mão.—Ainda tem pulso.

— Virgem Santíssima!

Afastando os corpos rígidos e frios, os empregados do hospital libertam aquele que ainda respira. Trata-se do impressor Cosme Martínez Del Corral, ali há oito horas, do monte como um espectro, nu e coberto por uma crosta de sangue seco, próprio e alheio, que o cobre da cabeça aos pés. Levado para cima com a máxima urgência, o cirurgião Diego Rodríguez Del Pino consegue reanimá-lo e curá-lo. Durante o resto da sua vida, que passará em Madrid, vizinhos e conhecidos tratarão Martínez Del Corral com um respeito quase supersticioso: o homem que, na jornada do 2 de Maio lutou contra os Franceses, foi fuzilado e regressou dos mortos.

O soldado dos Voluntários do Estado Manuel Garcia caminha pela calle de La Flor com as mãos amarradas atrás das costas, entre um piquete francês. A chuva miudinha que, pouco antes da meia-noite, começa a cair do céu negro molha-lhe o uniforme e a cabeça descoberta. Depois de ter lutado no parque de artilharia, onde esteve destacado num dos canhões, Garcia regressou ao quartel de Mejorada com o capitão Goicoechea e os restantes companheiros. À tarde, ao espalhar-se o rumor de que também os militares que lutaram em Monteleón iam ser passados pelas armas, Garcia saiu do quartel na companhia do cadete Pacheco, do pai deste e de mais dois soldados. Foi esconder-se em casa, onde a sua mãe viúva o esperava cheia de angústia. Mas vários vizinhos viram-no chegar cansado e rasgado da refrega e um deles denunciou-o. Os Franceses foram buscá-lo, deitando a porta abaixo e levando-o sem considerações, perante o pavor da mãe.

— Mais gápido!... Allez!... Anda mais gápido! Empurrando-os com os fuzis, os Franceses levam o soldado para o quartel em construção do Prado Nuevo—mais tarde ficará conhecido como o quartel dos Polacos—,em cujo pátio, à luz de archotes que crepitam sobre a chuva miudinha, descobre um grupo de presos amarrados entre baionetas, à intempérie. Estão deitados no chão ou sentados, com as roupas molhadas, maltratados pela pancada e pelos vexames. Os guardas põem Garcia entre eles. De vez em quando os Franceses escolhem um, levam-no até uma esquina do pátio e aí o revistam, interrogam e espancam sem piedade. Não cessam os gritos, que fazem estremecer aqueles que esperam pela sua vez. Entre os detidos, à luz indecisa dos archotes, Garcia reconhece um dos populares que estavam em Monteleón. Isso mesmo lhe confirma o outro, o chispero do Barquillo, Juan Suárez, capturado por uma patrulha de caçadores de Baygorri

quando fugia após a entrada dos Franceses.

— O que vão fazer connosco?—pergunta o soldado.

O popular, que está sentado no chão com as costas apoiadas nas de outro preso, faz um gesto de ignorância.

— Pode ser que nos fuzilem e pode ser que não. Aqui cada um diz uma coisa diferente... Dizem que nos matarão selectivamente: como somos muitos, se calhar fuzilam um em cada tantos, ou coisa que o valha. Embora outros digam que nos vão matar a todos.

— As nossas autoridades consenti-lo-ão?

O chispero olha para o soldado como se este fosse tonto. A cara de Suárez, barbuda, suja e molhada, brilha oleosa à luz dos archotes. Garcia repara que tem os lábios gretados da pancada e da sede.

— Olha em volta, companheiro. O que vês?... Gente do povo. Pobres diabos como tu e como eu. Nem um oficial detido, nem um comerciante rico, nem um marquês. Não vi nenhum desses a lutar nas ruas. E quem nos comandava em Monteleón?... Dois simples capitães. Os pobres deram a cara, como sempre. Aqueles que não tinham nada a perder, excepto a família, o pouco que ganham e a vergonha... E agora pagarão os mesmos, os que pagam sempre. Digo-te eu. Com uma mãe de sessenta e quatro anos, mulher e três filhos... Oh, se te digo eu...

— Sou militar—protesta Garcia.—Os meus oficiais vão tirar-me daqui. É a obrigação deles.

Suárez volta-se para o preso que está atrás de si, a ouvi-los—o bandarilheiro Gabriel López—,e troca com ele uma careta trocista. Depois ri-se amargamente, sem vontade.

— Os teus oficiais?... Esses estão quentinhos nos seus quartéis, à espera que desanuvie. Largaram-te da mão, tal como a mim. Como a todos.

— Mas a pátria...

— Não digas asneiras, homem. Estás a falar de quê?... Olha para ti e olha para mim. Vê todos estes simplórios, que se lançaram à rua tal como nós. Lembra-te da proeza que fizemos em Monteleón. E estás a ver... ninguém mexeu um dedo... A pátria está-se nas tintas para nós!

— Nesse caso, porque foste lutar?

O outro inclina um pouco a cabeça, pensativo, com as gotas de chuva a escorrer-lhe pela cara.

— Francamente, não sei—conclui.—Se calhar não me agrada que os mossiús me confundam com um desses traidores que lhes lambem as botas... Não

permito que me mijem na cara.

Manuel Garcia aponta com o queixo para as sentinelas francesas.

— Pois estes vão mijar-nos e bem.

Uma careta selvagem, desesperada e feroz revela os dentes de Suárez.

— Estes, é possível—replica.—Mas os que deixámos esventrados lá em cima, no parque... Desses garanto-te que nenhum.

Enquanto Juan Suárez e o soldado Manuel Garcia esperam no pátio do quartel do Prado Nuevo, uma leva de presos tirita sob a chuva a nordeste da cidade. Trata-se de populares detidos no parque de artilharia e noutros locais de Madrid: trinta homens empapados e exaustos, que não comem nem bebem nada desde o combate de Monteleón.

Agora, depois de terem sido levados das cavalariças do parque para as telheiras da puerta de Fuencarral, chegam ao acampamento de Chamartín. Rodeados de baionetas, insultos e pancada dos Franceses que saem das suas tendas de campanha para os ver, atravessam o recinto militar e param na penumbra de um largo, à luz brumosa dos archotes cravados na terra.

— O que irão fazer connosco?—pergunta o sangrador Jerónimo Moraza.

— Degolar-nos a todos—responde Cosme de Mora, com fria resignação.

— Tê-lo-iam feito antes, nas telheiras.

— Têm toda a noite pela frente... Devem querer divertir-se um pouco, enquanto isso.

— Taisez-vous!—grita uma sentinela francesa.

Os prisioneiros fecham a boca. De Mora e Moraza são dois dos seis sobreviventes do bando do armazenista de carvão. Os outros acompanham-nos manietados: o carpinteiro Pedro Navarro, Félix Tordesillas, Francisco Mata e Rafael Rodríguez. Agrupam-se com os restantes presos em jeito de rebanho assustado, querendo, cada um deles, proteger-se entre os outros, enquanto um oficial francês com uma lanterna na mão se aproxima e os observa minuciosamente, contando-os devagar. Ao chegar a dez, dá uma ordem aos soldados, que tiram um homem do grupo. Afastam dessa forma o serralheiro Bernardo Morales, o arrieiro leonês Rafael Canedo e o funcionário das Rendas Reais Juan António Martínez Del Álamo.

— O que estão fazer?—inquire, amedrontado, o carpinteiro Pedro Navarro.

Cosme de Mora passa a língua pelos lábios em busca de umas gotas de chuva. Embora tente manter-se erguido e firme, receia que as pernas lhe fraquejem. Quando responde à pergunta de Navarro, treme-lhe a voz.

— Estão a dizimar-nos—diz.

Apoiado no parapeito da varanda de casa, na calle Del Barco, o jovem António Alcalá Galiano ouve descargas longínquas de fuzilaria. A rua e as esquinas de Puebla Vieja e plazuela de San Ildefonso estão às escuras sob um céu negro e opaco, nublado, sem lua nem estrelas. O filho do herói morto em Trafalgar sente-se decepcionado.

O que a sua imaginação anunciava de manhã como uma aventura patriótica acabou em reprimenda materna e em desilusão melancólica. Nem as classes altas —a sua—,nem os militares, nem as pessoas de bem se juntaram ao tumulto. Salvo raras excepções, só o povo miúdo quis envolver-se como costuma, arisco, irracional, sem nada a perder e acudindo à chamada do rio revolto. Pelo que o jovem sabe, foi tudo sufocado pelos Franceses com muita punição e pouca glória para os insurrectos. António Alcalá Galiano alegra-se agora por não ter seguido o impulso de se juntar aos sublevados: gente de má índole, escassas qualidades e poucas luzes, como pôde verificar quando, de manhã, quis acompanhar um grupo de revoltosos. À tarde, de regresso a casa após a sua breve experiência subversiva, o rapaz teve oportunidade de assistir a uma conversa reveladora. Os moradores dos bairros onde não havia tiroteios estavam debruçados nas varandas, tentando informar-se do que acontecia, e a calle Del Barco era das que se mantinham calmas por nela abundarem as pessoas abastadas e de classe alta. Conversavam de varanda para varanda a condessa de Tilly, que vive em frente, e a mãe desta, inquilina do quarto andar da casa onde os Alcalá Galiano ocupam o principal. Passou então pela rua, fardado, o oficial da Guarda Espanhola Nicolás Morfi, conhecido da família por ser de Cádis.

— O que se passa com o alvoroço, dom Nicolás?—perguntou, de cima, a condessa de Tilly.

— Nada, minha senhora—Morfi tinha parado, de chapéu na mão.—Ê o que diz, alvoroço de gente desprezível.

— Pois passou um homem há bocado, gritando que um batalhão francês se tinha rendido na totalidade; e aqui, tão espanhóis como os outros, fartámo-nos de aplaudir.

Morfi negou com um gesto da mão, depreciativo.

— Não há nada que aplaudir, garanto-lhe. São patranhas de meia dúzia de insensatos. Murat, por muito que nos custe, restaurou a ordem... O melhor é manterem-se todos quietos e confiar nas autoridades, que é para isso que existem. Quando a gentalha se desenfreia, nunca se sabe. Pode acabar por ser pior que os Franceses.

— Ai, pois olhe, fico mais tranquila, dom Nicolás.

— Os meus respeitos, senhora condessa.

Pouco depois de assistir a este diálogo, António Alcalá Galiano, colocando um chapéu de cavaleiro para ir mais seguro, deu um passeio sem que ninguém o incomodasse até à calle Del Pez, a fim de visitar uma menina com quem mantém relações oficiais. Aí, sentado com ela na varanda envidraçada de um segundo andar, passou a tarde a jogar à bisca e a ver como as patrulhas francesas revistavam os poucos transeuntes, obrigados a levar a capa dobrada ao ombro para evitar levarem armas escondidas.

No regresso, sob um céu encapotado que ameaçava chuva, o jovem cruzou-se com piquetes imperiais, cuja desconfiança aumentava à medida que caía a noite. A mãe viu-o chegar com alívio e com o jantar pronto.

— O teu passeio custou-me cinco rosários, Antoñito. E uma promessa a Jesus de Nazaré.

A criada levanta agora os pratos da mesa, enquanto António Alcalá Galiano permanece na varanda, satisfeito, a fumegar-lhe entre os dedos um charuto sevilhano dos quais fuma um todas as noites e que, por respeito, nunca acende diante da mãe.

— Sai da varanda, filho. Tenho medo que continues aí.

— Já vou, mamã.

Ouve-se nova descarga abafada, longínqua. Alcalá Galiano aguça o ouvido, mas não ouve mais nada. A cidade continua às escuras e em silêncio. Na esquina de San Ildefonso adivinham-se os vultos das sentinelas francesas.

Um dia agitado, conclui o jovem. De qualquer forma, depressa tudo será esquecido. E ele teve a sorte de não complicar a vida.

A essa mesma hora, apenas a um quarteirão da casa onde António Alcalá Galiano fuma debruçado na varanda, outro jovem da sua idade, Francisco Huertas de Vallejo — que esse, sim, complicou hoje a sua vida e muito—está longe de estar seguro. O seu tio, dom Francisco Lorrio, em cuja casa se refugiou depois do combate e da acidentada fuga de Monteleón, viu-o chegar com imensa alegria, só ensombrada pelo facto de o sobrinho trazer nas mãos um fuzil que os podia comprometer a todos. Sepultada a arma no fundo de um armário, o doutor Rivas, médico amigo da família, limpou e desinfectou a ferida do rapaz, que não tem gravidade, por se tratar de um ricochete de bala que nem sequer fracturou as costelas:—Não há hemorragia e o osso está apenas contuso. O único cuidado será vigiá-lo dentro de uns dias, quando a ferida começar a doer. Se não supurar, tudo correrá bem.

Francisco Huertas passou o resto da tarde e o início da noite na cama, a beber

taças de caldo, tranquilamente abrigado sob os cuidados da tia e das primas de treze e dezasseis anos. Estas olham para ele como para um Aquiles ressuscitado, e fazem-no contar milhentas vezes os pormenores da aventura. No entanto, já noite alta, retiradas as primas e dormitando o jovem, o tio entra no quarto, com o semblante alterado e um candeeiro de petróleo na mão. Acompanha-o Rafael Modenés, amigo da família, secretário da condessa da Corunha e segundo alcaide de San Ildefonso.

— Os Franceses estão a revistar as casas das pessoas que participaram na revolta—diz Modenés.

— O fuzil!—exclama Francisco Huertas, sentando-se dorido na cama.

O tio e Modenés obrigam-no a encostar-se de novo às almofadas, tranquilizando-o.

— Não há motivos para cá virem—diz o tio—,pois ninguém te viu entrar e ignoram a existência da arma.

— Mas podem surgir imprevistos—insinua Modenés, cauteloso.

— Esse é o problema. De modo que, por via das dúvidas, vamos livrar-nos do fuzil.

— Impossível—lamenta-se o rapaz.—Quem quer que saia desta casa com ele sujeita-se a ser preso.

— Eu tinha pensado desmontá-lo e escondê-lo às peças—diz o tio.—Mas se houvesse uma busca a sério, o risco seria o mesmo...

Desesperado, Francisco Huertas tenta novamente levantar-se.

— Sou o responsável. Levá-lo-ei daqui.

— Tu não vais sair dessa cama—retém-no o tio.—Dom Rafael teve uma ideia.

— Somos ambos muito amigos do coronel dos Voluntários de Aragão—explica Modenés.—De modo que vou pedir-lhe que mande quatro soldados a esta casa, sob qualquer pretexto, para que se encarreguem do problema. A eles ninguém pedirá explicações.

O plano é posto imediatamente em prática. Dom Rafael Modenés trata de tudo e o resultado não podia ser mais feliz: de manhã, assim que o dia amanhecer, quatro soldados—um deles sem fuzil—apresentar-se-ão lá em casa para beber um copinho de aguardente oferecido pelo tio de Francisco Huertas, antes de voltarem para o quartel, cada um deles com um duro de prata no bolso e uma arma ao ombro.

Nem todos têm amigos influentes para salvaguardar esta noite a liberdade ou a vida. Passada a uma da madrugada, sob a chuva que cai em bátegas sobre a

cidade nas trevas, uma molhada de presos ensopados e mortos de fadiga caminha sob uma forte escolta. Vão quase todos parcialmente despidos, descalços, em colete ou mangas de camisa. O grupo é formado por Morales, Canedo e Martínez Del Álamo—os três sorteados no dízimo de Chamartín—e pelo escrivão Francisco Sánchez Navarro. À passagem por outras prisões provisórias e quartéis, juntam-se a eles o sexagenário António Macias de Gamazo, o moço de tabaco da Real Alfândega Domingo Braña, os funcionários da Guarda da Fazenda Real Anselmo Ramírez de Arellano, Juan António Serapio Lorenzo e António Martínez, e o ajuda de câmara do Palácio Francisco Bermúdez. Quase no fim do trajecto, na plaza de Dona Maria de Aragón, juntam-se o palafreneiro Juan António Alises, o construtor de carruagens Francisco Escobar e o sacerdote da Encarnación dom Francisco Gallego Dávila, que, depois de lutar e ser detido junto às Descalzas, acabou num calabouço do Palácio Grimaldi. Aí, o duque de Berg em pessoa deu uma vista de olhos aos presos ao regressar da cuesta de San Vicente. Quando deu de caras com o sacerdote, Murat continuava alterado, furioso com os relatórios das baixas, embora fosse ainda impossível calcular as dimensões da tragédia.

— É isso que Deus manda, padgue? Degamag sangue?

— Claro que manda—respondeu o sacerdote.—Para os mandar a todos para o Inferno.

O francês ficou a olhar para ele um pouco mais, depreciativo e arrogante, ignorando o paradoxo do seu próprio destino. Dentro de sete anos será Joachim Murat quem, com má memória e ainda menos decoro, derramará lágrimas em Pizzo, Nápoles, quando o sentenciarem a morrer fuzilado. No entanto, o lugar-tenente do imperador em Espanha não soube ver esta tarde, diante dele, mais que um padre desprezível de sotaina suja e rota, com marcas de coronhadas na cara e um brilho fanático, apesar de tudo, nos olhos avermelhados pelo sofrimento e pelo cansaço. Vulgar carne para o paredão.

— Di-lo o Evangelho, não é, padgue?... Quem com fego mata, com fego mogue. De modo que te vamos fuzilag.

— Pois que Deus te perdoe, francês. Porque eu não penso fazê-lo.

Agora, sob a chuva que se intensifica, dom Francisco Gallego e os outros chegam às hortas de Leganitos e ao quartel do Prado Nuevo. Permanecem à porta por muito tempo, molhando-se e tremendo de frio, enquanto os Franceses reúnem lá dentro outra leva de presos. Dela constam os pedreiros Fernando Madrid, Domingo Méndez, José Amador, Manuel Rubio, António Zambrano e José Reyes, capturados de manhã na igreja de Santiago. Também vêm

manietados e meio despidos o retroseiro José Lonet, o oficial reformado de embaixadas Miguel Gómez Morales, o bandarilheiro Gabriel López e o soldado dos Voluntários do Estado Manuel Garcia, a quem, antes de sair, os guardas despojam das botas, do cinto e da casaca do uniforme. Já fora do quartel, o oficial francês que comanda a escolta conta os prisioneiros à luz de uma lanterna.

Contrariado com o número, dirige algumas palavras aos soldados, que entram no edifício e regressam pouco depois com mais quatro homens: o ourives de Atocha Julián Tejedor, o correeiro da plazuela de Matute Lorenzo Domínguez, o jornaleiro Manuel Antolín Ferrer e o chispero Juan Suárez. Postos com os outros, o oficial dá uma ordem e o triste grupo prossegue a marcha na direcção de umas cercas que ficam bastante perto, entre a cuesta de San Vicente e o escoadouro de Leganitos. São as cercas da montanha do Príncipe Pio.

Esta mesma noite, enquanto o sacerdote dom Francisco Gallego marcha na leva de presos, os seus superiores eclesiásticos preparam documentos a marcar distâncias a respeito dos incidentes do dia. Mais à frente, sobretudo depois da derrota francesa em Bailén, a evolução dos acontecimentos e a insurreição geral levarão o episcopado espanhol a adaptar-se às novas circunstâncias embora, apesar de tudo, dezanove bispos acabem por ser acusados, no fim da guerra, de colaborar com o governo intruso.

De qualquer forma, a opinião oficial da Igreja sobre o dia que hoje termina reflectir-se-á, eloquentemente, na pastoral escrita pelo Conselho da Inquisição: O alvoroço escandaloso do povo miúdo contra as tropas do imperador dos Franceses torna necessária a vigilância mais activa e esmerada das autoridades... Semelhantes movimentos tumultuários, longe de provocar os efeitos próprios do amor e da lealdade bem dirigidos, servem apenas para pôr a Pátria em convulsão, quebrando os vínculos de subordinação pela qual é consolidada a saúde dos povos.

Mas entre todas as cartas e documentos escritos pelas autoridades eclesiásticas acerca dos acontecimentos de Madrid, a pastoral de dom Marcos Caballero, bispo de Guadix, será a mais eloquente. Nela, depois de aprovar o castigo "justamente merecido pelos desobedientes e revoltosos", Sua Ilustríssima adverte: Tão detestável e pernicioso exemplo não deve repetir-se em Espanha. Não permita Deus que o horrível caos da confusão e da desordem volte a manifestar-se... A verdadeira razão conhece e vê com muita clareza a horrenda e monstruosa deformidade do tumulto, sedição ou alvoroço do cego e néscio vulgo.

Leandro Fernández de Moratín não saiu da sua casa da calle Fuencarral. Vestiu-se pela manhã com desmazelo e medo, pois não queria que a turba—que receava ver nas escadas, capitaneada pela pastora zarolha—o arrastasse pelas ruas em pantufas e roupão.

E assim continua esta noite, despenteado e por barbear, intacto o jantar que lhe serviu a velha criada. O dramaturgo passou as últimas horas sem sair da cadeira de baloiço, inquieto, umas vezes tentando trabalhar diante do papel em branco enquanto a tinta secava no bico da pena, outras com um livro aberto cujas linhas era incapaz de ler. Todo o dia foi um ir e vir da varanda, com o coração na boca, esperando notícias dos amigos, mas só o menorista Juan António Melón, seu íntimo, foi visitá-lo. A solidão e a angústia de Moratín acentuaram-se com o pavor face aos disparos, aos gritos de populares exaltados, ao ruído da cavalaria francesa a percorrer as ruas. No pouco tempo que passaram juntos, Melón quis tranquilizá-lo, contando-lhe como os Franceses reprimiam os distúrbios e a Junta Governativa publicava as pazes. Agora, regressado à incerteza, com a noite a espreitar pelos vidros da varanda como uma negra ameaça, Moratín não sabe o que pensar. Distanciado das classes populares apesar do seu sucesso teatral, detesta, por educação e timidez, a violência ignorante, desaforada, das classes baixas quando se excedem; mas, ao mesmo tempo, sente-se um patriota sincero e o tiroteio francês e as mortes de populares indefesos repugnam aos seus sentimentos de espanhol ilustrado.

"Infeliz, cruel, amada e odiosa pátria", diz para consigo com amargura. Depois fecha de chofre o livro, torna a medir a sala com passos incertos, põe-se um momento à escuta junto à varanda e vai apoiar-se no aparador, com o olhar perdido nos volumes que cobrem a parede em frente. Sente que o dia que hoje termina lhe dá razão.

Não encontra na sua consciência de artista, nas suas ideias, que sempre tiveram como referência o outro lado dos Pirenéus, outra senda que não seja a submissão a França: o poder incontestável, irremediável e sem marcha atrás. Não subir a esse carro triunfal significa, para o dramaturgo e para os que sentem como ele—afrancesados, tão execrados pelo populacho—,ficar à margem da História, da Arte e do Progresso. É essa a razão para Moratín, apesar da comoção que lhe provocam as descargas isoladas que se ouvem à distância, opor à dor do coração o bálsamo da razão, aliviada pelo facto de que, brutal e objectivamente, esses tiros colocam as coisas no sítio. Essa duplicidade de sentimentos impossíveis de conciliar explicará que, nos tempos que estão por vir, o mais brilhante literato de Espanha coloque o seu talento ao serviço de Murat e

do futuro rei José, e adule estes e Napoleão como fez anteriormente com Carlos IV e com Godoy. Da mesma forma que mais à frente, depois de empreender o caminho triste do exílio com as derrotadas tropas francesas—único garante da sua vida—,adulará quer a Constituição de Cádis quer Fernando VII, procurando uma reabilitação impossível.

E vinte anos depois desta noite aziaga, Moratín morrerá em Paris amargurado e estéril, atormentado pelo facto de ter traído uma nação a que ofereceu a sua obra literária, mas à qual não soube, nem quis, acompanhar no sacrifício. Finalmente, muitos anos mais tarde, um dos seus biógrafos fará um resumo do seu carácter que poderia servir-lhe de epitáfio: "Se mudou de opinião, é porque nunca a teve."

A chuva salpica tudo na escuridão. São quatro da manhã e ainda é noite cerrada. Diante do quartel do Prado Nuevo, num descampado da montanha do Príncipe Pio, duas lanternas postas no chão iluminam, na penumbra e à contraluz, um grupo numeroso de silhuetas agrupadas junto de um talude de terra e de uma cerca: quarenta e quatro homens manietados individualmente, aos pares ou em cordões de quatro ou cinco ligados a uma mesma corda. Com eles, entre o soldado dos Voluntários do Estado Manuel Garcia e o bandarilheiro Gabriel López, o chispero Juan Suárez observa com receio o pelotão de soldados franceses formados em três filas. São marinheiros da Guarda, disse Garcia, que devido ao seu ofício conhece os uniformes. Cobertos com barretinas sem viseira, os Franceses trazem à cintura sabres de gala e protegem da chuva os fechos de pederneira. A luz das lanternas faz brilhar os capotes cinzentos, reluzentes de água.

— O que se passa?—pergunta Gabriel López, apavorado.

— Passa-se que se acabou—murmura, lúcido, o soldado Manuel Garcia.

Muitos se apercebem do que está prestes a acontecer e caem de joelhos, suplicando, amaldiçoando ou rezando. Outros erguem ao alto as mãos amarradas, apelando à piedade dos Franceses. Por entre o clamor das súplicas e maldições, Juan Suárez ouve um dos presos—o único sacerdote entre eles—rezar em voz alta o Confiteor, seguido por algumas vozes trémulas. Outros, menos resignados, contorcem-se nas suas amarras e tentam investir contra os verdugos.

— Filhos da puta!... Gabachos filhos da puta!

Alguns guardas afastam presos, empurrando-os com as baionetas contra o talude e a cerca. Outros, nervosos com a gritaria, começam a disparar sobre os mais agitados.

Ouvem-se descargas aqui e ali, e os clarões iluminam rostos irados, expressões desfiguradas pelo pânico ou pelo ódio. Começam a cair os homens, isolados ou num amontoado confuso. Ouve-se uma ordem em francês e a primeira fila de soldados com capotes cinzentos levanta ao mesmo tempo os fuzis, aponta, e uma descarga cerrada abate o primeiro grupo colocado diante da cerca.

— Estão a matar-nos!... A eles!... A eles!

Alguns desesperados, muito poucos, atiram-se contra as baionetas francesas. Há quem tenha partido as cordas e levante os braços desafiadores, avance alguns passos ou tente fugir. A golpes de baioneta ou à coronhada, os guardas empurram outro grupo e os presos avançam às cegas, espavoridos, pisando corpos. Num instante, a segunda fila de capotes cinzentos substitui a primeira, ouve-se uma ordem, e um novo rosário de tiros, cujo resplendor se fragmenta e multiplica nas bátegas de chuva, salpica a cena. Caem mais homens a monte, ceifados de chofre gritos, insultos e súplicas. Agora os Franceses retrocedem um pouco para darem mais espaço, e ecoam os estampidos de uma terceira descarga, cujos clarões se reflectem, vermelhos, nos regueiros de sangue que correm sob os corpos caídos, misturando-se com a água do chão. Amarrado a Manuel Garcia e a Gabriel López, Juan Suárez, que foi empurrado contra o talude e obrigado a ajoelhar-se à coronhada e a ferroadas de baioneta, tropeça nos mortos e agonizantes, escorrega na lama e no sangue. Entre a chuva que lhe corre pela cara, olha atordoado para as silhuetas cinzentas que erguem de novo os fuzis, apontando.

Treme de frio e de medo.

— Feu!

O rosário de fogachos ofusca-o e sente o chumbo bater na terra atrás de si, estalar na carne dos homens que estão à sua volta. Contorce-se com um espasmo angustiado, tentando fugir com o corpo e, de repente, sente as mãos livres, como se ao caírem os seus companheiros a corda se tivesse partido, devido a um puxão ou a uma bala.

A verdade é que continua sobre as duas pernas, ofuscado e cheio de terror após a descarga, entre outros que continuam de pé ou ajoelhados e que gritam, se agrupam ou caem feridos, mortos. Uma dor confusa e desesperada percorre o corpo do chispero, fazendo-o retroceder de costas até bater no talude. Aí, depois de olhar incrédulo para os seus pulsos livres, levado por uma súbita resolução, afasta à palmada os homens que ainda o rodeiam e, pisando cadáveres e moribundos, lama e sangue, corre espavorido em direcção à escuridão. Passa

assim, veloz e afortunado, entre sombras amigas ou inimigas, mãos que tentam detê-lo, vozes, clarões de tiros que o roçam à queima-roupa. Finalmente, disparos e gritos ficam para trás. A noite torna-se trevas, água negra, som de lama sob os pés, que continuam a correr com o desespero do instinto que deposita neles a vida. Desaparece de repente o chão, Suárez rola pelo declive de uma ribanceira e chega contundido, sem fôlego, a um muro alto. Novamente ouve vozes de franceses que correm atrás de si e que tentam alcançá-lo.

— Arrete, salaudf... Viens ici!

Ouvem-se mais tiros e duas balas zunem perto. O chispero salta com um gemido de angústia, agarra-se ao cimo do muro e trepa conforme pode, escorregando na parede molhada. Os seus perseguidores estão ali mesmo, querendo agarrá-lo pelas pernas, mas ele desembaraça-se aos pontapés. E embora sinta os golpes de um sabre a feri-lo numa coxa, num ombro e na cabeça, cai vivo do outro lado, levanta-se sem olhar para trás e continua a correr às cegas, recortado na estreita linha azul-acinzentada da alvorada que começa a definir-se no horizonte, sob a chuva.

Às cinco e quatro minutos amanhece em Madrid. Deixou de chover e a claridade brumosa do dia começa a espalhar-se pelas ruas. Envoltas nos seus capotes, imóveis nas esquinas da cidade atemorizada e silenciosa, as silhuetas cinzentas das sentinelas francesas sobressaem ameaçadoras. Os canhões cobrem avenidas e praças onde os cadáveres permanecem atirados no chão, encostados às paredes sobre charcos de chuva recente. Uma patrulha de cavalaria francesa passa devagar, com o barulho de ferraduras a ecoar nas ruas estreitas. São dragões e levam os capacetes molhados, os capotes cor de cinza sobre os ombros e as carabinas atravessadas no arção.

— Levam prisioneiros?

— Não. Vão sozinhos.

— Julguei que vinham buscar-me.

Da janela de casa, o tenente Rafael de Arango vê afastar-se os cavaleiros franceses enquanto prende o laço. Passou a noite em branco, preparando a sua fuga de Madrid.

Murat ordenou, finalmente, que sejam detidos todos os artilheiros que participaram na sublevação do parque de Monteleón e o jovem tenente não vai ficar sentado à espera. O irmão José Arango, intendente honorário do Exército, em cuja casa vive, convenceu-o a fugir da cidade, fazendo os preparativos adequados enquanto Rafael arruma o necessário para a viagem. Como primeiro passo, ambos se propõem cumprir uma pequena formalidade: visitar o ministro

da Guerra, Otarril, com quem a família Arango mantém laços de parentesco e de naturalidade, para lhe pedirem conselhos sobre os passos a dar. Prevendo que o ministro não queira comprometer-se ajudando o tenente artilheiro, o irmão traçou já, juntamente com alguns amigos militares, um plano de fuga: Rafael irá para o quartel da Guarda Espanhola, onde está previsto esconder-se até que, disfarçado de alferes desse corpo, possam fazê-lo sair da cidade.

— Estou pronto—diz o jovem, vestindo o sobretudo.

O irmão observa-o com atenção. É quase dez anos mais velho, ama-o muito e cuida dele como o faria o pai, ausente. Rafael de Arango repara que ele parece emocionado.

— É preciso apressarmo-nos.

— Claro.

O tenente de artilharia mete nos bolsos—veste à civil, por precaução—um cartucho de moedas de ouro e o relógio que o irmão acaba de lhe dar, bem como os documentos falsos que o acreditam como alferes da Guarda Espanhola e uma miniatura com o retrato da mãe que tinha no quarto. Por momentos observa a pistolinha carregada que está pousada na mesa, hesitando sobre se deve levá-la ou não, enquanto prudência e instinto militar se debatem no seu íntimo. O irmão resolve a questão, abanando a cabeça.

— É perigoso. E também não serviria para nada.

Olham-se um instante em silêncio, porque já não há mais nada a dizer. Rafael de Arango vê as horas no seu relógio.

— Sinto muito causar-te tantos dissabores. O outro sorri, melancólico.

— Fizeste o que tinhas de fazer. E graças a Deus continuas vivo.

— Lembras-te do que me disseste ontem de manhã, quase a esta hora?... Lembra-te sempre de que nascemos espanhóis.

— Oxalá todos o tivéssemos feito... Oxalá todos nos tivéssemos lembrado do que somos.

Quando os dois se dirigem para a porta, o tenente detém-se, pensativo, agarrando no irmão pelo braço.

— Espera um momento.

— Temos pressa, Rafael.

— Espera, peço-te. Há uma coisa que ainda não te contei. Ontem no parque, houve momentos estranhos. Sentia-me esquisito, sabes?... Alheio a tudo o que não fosse aquela gente e aqueles canhões com que nos esforçávamos tanto... Era extraordinário vê-los a todos, as mulheres, os moradores, os rapazes, a lutar como o fizeram, sem munições capazes, sem fosso e sem defesas, a peito

descoberto, e os Franceses três vezes repelidos e até numa ocasião prisioneiros... Franceses que eram dez vezes mais numerosos do que nós e não pensaram em fugir quando lhes disparámos o canhão, porque estavam mais atónitos que vencidos... Não sei se compreendes o que quero dizer.

— Compreendo—sorri o irmão.—Sentias-te orgulhoso, tal como eu estou agora de ti.

— Talvez seja essa a palavra. Orgulho... sentime assim entre aqueles populares. Como uma pedra de um muro, percebes?... Porque não nos rendemos, repara. Não houve capitulação porque Daoiz não o quis. Não houve mais do que uma onda imensa de franceses a alagar-nos até não termos com que lutar. Deixámos de lutar só quando nos inundaram, estás a ver o que quero dizer?... Tal como se desfaz e desmorona um muro depois de ter aguentado muitas enchentes, torrentes e temporais, até já não poder mais, e ceder.

O jovem cala-se e permanece absorto, com o olhar perdido nas lembranças recentes. Imóvel. Depois inclina um pouco a cabeça, voltada para a janela.

— Pedras e muros—acrescenta.—Por um momento parecíamos uma nação... Uma nação orgulhosa e indomável.

O irmão, comovido, pousa-lhe com afecto uma mão no ombro.

— Foi uma miragem, já vês. Não durou muito.

Rafael de Arango continua imóvel, olhando para a janela por onde, como um triste pressentimento, entra a luz do 3 de Maio de 1808.

— Nunca se sabe—murmura.—Na realidade, nunca se sabe.

La Navata, Outubro de 2007

Nota do autor

Além de longos passeios pelas ruas de Madrid e de consultas pontuais de documentos, é abundante o material bibliográfico utilizado como base para este relato. Talvez seja útil citar algumas referências que permitam ao leitor aprofundar esta matéria, deslindar—se o desejar—os limites entre o real e o inventado, e confrontar as perspectivas historicamente provadas com muitos outros pontos obscuros que, duzentos anos depois da jornada do 2 de Maio, ainda são discutidos por historiadores e especialistas militares. Esta relação não inclui livros nem documentos publicados depois de Junho de 2007:

Ramón de Mesonero Romanos. Memórias de un setentón.

Ramón de Mesonero Romanos. El antiguo Madrid.

Elias Tormo. Las iglesias Del antiguo Madrid.

Sociedad de Bibliófilos españoles. Colección general de los trajes que en La actualidad se usan en Espana: 1801.

Imprenta Real. Kalendario manual y guia de forasteros en Madrid para elano 1808.

Rafael de Arango. Manifestación de los acontecimientos Del parque de Artillería de Madrid.

J. Alia Plana. Dos dias de mayo de 1808 en Madrid, pintados por Goya.

J. Alia Plana e J. M. Guerrero Acosta. El "Estado Del Ejército y de La Armada" de Ordovás.

J. M. Guerrero Acosta. Los franceses en Madrid, 1808.

J. M. Guerrero Acosta. El ejército napoleónico en Espana y La ocupación de Madrid.

Emilio Cotarelo. Isidoro Máiquez y el teatro de su tiempo.

Manuel Ponce. Máiquez, el actor maldito.

José de Palafox. Memórias.

António Ponz. Viaje de Espana.

Comte Murat. Murat, lieutenant de l'Empereur en Espagne 1808.

Marcel Dupont. Murat.

L. e F. Funcken. UUniforme et les armes des soldats du Premier Empire.

W. AA. Goya. Los fusilamientos Del 3 de mayo.

Richard Túngel. Los fusilamientos de 3 de mayo de Goya.

Baron de Marbot. Mémoires.

M. A. Martin Mas. La Grande Armée.

J. J-E. le Roy. Souvenirs de La guerre de La Peninsule.

José Gómez de Arteche. Guerra de La Independência. Historia Militar de Espana de 1808 a 1814.

Ministério de Defensa. Historia de La infantería espanola.

Jacques Domange. l'Armée de Napoleón.

Marquês Del Saltillo. Miscelânea madrilena, histórica y artística. Josep Fontana. La época Del liberalismo.

Alphonse Grasset. La guerre d'Espagne.

Ministério de Defensa. El ejército de los Borbones.

Ricardo de La Cierva. Historia militar de Espana.

José Mor de Fuentes. Bosquejillo de mi vida.

Joaquín de Entrambasaguas. El Madrid de Moratín.

António Papell. Moratín y su época.

Fundación Cajá Madrid. Madrid. Atlas histórico de La ciudad.

J. M. Bueno. Soldados de Espana.

Periasco y Cambronero. Las calles de Madrid.

Pedro de Répide. Las calles de Madrid.

Josef Maria Bouillé. Guia Del oficial particular para campana. 1805. Cayetano Alcázar. El Madrid Del Dos de Mayo.

Manuel Godoy. Memórias.

Christian Demange. El Dos de Mayo. Mito yfiesta nacional (1808-1958). M. A. Thiers. Histoire du Consulat et de L'Empire. Museo Del Ejército. Madrid, el 2 de mayo de 1808.

Martin de Riquer. Reportaje de La Historia.

J. C. Montón. La revolución armada Del Dos de Mayo en Madrid. Cevallos e Escoiquiz. Mémoires. António Alcalá Galiano. Memórias.

General Foy. Histoire de La guerre de La Peninsule sous Napoleón. Juan Pérez de Guzmán y Gallo. El Dos de Mayo de 1808 en Madrid.

Conde de Toreno. Historia Del levantamiento, guerra y revolución de Espana. Calcografía Nacional de Madrid. Estampas de La Guerra de La Independência.

Fernando Díaz-Plaja. Dos de Mayo de 1808.

José Blanco White. Cartas de Espana.

W. A A. El Dos de May o y sus precedentes. Actas Del congreso internacional.

W. AA. Memoria de artillería.

W. AA. Histoire et dictionnaire du Consulat et de L'Empire.

W. AA. Répertoire mondial des souvenirs napoléoniens.

Dr. Ledran. Tratado de Las heridas de armas de fuego.

Academia de Caballeros Guardiãs Marinas. Ejercicios de canón y morU

Ronald Fraser. La maldita guerra de Espana.

Rafael Farias. Memórias de La Guerra de La Independência escritas por dos franceses.

David Gates. La úlcera española.

Ricardo Garcia Cárcel. El sueno de La nación indomable.

Charles Esdaile. Espana contra Napoleón.

J. M. Cuenca Toribio. La Guerra de La Independência: un conflicto dec Manuel Izquierdo. Antecedentes y comienzos Del reinado de Fernando Pere Molas Ribalta. La Espana de Carlos IV.

Andrés Muriel. Historia de Carlos IV.

E. Bukhari e A. McBride. Caballería e infantería napoleónicas. E. Bukhari e A. McBride. Napoleon's Dragoons andLancers. E. Bukhari e A. McBride. Napoleon's Cuirassiersand Carabiniers.

Philip Haythornthwaite. Napoleon's Line Infantry. Charmy. La Garde Impériale à Pied. R. Chartrand e B. Younghusband. Spanish Army of the Napoleoni (1793-1808).

André-Fugier. Napoleón et L'Espagne.

Jean-Joèl Bregeon. Napoleón et La guerre d'Espagne.

W. F. P. Napier. History of the War in the Península.

Hans Juretschke. Los afrancesados en La Guerra de La Independência. William Beckford. Un inglês en La Espana de Godoy. Ayuntamiento de Madrid. Plano de Madrid según La maqueta de D. Lt

de Palácio.

Ayuntamiento de Madrid. Planimetría general de Madrid de 1749 al7i Tomás López. Plano geométrico de Madrid en 1785.

Fausto Martínez de La Torre. Plano de La villa e corte de Madrid en 1807. Juan López. Plano de Madrid en 1812. Museo Municipal de Madrid. Vistas antiguas de Madrid.

Sobre o autor

Arturo Pérez-Reverte nasceu em Cartagena (Espanha), em 1951. Depois de ter feito carreira como jornalista, nomeadamente como repórter de guerra, dedicou-se à escrita de romances e tornou-se no escritor espanhol mais lido no mundo, estando traduzido em 34 idiomas. É autor de uma extensa obra, com frequência adaptada ao cinema.

Desde 2003 é membro da Real Academia Espanhola. Entre as suas obras destacam-se O Mestre de Esgrima, O Cemitério dos Barcos sem Nome, A Rainha do Sul, O Hussardo e O Pintor de Batalhas. Em 2006, a ASA deu início à consagrada série "As Aventuras do Capitão Alatriste", tendo publicado os quatro primeiros volumes: O Capitão Alatriste, Limpeza de Sangue, O Sol de Breda e O Ouro do Rei.

Mais informações sobre Arturo Pérez-Reverte em www.capitanalatriste.com.

Pode também visitar o site oficial do livro em www.undiadecolera.com.

***

Data da Digitalização
Amadora, Janeiro de 2008